

Organização

Heloísa Maria Moraes

Moreira Penna

Jeander Cristian da Silva

Silvane Aparecida Gomes

Ciclo de palestras

diálogos entre o Programa de Pós-graduação
em Estudos Linguísticos e o Apoio Pedagógico



Fale/UFMG

Belo Horizonte

2025

Diretora da Faculdade de Letras

Sandra Gualberto Bianchet

Vice-Diretor

Lorenzo Teixeira Vitral

Coordenação editorial e administrativa

Emilia Mendes

Comissão editorial

Carolina Fenati

Elisa Amorim Vieira

Emilia Mendes

Maria Cândida Seabra

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

Preparação de originais

Kevin Augusto Costa

Revisão

Alex Mendes

Ana Rafaela de Sena

Beatriz Cristeli

Diagramação

Ana Rafaela de Sena

Revisão de provas

Ana Rafaela de Sena

Beatriz Alves

ISBN

978-85-7758-384-3 (digital)

978-85-7758-385-0 (impresso)

Endereço para correspondência

Labed – Laboratório de Edição

Fale/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627

1º andar

31270-901

Belo Horizonte/MG

e-mail: originais.labed@gmail.com

site: <https://labed-letras-ufmg.com.br/>

Instagram: @labed_ufmg

Sumário

- 5 Apresentação**
Jeander Cristian da Silva
Silvane Aparecida Gomes
- 9 Estudo da sintaxe de ordem dos clíticos pronominais no vernáculo de missivistas mineiros altamente letrados**
Elisete Eustáquia Rodrigues Silva
- 37 Argumentação no discurso e posturas enunciativas: um estudo das encíclicas *Deus caritas est e Fratelli tutti***
Gabriel Fernandino
- 65 Estudo de demonstrativos no português da região do Amazonas nos séculos XIX, XX e XXI: um estudo de variação e mudança linguística**
Gislane Aparecida Martins Siqueira
- 89 A toponímia rural na Serra do Caparaó**
Jacqueline Helen de Lima
- 111 Projeto ATEMIG (Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais): celebrando vinte anos**
Jeander Cristian da Silva
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

- 125 Mapeando a dinâmica da alternância
"teu"/"seu" em *corpus* diacrônico mineiro**
Ludmila Reis Pinheiro
- 153 O imperativo de 2ª pessoa do singular à luz
da sociolinguística histórica: a disputa entre o
indicativo e o subjuntivo em missivas mineiras
(séculos XIX e XX)**
Luiz Fernando de Carvalho
- 181 Análise da prática corporificada e multimodal
de um atendimento clínico realizado durante a
pandemia causada pela covid-19**
Sineide Gonçalves
- 213 Sobre os autores**

Apresentação

Este livro reúne alguns trabalhos de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFMG apresentados na II edição do Ciclo de Palestras do Apoio Pedagógico: para uma aproximação com as pesquisas linguísticas, evento organizado pelo projeto Apoio Pedagógico, coordenado pela profa. dra. Heloísa Penna, que objetiva:

- I. Promover maior difusão do Apoio Pedagógico nos âmbitos da pós-graduação e da graduação da Fale/UFMG;
- II. Promover maior aproximação entre os estudantes da pós-graduação e da graduação, fomentando os programas de iniciação científica e a formação de futuros pesquisadores;
- III. Reunir estudantes de mestrado e doutorado (*stricto sensu*) de programas de pós-graduação em Linguística do Brasil com o intuito de promover:
 - a. a divulgação de pesquisas em desenvolvimento;
 - b. um diálogo salutar sobre as pesquisas que têm como base a aprendizagem colaborativa entre os pós-graduandos e a troca de conhecimentos e experiências teórico-metodológicas;
 - c. uma preparação para alunos da pós-graduação que se sentem inseguros com relação ao encaminhamento de suas pesquisas ou com relação à habilidade de apresentação em eventos acadêmicos.

Acreditamos ser possível a criação de espaços colaborativos de reflexão e construção do conhecimento científico, que valorizem a experiência do pós-graduando e que se embasem, sobretudo, no diálogo e na troca de conhecimentos teórico-metodológicos, sem apelar para a hostilidade, sem armazenamento em cofres institucionais e sem prejudicar a saúde mental do estudante de pós-graduação.

O CPAP nasceu no contexto de pandemia da Covid-19; primeiramente, com a proposta de divulgar as pesquisas dos estagiários docentes do Apoio Pedagógico: Alessandra Emanuelle Macieira Silva, Amanda Fernandes Ivo, Jeander Cristian da Silva e Larissa Gouveia Duarte. Em sua 2ª edição, o CPAP estendeu as inscrições a todos os estudantes do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFMG (PosLin/UFMG). Estiveram inscritos 24 estudantes do PosLin e as apresentações foram divididas em nove mesas, que ocorreram entre novembro de 2021 e março de 2022, a saber:

Cronograma de apresentações do II Ciclo de Palestras do Apoio Pedagógico: para uma aproximação com as pesquisas linguísticas

Mesa	Data	Link
Análise do discurso	20/10/2021 e 03/11/2021	https://bit.ly/43riTR7 https://bit.ly/3CgYrWZ
Léxico	17/11/2021	https://bit.ly/43OJS8K
Léxico toponímico	01/12/2021	https://bit.ly/3qwS5QM
Léxico e ensino	12/01/2022	https://bit.ly/3NhgUcj
Estudos semióticos e ensino	05/01/2022	https://bit.ly/43tHeWc
Gramática da Libras	19/01/2022	https://bit.ly/43tjqSj
Variação e mudança linguística	02/02/2022	https://bit.ly/45PBkQY
Sociolinguística histórica	16/02/2022	https://bit.ly/45OJ6KT
Gramaticalização e sintaxe na fala espontânea	02/03/2022	https://bit.ly/44qWpPW

Fonte: elaboração própria.

Este volume traz artigos de mestrandos e doutorandos do Programa em Estudos Linguísticos da Fale/UFMG que versam sobre: “Estudo da sintaxe de ordem dos clíticos pronominais no vernáculo de missivistas mineiros altamente letrados”, da mestranda Elisete Estáquia Rodrigues Silva, que apresenta um estudo descritivo do paradigma da colocação pronominal nos contextos morfossintáticos das formas verbais simples e perifrásticas (locução verbal e tempo composto, nos termos tradicionais);

"Argumentação no discurso e posturas enunciativas: um estudo das encíclicas *Deus caritas est* e *Fratelli tutti*", do doutorando Gabriel Fernandino, que versa sobre análises que vêm sendo realizadas no âmbito de uma investigação doutoral inscrita no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFMG acerca do discurso papal contemporâneo; "Estudo de demonstrativos no português da região do Amazonas nos séculos XIX, XX e XXI: um estudo de variação e mudança linguística", da recém-doutora Gislane Aparecida Martins Siqueira, apresentando resultados de sua tese, que trata de variação e mudança linguística dos demonstrativos "este", "esse" e "aquele" e suas flexões presentes em um *corpus* composto por textos de notícias e romances produzidos na região do Amazonas nos séculos XIX, XX e XXI. Em seguida, o leitor encontrará o artigo "A toponímia rural na Serra do Caparaó", da doctoranda Jacqueline Helen de Lima, que apresenta um recorte de uma dissertação num estudo dos nomes de lugares presentes nos 853 municípios de Minas Gerais. No capítulo seguinte, "Projeto ATEMIG (Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais): celebrando vinte anos", Jeander Cristian da Silva apresenta uma breve descrição dos trabalhos produzidos pelo projeto ATEMIG (Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais). Seguindo a leitura, tem-se o artigo "Mapeando a dinâmica da alternância 'teu'/'seu' em *corpus* diacrônico mineiro", cuja autoria é de Ludmila Reis Pinheiro, que investiga a expressão pronominal variável da posse vinculada à 2ª pessoa do singular que constitui uma das repercussões gramaticais da reorganização do sistema pronominal do português brasileiro. Para o capítulo intitulado "O imperativo de 2ª pessoa do singular à luz da sociolinguística histórica: a disputa entre o indicativo e o subjuntivo em missivas mineiras (séculos XIX e XX)", de Luiz Fernando de Carvalho, o leitor encontra um estudo que intenciona verificar a distribuição variável do imperativo em cartas mineiras oitocentistas e novecentistas, apoiado nos princípios teóricos metodológicos da sociolinguística histórica. No último capítulo, de Sineide Gonçalves, "Análise da prática corporificada e multimodal de um atendimento clínico realizado durante a pandemia causada pela covid-19", temos uma rica pesquisa sobre a interação face a face que se fundamenta em uma visão holística da comunicação, para investigar, sob um ponto de vista praxeológico e fenomenológico da

interação *in situ*, o conjunto de atividades verbais, prosódicas e corporais, que, em tempos da covid-19, foi modificado para se adequar às novas práticas de prevenção mundial contra a propagação dessa doença que assolou o mundo.

Prestamos nossa gratidão à profa. dra. Heloísa Maria Moraes Moreira Penna, pela liberdade e incentivo de sempre; às nossas orientadoras, profa. dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, pelo carinho e incentivo de sempre, e à profa. dra. Ana Cristina Fricke Matte, pelo suporte encorajador.

Agradecemos também aos colegas do PosLin por confiarem em nosso trabalho de promover um diálogo sobre as pesquisas diversas, de aprendizagem colaborativa de conhecimentos teórico-metodológicos. A nossa parceria é prova de que é possível construir um ambiente saudável e prazeroso para a construção do conhecimento científico.

Agradecemos ao Laboratório de Edição da Fale/UFMG (Labed), coordenado pela profa. dra. Emilia Mendes, pelo seu importante papel de acolher e incentivar trabalhos escritos por discentes da graduação e da pós-graduação da Fale/UFMG.

Jeander Cristian da Silva

Silvane Aparecida Gomes

Estudo da sintaxe de ordem dos clíticos pronominais no vernáculo de missivistas mineiros altamente letrados

Elisete Eustáquia Rodrigues Silva

Considerações iniciais

O fato de as gramáticas normativas do português do Brasil (PB) se pautarem na norma europeia para o uso brasileiro da língua alarga sobremaneira o distanciamento entre as duas versões da língua – a normatizada e a utilizada no cotidiano –, e o tópico gramatical que mais serve de exemplo para mostrar isso é o da colocação pronominal (CP), uma vez que se constitui um fenômeno variável em ambas as variedades da língua, a brasileira e a lusitana. Ademais, no PB, “a colocação pré-verbal, a preferida, e a pós-verbal constituem variantes possíveis, formas alternantes para um mesmo contexto estrutural”¹, o que demonstra a complexidade do fenômeno da sintaxe de ordem dos pronomes pessoais oblíquos átonos em nossa língua.

A partir dessa realidade, na pesquisa da qual o presente texto é uma apresentação simplificada², realizou-se, primeiramente, um estudo descritivo do paradigma da colocação pronominal nos contextos morfossintáticos das formas verbais simples e perifrásticas (locução verbal e tempo composto, nos termos tradicionais), a partir do vernáculo culto brasileiro, representado, aqui, pelas cartas pessoais (troçadas entre as décadas de 1940 e 1970 do século XX) de três escritores mineiros altamente

¹ VIEIRA. Colocação pronominal, p. 121.

² Este texto é um recorte da dissertação de mestrado da autora. SILVA. *Estudo da sintaxe de ordem dos clíticos pronominais no vernáculo de missivistas mineiros altamente letrados*.

letrados³, com o intuito de investigar, através da comparação entre a norma-padrão⁴ e o uso da CP pelos missivistas, em que medida esse uso se distanciava, ou se aproximava, da norma. Além disso, como a intenção da pesquisa foi levar em consideração os pressupostos da sociolinguística variacionista, outras questões foram verificadas a fim de abarcar o todo da descrição do fenômeno estudado. Comparou-se, então, os usos da CP entre os missivistas, para verificar se havia um padrão comum de CP entre eles, devido à semelhança de suas formações acadêmicas e de suas ocupações, além da amizade íntima existente entre eles. Analisou-se, ainda, a possibilidade de o tipo e a função sintática dos pronomes átonos terem exercido influência na posição destes em relação às formas verbais às quais se ligam foneticamente. Assim, neste recorte da pesquisa, serão apresentados somente os resultados mais relevantes de tais questões.

Embasamento teórico

A pesquisa fundamentou-se nos pressupostos da sociolinguística variacionista. O modelo teórico-metodológico da sociolinguística variacionista – também conhecido como teoria da variação e mudança linguística (TVM) – foi desenvolvido pelo linguista norte-americano William Labov⁵, em sua tese de doutorado, na década de 1960, e contou com a parceria de Uriel Weinreich e Marvin Herzog. Na TVM, a língua, em uma comunidade de fala, em seu contexto real de uso, é variável, heterogênea e mutável. Segundo Weinreich, Labov e Herzog⁶, as duas primeiras características – variabilidade e heterogeneidade – nem sempre levam a uma mudança linguística, contudo toda mudança na estrutura da língua as envolve.

Pensando nessa variabilidade da língua, o seu estudo pode nos levar à compreensão de como se operou uma mudança linguística, ou, até mesmo, de como acontece uma variação estável, na qual uma ou

³ Fernando Sabino, Murilo Rubião e Otto Lara Resende.

⁴ Proposta por três gramáticas normativas do PB: BECHARA. *Moderna gramática portuguesa*; CEGALLA. *Novíssima gramática da língua portuguesa*; CUNHA; CINTRA. *Nova gramática do português contemporâneo*.

⁵ LABOV. *Padrões sociolinguísticos*.

⁶ WEINREICH; LABOV; HERZOG. *Empirical Foundation for a Theory of Language Change*.

mais formas variantes convivem lado a lado no decorrer do tempo⁷, sem que uma mudança na língua se consolide, como foi o caso da pesquisa aqui apresentada.

A variação na língua, foco do estudo da sociolinguística variacionista, compreende “o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”⁸. Dessa definição, retiram-se as noções de variantes e variáveis, em que as primeiras são formas concorrentes em uma comunidade de fala e as variáveis linguísticas são o conjunto das variantes, as quais se relacionam aos fatos linguísticos⁹. As variáveis também podem se relacionar aos fatos extralinguísticos, como o conjunto dos condicionadores sociais que podem exercer influências no processo de variação e mudança na língua.

Peculiaridades dos pronomes oblíquos átonos

No âmbito estrutural da língua, os pronomes oblíquos átonos (me, te, se, lhe, lhes, o, a, os, as, nos, vos) encontram-se inclusos na categoria dos pronomes pessoais e se referem às formas retas (eu, tu, ele/nós, vós, eles) em consonância com a pessoa (1^a, 2^a e 3^a), o número (singular ou plural) e o gênero (feminino ou masculino). Eles podem ser tratados, também, como clíticos (átonos), uma vez que são hóspedes sempre ligados foneticamente a um hospedeiro léxico (tônico), no caso o verbo, mantendo com este uma relação de dependência¹⁰, os pronomes átonos (doravante, serão utilizadas também as expressões: pronome clítico, clítico pronominal ou, somente, clítico) são complementos do verbo, donde suas funções precípua de objeto direto (OD) e objeto indireto (OI), ou acusativo e dativo, respectivamente, quanto à sua propriedade morfológica de caso herdada do latim vulgar¹¹.

⁷ TARALLO. *A pesquisa sociolinguística*.

⁸ COELHO et al. *Para conhecer sociolinguística*, p. 16.

⁹ TARALLO. *A pesquisa sociolinguística*.

¹⁰ BECHARA. *Moderna gramática portuguesa*; FERNÁNDEZ REI. *A Clitización Fonológica en Galego e en Portugués Brasileiro*.

¹¹ CASTILHO. *Nova gramática do português brasileiro*.

Além dessas duas funções, os pronomes clíticos possuem outras funções, as quais não serão tratadas aqui por questão circunstancial do presente texto¹². Com exceção daqueles clíticos que exercem essa dupla função (OD e OI), os clíticos de terceira pessoa “o(s)/a(s)” e “lhe(s)” particularizam-se entre uma ou outra. Enquanto o primeiro (“o/a”) age somente como acusativo (OD), o segundo (“lhe”) desempenha a função dativa (OI).

As posições que os clíticos pronominais podem assumir, em relação à forma verbal à qual se ligam foneticamente e a depender das circunstâncias, alternam-se entre próclise (antes: “Rogério quis se dar um presente”), mesóclise (entremeio: “Rogério dar-se-ia um presente se ele tivesse dinheiro”) e ênclise (após: “Rogério escreveu-me uma carta de amor”). A posição mais natural desses clíticos, sendo eles fundamentalmente complementos verbais, seria a ênclise, segundo Celso Cunha e Lindley Cintra¹³, o que condiz mais com a normalização portuguesa¹⁴. Contudo, no português do Brasil, essa posição dos pronomes clíticos, apesar de incentivada pelos nossos gramáticos para os contextos mais formais de utilização da língua, diverge, assumindo uma tendência pela anterioridade à forma verbal¹⁵.

Cada uma dessas posições ocupadas pelos clíticos pronominais é regulada fundamentalmente pelo contexto sintático no qual a forma verbal a que se ligam está inserida. Um desses contextos se refere à própria forma do verbo, que pode ser simples ou perifrástica. A forma verbal simples (FVS) é nucleada por somente um verbo pleno, isto é, um verbo que funciona como núcleo da sentença¹⁶, e a forma verbal perifrástica (FVP) é um sintagma verbal preenchido por dois ou mais verbos, desenhando a seguinte estrutura: um verbo auxiliar + um verbo pleno (auxiliado) na forma nominal, comportando, assim, tanto o tempo composto quanto as

¹² No texto da dissertação, todas as funções dos pronomes oblíquos átonos são tratadas, pormenorizadamente, na seção 3.4, intitulada “As funções dos clíticos pronominais”, em que consta um quadro com todos os clíticos pronominais, suas respectivas funções e exemplos coletados das gramáticas de referência.

¹³ CUNHA; CINTRA. *Nova gramática do português contemporâneo*.

¹⁴ CUNHA; CINTRA. *Nova gramática do português contemporâneo*.

¹⁵ ALI. *Gramática histórica da língua portuguesa*; PONTES. *Verbos auxiliares em português*; CASTILHO. *Nova gramática do português brasileiro*.

¹⁶ CASTILHO. *Nova gramática do português brasileiro*.

locuções verbais¹⁷. Dessa maneira, quanto ao contexto da forma verbal, o pronome átono, a depender das circunstâncias, em relação a um verbo único, pode vir antes, entre (meio) ou depois dele, e, nas perífrases, pode ocorrer antes ou depois do auxiliar ou depois do verbo principal, segundo os gramáticos de referência.

Metodologia

Inserida nos domínios das ciências sociais, a pesquisa aqui apresentada buscou a valoração, a significação e a subjetivação da realidade da qual todos fazemos parte, uma vez que somos seres sociais. Apesar de escapar aos métodos intrínsecos às ciências naturais, não se deixou de observar a sua cientificidade, que serviu como moderadora da subjetividade no processo de construção do conhecimento empreendido.

A pesquisa, de cunho qualitativo e quantitativo, uniu uma análise dos dados num viés mais abstrato, que envolve o universo da significação, motivação, aspiração, crença, valor e atitude¹⁸, ao estudo objetivo dos dados quantificados, que se vale de uma linguagem matemática na descrição do fenômeno em análise, na relação entre suas variáveis etc¹⁹. Desse modo, considerou-se que ambos os métodos, conjuntamente, poderiam oferecer uma análise mais precisa dos dados, contribuindo para uma interpretação mais rica dos resultados da pesquisa.

Nessa perspectiva, também foi utilizado o método comparativo de análise dos dados, que possibilitou identificar as semelhanças e aquilatar as discrepâncias do objeto em experimentação, podendo ser utilmente empregado tanto na pesquisa qualitativa quanto na quantitativa. Portanto, com mais essa ferramenta metodológica, conseguiu-se integralizar, de forma mais coerente e com rigor, o processo de constituição da realidade proposto na pesquisa.

Sendo a pesquisa fundamentada nos pressupostos da sociolinguística variacionista, além desses métodos, foi também levada em conta a metodologia do estudo de painel, proposta por Labov²⁰. Contudo, essa

¹⁷ BARROSO. Perífrases verbais, gramaticalização e aspecto perifrástico.

¹⁸ MINAYO. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*.

¹⁹ FONSECA. *Metodologia da pesquisa científica*.

²⁰ LABOV. *Padrões sociolinguísticos*.

metodologia foi adaptada às necessidades da pesquisa, nos seguintes termos: no lugar da entrevista e do questionário, foram tomadas as correspondências pessoais, por sua proximidade com o vernáculo²¹, as cartas foram dos mesmos informantes (falantes²²/missivistas), de uma mesma comunidade de fala (Minas Gerais), que comportavam as mesmas variáveis sociais/extralinguísticas: gênero (masculino), grau alto de escolaridade (juristas, escritores, adidos culturais), faixa etária (informantes nascidos por volta da década de 1920); em substituição a dois estudos em períodos distintos, foram analisadas as cartas pessoais ao longo de um período relativamente extenso (quatro décadas). O intuito da utilização desse método se assentou na proposta de um estudo da variação no uso da colocação pronominal no PB, não se fazendo presente, contudo, a pretensão de verificar se houve mudança no uso desse tópico gramatical na língua, pois o período analisado não foi extenso o suficiente para se conjecturar essa perspectiva.

As correspondências/missivas pessoais no estudo da variação linguística

As cartas pessoais têm sido amplamente utilizadas como fontes de dados tanto nas pesquisas relacionadas à sociolinguística histórica quanto nas da sociolinguística variacionista, lançando luz aos estudos diacrônicos e de sincronias passadas das línguas naturais. Esses textos são considerados especiais por se aproximarem da língua falada²³, perfazendo um *continuum* entre a escrita e a oralidade, numa perspectiva de produção mais informal, espontânea, despreocupada com os rigores normativos, refletindo, dessa maneira, o vernáculo.

Para um estudo da variação e mudança na língua, a partir da perspectiva da sincronia passada, a “carta” é bastante promissora para esse fim, uma vez que ela “é o lugar onde se encontram/conflitam as várias

²¹ ELSPASS. The Use of Private Letters and Diaries in Sociolinguistic Investigation.

²² Na pesquisa, o termo “falante” foi empregado como referência ao indivíduo que usa individualmente a língua, sem referência à língua falada (o vernáculo), apesar de o gênero textual adotado (as correspondências pessoais) poder ser apreendido como tal.

²³ ELSPASS. The Use of Private Letters and Diaries in Sociolinguistic Investigation.

estratégias do autor/narrador e do receptor/leitor”²⁴. Além disso, na carta, é possível observar diferentes graus de formalidade, variando do mais para o menos formal (pessoal), a depender do contexto de produção²⁵.

Nesse sentido, as cartas pessoais dos escritores mineiros se mostraram adequadas para a pesquisa em questão, por serem informais (pessoais), uma vez que seus emissores/remetentes e seus receptores/destinatários, apesar de altamente letrados, eram amigos íntimos e se correspondiam com frequência, o que lhes proporcionou uma escrita mais espontânea e descontraída; e por representarem o vernáculo de cidadãos brasileiros cultos, para a análise da variação no uso da colocação pronominal no PB, numa sincronia passada, que compreendeu quatro décadas do século XX.

As fontes de dados: missivas pessoais

Assim, na dissertação, como fontes de coleta dos dados, foram utilizadas correspondências pessoais de três escritores mineiros renomados: Fernando Sabino (FS), Murilo Rubião (MR), Otto Lara Resende (OLR), trocadas no período entre as décadas de 1940 a 1970 do século XX²⁶.

As cartas selecionadas para a pesquisa (49 ao todo) se encontram compiladas nas seguintes coletâneas: *Mares interiores: correspondência de Murilo Rubião & Otto Lara Resende*²⁷ (de 1945 a 1991), em que foram tomadas 24 cartas de Murilo a Otto²⁸; *Cartas na mesa: aos três parceiros, meus amigos para sempre* (de 1943 a 1992)²⁹, de onde foram selecionadas doze cartas de Fernando a Otto; *O rio é tão longe: cartas a Fernando Sabino* (de 1944 a 1970)³⁰, em que foram escolhidas treze cartas de Otto

²⁴ BERLINCK; BARBOSA; MARINE. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua, p. 174.

²⁵ BERLINCK; BARBOSA; MARINE. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua.

²⁶ A biografia detalhada dos escritores encontra-se no texto da dissertação, na seção 2.2.4.

²⁷ CABRAL. *Mares interiores: correspondência de Murilo Rubião & Otto Lara Resende*.

²⁸ O motivo de o número de cartas de Murilo Rubião endereçadas a Otto Lara Resende ser praticamente o dobro se deve ao fato de as cartas de Murilo serem bastante enxutas, muito menores do que as dos outros dois escritores (falantes/missivistas).

²⁹ SABINO. *Cartas na mesa: aos três parceiros, meus amigos para sempre*.

³⁰ RESENDE. *O rio é tão longe: cartas a Fernando Sabino*.

a Fernando. Nessas três coletâneas, a transcrição das missivas preservou sua sintaxe e sua integridade estrutural, garantindo a fidedignidade dos dados estudados na pesquisa.

As ocorrências de colocação pronominal coletadas das cartas selecionadas foram analisadas e formaram um *corpus* (criado exclusivamente para a pesquisa), que foi constituído de três *subcorpora*. Cada ocorrência de CP resultou em um dado contabilizado, totalizando 390 dados, dos quais 320 (82,1%) representam as formas verbais simples (FVS), e setenta (17,9%) são relativos às formas verbais perifrásticas (FVP). Desse total, intencionando o balanceamento do *corpus*, foram obtidos 130 dados/ocorrências de clíticos pronominais para cada falante/missivista (*subcorpus*).

No *corpus*, cada excerto com ocorrência do uso de um pronome clítico recebeu uma numeração progressiva, para sua identificação no momento de sua menção no texto, como, por exemplo: (FS, 2), (MR, 10), (OLR, 100), em que temos as letras iniciais dos falantes/missivistas e o número correspondente ao excerto.

As gramáticas de referência

Para a compilação das regras de colocação pronominal³¹, para efeito de comparação entre o uso desse tópico gramatical e sua norma-padrão, no vernáculo culto brasileiro, foram escolhidas três gramáticas normativas do PB, quais sejam: *Moderna gramática portuguesa*, de Evanildo Bechara; *Novíssima gramática da língua portuguesa*, de Domingos Pascoal Cegalla; *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra. A opção por essas gramáticas, para o estudo em questão, deu-se pelos seguintes motivos: primeiramente, por serem normativas do PB e tradicionalistas na ótica teórico-metodológica; em segundo lugar, pelas datas de publicação das primeiras edições das gramáticas de Bechara e de Cegalla, principalmente, pois eram condizentes com o período intermediário em que as cartas foram trocadas (década de 1960), podendo

³¹ Os dois quadros com o compilado das normas de CP, um para as FVS e outro para as FVP, encontram-se na seção 5 do texto da dissertação.

terem servido de fontes de consulta aos missivistas da norma-padrão de CP; por fim, pela diversidade de estilo dos gramáticos, que os levou a tratar o fenômeno estudado de forma peculiar, enriquecendo, dessa maneira, a compilação das normas de CP e, consecutivamente, oferecendo uma visão teórica mais ampliada desse tópico gramatical.

Os condicionadores da variação linguística

Na pesquisa, em atenção aos pressupostos da sociolinguística variacionista, que orientam a combinação das variáveis intralinguísticas (condicionadores/fatores internos da língua) e extralinguísticas (condicionadores/fatores externos da língua ou sociais) na análise e na interpretação dos resultados da pesquisa de variação da língua, objetivou-se verificar a eventual influência dessas variáveis sobre o fenômeno da colocação pronominal no PB.

Assim sendo, a sintaxe de ordem dos clíticos pronominais observada nos excertos extraídos das cartas pessoais dos falantes/missivistas foi classificada e analisada a partir dos seguintes condicionadores linguísticos: i) contextos morfossintáticos (FVS e FVP); ii) contextos sintáticos favorecedores da posição dos clíticos pronominais (ex.: advérbio, conjunção, pronome etc.); iii) a função sintática (ex.: acusativo, dativo, adjunto adnominal etc.), a posição (ênclise, mesóclise ou próclise) e o tipo de pronomes átonos (me, te, se, lhe, lhes, o, a, os, as, nos, vos).

Na interpretação dos resultados, foram considerados, ainda, os seguintes condicionadores sociais comuns aos três informantes: i) a faixa etária (os falantes/missivistas tinham por volta de vinte anos, na década de 1940); ii) o grau de escolaridade elevado (os falantes/missivistas eram juristas, escritores, jornalistas); iii) a localidade de nascimento, sendo os falantes/missivistas do estado de Minas Gerais: um de Belo Horizonte (Fernando Sabino), um de Silvestre Ferraz, hoje denominada Carmo de Minas (Murilo Rubião) e o outro da cidade de São João del-Rei (Otto Lara Resende).

Análise dos dados

As ocorrências e as posições dos clíticos pronominais no *corpus*

Em relação ao uso da sintaxe de ordem dos pronomes átonos pelos falantes/missivistas, foi conjecturado que esse uso coincidiria entre eles devido à semelhança de suas ocupações, formações acadêmicas e a amizade íntima que possuíam, sobre o que se confirmou a partir dos resultados apresentados no *corpus* da pesquisa, dispostos na tabela a seguir.

Nas cartas pessoais dos três falantes/missivistas selecionadas, não ocorreu a mesóclise. Esse resultado já era esperado, por conta do alto grau de informalidade desse gênero textual primário e, em contrapartida, pelo grau de formalidade que o uso do clítico nessa posição imprime.

Posições dos clíticos pronominais nos *subcorpora* e no *corpus*

Posição	FS	MR	OLR	Total
Próclise	110 (84,6%)	92 (70,8%)	96 (73,8%)	298 (76,4%)
Ênclise	20 (15,4%)	38 (29,2%)	34 (26,2%)	92 (23,6%)
<i>Total</i>	<i>130</i> (0%)	<i>130</i> (0%)	<i>130</i> (0%)	<i>390</i> (100%)

Fonte: elaboração própria³².

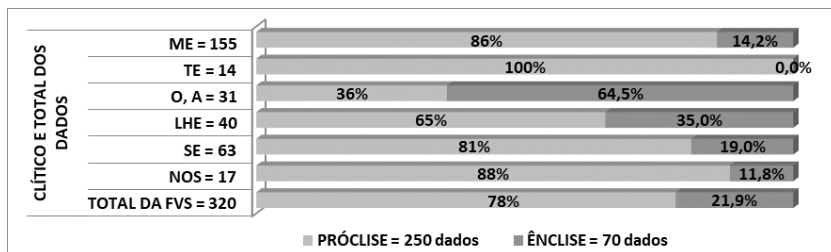
Em relação às outras posições dos pronomes átonos, observa-se que o uso da próclise (76,4%) é três vezes superior ao da ênclise (23,6%), mostrando que o português do Brasil tem realmente uma tendência mais proclítica, mesmo que se considere como amostragem linguística apenas a fala/escrita de cidadãos altamente letrados.

Comparando os usos dos clíticos pronominais, verifica-se que os índices se equiparam tanto no uso da próclise quanto no da ênclise, nos

³² Todas as tabelas deste texto foram elaboradas pela autora, a partir dos dados do *corpus* da pesquisa.

três falantes/missivistas, com uma pequena diferença em FS, que fez um uso maior da próclise (84,6%) e menor da ênclise (15,4%) em comparação a MR e OLR. Apesar disso, é possível dizer que o uso da CP pelos falantes/missivistas coincidiu mais do que se distanciou, confirmando a hipótese relacionada a essa questão.

Esse resultado é corroborado quando separamos os contextos morfossintáticos das formas verbais simples e perifrásticas. No gráfico a seguir, verifica-se que a próclise é majoritária nas FVS, sendo representada, com maior vigor, pelos clíticos ME, TE, LHE, SE e NOS. Já o clítico acusativo de terceira pessoa (O/A) representa mais fortemente a ênclise.



Posições
dos clíticos
pronominais nas
formas verbais
simples.

Fonte: elaboração
própria³³.

O índice robusto do clítico de primeira pessoa (“me”) revela a dialógica peculiar das cartas pessoais, que são caracterizadas como gênero do discurso/textual primário, em que se reflete a individualidade daquele que fala (ou escreve)³⁴, numa troca enunciativa, descontraída e espontânea entre o falante (remetente/escritor) e o ouvinte (receptor/leitor). Ainda por conta dessa dialógica, que remete à presença do locutor/remetente (“eu”) e do interlocutor/destinatário (“tu”/“você”), uma vez que as cartas pessoais foram endereçadas a um único destinatário e não a um grupo de interlocutores, o clítico “vos” também não ocorreu no *corpus* da pesquisa.

³³ Todos os gráficos deste texto foram elaborados pela autora, a partir dos dados do *corpus* da pesquisa.

³⁴ BAKHTIN. *Estética da criação verbal*.

Portanto, esses resultados refletiram a especificidade das fontes de dados da pesquisa.

Além disso, salta aos olhos a pequena presença do “te”, resultado que nos remete à utilização do clítico “lhe” em substituição ao “te” no PB, verificado amplamente nas missivas dos três falantes/missivistas (FS, MR, OLR), tanto na função de objeto indireto (dativo) (excerto 1) quanto na de objeto direto (acusativo) (excerto 2), sendo esse último caso, já há muito, designado de “lheísmo”³⁵. É importante salientar que o câmbio entre esses dois clíticos nas cartas dos falantes/missivistas evidencia a existência de um processo de variação e concorrência de formas no PB, contudo os gramáticos analisados não admitem esse fenômeno na língua culta/padrão.

1. Certo de que você não faltará ao meu apelo, *envio-lhe* [a/para “te”] um grande e saudoso abraço³⁶.
2. Você conseguirá uma solução para as suas dívidas. Mesmo que seja precária, não tem importância. Eu *lhe* [“te”] *ajudarei* [a] encontrar outra melhor, assim que se efetive a minha transferência³⁷.

Quanto às FVP (tabela “Posição dos clíticos pronominais nas formas verbais perifrásticas”), o resultado que mais se destaca é o do clítico acusativo de terceira pessoa (“o”/“a”), que ocorreu somente na posição de ênclise à forma nominal do infinitivo. Essa forma nominal do verbo, na perífrase, mostrou ter uma relação íntima com a posição pós-verbal com esse clítico, porém, com os outros clíticos, a posição de próclise prevaleceu, com exceção do “lhe”, que ficou dividido entre ambas as posições, mas com um índice maior para a próclise (44,4%) do que para a ênclise (38,9%). Quanto ao verbo auxiliar e às formas nominais do gerúndio e do participípio, a anteposição da maioria dos pronomes clíticos predominou.

³⁵ NASCENTES. Lheísmo no português do Brasil.

³⁶ (MR, 66).

³⁷ (MR, 38).

**Posição dos clíticos pronominais nas formas
verbiais perifrásticas**

Verbo	Posição	Clítico Pronominal						Total
		"me"	"te"	"o", "a"	"lhe"	"se"	"nos"	
Infinitivo	Próclise	10 (47,6%)	4 (66,7%)	-	8 (44,4%)	3 (27,3%)	-	25 (35,7%)
	Ênclise	-	-	13 (100%)	7 (38,9%)	1 (9,1%)	-	21 (30,0%)
Gerúndio	Próclise	5 (23,8%)	2 (33,3%)	-	2 (11,1%)	1 (9,1%)	-	10 (14,3%)
	Ênclise	-	-	-	-	-	-	0 (0,0%)
Auxiliar	Próclise	2 (9,5%)	-	-	1 (5,6%)	5 (45,5%)	-	8 (11,4%)
	Ênclise	1 (4,8%)	-	-	-	-	-	1 (1,4%)
Particípio	Próclise	3 (14,3%)	-	-	-	1 (9,1%)	1 (100%)	5 (7,1%)
	Ênclise	-	-	-	-	-	-	0 (0,0%)
<i>Total</i>		21 (100%)	6 (100%)	13 (100%)	18 (100%)	11 (100%)	1 (100%)	70 (100%)

Fonte: elaboração própria.

Considerando ambas as formas verbais (FVS e FVP), o clítico "te" também se destaca por ter sido usado, categoricamente, na posição de próclise, tanto na sua função acusativa quanto na dativa, mostrando que as funções desse clítico não exerceram influência sobre sua posição. Foi verificado, no *corpus* da pesquisa, que o mesmo aconteceu em relação aos outros clíticos pronominais, indicando, assim, que a hipótese relacionada à influência das funções nas posições dos pronomes átonos não se aplica.

Portanto, verificando-se que o clítico "te" ocorreu apenas na posição de próclise no *corpus*, que o clítico "o"/"a" foi categórico em ênclise à forma nominal do infinitivo, nas FVP, e, em sua maioria, nas FVS, e que

os outros clíticos tenderam mais pela posição pré-verbal tanto nas formas verbais simples quanto nas perifrásticas, a hipótese de que o tipo de clítico influenciaria sua posição em relação à forma verbal à qual se liga foneticamente foi confirmada.

Essa predominância da variante proclítica em ambas as variáveis das formas verbais simples e perifrásticas, no *corpus* da pesquisa, confirma a proposta dos nossos gramáticos a respeito da tendência dos brasileiros pelo uso dos pronomes clíticos nessa posição. Como explicação para esse fenômeno, temos que essa tendência atende às exigências da eufonia, da prosódia no falar brasileiro³⁸; ou que a posição pré-verbal é favorecida porque, no PB, os pronomes átonos possuem uma certa tonicidade³⁹; ou que a prevalência da próclise no PB se deve ao fato de essa colocação se assemelhar à medieval e clássica, especialmente no colóquio normal⁴⁰, o que é corroborado por Castilho⁴¹, que, amparado por dados históricos, informa que esse uso dos clíticos pronominais predominava desde o século XV, no português clássico.

Contextos sintáticos favorecedores dos clíticos nas formas verbais simples e perifrásticas

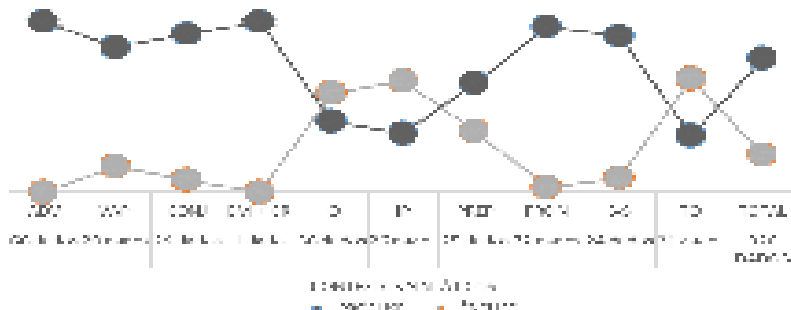
No gráfico abaixo, encontram-se dispostos os resultados relativos aos contextos sintáticos capazes de favorecerem a posição dos pronomes átonos, de acordo com as três gramáticas de referência. Além desses, outro contexto, denominado substantivo-sujeito (S-S), sobre o qual os gramáticos analisados não fazem menção, teve uma ocorrência substancial no *corpus*, sendo, assim, incluído no rol dos referidos contextos. Este contexto foi sugerido porque, em vários excertos com ocorrências dos clíticos pronominais, apenas ocorreu o sujeito não pronominal antes da forma verbal à qual o clítico se ligava.

³⁸ BECHARA. *Moderna gramática portuguesa*.

³⁹ CEGALLA. *Novíssima gramática da língua portuguesa*.

⁴⁰ CUNHA; CINTRA. *Nova gramática do português contemporâneo*.

⁴¹ CASTILHO. *Nova gramática do português brasileiro*.



Contextos sintáticos favorecedores da posição dos clíticos pronominais nas formas verbais simples⁴².

Fonte: elaboração própria.

Contudo, não há consenso entre os gramáticos analisados sobre grande parte desses contextos quanto à sua capacidade de condicionarem a posição dos clíticos. Somente cinco contextos são considerados por eles como condicionadores da próclise, quais sejam: i) advérbios (não especificados); ii) palavras de sentido negativo (ex.: não, nunca, nada, ninguém, sem etc.); iii) gerúndio precedido da preposição “em”; iv) orações optativas; e v) orações iniciadas por palavras exclamativas ou interrogativas (neste caso, as interrogativas diretas). Quanto ao favorecimento da mesóclise, o contexto do futuro do indicativo é categórico, principalmente quando o verbo na forma simples se encontra em início de período, ou, quando, na perífrase, nesse mesmo contexto, o verbo auxiliar estiver nesses tempos verbais e o verbo principal for a forma nominal do particípio, caso em que a mesóclise deve ocorrer ao auxiliar, uma vez que, de acordo com os gramáticos analisados, é proibida a ênclise ao particípio, sendo este o único consenso nas FVP.

⁴² Legenda do gráfico: Advérbio/locução adverbial (ADV); verbo após pausa (VAP); conjunção/locução conjuncional (CONJ); gerúndio precedido da preposição “em” (EM+GR); início de oração (IO); início de período (IP); preposição (PREP); pronome (PRON); substantivo-sujeito (S-S); tipo de oração (TO).

Verifica-se, nas formas verbais simples (gráfico acima), que a posição pré-verbal dos clíticos pronominais é categórica apenas nos contextos sintáticos de advérbio/locução adverbial e de gerúndio precedido da preposição “em” (excertos 3 e 4, respectivamente), explicitando uma conformação à norma-padrão para esses contextos.

3. Eu sou mesmo muito sem-vergonha de “ainda” *lhe escrever...*⁴³
4. pudor, aliado a uma imensa falta de confiança em mim mesmo, leva-me a piores agonias: nunca consigo saber o momento exato de aparecer e desaparecer (“em” *se tratando* de convivência humana, naturalmente)⁴⁴.

Verificou-se ainda que não são “certos advérbios”, como propõem dois dos nossos gramáticos de referência (Cegalla e Cunha e Cintra), que possuem propriedades de atração dos pronomes clíticos, mas todos os advérbios e também as expressões/locuções adverbiais, pelo menos os que ocorreram no *corpus* da pesquisa.

Em contrapartida, nos demais contextos, podemos observar o uso de ambas as variantes, a pré-verbal e a pós-verbal, representando que os falantes/missivistas não os consideravam elementos determinantes da posição dos clíticos pronominais, como o fazem os gramáticos analisados, transgredindo, portanto, a norma-padrão nessas circunstâncias.

Para o contexto sintático de verbo após pausa a norma-padrão propõe a ênclise, no entanto ocorreu também uma porcentagem expressiva da variante pré-verbal (15%):

5. Suas palavras sobre meu romance me reconfortaram bastante – embora eu veja nelas um natural exagero: o de “quem”, “mercê da distância que nos separa”, *se tomou* de amores pelo livro para purgar o soberano desprezo que a ele votava por aqui⁴⁵.

No excerto 5, o pronome relativo “quem”, apesar da expressão entre vírgulas que o separa do verbo, continua a exercer uma atração sobre o clítico “se”, num contexto de ênclise.

No caso do contexto das conjunções/locuções conjuncionais, a regra propõe a próclise mesmo quando estiverem ocultas, no caso das orações subordinadas. Quanto às conjunções coordenadas, os gramáticos

⁴³ (OLR, 129).

⁴⁴ (MR, 43).

⁴⁵ (FS, 36).

fazem menção somente das alternativas (ou... ou, ora... ora, quer... quer) como favorecedoras da próclise, mas estas não ocorreram no *corpus* da pesquisa. Os resultados apresentam que 93,1% dos clíticos, nesse contexto sintático, ocorreram na posição pré-verbal (excertos 6 e 7), indicando que as conjunções/locuções conjuncionais atuaram como condicionadoras da próclise, em acordo com a norma-padrão.

6. Já não penso em fugir, "porque" *me provaram* que a Terra é redonda e o homem habita todas as suas partes. Mundo torvo!⁴⁶
7. Dê notícias, tire um tempinho "e" *me escreva*, que ando precisado⁴⁷.

Apesar de não serem consideradas, nas gramáticas analisadas, como atradoras dos pronomes átonos, as outras conjunções coordenadas, especialmente a aditiva "e" (excerto 7), mostraram-se também possuidoras dessa propriedade, pois a próclise também ocorreu bastante nesse contexto.

Para os contextos de início de oração (excertos 8 e 9) e de período (excertos de 10 a 15), a norma propõe a ênclise. No entanto, verifica-se que a próclise foi também produtiva no *corpus* (41,7%, em IO; e 34,6%, em IP), mostrando que esses contextos sintáticos não foram categóricos para o uso da variante padrão pelos falantes/missivistas:

8. Não vou dar estas razões aqui, porque senão o papel acaba. Apenas lhe peço, *me perdoe*, Pajé⁴⁸.
9. seu conto que saiu no Estado de S. Paulo é bom mesmo, *confirma-se*⁴⁹.
10. *Esgotei-me* em Belo Horizonte e ignoro o que desejo do meu novo domicílio⁵⁰.
11. Entretanto, essa desambição na idade madura não me é benéfica. *Me traz* certo desencanto. A idade madura, meu velho Otto, é o diabo. Nem pileque eu tomo mais! Sou um perfeito inútil (melhor, imbecil)⁵¹.
12. Pajé, meu caro Pajé, detesto as explicações, diria o Paulo, detesto as coisas inexplicáveis, direi eu mesmo. Sei que você deve estar safado comigo porque saí quando você chegava lá em casa. *Me perdoe*, mas tive razões enormes para sair, inadiáveis⁵².

⁴⁶ (MR, 63).

⁴⁷ (OLR, 66).

⁴⁸ (FS, 3).

⁴⁹ (FS, 19).

⁵⁰ (MR, 44).

⁵¹ (MR, 107).

⁵² (FS, 1).

13. *Alvoroei-me*, mandei buscá-la, acabo de lê-la, respondo no ato⁵³.
14. Eu: estive na Itália, viajei, viajei, viajei. Vi coisas, muitas coisas. Fiquei crente que falo italiano. *Me lembrei* de você com grande frequência, sobretudo certo domingo, na praia, em Fregene, num bar meio boate⁵⁴.
15. *Vou-me* embora o mais depressa que puder⁵⁵.

É possível verificar, nos excertos de 10 a 15, que os falantes/misvistas estão usando o clítico “me” de forma variada, em um contexto categórico da variante pós-verbal (início de período), indicando o protagonismo dessa forma clítica no processo de variação na colocação dos pronomes clíticos, no PB, uma vez que os outros clíticos não ocorreram na posição de próclise, nesse contexto.

Quanto ao contexto das preposições que precedem as FVS, elas só são mencionadas nas gramáticas de referência quando vêm acompanhadas de verbo no infinitivo, caso no qual é indiferente a colocação dos clíticos antes ou depois dessa forma nominal, excetuando-se os infinitivos flexionados, quando a próclise é requerida. Nesse contexto sintático, os resultados indicam que ambas as posições dos pronomes clíticos ocorreram, com prevalência da variante pré-verbal (64%) (excertos 16 e 17).

16. Um grande abraço, meu velho Otto, e não se esqueça “de” *me recomendar* a todas as mulheres belas dessa cidade, que eu nunca mais sairei desta cadeia⁵⁶.
17. Fernando: abri o envelope (rasgou) só “para” *lhe dizer* que li A inglesa e fiquei deslumbrado! Estou babando de inveja... Otto. Confidencial⁵⁷.
18. “Para” *convencê-lo* do seguinte: que, apesar do preço do dólar, você deveria dar um pulo aqui, hospedar-se comigo, batermos uns papos longos, desprogramados⁵⁸.
19. A morte nos rodeia e a pressa é nossa “em” *encontrá-la*. É preciso cultivar esta pergunta: Quanto tempo nos resta para amar? Um cão vive, no máximo, quinze anos⁵⁹.

Verifica-se que, com o clítico “o”/“a” (excertos 18 e 19), a ênclise à forma nominal do infinitivo é categórica, uma vez que esse clítico só ocorreu nessa posição, nesse contexto, no *corpus*. Dessa maneira, o clítico

⁵³ (FS, 93).

⁵⁴ (OLR, 17).

⁵⁵ (OLR, 126).

⁵⁶ (MR, 8).

⁵⁷ (OLR, 74).

⁵⁸ (OLR, 19).

⁵⁹ (MR, 12).

“o”/“a” apresentou um comportamento peculiar, quando comparado aos outros pronomes clíticos, os quais foram usados, majoritariamente, na posição pré-verbal em relação ao infinitivo não flexionado. Isso nos possibilita inferir que as preposições (pelo menos as que ocorreram no *corpus* da pesquisa) exerceram certa influência no momento de nossos falantes/missivistas ordenarem os pronomes átonos, com preferência pela variante pré-verbal.

No que se refere ao contexto sintático dos pronomes, os gramáticos analisados consideram atratores dos clíticos pronominais: os relativos, os indefinidos, os pessoais e os de sentido negativo. Nessas circunstâncias, como podemos observar nos resultados, apesar da predominância da próclise (97,2%) (excerto 20), propondo que os falantes/missivistas observaram mais a norma-padrão no momento de posicionarem os clíticos nesse contexto, a ênclise também foi utilizada por eles (2,8%) (excerto 21), apresentando uma variação no uso dos pronomes clíticos.

20. Manoel, que nasceu ali, no esgoto da Feira de Amostras, não será coagido a voltar ao ventre materno. Voltará espontaneamente, quando sentir que traiu o amigo, aquele “que” *o descobriu* e foi seu pai adotivo⁶⁰.

21. Carlos Lacerda fez um discurso no sul cheio daquelas frases (a Constituição é intocável porque não toca a “ninguém” *tocá-la* para frente e se tocasse caberia ao povo *tocá-lo* para fora)⁶¹.

No excerto 21, o termo que antecede a forma verbal “ninguém” é o que os gramáticos propõem como “palavra de sentido negativo”, que age como elemento atrator categórico dos clíticos. Nesse caso, a regra não foi utilizada pelos falantes/missivistas, pois o clítico acusativo de 3ª pessoa (“o”/“a”) se encontra em posição de ênclise, mostrando, novamente, a singularidade do comportamento desse clítico, sobretudo em contextos de verbo no infinitivo.

No caso do contexto de substantivo-sujeito, é interessante salientar o alto índice de próclise (91,9%) (excertos 22 a 25) para um contexto em que se sugere a ênclise como a posição mais normal e lógica dos pronomes átonos, por não ter um elemento que os atraia para antes da forma

⁶⁰ (MR, 64).

⁶¹ (FS, 88).

verbal⁶². Isso confirma, também, mais uma vez, a tendência pela próclise no português do Brasil, mesmo não havendo um termo atrator que a justifique⁶³. Além disso, poderíamos conjecturar que, pela sua identificação com os pronomes pessoais, os quais, possivelmente, já estivessem estabilizados na mente dos falantes/missivistas como elementos atratores, os substantivos-sujeitos tenham sido considerados, também, como capazes de deslocar os pronomes clíticos para a posição pré-verbal.

22. "A morte" *nos rodeia* e a pressa é nossa em encontrá-la. É preciso cultivar esta pergunta: Quanto tempo nos resta para amar? Um cão vive, no máximo, quinze anos⁶⁴.
23. "Suas palavras sobre meu romance" *me reconfortaram* bastante – embora eu veja nelas um natural exagero: o de quem, mercê da distância que nos separa, se tomou de amores pelo livro para purgar o soberano desprezo que a ele votava por aqui⁶⁵.
24. "Helena" *se associa* no abraço. Meninos, bem. A bênção para o Pedrinho. Como vão os seus?⁶⁶
25. Você se demorou menos do que era esperado, na Alemanha! Não gostou? Ou "as ninfetas" *o atemorizaram*?⁶⁷

No excerto 25, temos uma informação que merece registro, pois, no *corpus*, as ocorrências do clítico "o"/"a" ligado a verbos terminados em ditongo "nasal" (-am, -em) vieram próclíticas. Em caráter conjectural, pode se indagar se a razão de os falantes/missivistas usarem esse clítico nessa posição e nesse contexto seria para evitar os alomorfes "no(s), na(s)", por motivo de eufonia, sendo essas formas clíticas consideradas muito formais para seu uso em cartas pessoais informais, pois se observou que o clítico "o"/"a" foi colocado na posição de ênclise ao verbo, majoritariamente; ou, talvez, esses alomorfes já estejam em processo de desuso no PB, no falar cotidiano, pois não ocorreu sequer um deles, no *corpus*.

Finalmente, dentro do contexto de tipo de oração, uma regra propõe a posição pós-verbal nas orações reduzidas de gerúndio e nas imperativas

⁶² CUNHA; CINTRA. *Nova gramática do português contemporâneo*, p. 309.

⁶³ BECHARA. *Moderna gramática portuguesa*.

⁶⁴ (MR, 11).

⁶⁵ (FS, 34).

⁶⁶ (OLR, 30).

⁶⁷ (OLR, 32).

afirmativas⁶⁸; já nos outros tipos de oração, como as subordinadas (sem conjunção), as interrogativas diretas e as exclamativas, exige-se a próclise, regra presente nas três gramáticas analisadas. Talvez, nessa segunda regra, a próclise tenha lugar pelo fato de os dois últimos tipos de oração (excertos 26 e 27, interrogativa direta e exclamativa, respectivamente) serem introduzidos por pronomes, ou advérbios, os quais, na verdade, podem estar favorecendo a posição pré-verbal dos clíticos, no lugar das orações *per si*.

26. Dez anos! "Como é que você não *me chamou* a atenção para o cinquentenário do Etienne?" Sujo!⁶⁹

27. Fernando, recebi (e acabo de responder) carta do Autran, contando o encontro com você, meu panic, fear, grief, exhaustion (o resto na carta que mandei ao Marco Aurélio – só agora soube, pelo Autran, que lhe morreu o cunhado Osvaldo – "como *se morre* aí!")⁷⁰.

28. O número especial dedicado à nova literatura portuguesa foi recebido aí com restrições, "*acusando-nos* de omissões"⁷¹.

29. O Justino Martins me escreve, patético, "*me convidando* para dirigir H de Homem", nova revista Bloch⁷².

Apesar das duas regras propostas para o contexto sintático de tipo de oração, é possível verificar que a variante pós-verbal foi mais produtiva (66,7%). No entanto, esse índice foi alavancado pelo quantitativo maior de ocorrência das orações reduzidas de gerúndio (excertos 28 e 29) no *corpus* da pesquisa, em que foi observada essa variante pós-verbal em grande número.

Passando ao contexto morfossintático das formas verbais perifrásticas, uma observação panorâmica da tabela abaixo já nos proporciona verificar que a forma nominal do infinitivo detém a maioria das ocorrências dos pronomes átonos, liderando a variação da colocação pronominal (35,7% de próclise e 30% de ênclise, do total das ocorrências dos clíticos nas FVP). Já no que se refere às demais formas nominais do verbo, o gerúndio e o particípio, nota-se que a variante pré-verbal é ainda absoluta. E no caso do verbo auxiliar, a próclise é dominante.

⁶⁸ CEGALLA. *Novíssima gramática da língua portuguesa*.

⁶⁹ (OLR, 79).

⁷⁰ (OLR, 84).

⁷¹ (MR, 120).

⁷² (OLR, 108).

Contextos sintáticos favorecedores da posição dos clíticos pronominais nas formas verbais perifrásticas⁷³

Verbo	Posição	Contexto sintático										Total
		ADV	VAP	CONJ	IO	IP	PREP	PRON	S-S	TO		
Infinitivo	Próclise	3 (23,1%)	-	4 (36,4%)	3 (37,5%)	2 (28,6%)	11 (68,8%)	2 (40,0%)	-	-	25 (35,7%)	
	Ênclise	3 (23,1%)	2 (50,0%)	5 (45,5%)	5 (62,5%)	1 (14,3%)	4 (25,0%)	-	1 (33,3%)	-	21 (30,0%)	
Gerúndio	Próclise	3 (23,1%)	2 (50,0%)	-	-	4 (57,1%)	-	-	1 (33,3%)	-	10 (14,3%)	
	Ênclise	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0 (0,0%)	
Auxiliar	Próclise	2 (15,4%)	-	2 (18,2%)	-	-	1 (6,3%)	3 (60,0%)	-	-	8 (11,4%)	
	Ênclise	1 (7,7%)	-	-	-	-	-	-	-	-	1 (1,4%)	
Participio	Próclise	1 (7,7%)	-	-	-	-	-	-	1 (33,3%)	3 (100%)	5 (7,1%)	
	Ênclise	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0 (0,0%)	
Total		13 (100%)	4 (100%)	11 (100%)	8 (100%)	7 (100%)	16 (100%)	5 (100%)	3 (100%)	3 (100%)	70 (100%)	

Fonte: elaboração própria.

⁷³ Legenda da tabela: Advérbio/locução adverbial (ADV); verbo após pausa (VAP); conjunção/locução conjuncional (CONJ); gerúndio precedido da preposição “em” (EM+GR); início de oração (IO); início de período (IP); preposição (PREP); pronome (PRON); substantivo-sujeito (S-S); tipo de oração (TO).

Partindo da forma nominal do infinitivo (FNI), a análise de seus resultados revela que os clíticos pronominais ocorreram na maioria dos contextos sintáticos estudados. Destacam-se os contextos sintáticos de verbo após pausa (excerto 30) e de substantivo-sujeito (excerto 31), cujos clíticos foram utilizados apenas na posição pós-verbal, e o contexto de pronome (excerto 32), que, inversamente, teve os clíticos em posição de próclise, em observância às regras que se referem a esses ambientes sintáticos.

30. Mandei para a Sabiá uma carta para o Hélio e outra para o Vina. Chegaram? "Agora", recuperado de endereço do Vina, *vou escrever-lhe* amanhã⁷⁴.

31. Falar em dieta, "Helena" *vai fazer-lhe* a múmia de galinha, para o almoço amanhã (uma feijoada para três padres, com a adesão do Marechal e senhora, mas o Caio)⁷⁵.

32. Mas aguardando sua volta para tocarmos a coisa para frente. Só nós quatro nos juntando e vendo que é "que" *se pode fazer*⁷⁶.

No contexto sintático de advérbio/locução adverbial, há uma proporção equânime dos dados para ambas as posições dos pronomes clíticos, que reflete, em certa medida, uma transgressão da regra, pois somente a próclise à perífrase deveria ser empregada nessa situação. As ocorrências dos clíticos na posição pós-verbal, não só nesse contexto, mas também nos demais em que ela é usada, foram alavancadas pelo clítico acusativo de 3ª pessoa ("o"/"a") (excerto 33) (ver tabela "Posição dos clíticos pronominais nas formas verbais perifrásticas", mais acima), que se mostrou suscetível à presença do infinitivo.

33. Não pude lhe dar o meu abraço de despedida porque o tempo era pouco e "não" *consegui localizá-lo*. Até a última hora andei louco com o Banco do Brasil, atrás de dólares⁷⁷.

Verifica-se, nesse excerto, que, mesmo na presença de uma palavra negativa (advérbio "não"), o pronome átono, que deveria ter sido atraído por ela e se deslocado para antes da perífrase, veio enclítico a esta (ligado ao infinitivo), propondo que esse elemento atrator não foi

⁷⁴ (OLR, 103).

⁷⁵ (OLR, 36).

⁷⁶ (FS, 118).

⁷⁷ (MR, 68).

vigoroso o suficiente para desfazer a ligação do vocábulo fonético formado pela FNI e o clítico “o”/“a”.

Quanto à forma nominal do gerúndio (FNG), os resultados mostram somente a ocorrência da variante pré-verbal, ou seja, entre os verbos da perífrase, mesmo em contextos nos quais a ênclise é preferida, como no caso de verbo após pausa (excerto 34) e de início de período (excerto 35):

34. Eu leio e releio a sua carta, acabo respondendo que você estava louco para fumar e seu cigarro havia acabado. E também porque “a dona da pensão” *está te furtando* na água mineral⁷⁸.
35. *Estou lhe devendo* carta, sim. Um pouco por melancolia e outro tanto por safadeza⁷⁹.

Em ambos os excertos, a ênclise ao auxiliar ou à FNG, respectivamente, também poderia ter sido usada, contudo a próclise ao gerúndio foi preferida, indicando aí uma forte tendência pelo uso dessa variante nessa forma nominal, em específico. Esse resultado nos permite conjecturar se o contexto de gerúndio precedido da preposição “em”, em que é de rigor a próclise, tenha influenciado os falantes/missivistas, por analogia, a adotarem essa regra também no caso do gerúndio das FVP.

Nos resultados relacionados ao verbo auxiliar, verifica-se uma ênclise no contexto categórico da próclise, o de advérbio/locução adverbial (excerto 36):

36. Perdi o hábito de escrever cartas, mas “aos poucos” *vou-me acostumando*. Pergunte e responderemos⁸⁰.

Nesse excerto, o uso do clítico “me” ligado por hífen ao auxiliar, em ênclise – uso mais natural no PE, mas não no PB, como já demonstrado na pesquisa –, foi surpreendente, principalmente com esse clítico, que se mostrou mais proclítico no *corpus*, em perífrase com gerúndio e em condição de próclise à perífrase (expressão adverbial “aos poucos”), pois esse foi o único caso, dentre as setenta ocorrências dos pronomes átonos nas FVP, no *corpus*. Esse uso nos inspira a refletir sobre a analogia proposta acima, ou, talvez, sobre o fato de que o falante/missivista,

⁷⁸ (FS, 21).

⁷⁹ (MR, 81).

⁸⁰ (FS, 26).

ciente da força existente entre a locução adverbial (“aos poucos”) anterior à perífrase e o “me”, tenha feito esse uso para não distanciar o clítico da FNG ou para dar ênfase à pessoa do discurso (“eu”/“me”), sobretudo por ser capaz, letrado que era, de lançar mão de estratégias metalinguísticas como essas.

Na forma nominal do particípio (FNP), a próclise não é estranha, uma vez que a ênclise ao particípio é expressamente proibida⁸¹, devendo ocorrer, a depender das circunstâncias, a mesóclise (quando o auxiliar estiver nos futuros do indicativo), a ênclise (não houve ocorrência de clítico nesse contexto, no *corpus*) ou a próclise ao verbo auxiliar (excerto 37, contexto de advérbio), segundo as gramáticas de referência.

37. Tudo isso “já” *lhe foi dito*, mas você pode ter a certeza de que é verdade⁸².

38. Depois você pega o avião da Panair, com 50% de abatimento, e volta. “Depois de” *ter me insultado* muito, dizendo que eu estou inteiramente enganado, que ficção não se faz assim, que não aproveite a sua experiência literária etc⁸³.

39. “Como é que você” *tem se dado* “aí com o CL”?⁸⁴

Nos excertos 38 (contexto de locução adverbial) e 39 (contexto de oração interrogativa direta), também, a colocação dos pronomes átonos antes das perífrases seria o mais recomendado, devido à presença dos elementos atrativos que as precede, contudo a próclise à FNP foi preferida, o que nos leva a aventar a possibilidade de a colocação do clítico entre os verbos da perífrase, não somente com o particípio mas também com as outras formas nominais, ser a mais confortável e natural para os falantes/missivistas, espelhando esse uso no falar dos brasileiros, de uma forma geral, o que é confirmado pelos próprios gramáticos analisados, ao se referirem à colocação pronominal no português do Brasil.

Portanto, voltando à primeira hipótese da pesquisa, de que o uso da colocação pronominal por cidadãos brasileiros altamente letrados, em situações/contextos informais de uso da língua, se distanciará, em alguma medida, das regras de CP apresentadas nas gramáticas normativas do

⁸¹ O motivo para essa proibição não é explicitado nas três gramáticas de referência, nas quais consta somente a instrução de jamais colocar o pronome clítico junto ao particípio.

⁸² (MR, 99).

⁸³ (OLR, 22).

⁸⁴ (OLR, 48).

PB, por estas refletirem as normas do PE, é possível afirmar, tendo em vista os resultados apresentados nos contextos morfossintáticos tanto das formas verbais simples quanto das perifrásticas, que o uso da sintaxe de ordem dos pronomes oblíquos átonos pelos falantes/missivistas se distanciou sobremaneira da norma-padrão de colocação pronominal.

Considerações finais

Apesar de a colocação pronominal na língua portuguesa ser um fenômeno complexo para se estudar, especialmente no PB, por suas peculiaridades e por suas regras não serem, nem sempre condizentes com seu uso pelos falantes brasileiros, o estudo empreendido conseguiu chegar a alguns resultados interessantes: em ambas as formas verbais (simples e perifrástica), o uso dos pronomes clíticos pelos nossos falantes/missivistas se distanciou sobremaneira da norma-padrão de CP proposta pelas gramáticas normativas do PB referenciadas, devido ao fato de estas, ainda, se espelharem na norma do PE; os três falantes/missivistas, em suas cartas pessoais, apresentaram um padrão comum de uso da CP, devido às semelhanças de suas faixas etárias, de suas formações acadêmicas e de suas ocupações, além de suas relações de íntima amizade; os clíticos “me”, “lhe”, “se” e “nos” tenderam pela variante pré-verbal, o TE ocorreu somente em próclise no *corpus*, e o clítico “o”/“a” tendeu pela variante pós-verbal, especialmente com a forma nominal do infinitivo, mostrando que o tipo de clítico pronominal influenciou sua posição em relação à forma verbal à qual se liga foneticamente; e as funções sintáticas dos clíticos pronominais não influenciaram a posição destes, pois apareceram ora proclíticos, ora enclíticos, com a mesma função.

Assim sendo, a partir dos resultados da pesquisa, é possível apresentar a proposta de que nossas gramáticas normativas precisam ser atualizadas, não somente quanto à sintaxe de ordem dos clíticos pronominais, mas também no que se refere àqueles tópicos gramaticais os quais, como a CP, apresentam divergências das regras de uma gramática para outra, para que as normas constantes nelas reflitam mais naturalmente o uso da língua portuguesa do Brasil.

Referências

- ALI, Manuel Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8. ed. rev. e atual. por Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. Primeira edição de 1921.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. Revisão da tradução de Marina Appenzellerl. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Coleção Ensino Superior.
- BARROSO, Henrique. Perífrases verbais, gramaticalização e aspecto perifrástico. In: BARROSO, Henrique. *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional/sincrônica*. Porto: Porto Editora, 1994. p. 55-81.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. ampl. atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. Primeira impressão de 1961.
- BERLINCK, Rosane de Andrade; BARBOSA, Juliana Bertucci; MARINE, Talita de Cássia. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 169-195, jul./dez. 2008.
- CABRAL, Cleber Araújo (Org., Comp.). *Mares interiores: correspondência de Murilo Rubião & Otto Lara Resende*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Editora UFMG, 2016. 221 p.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. 6. reimp. São Paulo: Contexto, 2020.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008. Primeira publicação de 1964.
- COELHO, Izete Lehmkuhl et al. *Para conhecer sociolinguística*. 1. ed., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2018. 174 p.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. Primeira publicação de 1984.
- ELSPASS, Stephan. The Use of Private Letters and Diaries in Sociolinguistic Investigation. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 156-169.
- FERNÁNDEZ REI, Elisa. A Clitização Fonológica em Galego e em Português Brasileiro. In: LAGARES, Xoán Carlos; MONTEAGUDO, Henrique (Org.). *Galego e português brasileiro: história, variação e mudança*. Niterói, RJ: Editora da UFF; Universidade de Santiago de Compostela – USC, 2012. p. 105.
- FONSECA, João José Saraiva da. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/15F/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>. Acesso em: 4 set. 2018.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Primeira publicação de 1972.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 28. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- NASCENTES, Antenor. Lheísmo no português do Brasil. *Revista Letras*, Rio de Janeiro, v. 11, p. 108-113, 1960. Disponível em: <https://revistas.ufrpr.br/letras/article/view/19904/13129>. Acesso em: 4 out. 2021.

- PONTES, Eunice. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973. 144 p.
- RESENDE, Otto Lara. *O rio é tão longe: cartas a Fernando Sabino*. Introdução e notas de Humberto Werneck. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 412 p. Compilado pela editora.
- SABINO, Fernando (Comp.). *Cartas na mesa: aos três parceiros, meus amigos para sempre*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002. 336 p.
- SILVA, Elisete Eustáquia Rodrigues. Estudo da sintaxe de ordem dos clíticos pronominais no vernáculo de missivistas mineiros altamente letrados. 2021. 184 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Editora Ática, 1985. Série Princípios.
- VIEIRA, Sílvia Rodrigues. Colocação pronominal. In: VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (Org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 1. ed., 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2009. p. 121-146.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin Irving. Empirical Foundation for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, Winfred Philip; MALKIEL, Yakov (Ed.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-195.

Argumentação no discurso e posturas enunciativas: um estudo das encíclicas *Deus caritas est* e *Fratelli tutti*

Gabriel Fernandino

Considerações iniciais

Neste artigo, revisitamos e ampliamos análises que vêm sendo realizadas no âmbito de uma investigação doutoral inscrita no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFMG acerca do discurso papal contemporâneo. Após realizarmos um sintético panorama da problemática de *A argumentação no discurso* de Ruth Amossy¹ e de alguns dos entendimentos de Rabatel² sobre ponto de vista e posturas enunciativas, procedemos às análises de duas encíclicas, a saber, *Deus caritas est*³, assinada pelo papa emérito Bento XVI, e *Fratelli tutti*, assinada pelo então pontífice, Francisco. Enquanto o primeiro dos textos é analisado com base nos entendimentos de Rabatel, para a análise da encíclica do Papa Francisco mobilizamos, sobretudo, a problemática de Amossy. Concluimos que os instrumentais teóricos que mobilizamos poderiam servir satisfatória e combinadamente em uma análise híbrida do discurso pontifício que integre as reflexões de Rabatel, aqui trazidas à baila, à problemática da argumentação do discurso.

No que diz respeito à contextualização do nosso *corpus*, evidenciamos que o papa é um religioso católico, necessariamente homem, eleito de modo vitalício por um colégio de cardeais para desempenhar a tríplice função de bispo da Diocese de Roma, chefe do

¹ AMOSSY. *A argumentação no discurso*.

² RABATEL. Os desafios das posturas enunciativas e de sua utilização em didática.

³ IGREJA CATÓLICA. *Carta encíclica Deus caritas est (sobre o amor cristão)*.

Estado da Cidade do Vaticano e, destacadamente, líder supremo da Igreja Católica. Desse modo, a jurisdição do papa se irradia desde a Diocese de Roma, o distrito eclesial em que exerce a atribuição de bispo, para toda a estrutura eclesiástica dessa instituição religiosa capilarizada pelo globo. Assim, além da autoridade máxima oriunda da posição de Bispo de Roma, ao papa são atribuídas prerrogativas de mandatário de Estado, afixadas pela soberania, internacionalmente reconhecida, do território do Vaticano⁴. Portanto, as funções de chefe de Estado, materialmente relacionadas ao Vaticano, e de autoridade máxima na estrutura Igreja Católica, imaterialmente relacionadas à presença católica propagada pelo mundo, coincidem na posição jurídica e simbólica do papa.

Se, por um lado, o papado diz respeito tanto ao cargo eclesiástico quanto à instituição ou sistema governamental do sumo pontífice, por outro, a jurisdição do papa se refere à chamada Santa Sé Apostólica Romana⁵. Trata-se de uma entidade dotada de autoridade jurídica no âmbito internacional, que representa o Estado do Vaticano e a Igreja Católica. A Santa Sé é administrada pela Cúria Romana, corpo de instituições que auxilia o papa no desempenho do papado, agindo em nome deste. Pormenorizando, a Cúria é um complexo de institutos e dicastérios, grosso modo, ministérios aos quais o papa delega funções⁶. Dentre esses órgãos se destaca a Secretaria de Estado da Santa Sé, o dicastério mais antigo, à qual são atribuídas as funções diplomática e política.

O ente Santa Sé é, com frequência, metonimicamente tratado pelo local onde está sediado, o Vaticano, enclave independente, localizado na

⁴ Enquanto estadista, o papa goza da plenitude dos poderes. Segundo artigo n. 1 da Lei Fundamental do Estado da Cidade do Vaticano, o bispo de Roma goza plenamente dos poderes legislativo, executivo e judiciário. Os documentos oficiais da Santa Sé utilizam a designação de Monarquia Absoluta, embora haja na literatura classificações da forma de governo vaticana como Estado teocrático-monárquico ou Estado Eclesiástico. Além do seu próprio território intramuros, a jurisdição vaticana se estende ainda extraterritorialmente a certas micro-zonas e propriedades em Roma e fora de Roma. IGREJA CATÓLICA. *Lei fundamental do Estado da Cidade do Vaticano*.

⁵ Equivalente a papa, o termo *pontífice* provém do latim – *pons/pont*, ponte, *fex*, fazer –, isto é, aquele que faz a ponte entre o humano e o divino. Dentre a ampla listagem honorífica, além de Bispo de Roma, destacam-se como sinônimos: vigário de Jesus Cristo, sucessor do príncipe dos apóstolos e santo padre.

⁶ Segundo Constituição Apostólica, Art. 2, § 1. Com o nome de Dicastérios entendem-se: a Secretaria de Estado, as Congregações, os Tribunais, os Conselhos e os Ofícios, isto é, a Câmara Apostólica, a Administração do Patrimônio da Sé Apostólica, a Prefeitura dos Assuntos Econômicos da Santa Sé". IGREJA CATÓLICA. *Constituição Apostólica Pastor Bonus: sobre a Cúria Romana*.

cidade de Roma. Dessarte, com efeito, é a Santa Sé, e não o Vaticano, a autoridade que atua em âmbito externo ao manter relações diplomáticas com Estados e com instituições internacionais. A criação do Vaticano, o menor Estado independente do mundo, remete ao passado recente, o Tratado de Latrão (1929), firmado entre a Santa Sé e a Itália. A existência da Santa Sé, ente bastante longevo se comparado ao Vaticano, remonta ao Império Romano. Segundo a mística católica, a Santa Sé foi fundada por São Paulo e por São Pedro no começo da Era Comum como Comunidade de Roma, o primórdio do que viria a se tornar a contemporânea Diocese de Roma⁷.

O próprio substantivo “Santa Sé” é uma derivação latina de “Cadeira Santa”⁸ que recorre ao símbolo da cadeira de Pedro, o primeiro dos papas, sobre o qual se funda a cosmogonia da Santa Sé. A cadeira simboliza o centro figurativo do qual emana a fonte da legitimidade e do poder monolítico do sumo líder da Igreja. Segundo a doutrina católica, aquele que herda a cadeira de Pedro, ao se sagrar papa, recebe o carisma do primeiro dos bispos de Roma. Portanto, cada papa, exercendo o ministério de bispo, inscrever-se-ia à continuidade da conspiração divina que vocacionou Pedro a ser a pedra angular da Igreja⁹.

Ainda no tocante à Igreja Católica, embora sejam consideradas as distinções entre Vaticano e Santa Sé, esta se confunde tanto com sua sede física, conforme explicitamos, quanto com a própria figura do papa do ponto de vista simbólico. Ao nosso entendimento, a própria maneira como a comunicação pontifícia é realizada, seja em termos imagéticos ou verbais, nutre a interpenetração simbólica. Um exemplo elucidativo,

⁷ No contexto religioso é comum a utilização da nomenclatura *Anno Domini* – do latim, no ano de Nosso Senhor – em lugar de Era Comum. Ambos os termos significam o período de medida do tempo que sucede o ano 1 do calendário gregoriano.

⁸ Da mesma forma, a chamada Sé Episcopal, a área de jurisdição de um bispo (diocese), deriva de *sedes*, no latim, com o sentido original de assento, cadeira, cátedra, como símbolo de autoridade. Nesse sentido, a palavra *catedral*, incorporada pelo latim do grego, usada enquanto representação física da autoridade do bispo e/ou da diocese, carrega consigo a mesma memória etimológica. Nesse sentido, a catedral de S. Pedro em Roma, simboliza a autoridade papal.

⁹ Segundo a interpretação católica, Jesus rebatizou o apóstolo Simão como Pedro, concedendo-lhe o papel de líder da Igreja que se estabeleceria. “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja; e as portas do Hades não prevalecerão contra ela”. A preponderância de Pedro dentre os apóstolos é conhecida por primazia de Pedro ou primazia petrina. MATEUS 16, 18.

ainda que não conclusivo, é aquele da página oficial do Vaticano¹⁰. Nela, percebemos os nomes “Vaticano”, no endereço do navegador, “Santa Sé”, no cabeçalho da página, seguido abaixo pela foto e nome do atual pontífice. Nesse sentido, as três instâncias parecem compor um todo simbólico integrado que avulta a autoridade confessional da Igreja que se vale do peso especulado de mais de um bilhão de fiéis dispersos no planeta. Parte substancial desses fiéis, religiosos e laicos, alocutários desta “religião com Estado”, está localizada na América Latina, específica e massivamente no Brasil.

Partindo da noção de Estado-nação, propomos pensar esse caso *sui generis* por meio do binômio “Vaticano-eclésia”. Dessa forma, articulamos no nosso conceito a dimensão da entidade moral e religiosa composta por um Estado, Vaticano, àquela da população de fiéis e de religiosos essencialmente espalhada no globo, ao que denominamos eclésia. O binômio engendrado intenciona ser mais que a soma das suas duas partes. Trata-se de um sinônimo do substantivo próprio “Santa Sé” que nos parece permitir ganho epistemológico ao explicitar a singularidade física e imaterial do ente, bem como ao evidenciar a dimensão alocutária do ponto de vista enunciativo.

Se, no Vaticano-eclésia, o primado da autoridade papal é evidente, no plano da enunciação, a distinção entre este locutor e a própria Santa Sé não é dada de antemão. Em diferentes textos, ou no interior do mesmo texto, as elocuições papais podem tanto se equivaler às da Santa Sé quanto se desarticular e se afastar dessas¹¹. De toda maneira, seja a responsabilidade enunciativa coincidente ou divergente, a autoridade máxima do papa é dogmaticamente assegurada.

¹⁰ Disponível em: <https://www.vatican.va/content/vatican/it.html>. Acesso em: 7 jan. 2022.

¹¹ Em Fernandino e Lima descrevemos e analisamos o processo de sobreposição/distanciamento da responsabilidade enunciativa na encíclica *Fratelli tutti* (2020), assinada pelo locutor papa Francisco, a partir da Argumentação no Discurso de Ruth Amossy. FERNANDINO; LIMA. Uma análise da encíclica papal *Fratelli Tutti* sob a perspectiva teórico-metodológica da argumentação no discurso de Amossy.

Embasamento teórico

A problemática de *A argumentação no discurso* de Amossy

Esta seção traça um enxuto panorama teórico ao apresentar as abordagens articuladas na perspectiva metodológica que vem sendo desenvolvida por Ruth Amossy, desde o ano 2000, sob o nome “argumentação no discurso”. Para tanto, baseamos nossa apresentação fundamentalmente na obra homônima *A argumentação no discurso*¹², embora também recorramos aos originais dos trabalhos mencionados por Amossy, bem como a outras referências ancilares.

Retomando o entendimento da retórica¹³ como negociação da diferença, proposto por Michel Meyer, a autora busca integrar a argumentação como um elemento constitutivo do discurso. Ao propor uma retomada histórico-teórica, Amossy parte da noção de que o locutor intenciona impactar o alocutário seja por uma “visada” argumentativa, seja por uma “dimensão” argumentativa. Enquanto a visada se caracteriza pela disposição do locutor de promoção da adesão a uma dada tese, a dimensão se volta apenas para uma modificação da maneira de ver e de sentir do alocutário.

Conceber a visada e dimensão argumentativas é uma escolha epistemológica fundamental para o empreendimento da autora, voltado à ampliação da consagrada definição de argumentação – oferecida por Perelman e Olbrechts-Tyteca no *Tratado da argumentação*¹⁴. Segundo a “nova retórica”, nome atribuído pelo autor e pela autora ao empreendimento do tratado,

toda argumentação visa à adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe a existência de um contato intelectual. Para que haja argumentação, é mister que, num dado momento, realize-se uma comunidade efetiva dos espíritos. É mister que se esteja de

¹² Em janeiro de 2021, Amossy publicou a quarta edição da obra, pela editora Feuilleter. Como não tivemos acesso ao material até a data da submissão deste artigo, baseamo-nos na versão brasileira de 2020. Entendendo que este artigo se insere em uma proposta continuada de estudo da cena de enunciação pontifícia, buscaremos pesar os potenciais avanços da nova edição em futuras análises.

¹³ Partidária da nova retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca, como veremos adiante, Amossy se vale do uso intercambiável de retórica e argumentação.

¹⁴ PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA. *Tratado da argumentação: a nova retórica*.

acordo, antes de mais nada e em princípio, sobre a formação dessa comunidade intelectual e, depois, sobre o fato de se debater uma questão determinada¹⁵.

Perelman e Olbrechts-Tyteca parecem haver pretendido fomentar a argumentação em seus componentes sociais, e não somente lógicos, como uma alternativa ao conflito militar e às violências física e psicológica¹⁶. Destarte, dando continuidade à tradição perelmaniana-tytecaniana de questionamento da lógica formalista, Amossy conclui a introdução da sua obra definindo seu objeto. Para ela, “argumentação” quer dizer:

[...] os meios verbais que uma instância de locução utiliza para agir/ sobre seus alocutários,/ tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela lhes oferece, ou simplesmente orientar suas maneiras de ver, ou de suscitar um questionamento sobre um dado problema¹⁷.

Decompondo a definição de argumentação em três partes – para além da influência da nova retórica –, percebemos os diversos entendimentos harmonizados, provenientes de teorias retóricas, pragmáticas e mesmo lógicas. Primeiramente, ao mobilizar na sua definição de argumentação “os meios verbais que uma instância de locução utiliza para agir”, a autora resgata e incorpora a abordagem figurada¹⁸. Assim, fica implícito que a argumentação se vale de figuras e de efeitos de estilo que implicam consequências no alocutário.

Além disso, o trecho selecionado referencia ainda uma “abordagem textual”, posto que, para Amossy, a argumentação deve ser tomada também no tocante à construção textual¹⁹. Isto quer dizer que a argumentação é concebida em sua trama coerente de enunciados e em seus

¹⁵ PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA. *Tratado da argumentação: a nova retórica*, p. 16, grifo do original.

¹⁶ Descendente de família judia, Chaïm Perelman vivenciou a Segunda Guerra inclusive na condição de militar quando da invasão das tropas alemãs na Bélgica em 1940. Foi um entusiasta intelectual no âmbito do *Comité de Défense des Juifs*, associação de resistência belga fundada em 1942 e desempenhou um papel relevante em várias iniciativas políticas de defesa dos judeus. Por sua parte, Tyteca foi uma notória acadêmica belga que começou a trabalhar com Perelman a partir de 1948, ano em que se voluntariou para apoiar a agenda de pesquisa do pesquisador. Posteriormente, Tyteca desenvolveu variadas noções da nova retórica de maneira independente e bem sucedida. A pesquisadora também trabalhou com a relação entre retórica e *bande dessinée*.

¹⁷ AMOSSY. *A argumentação no discurso*, p. 47, separação nossa.

¹⁸ AMOSSY. *A argumentação no discurso*.

¹⁹ AMOSSY. *A argumentação no discurso*.

respectivos processos lógicos de ligação – como silogismos e analogias, inseridos no discurso em situação.

Na continuidade, no fragmento “sobre seus alocutários”, a autora recorre à “abordagem comunicacional” por supor uma instância receptora cuja ação só é compreendida na relação de interlocução. Da mesma forma, Amossy se vale da “abordagem dialógica” segundo a qual o locutor age em um espaço saturado de discurso. Além disso, a escolha taxonômica do termo “alocutário” demarca as instâncias subjetivas adotadas na obra. O alocutário é a instância para a qual se dirigem os meios verbais mobilizados pelo “locutor”²⁰.

Em linguística, a nomenclatura das unidades epistemológicas, ou instâncias subjetivas, é uma relevante demarcação da teoria mobilizada para se analisar um dado *corpus*. Buscando evitar a rigidez dessa demarcação, a autora afirma que empregará na obra, de maneira equivalente, os termos “auditório”, “público”, “alocutário” e “destinatário”²¹; ao longo do livro, porém, a autora tende a preferir a díade locutor-alocutário²².

A definição de argumentação proposta em *A argumentação no discurso* prossegue e se finaliza nos seguintes termos: “tentando fazê-lo aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela lhes oferece, ou simplesmente orientar suas maneiras de ver, ou de suscitar um questionamento sobre um dado problema”²³. Neste fechamento são retomadas as noções de visada e dimensão argumentativas que abrem o livro, ou seja, trata-se tanto da adesão a uma tese, no caso de uma orientação de maneiras de ver.

Neste momento da definição, a “abordagem linguageira” é abrangida. Afinal, para Amossy, a argumentação não se reduz a processos lógicos, mas também compreende os meios que a linguagem oferece tanto no nível lexical quanto naquele das modalidades de enunciação e dos encadeamentos dos enunciados.

²⁰ “Locutor” que também é denominado na obra como “interlocutor” nos casos de diálogo efetivo.

²¹ AMOSSY. *A argumentação no discurso*.

²² Almejando rigor taxonômico, neste artigo preferimos tratar as instâncias subjetivas emissora e receptora, respectivamente como locutor e alocutário. Assim, se de um lado, baseamos nossa escolha em Amossy, no sentido da recorrência da sua utilização dos termos, por outro, afastamo-nos do entendimento de taxonomias intercambiáveis.

²³ AMOSSY. *A argumentação no discurso*, p. 47.

Por fim, se o processo de visada ou de dimensão argumentativa ocorre em um tipo e um gênero discursivos – nos quais há distribuição socioinstitucional de funções e papéis –, a abordagem genérica é também contemplada. Seja manifestando-se na materialidade de uma bula papal ou de uma bula de medicamento, seja subvertendo o gênero discursivo, a argumentação se inscreve em gêneros já repertoriados ou que ainda podem ser configurados.

Retomando os princípios componentes da argumentação, conforme equacionados acima, a análise argumentativa proposta por Amossy se funda sobre as abordagens figural, textual, comunicacional, dialógica, linguística e genérica. A expansão conceitual realizada nesta problemática apresenta a argumentação como elemento constitutivo do discurso e não da língua. A problemática da argumentação no discurso arregimenta em uma mesma *episteme* as várias abordagens mencionadas sem incorrer na perda de coerência. A partir do cruzamento da nova retórica com a análise do discurso francesa, a autora elabora uma problemática consistente, aplicável e que goza de poder explanatório.

Algumas reflexões sobre posturas enunciativas segundo Rabatel

Na obra traduzida para o português brasileiro como *Homo narrans: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa: pontos de vista e lógica da narração, teoria e análise*, conforme nos apresenta Rabatel, o *homo narrans* é aquilo que narra/enuncia no e pelo discurso por meio de interações dialógicas²⁴. O entendimento do autor parte de uma tradição que vem repensando a relevante contribuição do corte saussuriano língua/fala – que funda uma ciência da linguagem, esta a princípio calcada no sujeito ideal e descolado da língua –, cujos expoentes,

²⁴ RABATEL. *Homo narrans: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa: pontos de vista e lógica da narração, teoria e análise*, 2016. Publicada em dois volumes no original sob o título *Homo narrans: pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit*, a obra será traduzida ao português brasileiro em quatro volumes, isto é, o v. 1, *teoria e análise*, o v. 2, *metodologia e interpretação*, publicado em 2021 pela UFRN, o v. 3, *dialogismo e polifonia na narrativa, pontos de vista e discursos representados* e o v. 4, *dialogismo e polifonia na narrativa, posturas, apagamento enunciativo e argumentação indireta*. Os volumes 3 e 4 serão publicados pela EDUFN (biênio 2022/2023).

alguns já mencionados, seriam Bally e subjetividade indicial do seu sujeito falante; autoras e autores que trazem de Bakhtin a problemática do interdiscurso e da interlocução; Cuoli e sua noção de coenunciação; Goffman, quem destaca o papel do alocutário no processo de significação resultante de um interacionismo simbólico; Authier-Revuz com as suas difundidas concepções de sujeito heterogêneo e das heterogeneidades constitutiva e mostrada da linguagem; e, marcadamente, Ducrot em seu sujeito polifônico.

Para Rabatel, o ponto de vista é um conteúdo proposicional cujo modo de atribuição dos referentes remete, direta ou indiretamente, a um enunciador na origem desse conteúdo. Este conteúdo proposicional que define o PDV (ponto de vista) pode corresponder a definições semânticas restritas ou à abordagem global indiferente ao conteúdo semântico. Em outros termos, o ponto de vista não passa, necessariamente, por palavras precisas. Trata-se de uma organização proposicional que pode ou não conter um subjetivema, isto é, uma palavra que carrega traços (afetivos, axiológicos etc.) da instância enunciativa.

Destarte, à sequência da primeira noção ampla e compreensiva de ponto de vista, delimitando o seu objeto também a partir da definição ducrotiana, Rabatel afirma que um PDV se estabelece “pelos meios linguísticos pelos quais um sujeito considera um objeto, em todos os sentidos do termo considerar, quer o sujeito seja singular ou coletivo”²⁵. Neste entendimento, o PDV não é necessariamente expresso pelas palavras do locutor, tampouco explicita uma evidente separação ballyana entre *dictum* e *modus*, grosso modo, entre objetivo e subjetivo, já que o chamado *dictum* também encerraria uma tomada de posição/percepção sobre o mundo.

De um lado, conforme estabelecido na literatura marcadamente a partir dos trabalhos de Ducrot, o locutor (L) é a instância subjetiva que emite o enunciado, fonética ou escrituralmente, e assume um PDV, podendo ou não manifestar marcas dêiticas; o enunciador (E), por sua

²⁵ RABATEL. *Homo narrans*: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa: pontos de vista e lógica da narração, teoria e análise, p. 30.

parte, é a instância que engendra um PDV, manifestando marcas modais²⁶. Em outras palavras, a partir das noções ducrotianas de locutor e enunciador, Rabatel atribui ao primeiro os mecanismos de ação dêitica e ao segundo aqueles de ação modal. Assim, o autor não se limita ao aparelho formal da enunciação, apenas no eixo da dêixis, tampouco considera somente o eixo da modalização, posto que podem haver marcas modais mesmo na ausência de marcas dêíticas. Embora enunciador e locutor possam se associar na enunciação, na instância enunciador-locutor (E/L), o enunciador não é o locutor, isto é, o autor fático do enunciado.

Na fórmula do provérbio, por exemplo, tem-se um enunciador, mas não um locutor a priori. Como no caso do ditado “De grão em grão, a galinha enche o papo”, até que a instância do locutor assuma o enunciado – como afirmado, seja tal assunção feita diretamente, de modo dêítico, ou indiretamente, sem marcas do *ego*, *hic*, *nunc* – tratar-se-ia de uma asserção sem locutor que existe em um repertório cultural coletivamente compartilhado em uma determinada época e espaço. É relevante notar que, mesmo se tratando de um provérbio em que o *ego* está, em tese, ausente, há um PDV, afinal, segundo Ducrot e Rabatel, não há ponto de vista sem enunciador, da mesma forma que não há enunciador sem ponto de vista. Aprofundando o entendimento, no caso da mobilização deste provérbio no presente artigo com finalidade exemplificativa, segundo as definições de locutor e enunciador, poderíamos afirmar que o ditado oriundo de um enunciador primário (a doxa/o imaginário coletivo) passou a ter um locutor (o autor do artigo) ao ser trazido para encenação enunciativa do presente texto, a princípio, sem marcas dêíticas.

Enquanto há apenas duas instâncias enunciativas, locutor e enunciador, as quais, em tese podem ser ilimitadamente numeradas, a depender da enunciação ou do *corpus* analisados – locutor primário (L1), locutor segundo (l2), enunciador primário (E1), enunciador segundo (e2)

²⁶ Enquanto Ducrot trabalha no nível da frase, Rabatel se volta àquele do texto. Alain Rabatel não é estruturalista, ou seja, não crê que haja um mecanismo de funcionamento subjacente ao texto. Diferentemente do sujeito assujeitado em Pêcheux, Rabatel defende a existência de uma autonomia relativa do enunciador na gestão do dialogismo. Nesse sentido, podemos afirmar que Rabatel adota perspectiva enunciativa-pragmática.

etc. – existem três posturas enunciativas, a saber, sobre-enunciador, coenunciador e subenunciador.

Dessa forma, ao considerar que enunciadores não se equivalem em grau de importância – ou de autorização, como no atual fenômeno da (des)autorização de vozes específicas nas redes sociais –, Rabatel, a certo modo, avança os trabalhos de Ducrot, promovendo a ideia de hierarquização de vozes no texto, agrupadas segundo (i) sua origem enunciativa; (ii) seu papel descritivo/conteúdos postos e implícitos e (iii) sua função argumentativa.

O autor de *Homo narrans: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa: pontos de vista e lógica da narração, teoria e análise* sugere um sistema de hierarquização ao classificar as posturas enunciativas como estabelecidas em uma relação de simetria, a coenunicação, ou de dessimetria de pontos de vista na encenação enunciativa, a sobre-enunicação ou a subenunicação. Tratam-se de posturas graduais, ou seja, postura que implicam uma gradação de responsabilidade enunciativa, relativamente à assunção que um locutor faz de um ponto de vista.

O sobre-enunciador é aquele enunciador cujo PDV é apresentado como dominante e que, portanto, goza de certo grau de autoridade sobre os demais pontos de vista subenunciados. Não necessariamente a sobre-enunicação implica uma submissão forçosa do locutor subenunciado, já que a sobre-enunicação pode ser deliberadamente adotada como estratégia enunciativo-argumentativa de submissão voluntária ou apagamento enunciativo. Nesse sentido, a dominação do subenunciador pode ser imposta, por exemplo, por respeito ou admiração, ou escolhida, por adesão livre ou uso estratégico. No âmbito do Supremo Tribunal Federal, por exemplo, ao delimitarem suas decisões pelo conteúdo da Constituição Federal, os ministros, enquanto locutores, legislam/enunciam mobilizando a CF como uma fonte evidencial de sobre-enunicação.

Já o coenunciador, em se tratando de uma relação de simetria de pontos de vista na encenação enunciativa, é o enunciador junto ao qual o locutor assume e partilha um PDV co-construído. Para Rabatel, a coenunicação diz respeito ao nível (do dialogismo interno) da construção de um ponto de vista, ou seja, sem considerar o consentimento do alocutário

na produção do enunciado. Retornando ao exemplo da Suprema Corte, um ministro que evoca a decisão prévia de um colega para co-construção e enunciação do seu ponto de vista sobre um contencioso a ser julgado, asserta uma coenunciação. Segundo Rabatel, como o acordo entre PDV tende a ser limitado, a coenunciação é geralmente seguida por uma sub ou sobre-enunciação, dada a frequência dos desacordos inerentes à dinâmica enunciativa.

Já o subenunciador é a instância que, necessariamente, passa a existir quando da enunciação de uma relação dissimétrica de PDV. Trata-se do enunciador cujo ponto de vista é apresentado como dominado. Um ministro do Supremo que faça valer sua autoridade enunciada a partir daquilo que apregoa o estatuto da Casa, colocar-se-ia como subenunciador em relação ao estatuto – este último o sobre-enunciador.

O locutor responsável por um texto convoca enunciadores cujos pontos de vistas são hierarquizados na encenação enunciativa a partir da relação de concordância – coorientação – ou discordância – antiorientação – que o próprio locutor estabelece com essas instâncias enunciativas. As posturas enunciativas não dependem da quantidade de enunciações atribuídas a cada instância, mas do modo como os PDV são representados e da relação que mantêm entre si. Portanto, a hierarquização dos enunciados e, por conseguinte, as posturas enunciativas dependem do modo como L1/E1 se posiciona em relação aos enunciadores dos PDV que ele pode assumir – ou, simplesmente, relatar pontos de vista sem assumir seu conteúdo e suas implicações.

Metodologia: duas análises em um mesmo contínuo teórico

Baseando-nos nos pressupostos explicitados nas duas seções teóricas, nossa metodologia se baseia em três distintos momentos, isto é, a aplicação da problemática de Amossy na análise de trechos selecionados da *Fratelli tutti*; a análise da introdução de *Deus caritas est* com base nos entendimentos de Rabatel sobre a gestão dos pontos de vista e das posturas enunciativas; na seção de Considerações finais, ponderações preliminares sobre a integração dos conceitos utilizados segundo Rabatel

à problemática da argumentação no discurso no âmbito da nossa agenda de pesquisa sobre discurso pontifício contemporâneo.

No que tange especificamente à definição do nosso *corpus* de pesquisa, uma carta encíclica é um dispositivo de comunicação da Santa Sé que funciona como carta aberta²⁷. Original e etimologicamente, trata-se de uma circular assinada pelo papa – o que, inclusive, motiva o título desta seção. Desse modo, uma encíclica se dirige a uma audiência ampla e compósita que se estende de cardeais e bispos a fiéis sem cargo eclesial. Em termos da programação do conteúdo, as encíclicas tratam de temas relacionados à doutrina da Igreja e indicam as prioridades no momento da publicação. Comparativamente a outros documentos pontifícios, uma encíclica goza de maior grau de informalidade, ainda que seja considerada o segundo em ordem de importância. Assim, uma carta encíclica detém menos autoridade somente em relação a uma constituição apostólica. Isso se deve ao fato de que, diferentemente da constituição, a circular não modifica dogmas, mas simplesmente atualiza a doutrina da Igreja Católica e indica as urgências do momento. Nas encíclicas, o Sumo Sacerdote dá a sua assinatura e usa de modalizadores e figuras de efeito e de estilo que fazem perceber sua autoria pessoal e que parecem visar difundir uma boa imagem do locutor frente à eclesia. Desse modo, consubstanciado na Santa Sé, é possível interpretar que, de maneira geral, neste subgênero do discurso pontifício, o papa tende a convocar a responsabilidade enunciativa para si.

Neste artigo, portanto consideramos a encíclica como um subgênero do “discurso pontifício”, este localizado no tipo “discurso religioso”. No caso da encíclica *Fratelli tutti* (sobre a fraternidade e a amizade social), trata-se de documento originalmente em espanhol e assinado em 3 de outubro de 2020 – durante a simbólica ocasião da visita do atual papa à tumba do seu homônimo São Francisco de Assis²⁸. O texto foi publicado no dia do santo, 4 de outubro. A escolha da encíclica *Fratelli tutti* se deve à sua relevância documental, mas não somente: consideramos a

²⁷ A definição que oferecemos concebe apenas o sentido moderno do termo. Hoje, o substantivo “encíclica” é também usado por anglicanos e pela Igreja Ortodoxa.

²⁸ Giovanni di Pietro di Bernardone, canonizado São Francisco de Assis no século XIII, nasceu em Assis, no Ducado de Espoleto, região que hoje está inserida na Itália.

atualidade e a acessibilidade do documento, bem como a sua pertinência na cena da enunciação contemporânea da Santa Sé²⁹. *Fratelli tutti* é a terceira encíclica do pontificado de Francisco. Última encíclica divulgada até a data de publicação deste artigo, esta foi precedida pela *Lumen fidei* (2013) e pela *Laudato si'* (2015).

No que diz respeito à carta encíclica *Deus caritas est*, cuja primeira metade foi originalmente escrita em alemão, trata-se da primeira do subgênero firmada pelo papa Bento XVI³⁰. Assinada no natal de 2005, isto é, o primeiro ano do papado de Bento, a encíclica contém 42 parágrafos e 31 páginas de extensão na versão oficial em português. *Deus caritas est* foi promulgada no princípio de 2006, em latim, conforme a prática, e traduzida para sete idiomas, dentre esses o português. Neste estudo, detemo-nos especificamente sobre a introdução da *Deus caritas est*, baseando nossa escolha metodológica no entendimento de que o trecho selecionado para compor o *corpus* de pesquisa: justifica enunciativamente o tema, o objetivo e o nome da encíclica; apresenta o enunciador-locutor principal e demais enunciadores e locutores secundários; explicita a tese da argumentação e a programação do conteúdo do documento; fornece um encadeamento argumentativo-enunciativo suficientemente representativo para engendrar uma análise da gestão dialogismo, simultaneamente, atendendo ao limite de extensão convencionado para artigos acadêmicos publicados em periódicos brasileiros. Ademais, no tocante às conclusões, acreditamos que, ainda que nosso objeto se restrinja à introdução da carta, interpretamos satisfatoriamente a gestão do dialogismo interlocutivo e das posturas enunciativas que parece se prolongar em toda extensão do material. A escolha da encíclica *Deus caritas est* se deve ao fato de se tratar da primeira carta de Bento XVI que, teoricamente, estabelece o “tom” do seu pontificado.

²⁹ Maingueneau usa o termo cena da enunciação para indicar, simultaneamente, um quadro e um processo, bem como para evitar situação de enunciação e situação de comunicação que, respectivamente, indicariam usos de ordem estritamente linguística e sociológica. A cena de enunciação, segundo o autor, é composta das cenas englobante (grosso modo, o tipo de discurso), genérica (gêneros discursivos, no sentido de normas que suscitam expectativas) e cenografia que é “uma encenação singular da enunciação” que legitima o discurso. MAINGUENEAU. *Discurso e análise do discurso*, p. 122.

³⁰ IGREJA CATÓLICA. *Carta encíclica Deus caritas est (sobre o amor cristão)*.

Para análise de ambas as encíclicas, adotamos como referência dos fragmentos que citamos a notação numeral, entre parênteses, do referido parágrafo. Não adicionamos à frente de cada excerto o ano de publicação, 2005 e 2020, evitando desnecessária repetição. No caso de *Fratelli tutti*, cada parágrafo dentre os 287 do documento já é numerado no original, composto de 97 páginas na versão em português. Em *Deus caritas est*, numeramos de modo ordinal cada uma das 33 linhas da introdução.

Análise dos dados: encíclica *Fratelli tutti*

Inicialmente, consideramos o lugar social da cena da enunciação em que a encíclica *Fratelli tutti* se engendra³¹. Trata-se de um texto publicado no repositório do Vaticano e reproduzido de modo não rastreável pela e na web³². Nesse sentido, existem vetores pragmáticos e discursivos do dispositivo que implicam expectativa e maneira de consumo específicas. Isto é, presume-se que os estudiosos e os fiéis que se detêm sobre o material digital ou impresso – motivados por objetivos científicos, ontológicos ou doutrinários, por exemplo – antecipam em variadas medidas o conteúdo documental, tanto com base no que se espera de uma encíclica quanto no *ethos* prévio de quem assina a carta, o papa Francisco³³.

A imagem prévia que a eclesía e demais alocutários podem fazer do então pontífice tende a ser instituída em oposição àquela atribuída ao seu antecessor, Bento XVI. Contrariamente ao aceno frequente de Bento às alas mais conservadoras do Vaticano-eclesía, ao papa Francisco é frequentemente atribuído um *ethos* prévio liberal fundado na sua defesa do amor como serviço. Símbolo de renovação na Igreja, o atual Sumo Sacerdote foi eleito em Conclave de 2013 como uma alternativa à perda de fiéis e à abrupta renúncia de Bento.

No que se refere ao nome do documento, como em outros subgêneros discursivos, o título comunga da função de vetorização das expectativas do alocutário, conforme mencionamos acima. Contudo, há

³¹ IGREJA CATÓLICA. *Carta encíclica Fratelli tutti (sobre a fraternidade e a amizade social)*.

³² Maingueneau nos brinda com pertinentes reflexões sobre a interrelação entre poder, ética e web, ao trazer a noção de "traço". Para mais informações cf. MAINGUENEAU. *Discurso e análise do discurso*.

³³ O *ethos* prévio ou imagem prévia é "a imagem que o auditório pode fazer do locutor antes que ele tome a palavra". AMOSSY. *A argumentação no discurso*, p. 90. O *ethos* prévio do papa Francisco parece afixar a tese do amor presente na encíclica, como sugerido adiante.

uma qualidade específica às cartas encíclicas no que diz respeito aos seus títulos. A Santa Sé nomeia esses documentos de modo homônimo às duas primeiras palavras do conteúdo, estas escritas geralmente em latim na versão inicial. Destarte, podemos pressupor que a escolha da primeira passagem da *Fratelli tutti* explicita o intuito inaugural desse projeto de argumentação pontifício.

Fratelli tutti é uma citação proveniente das *Admoestações* de São Francisco, as quais gozam legitimidade frente ao alocutário fiel versado na mística, sobretudo frente àquela parcela franciscana³⁴. A finalidade de adesão que se tenciona provocar no alocutário está sustentada sobre um argumento de autoridade que recorre, especificamente, à autoridade hagiológica. Esta, sendo divina, é dogmaticamente irrefutável. O ato de remeter *ad verecundiam* às *Admoestações* tem como efeito de sentido a fundamentação da dimensão argumentativa da encíclica já no seu título.

Assim, qualificamos o nome desta encíclica como uma “exortação referencial”, já que estabelece uma relação dialógica com a palavra de São Francisco ao convocar sua autoridade. Ademais, o título mobiliza e resgata a dimensão argumentativa que pode já desempenhar certo grau de adesão no alocutário *avant la lettre*. Tal exortação referencial, embora fraternal e amigável, não parece ser desprovida de finalidade persuasiva.

Tomando as *Admoestações* como um dos discursos constituintes presente na encíclica, notamos que a autoridade plasmada na exortação referencial é tributária de um discurso que ao constituir “legítima a instituição que o torna possível”³⁵. Nesse sentido, ao ser uma atualização da doutrina, a *Fratelli tutti* pretender-se-ia ser também um discurso que constitui a sua própria existência em nome do Absoluto. O subgênero encíclica, ao ser aprofundado nos planos imanente e transcendente – respectivamente, pelo “infalível” chefe da Cadeira Santa e pelo próprio divino –, parece favorecer a autofundação do discurso.

Já na seção de Introdução, percebemos a construção aberta da relação de opostos e da ideia do “enfraquecimento dos valores”:

³⁴ Trata-se de uma das principais produções atribuídas a São Francisco, datada do século XIII. Disponível em: <http://www.ofssanlorenzoalverano.it/home/documentazione/le-fonti-francescane/ammonizioni>. Acesso em: 10 abr. 2022.

³⁵ MAINGUENEAU. *Discurso e análise do discurso*, p. 143.

irrompeu de forma inesperada a pandemia do Covid-19 que deixou a descoberto as nossas *falsas seguranças* [...] ficou evidente a *incapacidade de agir em conjunto*. [...] verificou-se *uma fragmentação que tornou mais difícil resolver os problemas* que nos afetam a todos. Se alguém pensa [...] que a única lição a tirar é que devemos melhorar os sistemas e regras já existentes, *está a negar a realidade*³⁶.

O locutor se opõe aos que negam a suposta fragmentação ao somente proporem uma melhora no sistema de regras. Nota-se nesse entimema a conclusão não ostensiva de que, portanto, deve-se mudar o sistema de regras. A tese parece tencionar a aceitação/legitimação da encíclica como um projeto de mudança plena fundado na atualização da doutrina que o documento encerra.

A finalidade argumentativa que afirma a ineficácia do sistema de regras corrente é consumada no parágrafo consecutivo de modo exortatório e deôntico, "*precisamos duma comunidade que nos apoie [...] Sonhemos como uma única humanidade, como caminantes da mesma carne humana*"³⁷. O valor comunitário conclamado é, de certo modo, posto no plano do ideal/inatingível com "sonhemos".

Esse valor comunitário se inscreve tanto no *ethos* prévio do papa quanto, discursivamente, na ideia do amor católico não apenas como morada, mas também como serviço. Esse efeito de sentido vem sendo produzido a partir de materialidades anteriores à *Fratelli tutti*, como a encíclica *Laudato si'*, e parece compor aquilo que chamaremos de "tese do amor"³⁸. A nosso ver, essa tese constitui fundamentalmente a encíclica de 2020 e encerra os valores católicos defendidos pelo locutor.

Nesse sentido, retomando o atributo da autofundação da *Fratelli tutti*, consideramos que essa autopoiese se apoiaria principalmente (i) no discurso constituinte bíblico e aquele das *Admoestações*, (ii) bem como no efeito argumentativo da carta, forjado na transcendência do amor

³⁶ IGREJA CATÓLICA. *Carta encíclica Fratelli tutti (sobre a fraternidade e a amizade social)*, §7º, grifos próprios.

³⁷ IGREJA CATÓLICA. *Carta encíclica Fratelli tutti (sobre a fraternidade e a amizade social)*, §8º, grifos próprios.

³⁸ O estudo do conceito de "casa comum" presente na *Laudato si'* (2015) poderia jogar luz sobre futuras reflexões relativas ao modo como o *ethos* do papa Francisco parece estar promovendo, de modo consistente, o amor católico como serviço.

“que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço”³⁹. Assim, falar em nome do amor confunde e dilui a materialidade da encíclica no próprio divino que endossa o seu discurso – “Deus é amor”⁴⁰.

Na passagem “Este Santo (Francisco de Assis) do *amor* fraterno, da simplicidade e da alegria, que me inspirou a escrever a encíclica *Laudato si'*, volta a inspirar-me para dedicar esta nova encíclica à *fraternidade e à amizade social*”⁴¹, encadeando a *Fratelli tutti* como uma continuidade dialógica da *Laudato si'*, percebemos a mobilização de valores a priori inquestionáveis para captar a benevolência do alocutário fiel. Caso não se considere o relativismo da maneira como cada alocutário decodifica “amizade social” e “amor”, é possível tomá-los como valores universalmente aceitos.

Desse modo, raciocinando com o auxílio de argumentos sobre os quais não há muita disputa, há na cenografia uma relação de causalidade entre “amor” e “felicidade”: “nele (no convite ao amor) declara *feliz quem ama* o outro”⁴². As estruturas lógicas empregadas buscam realizar a moção do alocutário, no sentido da adesão à tese, recorrendo a valores que instigam emoções. Nesse sentido, percebemos a inseparabilidade entre razão e emoção na encíclica, garantida pelos *ethe* prévio e discursivo.

Retornando à inseparabilidade da razão e da emoção na tese do amor, invocamos brevemente as abordagens linguageira e textual. A dedução que implica determinada tese seria validada perante o alocutário desde que haja uma “lei de passagem” (L) aceitável. É desse modo que o argumento “nele declara *feliz quem ama* o outro”⁴³ intenciona uma adesão do alocutário fiel à conclusão “quero destacar o convite a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço”⁴⁴. Isto é, em

³⁹ IGREJA CATÓLICA. *Carta encíclica Fratelli tutti (sobre a fraternidade e a amizade social)*, §1º, não paginado.

⁴⁰ IGREJA CATÓLICA. *Carta encíclica Fratelli tutti (sobre a fraternidade e a amizade social)*, §4º, não paginado.

⁴¹ IGREJA CATÓLICA. *Carta encíclica Fratelli tutti (sobre a fraternidade e a amizade social)*, §2º, grifos próprios, não paginado.

⁴² IGREJA CATÓLICA. *Carta encíclica Fratelli tutti (sobre a fraternidade e a amizade social)*, §1º, grifos próprios, não paginado.

⁴³ IGREJA CATÓLICA. *Carta encíclica Fratelli tutti (sobre a fraternidade e a amizade social)*, §1º, não paginado.

⁴⁴ IGREJA CATÓLICA. *Carta encíclica Fratelli tutti (sobre a fraternidade e a amizade social)*, §1º, não paginado.

termos argumentativos, aceitar o convite a esse amor é aderir à legitimidade da tese da encíclica.

Enquanto valor amplamente desejado, a felicidade pode ser interpretada como a L que estabiliza a validade da conclusão que o discurso intenciona provocar. A L é estável, ou seja, é necessária e não é facilmente refutável, já que se trata de uma inferência lógica que a princípio independe do contexto e do dispositivo. Caso seja tomada como um argumento vazio em si, no entendimento aristotélico, trata-se de um lugar-comum ou *topos*, cuja aceitabilidade pública é praticamente consensual. Afinal, à sua maneira, todo ser parece almejar a felicidade.

A força argumentativa da passagem parece ser aumentada com a estratégia de começar a encíclica com um vocativo ou, como denominamos, exortação referencial: "FRATELLI TUTTI: escrevia São Francisco de Assis, dirigindo-se a seus irmãos e *irmãs* para lhes propor uma forma de vida com sabor a Evangelho"⁴⁵. Notamos aqui, inclusive, a modalização no feminino, "irmãs", que parece tencionar diluir a polêmica sobre o teor misógino do título. Vemos ainda que a conclusão intencionada pelo discurso tem dimensão argumentativa ao vir na forma de convite. Trata-se de uma invitation a um valor fundacional no discurso do papa Francisco, isto é, um convite ao servir no amor ao próximo. Em última instância, tenciona-se uma exortação ao amor a/de Deus que afiança a fé dos crentes.

Em "[São Francisco] Não fazia guerra dialética impondo doutrinas, mas comunicava o amor de Deus; compreendera que '*Deus é amor*, e quem permanece no amor, permanece em Deus' (1 Jo 4, 16)", vemos o reforço do apelo ao amor, dessa vez, figurado na própria hierofania de Deus⁴⁶. O valor retórico desses enunciados a respeito dos quais se busca a adesão não deve ser desconsiderado, mesmo que se trate de um valor já legitimado; afinal, uma crença estabilizada pode e, por vezes, deve ser intensificada. Essa nos parece a vocação de uma encíclica. Assegurada na autoridade de discursos constituintes – no caso do último

⁴⁵ IGREJA CATÓLICA. *Carta encíclica Fratelli tutti (sobre a fraternidade e a amizade social)*, §1º, grifos próprios, não paginado.

⁴⁶ IGREJA CATÓLICA. *Carta encíclica Fratelli tutti (sobre a fraternidade e a amizade social)*, §4º, grifos próprios, não paginado.

fragmento selecionado, além das *Admoestações*, o Evangelho segundo João – a platitude de um enunciado a princípio vazio é preenchida por uma dimensão argumentativa.

Se o locutor argumenta sobre aquilo que já é aceito pelo alocutário e este pode rejeitar ou acolher a tese, a argumentatividade da encíclica parece estar acomodada sob o mesmo hiperônimo do amor⁴⁷. Inscrita na lógica singular do Vaticano-eclésia, a produção discursiva da *Fratelli tutti* visa a adesão à tese (da promoção da doutrina católica) do amor.

Análise dos dados: encíclica *Deus caritas est*

Como atestado por Rabatel, analisar um PDV é recuperar os contornos do conteúdo proposicional, bem como sua fonte enunciativa, implícita ou não, por meio da atribuição dos referentes e dos agenciamentos das frases⁴⁸. Para tanto, a fim de descrever e interpretar a gestão dos PDV e do dialogismo interlocutivo por meio do estudo de posturas enunciativas – dadas as limitações espaciais do artigo e o objetivo desta pesquisa – voltamo-nos especificamente à introdução da *Deus caritas est*⁴⁹.

O nome desta encíclica se trata de uma citação direta da Vulgata, Epístola de João, capítulo 4, versículo 16, que pode ser traduzida do original em grego como “Deus é caridade” ou “Deus é amor”⁵⁰. Se toda citação invoca uma nova instância enunciativa, no subgênero encíclica, a frase inicial do corpo do texto estabelece necessariamente um jogo dialógico que tematiza e afiança a credibilidade do conteúdo, enredando-o em uma trama interdiscursiva, a princípio, a partir da adoção da subenunciação.

Na versão do título em português, a Santa Sé opta pela tradução “Deus é amor” seguida do subtítulo explanatório “sobre o amor cristão”. Em argumentação indireta, delimita-se o título e o tema da carta ao endereçar qual tipo de amor *Deus Est*, ou seja, o amor cristão-católico. A argumentação indireta por não se sustentar pelo aparelho lógico da

⁴⁷ AMOSSY. *A argumentação no discurso*. PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA. *Tratado da argumentação: a nova retórica*.

⁴⁸ RABATEL. *Homo narrans*: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa: pontos de vista e lógica da narração, metodologia e interpretação.

⁴⁹ IGREJA CATÓLICA. *Carta encíclica Deus caritas est (sobre o amor cristão)*.

⁵⁰ Ο Θεός ἀγάπη ἐστίν, no grego; *Ho Theos agape estin*, no latim.

demonstração nem ser necessariamente evidente não ocasiona, a princípio, uma contra-argumentação⁵¹.

O título *Deus caritas est* é antecedido pelo brasão da Santa Sé – o qual, embora não seja uma enunciação *per se*, gera, certamente, um efeito de sentido, que pode ser argumentativo, a partir do seu conteúdo icônico e da autoridade que convoca – e sucedido pela nomeação do locutário “aos presbíteros e diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos”, isto é, nos termos desta pesquisa, a eclesía.

A introdução propriamente dita se inicia em discurso constituinte, aspeado, com a mencionada citação bíblica “Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele”⁵² em um processo de *pris en compte*, sem expor ostensivamente o PDV do autor da carta (L1), ou seja, aquele que dá sua assinatura ao documento, o papa Bento XV. Como nos voltamos ao plano enunciativo, âmbito da instância enunciativa locutor/enunciador, e não àquele do dito mundo real, das volições e dos comportamentos de atores sociais, evitaremos deliberadamente a problematização relacionada à pessoa do papa, doravante L1.

Embora a referência jamais seja um ato enunciativo neutro, o locutor principal não se mostra abertamente em prol da valorização do ponto de vista de um sobre-enunciador bíblico. Este enunciador interdiscursivo, a princípio, não seria João, posto que o autor humano da epístola não expressaria um PDV próprio, mas apenas veicularia a inspiração divina, segundo a mística católica. É dessa forma que nos aproximamos tanto da noção de discurso constituinte como fonte evidencial, bem como de um hiperenunciador que fundamenta a encenação enunciativa.

Da mesma forma, observamos a escolha de denominação qualificadora no sintagma destacado “no mesmo versículo, João oferece-nos, por assim dizer, uma *fórmula sintética* da existência cristã: ‘Nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem’”⁵³. Ademais, há neste trecho uma continuidade da gestão dialógica que convoca João à instância de I2 – e não apenas de veículo do discurso constituinte – o que se mantém

⁵¹ AMOSSY. *A argumentação no discurso*; RABATEL. Os desafios das posturas enunciativas e de sua utilização em didática.

⁵² 1 JOÃO 4, 16.

⁵³ JOÃO 4-5, grifos próprios.

em toda a introdução. Assim, o encadeamento semântico “fórmula sintética” qualifica o PDV imputado ao centro de perspectiva I2. Podemos ainda ressaltar o uso do dêitico “nós”, na citação do versículo, que parece remeter a um “eu” específico e não ao todo da sociedade, qual seja, o eu-específico Vaticano-eclésia.

A partir da linha 6 do texto, na opacidade do texto, notamos que L1 começa a se apresentar de modo mais evidente como coenunciador ao longo do processo de imputação da responsabilidade enunciativa a e2/ I2. Destacamos os sintagmas opção fundamental (6), novo horizonte (8), rumo decisivo (8 e 9) e a passagem “a fé cristã acolheu o núcleo da fé de Israel” (11 e 12).

Na continuidade, um novo enunciador (e3) é mobilizado em:

com as palavras do Livro do Deuteronomio, nas quais sabe que está contido o centro da sua existência: « Escuta, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças »⁵⁴.

É pertinente à nossa análise o fato de que, enquanto a Epístola de João dialoga com o e2 do Novo Testamento, a citação de Deuteronomio traz o e3 do Antigo Testamento para a encenação enunciativa. Em paralelismo à figura de João como I2, o I3 aqui é representado por Moisés, aquele que profere os sermões contidos em Deuteronomio. Esta citação trazida por L1 é convencionalmente tida como uma das mais importantes do Livro do Deuteronomio a qual, interdiscursivamente, aparece também no Novo Testamento, em Marcos 12:28-34, como locucionada por Jesus⁵⁵.

Enquanto novo enunciador, isto é, uma instância que está na origem de um PDV sem ser o locutor, o Deuteronomio é trazido à cenografia engendrando uma tensão constitutiva na heterogeneidade do texto, já que este enunciador remete à mesma fonte evidencial (Bíblia) da qual procede João (Novo Testamento) enquanto, simultaneamente, convoca o PDV, por vezes conflitante, do Antigo Testamento. O paroxismo da tensão

⁵⁴ DEUTERONÔMIO (6, 4-5) (13 a 16).

⁵⁵ MARCOS. *A Bíblia*: tradução ecumênica.

Novo-Antigo testamentos que interpretamos no texto analisado parece ser atingido e, ato contínuo, atenuado na seguinte passagem:

Jesus uniu — fazendo deles um único preceito — o mandamento do amor a Deus com o do amor ao próximo, contido no Livro do Levítico: « Amarás o teu próximo como a ti mesmo » (19, 18). Dado que Deus foi o primeiro a amar-nos (cf. 1 Jo 4, 10), agora o amor já não é apenas um « mandamento », mas é a resposta ao dom do amor com que Deus vem ao nosso encontro⁵⁶.

Primeiramente, destacamos a enunciação de uma nova instância, Jesus – que classificamos como um e4/l4 atípico, posto que este, na cosmogonia cristã, confunde-se à própria fonte do discurso constituinte bíblico e tende, portanto, a ser trazido como sobre-enunciador –, que enuncia uma reformulação do Velho Testamento (Deuterônômio) por meio do Livro de Marcos (Novo Testamento), mencionado por nós anteriormente, cujas aspas acentuam o caráter de volitividade do enunciador⁵⁷. Nesta altura do encadeamento discursivo, a enunciação 19, 18; ou seja, confronte/conforme Levítico com Marcos, estabelece, segundo nossa análise, a mais relevante gestão do dialogismo interlocutivo da introdução da encíclica⁵⁸.

Esta passagem pode ser interpretada como uma sobre-enunciação que L1 articula do Novo Testamento sobre o Antigo Testamento. Afinal, o PDV do amor (cristão-católico) que E1/L1 locuciona ao longo da introdução da encíclica é destacadamente afim àquele do Novo Testamento, cujo conteúdo, na totalidade, é marcado por estruturas que geram efeitos de sentido relacionados a valores como a união e a concórdia, em detrimento de uma argumentatividade marcada, por exemplo, pela punição e/ou temor da ira divina. Portanto, E1/L1, segundo esta interpretação, legitima sua tese a partir de uma sobre-enunciação interdiscursiva que desloca a responsabilidade enunciativa às Sagradas Escrituras.

Dessa forma, em 1 Jo 4, 10, percebemos que L1 imputa uma PEC com responsabilidade limitada ao locutor João, dessa vez, sem recorrer

⁵⁶ IGREJA CATÓLICA. *Carta encíclica Deus caritas est (sobre o amor cristão)*, não paginado, 16-20.

⁵⁷ Os estudos de Authier-Revuz em análise do discurso sobre o uso das aspas como marca de alteridade que não representa a posição do locutor, negando parcialmente uma enunciação para ampliar a visada, ao nosso ver, é um campo a ser explorado no estudo do discurso pontifício.

⁵⁸ Cf. Marcos 12:29-31.

às aspas. Ou seja, trata-se de uma quase-PEC da enunciação “Deus foi o primeiro a amar-nos” que pode promover a dimensão argumentativa do texto frente à eclesía. Na hagiografia católica, João é um ponto de ruptura hermenêutica por ser aquele a quem se atribui uma ampliação da visão do amor de Deus ao evocar uma nova e mais compreensiva concepção do ágape.

Nas linhas 19 e 20, L1 legitima seu principal PDV a partir de valores e léxicos reconhecidos pela comunidade linguística da eclesía. O locutor principal coenuncia o Novo Testamento (locutores segundos Marcos e João) como uma superação ou atualização do Antigo Testamento em “agora o amor já não é apenas um « mandamento », mas é a resposta ao dom do amor com que Deus vem ao nosso encontro”⁵⁹. No excerto, apresentando abertamente a tese da encíclica e a autoridade de L1 – locutor infalível, se considerada a especificidade do locutor papa em sua infalibilidade papal – o dêitico “agora” estressa o tempo presente da locução como aquele do ponto de inflexão, ao passo que o qualificador “apenas” retira argumentatividade do Velho Testamento em prol do Novo, isto é, o Velho que “manda” é destituído a favor do Novo que “ama”. Ademais, enquanto o item léxico “mandamento”⁶⁰, aspeado, estabelece uma marca de distanciamento, o modalizador “mas” enfatiza, à sua sequência, a parte mais importante do encadeamento, qual seja, “a resposta ao dom do amor”. Enfatizamos que, neste momento, reforça-se o eixo temático da encíclica, o amor, e notadamente uma forma específica de amor, aquele cristão-católico, atualizado e adaptado frente às prioridades da Igreja, frente à eclesía, em determinada época – posto ser esta a razão de ser do gênero discursivo encíclica, conforme registrado pela Santa Sé nos códigos canônicos.

A seguir, a tese do amor, conforme argumentada por E1/L1, é valorizada no processo de construção de um subenunciador indeterminado,

⁵⁹ IGREJA CATÓLICA. *Carta encíclica Deus caritas est (sobre o amor cristão)*, não paginado, 16-20.

⁶⁰ É interessante notarmos que os Dez Mandamentos são registrados no Antigo Testamento e apenas parcialmente mencionados no Novo Testamento em Mateus e na Epístola aos Romanos. Segundo Rabatel, “uma palavra, em certas condições, pode ser suficiente para remeter a um PDV”, já que remete a um enunciador e a um PDV que são identificados por uma dada comunidade linguística. RABATEL. *Homo narrans*: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa: pontos de vista e lógica da narração, teoria e análise, p. 101.

e antiorientado em relação ao locutor principal, em: “Num mundo em que ao nome de Deus se associa às vezes a *vingança* ou mesmo o *dever do ódio e da violência*, esta é uma mensagem de *grande* actualidade e de significado *muito* concreto.”⁶¹. O agente da vingança, do ódio e da violência, não é nomeado, mas é trazido com fins de respaldar a dimensão argumentativa da encíclica, amparada na coenunção do Novo Testamento. Tal agente incógnito poderia se tratar de fiéis de outras religiões ou de instâncias da própria religião católica que justificam atos a partir dos ensinamentos do deus do Antigo Testamento.

Além disso, no trecho que trazemos acima, a sobre-enunção de L1 é enfatizada pelo uso de qualificadores como “grande” e “muito” e confirmada pela enunção consecutiva: “Por isso, na *minha* primeira encíclica, *desejo* falar do amor com que Deus *nos cumula* e que deve ser comunicado aos outros por nós.”⁶². Neste extrato, L1 convoca a RE para si, evidenciando-se e “sobre-enunciado-se”. Há diversas marcas dêiticas e modalizações do locutor principal, como “minha” e “desejo”, o qual é responsável pela gestão de todos os PVD do texto – e.g.: superação da sobre-enunção do Velho Testamento, coenunção ao Novo Testamento, antiorientação à associação do nome de Deus a valores contrários àqueles da encíclica – e pelo heterodialogismo realizado em “nos cumula”.

Na continuação temos: “*desejo* — ao início do meu Pontificado — especificar nela [a primeira parte] alguns dados essenciais sobre o amor que Deus oferece de modo misterioso e gratuito ao homem, juntamente ao nexo intrínseco daquele Amor com a realidade do amor humano.”⁶³. Nesse fragmento, já adiantando sua tese da parte I, aquela da confluência do amor de Deus (ágape) e do amor humano (eros), L1 reforça tanto sua responsabilidade enunciativa quanto a sua posição argumentativa global sob a qual se acomodam os vários PDV mobilizados.

Por fim, já no fechamento da introdução, o locutor principal assera que: “O meu *desejo* é insistir sobre alguns *elementos fundamentais*,

⁶¹ IGREJA CATÓLICA. *Carta encíclica Deus caritas est (sobre o amor cristão)*, 21 e 22, grifos próprios.

⁶² IGREJA CATÓLICA. *Carta encíclica Deus caritas est (sobre o amor cristão)*, 23 e 24, grifos próprios.

⁶³ IGREJA CATÓLICA. *Carta encíclica Deus caritas est (sobre o amor cristão)*, 26-28, acréscimo entre colchetes próprio, grifo próprio.

para deste modo suscitar no mundo um *renovado* dinamismo de empenhamento na resposta *humana* ao amor *divino*⁶⁴. Evidenciando sua dimensão argumentativa, sobretudo nos trechos destacados em itálico, L1 conclui o encadeamento enunciativo da introdução iniciado com sua subenunciação, sequenciado pela coenunciação – e mesmo pela sua sobre-enunciação em certas passagens – em relação aos enunciadores e locutores segundos convocados da fonte evidencial bíblica.

Considerações finais

Conforme realizada neste artigo, as análises da cena da enunciação do Vaticano-eclésia a partir de fragmentos das encíclicas *Fratelli tutti* e *Deus caritas est* são resultados de escolhas teóricas específicas. Assim, não se tratam de avaliações exaustivas, mas de contribuições para uma agenda de pesquisa doutoral, em desenvolvimento, sobre o discurso pontifício moderno.

No caso da análise da encíclica *Fratelli tutti*, concluímos que o projeto persuasivo da encíclica seria aquele da intensificação de crenças doutrinárias já estabilizadas, promovendo a adesão ao que chamamos de a tese do amor. A maneira como as construções racionais são elaboradas – arraigadas a valores que apelam aos sentimentos – não parece minar o *logos*, mas enfatizar a inseparabilidade entre esta prova, a imagem papal no discurso e o *pathos*.

No que diz respeito à análise da encenação enunciativa que realizamos na introdução da *Deus caritas est*, nossa principal conclusão é a de que o locutor primário se vale tanto da subenunciação como da coenunciação em relação à fonte evidencial bíblica, aproximando-se do (e mesmo sobre-enunciando o) enunciador do Novo Testamento, enquanto se desassocia do (e atualiza o) enunciador do Velho Testamento. Nesta gestão de pontos de vista, marcada pelo dialogismo interlocutivo, o enunciador/locutor primeiro assume responsabilidades enunciativas e imputa conteúdos proposicionais a enunciadores e locutores segundos. Em tal dinâmica dialógica, o componente interdiscursivo é essencial à

⁶⁴ IGREJA CATÓLICA. *Carta encíclica Deus caritas est (sobre o amor cristão)*, 31-33, grifos próprios.

organização das posturas enunciativas que operam o texto argumentativa e enunciativamente.

A partir da realização de duas análises isoladas de textos que se inserem na mesma cena da enunciação papal, concluímos que a integração dos entendimentos de Rabatel sobre PDV e posturas enunciativas, conforme tratados neste artigo, à problemática da argumentação no discurso seria uma escolha metodológica factível. Nesse sentido, acreditamos que tal articulação teórica poderia vir a ser desenvolvida para ser aplicada na análise de um mesmo texto. Afinal, considerar a questão das posturas enunciativas em um estudo que se valha da argumentação no discurso parece-nos ser coerente e compatível aos pressupostos e abordagens contidos na problemática de Amossy.

Por fim, Amossy não nega a existência das restrições sociais, genéricas e institucionais sobre o discurso. Entretanto, sob os constrangimentos da situação de comunicação, a autora indica que o sujeito é responsável pelas escolhas que realiza. Em outros termos, a argumentação no discurso atribui um grau de agentividade ao locutor na definição do seu projeto de visada/dimensão argumentativa, ressaltando que não é possível afirmar que o locutor teria controle total sobre seus dizeres. Dessa forma, a problemática de Amossy parece ser adequada para investigações que se voltem para o estudo da responsabilidade enunciativa pontifícia, a partir das questões relativas a ponto de vista e posturas enunciativas.

Referências

AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. 1. ed., 1. reimpressão. Coordenação da equipe de tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

FERNANDINO, Gabriel; LIMA, Helcira. Uma análise da encíclica papal *Fratelli tutti* sob a perspectiva teórico-metodológica da argumentação no discurso de Amossy. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, v. 2, n. 21, p. 161-180, maio/ago. 2021. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/3139/2140>. Acesso em: 9 out. 2021.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2005-2013: Bento XVI). *Carta encíclica Deus caritas est* (sobre o amor cristão). Roma, 2005. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html. Acesso em: 15 jan. 2022.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-atual: Francisco). *Carta encíclica Fratelli tutti* (sobre a fraternidade e a amizade social). Assis, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 5 ago. 2021.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II). *Lei fundamental do Estado da Cidade do Vaticano*. Cidade do Vaticano, 2000. Disponível em: https://www.vatican.va/news_services/press/documentazione/documents/sp_ss_scv/informazione_generale/legge-fondamentale_po.html. Acesso em: 4 out. 2021.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II). *Constituição Apostólica Pastor Bonus*: sobre a Cúria Romana. Roma, 1988. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost-constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_19880628_pastor-bonus.html. Acesso em: 3 de out. 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARCOS. *A Bíblia*: tradução ecumênica. São Paulo: Paulinas, 2002.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação*: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RABATEL, Alain. *Homo narrans*: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa: pontos de vista e lógica da narração, teoria e análise. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi, João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2016. Volume 1.

RABATEL, Alain. *Homo narrans*: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa: pontos de vista e lógica da narração, metodologia e interpretação. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi, João Gomes da Silva Neto. Natal: EDUFRN, 2021. Volume 2.

RABATEL, Alain. Os desafios das posturas enunciativas e de sua utilização em didática. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 12, p. 191-233, jul./dez. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/314979051_Os_desafios_das_posturas_enunciativas_e_de_sua_utilizacao_em_didatica. Acesso em: 12 fev. 2022.

Estudo de demonstrativos no português da região do Amazonas nos séculos XIX, XX e XXI: um estudo de variação e mudança linguística

Gislane Aparecida Martins Siqueira

Considerações iniciais

Este artigo apresenta resultados da tese que trata de variação e mudança linguística dos demonstrativos “este”, “esse” e “aquele” e suas flexões presentes em *corpus* composto por textos de notícias e romances produzidos na região do Amazonas nos séculos XIX, XX e XXI.

Nessa abordagem diacrônica, avaliaram-se os gêneros textuais notícia e romance quanto a mudanças estruturais, uma vez que estão ligados historicamente às transformações da sociedade amazonense; se essas mudanças permitiram uma inovação no uso dos demonstrativos na notícia e no romance, proporcionando o surgimento de usos diferentes de demonstrativos, em relação aos estabelecidos formalmente pela norma-padrão; se o sistema de demonstrativos estava passando por uma reorganização, com a implementação do binarismo em oposição a um sistema ternário no português da região do Amazonas; compararam-se os resultados com os de trabalho realizado com textos dos mesmos gêneros e períodos na região do Rio de Janeiro, observando se o processo de implementação do binarismo se deu nas duas regiões em épocas diferentes, considerando a importância do estado do Rio de Janeiro nos cenários colonial, histórico, social, político, cultural e principalmente, pela sua influência na escrita, atuando na vanguarda da imprensa brasileira na publicação dos primeiros periódicos, folhetins e romances.

O trabalho foi estruturado em sete partes. A primeira tratou da delimitação do problema e da revisão bibliográfica, abordando assuntos

sobre dêiticos, demonstrativos, sistema de demonstrativos das línguas neolatinas, demonstrativos na tradição gramatical da língua portuguesa e sistema de demonstrativos do português brasileiro como ternário ou binário. A segunda apresentou a fundamentação teórica embasada no funcionalismo, na variação linguística, nos gêneros discursivos e nas tradições discursivas. A terceira apresentou as hipóteses do trabalho. A quarta tratou dos objetivos gerais e específicos. A quinta parte informou a metodologia, expondo aspectos do *corpus* montado para o trabalho, do estado do Amazonas, dos romances e dos jornais de onde foram retiradas as notícias, assim como considerações sobre a coleta e a classificação de dados. A sexta parte se destinou à descrição e à discussão dos dados, em que foram apresentadas as análises das tradições discursivas dos gêneros textuais, da morfologia dos demonstrativos (gênero gramatical e número); da sintaxe dos demonstrativos (posição e ordem no sintagma nominal) e análise semântico-discursiva, abordando os valores referenciais exófora, endófora, exo-endófora, anamnética e indeterminadora. A sétima parte fechou o trabalho avaliando as hipóteses propostas e apresentando aspectos relevantes dos resultados obtidos ao longo das análises.

Embasamento teórico

A base teórica do trabalho se concentrou nos pressupostos teórico-metodológicos do funcionalista Givón que considera que as exigências para a codificação das informações semântico-proposicional e discursivo-pragmática estão constantemente em conflito, resultando em uma ação de compromisso adaptativo entre as pressões funcionais em competição, asserção que permite entender que esse modelo teórico contribui na justificativa do emprego de uma forma do demonstrativo por oposição ao desaparecimento da outra, como ocorre no fenômeno do binarismo, visto a pressão funcional exercida no uso das formas em um dado período temporal¹. O funcionalista destaca a importância do descarte da noção da gramática como uma simples lista, sem ordem e sem interrelação com os domínios funcionais, entendendo que a gramática possui uma organização hierárquica, composta por subsistemas, os quais se relacionam em

¹ GIVÓN. *Functionalism and Grammar; Syntax: an Introduction*.

variados graus, tanto em função como em estrutura. À vista disso, a sintaxe codificaria a semântica (proposicional) e a pragmática (discursiva), ambas de distintos domínios funcionais, porém proximamente relacionadas. Assim, na comunicação, todas as orações portadoras de informação semântica trariam consigo também alguma função pragmática, sendo desprovida dessa função, somente algum caso de isolamento proposital para fim de análise, não sendo considerado linguagem. O trabalho se inspirou também no modelo teórico-metodológico variacionista de Labov, que propõe estratégias para o estudo das mudanças linguísticas em andamento como: i) o problema da transição que consiste em descobrir o caminho pelo qual evolui a mudança linguística, ou seja, o ato de detectar o estágio em que ela se deu². Nessa tarefa, observam-se a regularidade da mudança, a influência gramatical gerada nela, as cadeias que avançam por oposição às que retrocedem, assim como os movimentos constantes e os de alternâncias súbitas e descontínuas; ii) o problema de encaixamento que consiste em encontrar o ponto mais elevado em que se dá a mudança linguística; e iii) o problema da avaliação que consiste em encontrar termos latentes nas mudanças manifestas que foram observadas, como a correlação entre atitudes/aspirações do falante e seu comportamento linguístico, assim como a relação de suas reações subjetivas inconscientes frente aos valores da variável linguística. Contou ainda com as ideias de Kabatek, que propõe que um texto contém várias tradições discursivas presentes ao mesmo tempo e que a relação mútua entre a tradição discursiva e a ciência dos sistemas linguísticos se faz essencial para a mudança linguística³; assim como com as ideias de Bakhtin que ressalta a necessidade do estabelecimento das diferenças entre os gêneros primários e secundários, definindo-se a natureza do enunciado por meio da análise das duas modalidades⁴. Essa discussão sobre os gêneros primários e secundários foi de grande relevância para a tese, pois, na constituição de seu *corpus*, os gêneros secundários romance e notícia, são recheados com os gêneros primários diálogo, relato, depoimento e declaração.

² LABOV. *Padrões sociolinguísticos*.

³ KABATEK. *Tradição discursiva e gênero*.

⁴ BAKHTIN. *Os gêneros discursivos*.

Metodologia

Para realização do trabalho, compôs-se um *corpus* com textos de notícias e romances produzidos no Amazonas, conforme quadros a seguir:

Periódicos do *corpus*

Século		Periódico	Período
XIX	2ª met.	Commercio do Amazonas (Manaus)	03/07/1870 a 07/12/1898
XX	1ª met.	Jornal do Commercio (Manaus)	02/01/1925 a 17/02/1926
	2ª met.	Jornal do Commercio (Manaus)	01 a 15/02/1980
XXI	1ª met.	Jornal do Commercio (Manaus)	02 a 13/04/2019

Fonte: elaboração própria.

Os periódicos relativos às três primeiras sincronias foram retirados do material digitalizado e disponibilizado pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional⁵ e os relativos à última sincronia foram retirados do Acervo Digital do Jornal do Commercio⁶.

Romances do *corpus*

Século		Romance	Escritor
XIX	2ª met.	O missionario (1891)	Herculano M. Inglês de Sousa (1853–1918)
XX	1ª met.	Terra de ninguém: romance social do Amazonas (1934)	Francisco Xavier Galvão (1906–1956)
	2ª met.	Relato de um certo Oriente (1989)	Milton Hatoum (1952–...)
XXI	1ª met.	A próxima cartada (2014)	Jackson da Mata (1983–...)

Fonte: elaboração própria.

⁵ Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 20 fev. 2019.

⁶ Disponível em <https://digital.maven.com.br/pub/jornaldocommercio/>. Acesso em: 15 abr. 2019.

Para a composição do *corpus*, foram selecionados romances que, além de suas histórias se passarem ou terem relação com a região do estado do Amazonas, os autores das obras também deveriam possuir vínculo natalício com o Amazonas, ou histórico de infância e escolaridade com a cidade de Manaus⁷; ou, ao menos, com a região do Grão Pará (Pará e Amazônia), no caso da primeira sincronia (2ª met. do século XIX), período cujo início compreende o momento da elevação do Amazonas à categoria de Província. Outro crivo adotado para a composição do *corpus* foi a seleção de exemplares das obras originais impressas.

Cada sincronia (meio século) foi representada por um periódico e um romance e, de cada fonte foram coletadas e organizadas, de forma manual (sem o uso de ferramenta de busca), 150 ocorrências de demonstrativos, totalizando trezentas ocorrências por sincronia, compondo um *corpus* com 1200 ocorrências.

Na abordagem diacrônica do uso do sistema de demonstrativos, as análises tiveram como base a classificação de demonstrativos, segundo fatores morfológicos (masculino, feminino e neutro) e número (singular e plural); sintáticos (ordem e posição dos demonstrativos no sintagma nominal) e semântico-discursivos (referências exofórica, endofórica, exo-endófora, pressuposicional e indeterminadora), observando o processo de ternário ou binário do sistema demonstrativo, sob a luz dos modelos teóricos tipológico-funcional e variacionista. Os dados das formas demonstrativas foram apresentados em tabelas com números absolutos e porcentagens, assim como seus respectivos gráficos, com o fim de facilitar o acompanhamento da evolução temporal do processo em estudo, elucidando as diferenças das frequências dos demonstrativos ao longo das sincronias.

Observaram-se ainda se as tradições discursivas presentes nos gêneros textuais contribuíram para a mudança linguística. Seus resultados, ao longo das análises, foram comparados aos de Ramalho⁸ da região

⁷ Esse crivo na seleção dos autores para a composição do *corpus* se deve à compreensão de que, nas reproduções dos diálogos nos romances, os autores podem ter feito uso de suas gramáticas internalizadas da infância ou da juventude, corroborando ainda mais a representatividade comunicativa da região de Manaus.

⁸ RAMALHO. *Sistema de demonstrativos no português brasileiro e no espanhol mexicano sob a perspectiva das tradições discursivas: gêneros notícia e romance.*

do Rio de Janeiro que, além de abordar o mesmo tema e métodos semelhantes, trata dos mesmos gêneros e períodos.

Análise dos dados

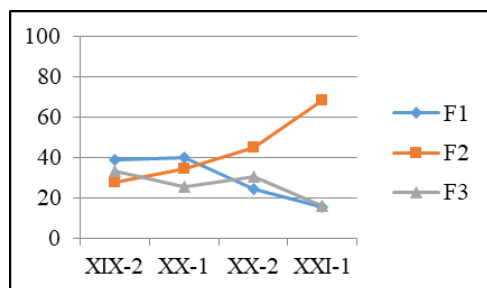
Inicialmente, observaram-se as frequências das formas “este” (F1), “esse” (F2), “aquele” (F3) e suas flexões no *corpus* integral (notícia e romance), conforme tabela e gráfico a seguir:

Demonstrativos de forma geral

Frequência de demonstrativos (notícia e romance) por forma

Séc.		F1	F2	F3	Total
XIX	2ª met.	116	83	101	300
		38,7%	27,7%	33,6%	100%
XX	1ª met.	121	103	76	300
		40,3%	34,3%	25,4%	100%
	2ª met.	73	135	92	300
		24,3%	45%	30,7%	100%
XXI	1ª met.	47	205	48	300
		15,7%	68,3%	16%	100%

Fonte: elaboração própria.



Frequência (%)
de demonstrativos
(notícia e
romance) por
forma.

Fonte: elaboração
própria.

Observam-se, na tabela e no gráfico, o ascenso gradual de F2 ao longo dos séculos e sua atuação, a partir de XX-2, como a forma mais frequente; enquanto F1, nesse período, apresentou a frequência mais baixa das formas. Esse ascenso gradual de F2, e descenso de F1, mostra

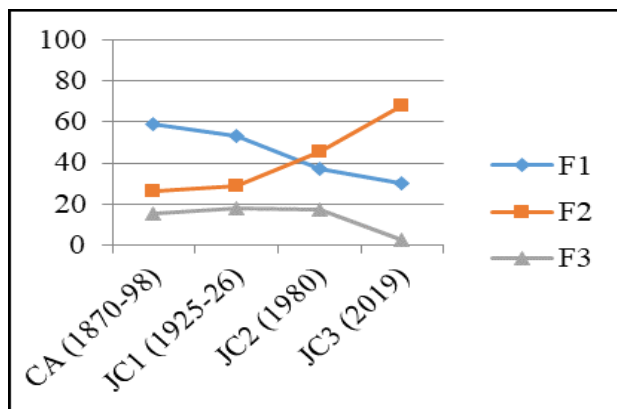
F2 ocupando o lugar de F1 ao longo das sincronias. F3, embora tenha apresentado baixa frequência ao longo dos períodos, nas duas últimas sincronias, apresentou-se mais produtiva que F1.

A seguir, estão os dados dos gêneros notícia e romance separados, mostrando a ascendência de F2 em ambos os gêneros e a produtividade de F3 no romance:

Frequência de demonstrativos (notícia) por forma

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	88 58,7%	39 26%	23 15,3%	150 100%
XX	JC1 (1925-26)	80 53,3%	43 28,7%	27 18%	150 100%
	JC2 (1980)	56 37,3%	68 45,3%	26 17,4%	150 100%
XXI	JC3 (2019)	45 30%	102 68%	3 2%	150 100%

Fonte: elaboração própria.

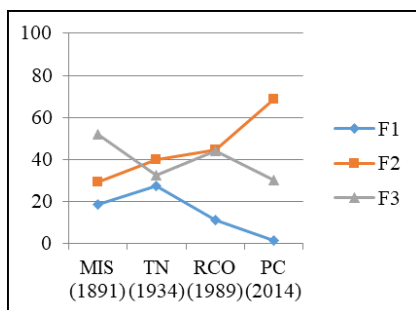


Frequência (%)
de demonstrativos
(notícia) por
forma.
Fonte: elaboração
própria.

Frequência de demonstrativos (romance) por forma

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS	28	44	78	150
	(1891)	18,7%	29,3%	52%	100%
XX	TN	41	60	49	150
	(1934)	27,3%	40%	32,7%	100%
	RCO	17	67	66	150
	(1989)	11,3%	44,7%	44%	100%
XXI	PC	2	103	45	150
	(2014)	1,3%	68,7%	30%	100%

Fonte: elaboração própria.



Frequência (%)
de demonstrativos
(romance) por
forma.
Fonte: elaboração
própria.

A análise das formas demonstrativas dos gêneros textuais permitiu observar na notícia o descenso gradativo de F1 (58,7% a 30%), por oposição ao ascenso gradual de F2 (26% a 68%). F3 ocupou o posto de menor frequência, oscilando entre 18% e 2%. Esse pouco uso de F3 na notícia pode ser compreendido pelo fato de o conteúdo noticioso abordar acontecimentos recentes, que não evocam retomadas de eventos do passado distante, atmosfera propícia para uso de F3.

No romance, F1 apresentou a frequência mais baixa das formas em todas as sincronias (entre 1,3% e 27,3%), enquanto F2 ascendeu gradualmente ao longo dos períodos (29,3% a 68,7%). F3 foi mais produtiva que F1 no romance, revezando e até se equiparando à F2. A grande produtividade de F3 no romance está vinculada possivelmente à tradição desse gênero em narrar fatos de acontecimentos passados, assim como às menções de lugares distantes, cujas retomadas, geralmente, são realizadas com F3.

Destaca-se que a singularidade na forma de narrar assim como a natureza do conteúdo de cada obra também podem influenciar as frequências. As frequências mais elevadas de F3 se deram em XIX-2 (MIS) com 52% e em XX-2 (RCO) com 44%. Sobre esses romances, convém relatar que RCO teve sua narração pautada basicamente em relatos de momentos retrospectivos, que evocaram eventos distantes, cenário auspicioso para o uso de demonstrativo como o F3. Esse fenômeno do uso de F3 se deu também com MIS, composto por descrições longas e riquíssimas em detalhes de eventos remotos e lugares distantes. Observa-se que RCO foi narrado em 1ª pessoa e MIS em 3ª pessoa, o que mostra que o tipo (1ª ou 3ª pessoas) de narração não foi fator de influência nesses resultados, o que é corroborado pelo fato de TN, com 32,7% de frequência, e PC, com 30%, serem narrados respectivamente em 1ª e 3ª pessoas.

Em síntese, observou-se que o sistema de demonstrativos presente no *corpus* da região do Amazonas tende a uma mudança de ternário para binário, com prevalência de F2 em ambos os gêneros textuais e que a produtividade de F3 no gênero romance é maior que no gênero notícia.

Demonstrativos por modalidade nos gêneros textuais

Segundo Bakhtin, os gêneros primários se constituem na comunicação verbal espontânea do cotidiano e se destacam pela informalidade gerada na interação entre os interlocutores⁹. Já a língua escrita, expressa nos romances e nas notícias pelas vozes dos escritores e redatores, é considerada pelo autor como categoria secundária, tendo em vista que surge nas condições da comunicação cultural mais complexa, relativa às ideologias formalizadas e especializadas. O filósofo russo ressalta a necessidade de descobrir e definir a natureza do enunciado por meio dos gêneros primário e secundário, porque somente dessa forma a definição poderia ser adequada à natureza complexa e profunda do enunciado, uma vez que a orientação centrada somente nos gêneros primários resultaria na vulgarização de todo o problema, visto que no processo de formação dos gêneros secundários se encontram diversos gêneros primários que,

⁹ BAKHTIN. *Os gêneros do discurso*.

ao se integrarem aos complexos, transformam-se e adquirem um traço especial. Segundo o filósofo russo, a constituição desses gêneros é bastante complexa, pois, ao se abordar a linguagem, aborda-se simultaneamente a sociedade. Observa ainda que o romance é criado pelo autor como uma obra única e integral, mas a criação se dá a partir de enunciados heterogêneos. Ele cita como exemplos o discurso direto do autor como “cheio de palavras conscientizadas dos outros” e o indireto, sendo apenas uma de suas linguagens possíveis, e não a única possível e incondicional¹⁰.

Marine admite, em seu estudo variacionista de cunho laboviano, a relevância do *corpus* composto por textos da modalidade oral-escrita e reconhece que quando o pesquisador consegue observar variações linguísticas nessa modalidade é porque o fenômeno pesquisado se encontra em uma etapa avançada de variação, visto que pode ser percebido até no domínio do texto escrito¹¹. Diante dessas asserções, apresentam-se as modalidades oral e escrita dos textos que compõem o *corpus* examinando as frequências das formas demonstrativas.

Demonstrativos por modalidades no gênero textual notícia

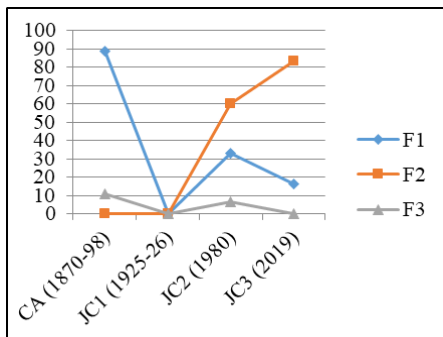
Frequência de demonstrativos na modalidade oral (notícia) por forma

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	8	-	1	9
		88,9%		11,1%	100%
XX	JC1 (1925-26)	-	-	-	-
	JC2 (1980)	5	9	1	15
		33,3%	60%	6,7%	100%
XXI	JC3 (2019)	12	61	-	73
		16,4%	83,6%		100%

Fonte: elaboração própria.

¹⁰ BAKHTIN. *Os gêneros do discurso*, p. 89.

¹¹ MARINE. *Um estudo sócio-discursivo do sistema pronominal dos demonstrativos no português contemporâneo*.

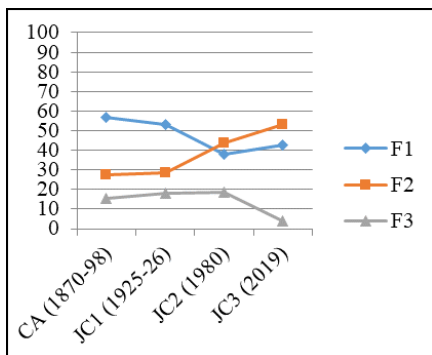


Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral. (notícia) por forma. Fonte: elaboração própria.

Frequência de demonstrativos na modalidade escrita (notícia) por forma

Séc.	Per.	F1	F2	F3	Total
XIX	CA (1870-98)	80	39	22	141
		56,7%	27,7%	15,6%	100%
XX	JC1 (1925-26)	80	43	27	150
	JC2 (1980)	51	59	25	135
XXI	JC3 (2019)	33	41	3	77
		42,9%	53,2%	3,9%	100%

Fonte: elaboração própria.



Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (notícia) por forma. Fonte: elaboração própria.

É evidente em ambas as modalidades da notícia, a ascensão da forma "esse" a partir da 2ª metade do século XX, e que a forma "aquele" é a menos produtiva. Embora nas duas modalidades da notícia ocorra o

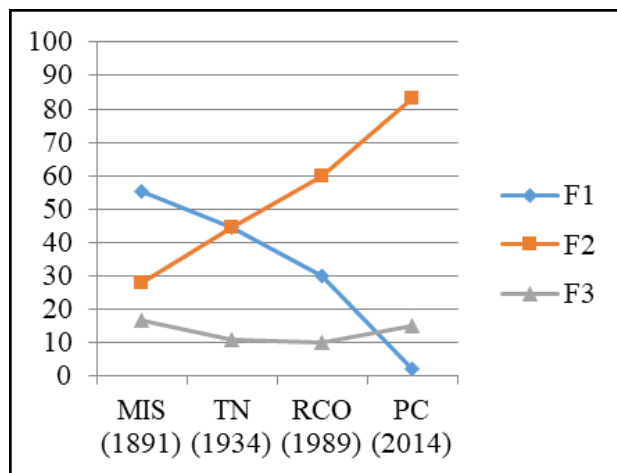
ascenso da forma “esse”, as frequências mais altas se dão na oralidade, confirmando a alta produtividade dessa forma na língua falada.

Demonstrativos por modalidades no gênero textual romance

Frequência de demonstrativos na modalidade oral (romance) por forma

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	10 55,5%	5 27,8%	3 16,7%	18 100%
XX	TN (1934)	33 44,6%	33 44,6%	8 10,8%	74 100%
	RCO (1989)	3 30%	6 60%	1 10%	10 100%
XXI	PC (2014)	2 2%	83 83%	15 15%	100 100%

Fonte: elaboração própria.



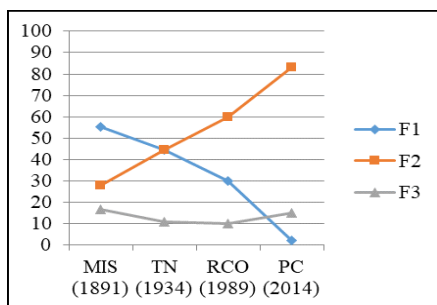
Frequência (%) de demonstrativos na modalidade oral (romance) por forma.

Fonte: elaboração própria.

Frequência de demonstrativos na modalidade escrita (romance) por forma

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	18 13,6%	39 29,6%	75 56,8%	132 100%
XX	TN (1934)	8 10,5%	27 35,5%	41 54%	76 100%
	RCO (1989)	14 10%	61 43,6%	65 46,4%	140 100%
XXI	PC (2014)	-	20 40%	30 60%	50 100%

Fonte: elaboração própria.



Frequência (%) de demonstrativos na modalidade escrita (romance) por forma.

Fonte: elaboração própria.

Na modalidade oral do romance fica bem evidente o ascenso gradual da forma “esse” (27,8% a 83%) por oposição ao descenso gradual da forma “este” (55,5% a 2%). A forma “aquele” se mantém como a menos produtiva com frequências entre 10% e 16,7%. O resultado da modalidade escrita do romance surpreende ao apresentar a forma “aquele” como a mais produtiva ao longo de todos os períodos, com frequências entre 46,4% e 60%, visto essa forma ter apresentado as frequências mais baixas nas duas modalidades da notícia e na oralidade do romance. A forma “este” é a menos produtiva, apresentando descenso de 13,6% a 0%, levando a constatar o pouco uso de F1 na escrita do gênero romance.

Os dados separados por modalidade e por gênero confirmaram que é na modalidade oral em que o aumento de F2 se deu de forma mais intensa.

Oralidade e tradição discursiva

Oralidade e tradição discursiva na notícia

A partir da 2ª met. do século XX, com o advento de novos recursos tecnológicos, a exemplo de gravadores de áudio, as gravações de informações colhidas nos momentos das reportagens e armazenadas para posteriormente serem transcritas, possibilitaram a inserção da modalidade oral na composição da notícia. Essa inovação refletiu no resultado de XX-2 e XXI-1, mostrando (na modalidade oral) F2 em um percurso ascendente, atingindo respectivamente 60% e 83,6% (Frequência de demonstrativos na modalidade oral (notícia) por forma), enquanto F1 nesse período apresentou descenso de 33,3% para 16,4% (Frequência de demonstrativos na modalidade oral (notícia) por forma).

A alta frequência da modalidade oral ocorreu também nas notícias produzidas na região do Rio de Janeiro, o que mostra que esse processo não se deu de forma isolada, corroborando a modalidade oral como uma tradição discursiva do gênero notícia. Esse resultado leva à consideração de que as altas frequências de F2 na modalidade oral da notícia na RA e no RJ, também estão vinculadas à tradição discursiva de inserção do discurso direto na notícia, pois, com o aumento da oralidade na notícia aumentaram também as frequências de F2.

Oralidade e tradição discursiva no romance

No romance, os escritores que optaram pelo mesmo tipo de narração (1ª ou 3ª pessoa) não seguiram a mesma tradição para adoção quantitativa de diálogos em suas composições, e sim, fizeram usos de diferentes métodos de criação literária. Destaca-se que o resultado da modalidade oral nos romances que compuseram o *corpus* está vinculado à escolha pessoal de métodos redacionais com vasto ou estreito uso de diálogo. Esse processo se deu também no trabalho de Ramalho¹², assim como a alta produtividade

¹² RAMALHO. *Sistema de demonstrativos no português brasileiro e no espanhol mexicano sob a perspectiva das tradições discursivas: gêneros notícia e romance.*

de F3 nos romances, reafirmando a influência da tradição de referenciar acontecimentos transcorridos no passado, promovendo situações discursivas que elevam a frequência de F3, principalmente na modalidade escrita.

Em linhas gerais, observou-se a modalidade oral como TD na notícia e no romance, porém, com traços distintos. Tanto na RA quanto no RJ, no gênero notícia, a modalidade oral se fez presente de forma ascendente, enquanto, no gênero romance, essa modalidade ficou condicionada à criatividade e à liberdade literária de cada romancista, na utilização de mais ou menos diálogo.

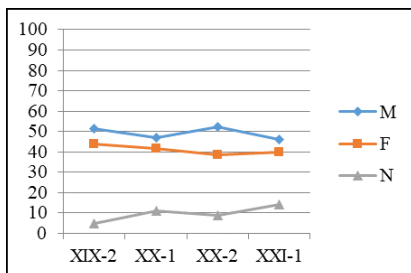
Análise morfológica: gêneros gramaticais

Na análise morfológica (gêneros gramaticais) foram constatadas as médias históricas (com ascenso de F2 e descenso de F1) similares às dos demonstrativos por gênero textual da notícia e do romance, como mostram a tabela e o gráfico a seguir:

Frequência de demonstrativos (notícia e romance) por gênero gramatical na RA

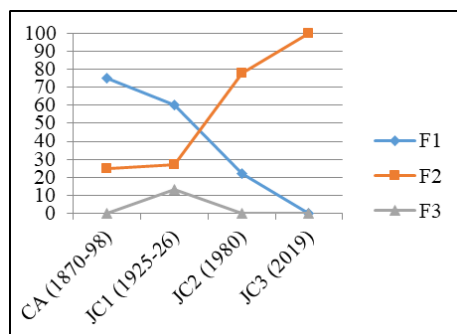
Séc.		M	F	N	Total
XIX	2ª met.	154	132	14	300
		51,3%	44%	4,7%	100%
XX	1ª met.	141	125	34	300
		47%	41,7%	11,3%	100%
XX	2ª met.	157	116	27	300
		52,3%	38,7%	9%	100%
XXI	1ª met.	138	120	42	300
		46%	40%	14%	100%

Fonte: elaboração própria.

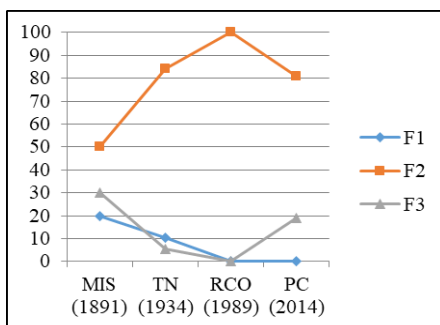


Frequência (%)
de demonstrativos
(notícia e
romance) por
gênero gramatical
na RA.
Fonte: elaboração
própria.

Os dados revelaram linearidade hierárquica das frequências dos três gêneros gramaticais ao longo do tempo, com o masculino (M) por volta de 50%, com frequência pouco mais elevada que o feminino (F), que ficou em torno dos 40% e o neutro (N), com frequências ao redor de 10%. Notou-se, no *corpus*, que no gênero neutro o processo de predomínio de F2 se apresentou mais intenso que nos demais gêneros. Observem a alta produtividade de F2 nesse gênero:



Frequência (%) de demonstrativos no gênero neutro (notícia) por forma na RA.
Fonte: elaboração própria.



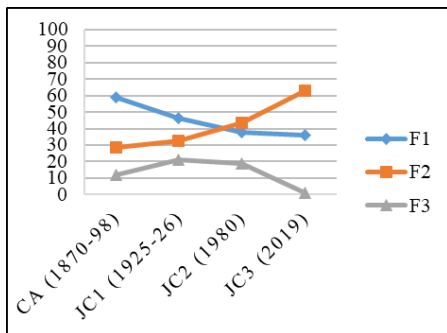
Frequência (%) de demonstrativos no gênero neutro (romance) por forma na RA.
Fonte: elaboração própria.

O resultado dos dados da região do Rio de Janeiro também evidenciou no gênero neutro a grande expansão no uso de F2 por oposição à retração de F1, tanto na notícia quanto no romance, o que leva a perceber a contribuição desse gênero para a mudança de ternário para binário.

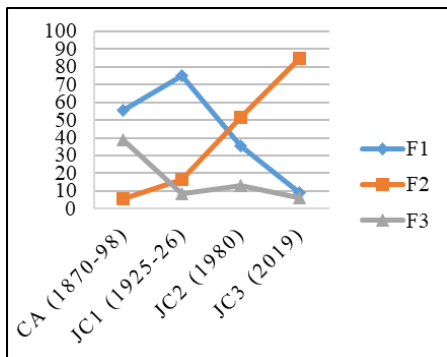
Análise sintática: demonstrativos em posição de margem e núcleo

Adotou-se no trabalho, os termos "margem" para os demonstrativos com função de determinantes e "núcleo" para os demonstrativos com função

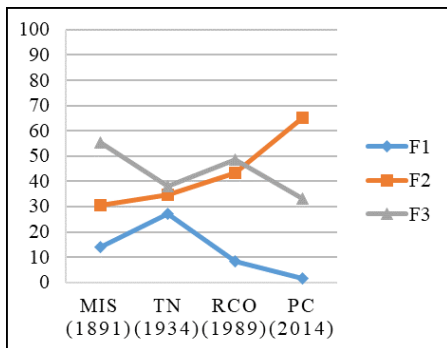
de pronome. Os resultados das análises mostraram a posição “margem” como a mais produtiva, com frequências por volta de 80% e a posição “núcleo” como a menos frequente, com frequências por volta de 15 e 20%. Quanto às formas, tanto na notícia quanto no romance houve também o ascenso da forma “esse” (F2) por oposição ao descenso da forma “este” (F1), como se observa nos gráficos a seguir:



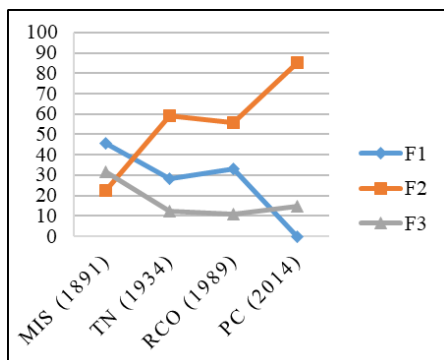
Frequência (%) de demonstrativos (notícia) em posição de margem por forma na RA.
Fonte: elaboração própria.



Frequência (%) de demonstrativos (notícia) em posição de núcleo por forma na RA.
Fonte: elaboração própria.



Frequência (%) de demonstrativos (romance) em posição de margem por forma na RA.
Fonte: elaboração própria.



Frequência (%) de demonstrativos (romance) em posição de núcleo por forma na RA.
Fonte: elaboração própria.

Além de confirmar o resultado da expansão da forma “esse” nas duas posições, a separação das formas em posição “margem” e “núcleo” no romance evidenciou que a grande produtividade da forma “aquele” (F3) no romance, observada essencialmente na escrita desse gênero textual, deu-se na posição de margem.

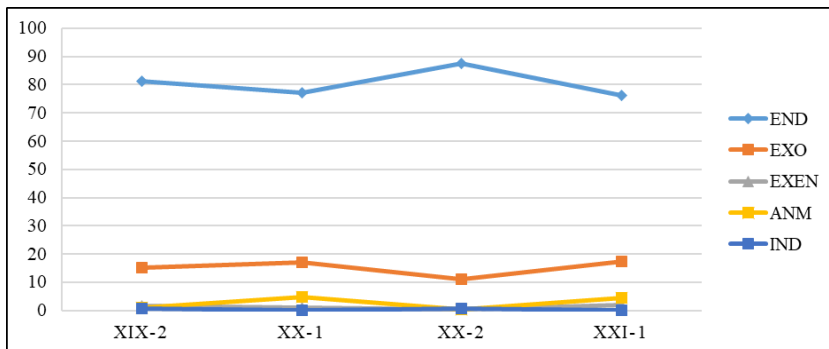
Análise semântico-discursiva: valores referenciais

Os valores semântico-discursivos dos demonstrativos estão ligados ao processo de referência. As análises se pautaram nas categorias de valores referenciais endófora (END), exófora (EXO), exo-endófora (EXEN), anamnética (ANM) e indeterminadora (IND), como mostram os aspectos quantitativos representados na tabela e no gráfico a seguir:

Frequência de demonstrativos (notícia e romance) por valor referencial na RA

Séc.		END	EXO	EXEN	ANM	IND	Total
XIX	2ª met.	242	46	7	3	2	300
		80,7%	15,3%	2,3%	1%	0,7%	100%
XX	1ª met.	233	51	2	14	–	300
		77,7%	17%	0,7%	4,6%		100%
	2ª met.	263	33	1	1	2	300
		87,7%	11%	0,3%	0,3%	0,7%	100%
XXI	1ª met.	229	52	6	13	–	300
		76,3%	17,3%	2%	4,4%		100%

Fonte: elaboração própria.



Frequência (%)
de demonstrativos
(notícia e
romance) por valor
referencial na RA.

Fonte: elaboração
própria.

Toda língua possui certos itens com a propriedade de fazer referência, ou seja, em vez de esses elementos serem interpretados literalmente, fazem referência a outra coisa para sua interpretação. A seguir, apresentam-se funções semântico-discursivas por meio de referências articuladas a partir das propostas de Halliday e Hassan¹³, Cambraia¹⁴ e Ramalho¹⁵, presentes nos textos do *corpus*. Observa-se que nos exemplos retirados de notícias, os nomes das pessoas envolvidas nelas foram abreviados propositalmente, preservando suas identidades.

I) Exófora: função em que o referente se apresenta na situação da enunciação. Possui as subcategorias espacial (o referente é o local onde o discurso é proferido), temporal (o referente é um momento proferido no discurso) e metatextual (o referente é o próprio discurso em andamento). Observe um exemplo de cada subcategoria:

1. No dia 9 do corrente mez, n'uma das margens do Rio-Negro, limites da freguezia de Moura, acabão os indios Jauaperys de assaltar uma canôa do venezuelano A. L. que ha pouco seguio *desta capital* para a republica de Venezuela, ferindo-lhe gravemente quatro tripolantes e roubando-lhe mais de cinco contos de reis

¹³ HALLIDAY; HASAN. *Cohesion in English*.

¹⁴ CAMBRAIA. *Assimetrias românicas: Sistemas de Demonstrativos (português brasileiro × espanhol mexicano)* [Fase I].

¹⁵ RAMALHO. *Sistema de demonstrativos no português brasileiro e no espanhol mexicano sob a perspectiva das tradições discursivas: gêneros notícia e romance*.

de mercadorias, de que hia carregada a mesma canôa. (CA, 23 dez. 1870, p. 1) [Exófora espacial com proximidade ao locutor]

2. De Manaus, segundo informações chegadas na conhecida "Princesa do Solimões", advogados, promotores, juizes e serventuários de Justiça presencião o grande júri *este ano*. (JC2, 8 fev. 1980, cad. 2, p. 1) [Exófora temporal com proximidade referindo ao presente]
3. Graças à fotografia publicada por *este Jornal* na edição de ontem, a menina D. G., de 8 anos, que estava desaparecida desde o dia anterior, já foi encontrada e levada de volta para a casa de sua mãe. (JC2, 9 fev. 1980, cad. 2, p. 1) [Exófora metatextual]

II) Endófora: função em que o referente está presente no contexto linguístico. Possui as subcategorias anáfora (o referente é um elemento anterior ao demonstrativo), catáfora (o referente é um elemento posterior ao demonstrativo)¹⁶ ou ana-catáfora (o referente está presente tanto antes quanto após o demonstrativo). A referência endofórica poderá ser não proposicional, quando o referente for um sintagma nominal, ou proposicional, caso o referente seja composto por uma ou mais orações. A referência endofórica catafórica, foi classificada como não estrutural e estrutural. Segundo Halliday e Hasan, quando a informação que permite reconhecer o referente estiver fora da expressão demonstrativa tem-se catáfora não estrutural¹⁷. No entanto, quando a informação que permite reconhecer o referente estiver dentro da expressão demonstrativa tem-se catáfora estrutural. Observe um exemplo de cada subcategoria (referentes destacados com *itálico*):

4. Mas a terra caída, levava-a, deixando-o na miséria, inesperadamente. Um estrondo como o da pororóca, e, de repente tudo a ruir e descer "o rio", *esse engenheiro eterno que leva a mudar os rumos quando lhe apraz*. (TN, p. 128) [Endófora anafórica com antecedente não proposicional no discurso do locutor]
5. Fôra bem reles a existencia até *aquella data* – "a data da carta" – digna de ser marcada com uma pedra branca, como se marcam os dias felizes da vida, segundo ouvira ao professor Annibal ao jantar de casamento do infeliz Joaquim Feliciano. (MIS, p. 51) [Endófora catafórica não estrutural não proposicional no discurso do locutor]
6. Não sabemos quae as providencias que foram dadas na ocasião para salvar-se este official; o que não resta duvida é que "o infeliz M. V. S. morreu" e que o companheiro salvou-se por um milagre. Factos *desta ordem*, "em que operarios perdem a vida", devem calar no espírito das pessoas que emprehem obras

¹⁶ No caso de catáforas, o referente sempre está no discurso do locutor.

¹⁷ HALLIDAY; HASAN. *Cohesion in English*, p. 68-69.

sem saber o que estão fazendo, que todas as cautellas são poucas, e lembrar-em-se que por falta de cuidado, de intelligencia e de conhecimentos práticos, involuntariamente são a causa da morte de um seu semelhante. (CA, 4 jun. 1874, p. 3) [Endófora ana-catafórica com anáfora com antecedente proposicional no discurso do locutor e catáfora estrutural proposicional]

III) Exo-endófora: função em que há acumulação de exófora e endófora, ou seja, o referente está, ao mesmo tempo, no contexto linguístico e na situação de enunciação, como no exemplo:

7. A alfandega de *Manãos* remetteu o delegado fiscal o processo em que a dita alfandega recorre da decisão proferida, julgando nullo o acto de infracção e apprehensão mandado lavrar pelo delegado auxiliar de policia, *desta capital*, contra o commerciante J. S. A. e a advogado C. M. F., resolvendo a Delegacia negar provimento ao recurso ex-officio, para manter a decisão recorrida. (JC1, 23 jan. 1926, p. 2) [Exo-endófora com exófora espacial com proximidade do locutor e anáfora com antecedente não proposicional no discurso do locutor]

IV) Anamnética: função em que o referente é inferido por meio de conhecimento que se pressupõe ser compartilhado (essa categoria é nomeada por Himmelmann¹⁸ como anamnésica ou uso de reconhecimento e por Marine¹⁹ como dêixis de memória). Observe um exemplo dessa função:

8. — Não tenha mais dúvidas; o que ela tem é gravidez...
Foi um deus-nos-acuda no barracão. A mãe aflita, nervosa, perdeu os sentidos. Minervina ao vê-la assim, arrependeu-se de lhe ter dado a nova, sem lhe preparar o espírito. Assim sofria menos.
Nadesca dáva-lhe a cheirar "Água Florida" a dona Rosa, desfalecida preparando-se para a defeza. Voltando a si do acesso, perguntou-lhe.
— Quem foi esse *malvado*, minha filha? (TN, p. 152)

V) Indeterminadora: função em que o referente é um ente genérico, não sendo identificado no texto, no ambiente de produção discursiva e nem em algum conhecimento compartilhado, como no exemplo que se segue:

9. Nessa época nosso avô não tinha ímpeto para contestar *esse* ou *aquêle*, e muito menos para repreender os dois filhos que outrora ele insultara de javardos, ameaçando-os com um cinturão. (RCO, p. 19)

¹⁸ HIMMELMANN. Demonstrative in Narrative Discourse: a Taxonomy of Universal Uses.

¹⁹ MARINE. *Um estudo sócio-discursivo do sistema pronominal dos demonstrativos no português contemporâneo*.

A composição do *corpus* com os gêneros notícia e romance se mostrou eficiente para o estudo semântico-discursivo proposto, pois permitiu a observação de todos os valores referenciais estipulados na metodologia, exibindo as diversificadas funções que os demonstrativos exercem. Ao comparar a referência exofórica com a endofórica ao longo do tempo, observou-se que a exófora, no gênero notícia, apresentou mais resistência à implementação do predomínio de F2 que no gênero romance, provavelmente por ser um contexto de maior formalidade.

Considerações finais

As hipóteses avaliadas no decorrer do trabalho completo confirmaram que a maior mudança estrutural ocorreu no gênero notícia, pois com o advento de novos recursos tecnológicos, a exemplo de gravadores de áudio, as gravações de informações colhidas nos momentos das reportagens e armazenadas para posteriormente serem transcritas, possibilitaram a inserção da modalidade oral na composição da notícia. O aumento da modalidade oral nesse gênero, coincidiu com o aumento do uso do demonstrativo “esse” na notícia. Confirmaram ainda que no português da região do Amazonas, o sistema de demonstrativos está passando por uma reorganização, com a implementação do binarismo em oposição a um sistema ternário, pois se constatou, em ambos os gêneros textuais, aumento bem delineado da forma “esse” por oposição à queda da forma “este”. O estudo mostrou também que o processo de implementação do binarismo se deu primeiro na região do Rio de Janeiro e depois na região do Amazonas, uma vez que se evidenciou que o processo de predomínio do demonstrativo “esse” se apresentou no *corpus* da região do Amazonas na 2ª met. do século XX e no *corpus* do Rio de Janeiro na 1ª met. do século XX.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros discursivos*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Assimetrias românicas: sistemas de demonstrativos (português brasileiro × espanhol mexicano: da Europa renascentista à América contemporânea)* [Fase I]. Belo Horizonte, 2012. (Relatório final de pesquisa de Pós-Doutorado).

- GALVÃO, Francisco Xavier. *Terra de ninguém: romance social do amazonas*. Rio de Janeiro: Adersen-editores, 1934.
- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: an Introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- HALLIDAY, Michael; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. Londres: Longman Group Limited London, 2004.
- HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HIMMELMANN, Nikolaus. Demonstrative in Narrative Discourse: a Taxonomy of Universal Uses. In: FOX, Barbara A. (Ed.). *Studies in Anaphora*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996.
- KABATEK, Johannes. Tradição discursiva e gênero. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Silvana; CARNEIRO, Zenaide; ALMEIDA, Ariadne; SOLEDADE, Juliana (Ed.). *Rosae: Linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 579-588.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARINE, Talita. *Um estudo sócio-discursivo do sistema pronominal dos demonstrativos no português contemporâneo*. 2009. 220 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica_lingua_portuguesa/1678.pdf. Acesso em: 11 nov. 2019.
- MATA, Jackson da. *A próxima cartada*. São Paulo: Giostri, 2014.
- RAMALHO, Victor Hugo. *Sistema de demonstrativos no português brasileiro e no espanhol mexicano sob a perspectiva das tradições discursivas: gêneros notícia e romance*. 2016. 260 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- SOUZA, Herculano Marcos Inglês. *O missionário*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia, 1899.

A toponímia rural na Serra do Caparaó

Jacqueline Helen de Lima

Introdução

Este capítulo é um recorte da dissertação *A toponímia rural no contexto cafeicultor da Serra do Caparaó*, defendida por Jacqueline Helen de Lima, em 2021, no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. A linha investigativa desse trabalho está inserida nos objetivos relacionados ao ATEMIG (Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais) e ao Grupo Mineiro de Estudos do Léxico¹. O ATEMIG, mais especificamente, caracteriza-se como um estudo dos nomes de lugares presentes nos 853 municípios de Minas Gerais e segue o modelo conhecido como “método das áreas” (dialetológico), o qual foi proposto por outro estudioso, Dauzat², baseando-se, ainda, nas categorias taxionômicas de Dick³. Este projeto é coordenado pela profa. dra. Maria Cândida Costa de Seabra, com sede na Faculdade de Letras da UFMG.

Compreender a toponímia é compreender os aspectos socioculturais e históricos de uma determinada região, ocorrências linguísticas que revelam crenças, ideologias de um povo específico, e verificar a extinção ou permanência de um nome em uma comunidade, por meio dos estudos toponímicos.

¹ GruMEL/UFMG/CNPq.

² DAUZAT. *Les noms de lieux*.

³ DICK. *Toponímia e antroponímia no Brasil*: coletânea de estudos.

Os nomes de lugares estudados neste trabalho pertencem à região mineira da cidade de Caparaó, de Alto Caparaó e de Espera Feliz. A cidade de Caparaó está localizada no leste de Minas Gerais e possui como principal fonte de renda de seus habitantes o cultivo das lavouras de café, incluindo as demais cidades acima citadas. O contexto rural é muito presente no cotidiano dos moradores dessa região.

Neste trabalho, a investigação toponímica se direcionou pela relação entre a língua e os aspectos históricos e socioculturais de um povo. Dick aponta que o "nome de lugar exerce o papel de uma verdadeira crônica"⁴. Entende-se então, que pela análise e pela observação de uma região, é possível encontrar fatos e experiências que vão além do ato de nomear, como, por exemplo, questões políticas, sociais, econômicas, históricas e geográficas. Assim sendo, o estudo do léxico toponímico leva o pesquisador a uma vasta leitura do seu objeto de estudo.

Por ser uma pesquisa abrangente, diversos estudiosos, de diversas áreas se aproximam, já que esse tipo de investigação proporciona diversas possibilidades para os pesquisadores, não só do campo linguístico, mas também das áreas da Geografia, Antropologia, Sociologia e História.

Por esta característica, pode-se afirmar que a toponímia é uma área de conhecimento interdisciplinar. As questões motivacionais na nomeação impulsionam novos estudos que geram muitas descobertas. Mesmo que escrever sobre os aspectos socioculturais e linguísticos de uma região seja instigante, não é, entretanto, uma tarefa fácil. Tal dificuldade se deve à existência de informações que se entrelaçam de forma complexa e que demandam bastante cuidado na interpretação e na descrição por parte do investigador.

A escolha da porção do território mineiro para ser pesquisada, está no aspecto histórico e econômico: a Serra do Caparaó foi uma das últimas regiões mineiras a serem ocupadas no processo de desbravamento do Brasil. Com o fim da exploração e do comércio de ouro em Minas Gerais, a serra se tornou atraente para uma nova atividade econômica: o cultivo e a comercialização dos grãos de café. O clima frio, a elevada altitude e a fertilidade do solo foram alguns dos fatores que

⁴ DICK. *Toponímia e antroponímia no Brasil*: coletânea de estudos, p. 22.

motivaram muitas pessoas a se aventurarem nessa atividade agrícola. O processo de povoamento se deu no momento que antecedeu o término da escravidão no Brasil e culminou na chegada de imigrantes europeus a essa região em questão. Pela sua especificidade de ocupação e pelas suas características geográficas, a serra mostra-se única e importante para um estudo toponímico.

Como o objeto de estudo deste trabalho é a Serra do Caparaó, é imprescindível que seja feita a descrição dos seus aspectos geográficos, históricos e econômicos. É de suma importância também investigar como a ocupação intencionada pelo cultivo do café nesta região influenciou a paisagem econômica e social, moldando os costumes, a religiosidade e o modo de vida da população.

Situada em região montanhosa no Sudeste do Brasil, entre os estados do Espírito Santo e Minas Gerais, a Serra do Caparaó é um enorme maciço montanhoso, com fortes aclives que se eleva a quase três mil metros de altitude. Nela destaca-se o Pico da Bandeira, com 2891,32 metros de altura, terceiro ponto mais alto do país. As terras do entorno da serra têm como característica o bioma de Mata Atlântica e o clima tropical de altitude, com várias nascentes de rios, como o Itabapoana. No entorno da Serra do Caparaó há duas estações climáticas, definidas como verão chuvoso e inverno seco, mas uma característica que chama a atenção é a temperatura amena durante todo o ano, com médias entre 19 e 22 graus.

Os municípios de Alto Caparaó, Caparaó e Espera Feliz compreendem áreas limítrofes com o Parque Nacional do Caparaó, que leva o nome da serra. Alto Caparaó e Caparaó foram distritos de Espera Feliz antes de serem emancipados. É importante mencionar que a altitude se eleva ao longo do caminho de Espera Feliz até Alto Caparaó, localidade em que atinge um dos pontos mais altos do estado de Minas Gerais. A altitude elevada favorece o cultivo de cafés especiais, e as belezas naturais propiciam o turismo de montanha, com trilhas, cachoeiras e áreas de camping.

Alguns grupos indígenas ocupavam a Serra do Caparaó em tempos mais antigos (botocudos, puris, tapuias e tupis), pois era considerada a "Terra Sagrada dos Guaranis", que saíam da Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, e peregrinavam rumo ao Pico da Bandeira, para cultuar suas divindades. Existem alguns poucos resquícios de presença indígena em

um lugar conhecido pelos moradores de Caparaó como “Fogão dos Puris”. Este ponto é uma laje natural de pedra usada para preparar alimentos conseguidos na caça de animais da fauna local, no alto da serra, nas proximidades do Pico da Bandeira⁵. Não há outros resquícios na paisagem física da presença dos puris nessa região. Tal escassez dificulta os estudos da passagem desse grupo pela Serra do Caparaó.

Barbosa afirma que os povos indígenas habitaram as regiões mais baixas da serra, já que nas partes mais altas, o frio era intenso.⁶ Mercadante afirma que os puris, até meados do século XIX, viviam de modo bastante rudimentar e aponta que há uma corrente de estudiosos que associa a origem dos puris dessa região aos Coroados e aos Goitacazes⁷. Os indígenas foram desaparecendo da região, deixando poucas pistas de sua cultura. Alguns topônimos da região podem revelar a presença dos indígenas, conforme relata Barbosa, citando o Córrego Jacutinga, situado no município de Manhumirim: “Jacutinga é o nome indígena para uma galinha selvagem que existia em grande quantidade naquela área”⁸. A presença dos indígenas está marcada, também, nos nomes dos municípios “Caparaó” e “Alto Caparaó”, que muitos moradores acreditam significar, na língua tupi, “*águas que descem da serra*”⁹.

A região do Caparaó se tornou uma Zona Proibida por meio do alvará de 1733, que proibia a abertura de caminhos nas matas de Minas Gerais e do Espírito Santo, bem como o estabelecimento de propriedades agrícolas. A proibição atingia uma extensa área, que ia de Vila Rica até a costa brasileira. Reiterou-se, ainda, a proibição da navegação pelo Rio Doce. Este alvará atendia às demandas da Coroa Portuguesa de que o ouro oriundo da região extrativista deixasse de passar pelo sistema alfandegário. A Coroa temia que se a riqueza seguisse por caminhos difíceis, o controle seria quase impossível. Ao se tornar Zona Restritiva, essa área

⁵ GRIMALDE. *Homens que fizeram Caparaó*.

⁶ BARBOSA. *Meeiros de café: gente e ocupação da Zona Proibida do Caparaó*.

⁷ MERCADANTE. *Os Sertões do Leste: estudo de uma Região, a Mata Mineira*.

⁸ BARBOSA. *Meeiros de café: gente e ocupação da Zona Proibida do Caparaó*, p. 404.

⁹ QUEIROZ. *A invenção da Locomotiva a Vapor no século XVIII e a História da Leopoldina em Caparaó*, grifos da autora.

limitaria, ainda, o acesso de holandeses e de franceses pelo porto de Vitória, no Espírito Santo¹⁰.

Essas terras chamadas Áreas Proibidas ou Zonas Proibidas passaram a ser ocupadas, de fato, quando a mineração entrou em decadência, no final do século XVIII e início do XIX¹¹. De forma diferente do início da ocupação do território brasileiro pelos portugueses, que se deu da costa em direção ao centro do país, a região da Serra do Caparaó foi ocupada do centro em direção à costa.

Isso se explica pelo abandono do trabalho na mineração e pela procura de novas fontes de trabalho e de riqueza em localidades próximas; a atenção, assim, recaiu sobre o plantio de culturas diversas, e, na região em tela, especialmente o café. A cafeicultura motivou a ocupação da região do Caparaó. Até os dias atuais, essa é a principal atividade econômica ali desenvolvida. Pela importância do cultivo do café, acredita-se que ele seja fonte da motivação do ato de denominar lugares, especialmente os acidentes localizados nas áreas rurais, uma vez que os nomes traduzem os aspectos culturais das pessoas que desbravaram aquelas terras.

Com a decadência da produção cafeeira no Vale do Paraíba, a região de Cantagalo (onde já havia alguns colonos – suíços e alemães) torna-se o polo distribuidor do café para o interior fluminense e para a Zona da Mata em Minas Gerais. Na Serra do Caparaó, o clima é ameno e, naquela época, as terras eram virgens e cobertas por matas: um cenário apropriado para a cafeicultura. Ao contrário do Vale do Paraíba, a Serra do Caparaó possui montanhas elevadas, de oitocentos a 1.200 metros, o que permitiu o cultivo do café na altitude correta para a qualidade do fruto.

Além da topografia, o modelo das fazendas produtoras de café também variava nas duas regiões. No Vale do Paraíba, havia fazendas grandes nas quais trabalhavam escravos e alguns homens livres que já não conseguiam mais sustento após o declínio da mineração. Surgiu,

¹⁰ BARBOSA. *Meeiros de café*: gente e ocupação da Zona Proibida do Caparaó.

¹¹ BARBOSA. *Meeiros de café*: gente e ocupação da Zona Proibida do Caparaó.

então, uma nova classe social entre os brasileiros: o baronato do café, composto por senhores de terras.

Celso Furtado considera que o produtor de café foi uma espécie de empresário, pois além do cultivo da planta, especializou-se em comprar terras, melhorar a tecnologia da produção, transportar grãos e procurar meios de financiamento e de custeio da lavoura. Segundo o autor, os produtores de café compreenderam a importância do governo como um instrumento na ação econômica¹². Da região do Vale do Paraíba fluminense, o cultivo do café se expandiu para Minas Gerais, rumo às cabeceiras do Rio Doce, cercando a Serra do Caparaó por Muriaé, Carangola, Manhumirim e Manhuaçu, chegando aos municípios que estão aos pés da Serra do Caparaó.

A lavoura cafeeira preencheu um vazio existente no povoamento entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais e aproximou os dois estados¹³. Por volta de 1900, o cultivo do café competiu com o processo de extração de mica e de feldspato. Contudo, a mineração durou poucas décadas e declinou com a queda da demanda por mica e por outros produtos no período que sucedeu a Segunda Guerra Mundial.

Hoje, o café da Serra do Caparaó tem destaque em Minas Gerais, no Brasil e em diversos países europeus que importam grande quantidade de grãos, como a Alemanha.

Embasamento teórico

Para Dick, os topônimos além de nomearem um lugar, também testemunham os fatos históricos de uma comunidade, ao registrar os acontecimentos¹⁴. Por essa razão, este estudo levou em conta a evolução e a história das nomeações de lugares, bem como a compreensão da ligação que têm com o povo que ocupou aquele lugar, ou seja, a ligação entre a cultura e as crenças de seres humanos com as suas escolhas feitas no ato de nomear.

Segundo Saussure, a língua "é parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la;

¹² FURTADO. *Formação econômica do Brasil*.

¹³ MERCADANTE. *Os Sertões do Leste: estudo de uma Região, a Mata Mineira*.

¹⁴ DICK. *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxenômicos*.

ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade”¹⁵, considerando que o cumprimento das regras desse contrato ocorre na comunicação. Diante disso, a língua, além de meio de comunicação, é também um indicador de como o membro de uma comunidade cria sua visão de mundo, uma vez que é por meio dela que a realidade é compreendida, estruturada e representada.

O linguista Sapir postula que “a língua é, antes de tudo, um produto cultural, ou social, e assim deve ser entendida”, ou seja, é constituída como uma espécie de comportamento humano mais socializado estritamente do que qualquer outro¹⁶. A língua, enquanto complexo sistema simbólico, é refletida tanto pelo quadro físico quanto pelo social em que se situa um grupo humano, sendo que o primeiro quadro engloba os aspectos geográficos, os recursos do solo, o clima, além da fauna e da flora de um determinado lugar, e o segundo é composto pelas forças da sociedade que permeiam a vida e o pensamento de cada indivíduo, como, por exemplo, a política, a religião e a arte. Sapir assevera que o quadro físico está subordinado à força do quadro social: “a rigor, é claro, porém, que o ambiente físico só se reflete na língua na medida em que atuaram sobre ele as forças sociais”, ou seja, o meio social exerce forte influência do sistema linguístico e sua estruturação¹⁷.

Nesta mesma linha, Labov acredita também que o enfoque dos estudos linguísticos deve levar em conta as implicações sociais, pois, além de meio de comunicação, a língua é um meio para se estabelecer relações com as pessoas¹⁸. Para o linguista, a língua, enquanto sistema, acompanha o desenvolvimento da sociedade e reflete o comportamento dos indivíduos, e ainda mais: as línguas são socialmente condicionadas, ou seja, sofrem pressões sociais¹⁹.

Para exemplificar uma influência exercida pela sociedade, pode-se tomar como exemplo o fenômeno dos tabus, que relacionam comportamentos como proibidos ou impróprios em uma comunidade. Um

¹⁵ SAUSSURE. *Curso de linguística geral*, p. 22.

¹⁶ SAPIR. *Linguística como ciência*, p. 26.

¹⁷ SAPIR. *Linguística como ciência*, p. 45.

¹⁸ LABOV. *Sociolinguistic Patterns*.

¹⁹ MONTEIRO. *Para compreender Labov*.

comportamento considerado tabu será caracterizado por uma palavra, que carregará consigo este peso e, assim sendo, não será pronunciada por muitos dos membros dessa sociedade. Por outro lado, revelando o comportamento humano por meio da língua, alguns membros específicos dessa hipotética comunidade podem utilizar as palavras que nomeiam um tabu de forma subversiva. Para Labov, a característica mais relevante do condicionamento social das línguas refere-se aos fenômenos de variação e mudança linguística.

Biderman considera a língua como um universo de abstrações, uma realidade imaterial, visto que a linguagem manifesta-se na escrita e na fala, sendo por meio da língua acessada a linguagem, diferenciando-se do pensamento, mesmo que ambos sejam atividades mentais²⁰. Portanto, é seguro afirmar que a linguagem é uma parte inerente da cognição humana, e a língua é uma espécie de contrato social no qual o indivíduo pode relacionar-se com o mundo ao seu redor. Postula a autora que, “movido por estímulos exteriores e interiores, o indivíduo é levado a comunicar-se, utilizando o instrumento coletivo de comunicação e expressão: a língua”²¹.

Nesse sentido, a língua é um patrimônio social e existe concomitantemente aos seres humanos, sofrendo influência de fatores que fazem parte da herança social, como, por exemplo, a estrutura da sociedade e a cultura. Sua função será sempre comunicativa, devendo ser analisada dentro de um contexto social²².

Ainda de acordo com Biderman, por ser a língua um fenômeno social, o falante terá sua liberdade por sua vez no uso da linguagem circunscrita, pois:

sendo a língua uma instituição herdada, o indivíduo não cria o sistema convencional de comunicação que recebeu por herança e adotou desde a infância, inconscientemente. [...] O ato da comunicação falada ou escrita tem, pois, essas duas faces paradoxais: as coerções impostas pelo sistema linguístico e a liberdade relativa que tem o sujeito de servir-se dos elementos constitutivos da língua. Em

²⁰ BIDERMAN. O léxico, p. 32.

²¹ BIDERMAN. *Teoria linguística*: teoria lexical e linguística computacional, p. 32.

²² FREITAS. *Café com quebra torto*: um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó/MG.

alguns níveis do sistema linguístico a liberdade poderá exercer-se um pouco mais (domínio sintático e léxico)²³.

Estudar mais especificamente a língua de um povo fornece informações sobre a cultura, história e as crenças vigentes em determinado meio social. Biderman afirma que a língua situa-se no eixo temporal e, por essa razão, desenvolve e sofre alterações ao longo dos séculos; assim sendo, olhar para as mudanças nela verificadas é também olhar para as transformações ocorridas na sociedade, já que a língua é o reflexo do comportamento de seus falantes. A autora destaca que o conceito de língua não se baseia apenas em critérios linguísticos, mas também comporta elementos ecléticos, como a coordenada política tradição cultural e: "Eis porque a língua é continuidade, é história"²⁴.

A antropologia linguística

Os estudos de antropologia linguística levam em consideração que a fala é a prática de uma cultura e a linguagem é um recurso cultural. As análises etnolinguistas encontram inspirações intelectuais em diversas linhas filosóficas das ciências sociais e humanas. Todas essas áreas do conhecimento têm um ponto comum: consideram a linguagem como uma ferramenta poderosa que reflete as realidades sociais, e as práticas comunicativas como algo constitutivo da cultura. O linguista Duranti afirma que a antropologia linguística é uma disciplina com sua própria entidade, que merece ser estudada por suas perspectivas de trabalhos futuros de investigadores interdisciplinares e por suas conquistas passadas. Segundo o autor, as contribuições dessa ciência diante da fala como prática cultural natureza e da linguagem como instrumento social, imprime conceitos novos às ciências humanas e sociais, levantando reflexões sobre a relação entre cultura e linguagem²⁵.

Para Duranti, olhar para a antropologia linguística como um campo interdisciplinar implica em considerar que ela afasta-se consideravelmente das disciplinas que tem credenciais de independência, especialmente as que compõem sua origem: a Linguística e a Antropologia. O termo

²³ BIDERMAN. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*, p. 10-11.

²⁴ BIDERMAN. *O léxico*, p. 28.

²⁵ DURANTI. *Antropologia linguística*.

antropologia linguística e sua variante linguística antropológica foram utilizados em estudos passados de maneira permutável²⁶.

Os estudos toponímicos no Brasil

Os estudos toponímicos foram desenvolvidos em diversos países. Destacam-se os nomes de Leite de Vasconcelos (em Portugal) e Albert Dauzat (na França). No Brasil, as pesquisas nessa área, segundo Santos e Dal Corno, começaram por volta do ano de 1965, com a obra *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasília*, estudo desenvolvido por Carlos Drummond e consolidaram-se por meio do aporte teórico criado na década de 1980 e 1990 por Maria Vicentina do Amaral Dick, na Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP)²⁷.

Essa pesquisadora constitui-se como uma referência indispensável para os estudiosos dos nomes de lugares por se dedicar em particular ao estudo do sistema toponímico brasileiro e sua realidade. Suas principais obras são *A motivação toponímica e a realidade brasileira* e *Toponímia e antroponímia no Brasil*, ambas publicadas em 1990; *O sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência*, de 1998 e *Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira*, publicada no ano de 2004.

Pode-se concluir que os estudos de Dick abriram caminhos para pesquisas diferentes desenvolvidas a partir de então, sendo uma das mais profícuas o estudo nomeado Atlas Toponímico do Brasil, também conhecido como ATB, iniciado pela própria pesquisadora, que se desdobrou em outros atlas pelo país, os quais pesquisavam as variantes regionais presentes pelo território nacional e ainda hoje rendem inúmeras pesquisas, como por exemplo, o ATEMS (Atlas Toponímico do Mato Grosso do Sul), o ATITO (Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins), o ATOBAH (Atlas Toponímico da Bahia) e o ATEMIG (Atlas Toponímico de Minas Gerais), coordenado pela profa. dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, pesquisadora ao qual o presente estudo se vincula, como também

²⁶ DURANTI. *Antropologia linguística*, p. 20.

²⁷ SANTOS; DAL CORNO. A toponímia da fronteira oeste do Rio Grande do Sul: aspectos linguístico-culturais.

ao Grupo Mineiro de Estudos do Léxico²⁸ e também o ATEPAR, Atlas Toponímico do Estado do Paraná.

Metodologia

A Serra do Caparaó foi uma das últimas regiões a serem povoadas em Minas Gerais. Apesar de ser uma área de recente ocupação, se comparada a outras partes do território mineiro, as informações toponímicas nela coletadas são ricas e mostram a presença humana por meio de marcas culturais e linguísticas. Tais marcas podem ser analisadas nos nomes de ribeirões, rios, córregos, morros, sítios, fazendas e comunidades rurais nas cidades que têm como importante atividade econômica as lavouras de café.

Baseando-se em Dick, que afirma que os topônimos não são apenas nomeadores de lugar, mas testemunhos de fatos históricos vivenciados por um povo, já que perpetuam memórias, neste estudo levou-se em consideração a história dos nomes de lugares, bem como o entendimento da relação que eles têm com os habitantes que outrora ocuparam aquele lugar, observando as escolhas feitas no ato de nomear²⁹.

Para isso, cumpriram-se as seguintes etapas metodológicas:

- I. Levantamento e análise de material bibliográfico para compor o arcabouço teórico;
- II. Levantamento e consulta de obras para entendimento dos aspectos históricos e geográficos da região;
- III. Consulta e estudo de cartas geográficas para o levantamento de dados e a composição do *corpus* toponímico;
- IV. Elaboração de listagem, por ordem alfabética, dos topônimos encontrados em cada cidade;
- V. Elaboração de fichas toponímicas³⁰.

Sobre fichas toponímicas, Seabra diz que: "pode ser descrita como um conjunto estruturado de informações sobre um topônimo,

²⁸ GruMEL/UFMG/CNPq.

²⁹ DICK. *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos*.

³⁰ LIMA. *A toponímia rural no contexto cafeicultor da Serra do Caparaó*.

objetivando explicitá-lo e classificá-lo”³¹. Nesta pesquisa, utilizou-se a ficha toponímica em modelo de ficha resumida, inspirado em Mendes, em seu trabalho sobre a hidronímia da região do Rio das Velhas³².

Modelo de ficha toponímica adotado na pesquisa

Nº	Acidente	Tipo de acidente	Topônimo	Origem	Taxonomia	Natureza do topônimo
----	----------	------------------	----------	--------	-----------	----------------------

Fonte: Adaptado de MENDES. *A hidronímia da região do Rio das Velhas*: de Ouro Preto ao Sumidouro, p. 80.

A ficha foi composta como quadro, com sete colunas. As informações nele contidas seguem os pressupostos metodológicos de Dick³³, com adaptações de Seabra³⁴, que propõe os seguintes campos:

- I. Número: destina-se à quantificação de topônimos. Além de numerar, oferece praticidade para realização do somatório final;
- II. Acidente: ao acidente se faz a nomeação. O acidente ou o termo genérico recebe o nome próprio, isto é, o topônimo;
- III. Tipo de acidente: o acidente físico (A/F) está relacionado à diversidade e à constituição geográfica de uma região (montanha, rio etc.) e o acidente humano (A/H) relaciona-se aos lugares habitados pelo ser humano, bem como aos lugares construídos por ele (fazenda, cidade etc.);
- IV. Topônimo: corresponde ao nome próprio de lugar retirado das cartas geográficas selecionadas;
- V. Origem: corresponde à indicação de onde procede o topônimo, com base nos dicionários citados ao longo deste capítulo;
- VI. Taxonomia: corresponde ao registro da taxa do topônimo, segundo o proposto no quadro adaptado da classificação de Dick³⁵;
- VII. Natureza do topônimo: corresponde ao aspecto semântico do topônimo, se a taxonomia recebida é de natureza física ou antropocultural³⁶.

³¹ SEABRA. *A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais*: a toponímia da região do Carmo, p. 48.

³² MENDES. *A hidronímia da região do Rio das Velhas*: de Ouro Preto ao Sumidouro, p. 80.

³³ DICK. *A motivação toponímica*: princípios teóricos e modelos taxionômicos.

³⁴ SEABRA. *A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais*: a toponímia da região do Carmo.

³⁵ DICK. *A motivação toponímica*: princípios teóricos e modelos taxionômicos.

³⁶ LIMA. *A toponímia rural no contexto cafeicultor da Serra do Caparaó*.

Nas fichas, classificou-se a origem de cada topônimo tomando como referência o que se encontra no quadro descrito a seguir, estabelecido por Seabra:

Origem e descrição dos topônimos

Origem	Descrição
Portuguesa	Usada para os nomes pertencentes à Língua Portuguesa que mantiveram igual significação em território brasileiro.
Africana	Usada para os nomes relativos ao continente africano cujo significado foi assimilado e se manteve no Brasil.
Indígena	Usada para os vocábulos, que, em sua maioria, remetem à língua Tupi ou às outras línguas indígenas.
Híbrida	Usada para os topônimos formados por duas ou mais línguas, como, por exemplo, a língua Tupi e a Língua Portuguesa.
Desconhecida ou não encontrada (n/e)	Usada para aqueles vocábulos em que não é possível uma classificação de maneira precisa e suficiente.
Outras	Usada para os vocábulos em que se encontraram poucas ocorrências, como por exemplo, árabe, espanhol e alemão.

Fonte: Adaptado de SEABRA. *A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*, p. 49-50.

Taxonomias de natureza física

	Taxonomias de natureza física	Referência	Exemplo
1	Astrotopônimos	Corpos celestes em geral, com ou sem luz própria.	Estrela (RS)
2	Cardinotopônimos	Posições geográficas em geral.	Fazenda Ocidente (MG)
3	Cromotopônimos	Escala cromática.	Rio Claro (SP)
4	Dimensiotopônimos	Características dimensionais de acidentes geográficos: extensão, comprimento, largura, altura e profundidade.	Alto Jequitibá (MG)
5	Fitotopônimos	Índole vegetal.	Sumaré (SP)
6	Geomorfotopônimos	Formas topográficas: a depressão e a elevação (planície, planalto, montanha, vagem etc.).	Vargem Grande Paulista (SP)
7	Hidrotopônimos	Acidentes hidrográficos e cursos d'água em geral.	Lagoa Santa (MG)
8	Litotopônimos	Índole mineral e constituição do solo (alinham-se, muitas vezes, aos sociotopônimos).	Ouro Fino (MG)
9	Meteorotopônimos	Fenômenos ocorridos na atmosfera terrestre.	Chuvisca (RS)
10	Morfotopônimos	Formas geométricas.	Volta Redonda (RJ)
11	Zootopônimos	Índole dos animais e seu habitat.	Araponga (MG)

Fonte: Adaptado de DICK. *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos.*

Por sua vez, o quadro abaixo expõe as taxonomias de natureza antropocultural:

Taxonomias de natureza antropocultural

Continua

Taxonomias de natureza antropocultural		Referência	Exemplo
1	Animotopônimos	Instância psíquica não vinculados ao meio físico.	Saudades (SC)
2	Antropotopônimos	Nomes próprios individuais (prenomes, sobrenomes, apelidos, hipocorísticos, alcunhas).	Betim (MG)
3	Axiotopônimos	Títulos, dignidades e cargos que acompanham os nomes próprios individuais.	Barão de Melgaço (MT)
4	Corotopônimos	Nomes de cidades, países, estados, regiões.	Holambra (SP)
5	Cronotopônimos	Indicadores cronológicos marcados pelo uso de adjetivos como: novo, velho, nova e velha.	Nova Era (MG)
6	Dirrematotopônimos	Frases ou enunciados linguísticos.	Passa Quatro (MG)
7	Ecotopônimos	Habitações de um modo geral, como: casa, chalé.	Chalé (MG)
8	Ergotopônimos	Elementos da cultura material.	Jangada (MT)
9	Etnotopônimos	Elementos de grupos étnicos.	Matipó (MG)

Taxonomias de natureza antropocultural

Conclusão

Taxonomias de natureza antropocultural		Referência	Exemplo
10	Hierotopônimos Subdivisão: - Hagiotopônimos - Mitotopônimos	Nomes sagrados de diferentes crenças. - Santos e santas - Entidades e mitos	Igrejinha (RS) - São Roque (SP) - Anhanguera (GO)
11	Historiotopônimos	Movimentos de cunho histórico-social.	Inconfidentes (MG)
12	Hodotopônimos	Caminhos ou vias rurais ou urbanas.	Ponte Serrada (SC)
13	Numerotopônimos	Adjetivos numerais.	Dois Irmãos (RS)
14	Polipotopônimos	Aglomerados populacionais.	Arraial do Cabo (RJ)
15	Sociotopônimos	Atividades profissionais, locais de trabalho, pontos de encontros.	Lavras (MG)
16	Somatotopônimos	Processo metafórico referente às partes do corpo humano ou do corpo animal.	Pé de Serra (BA)

Fonte: Adaptado de DICK. *A motivação toponímica*: princípios teóricos e modelos taxionômicos.

Análise dos dados

Neste capítulo, que é um recorte do trabalho original, apresenta-se uma discussão dos dados toponímicos encontrados. O *corpus* deste estudo, constituído de 199 topônimos encontrados em Alto Caparaó, Caparaó e Espera Feliz foi exposto, na íntegra, por meio de quadros, que serviram de base para a constituição das fichas toponímicas resumidas. Após a sistematização, tais dados foram submetidos a uma análise quantitativa

por meio de gráficos, também reproduzidos na dissertação. Segue, por município, a análise dos dados:

Em Alto Caparaó:

1. Há mais uma versão além da oficial para o município de Alto Caparaó e Caparaó: Caparaó Velho e Caparaó Novo. Muitos moradores, em maioria os jovens, desconhecem a origem dessas variantes;
 1. A maciça presença de antropotopônimos reflete as questões sociais e históricas da ocupação por meio da posse de terras;
 2. A pequena presença de hagiopotônimos evidencia a grande influência que a religião protestante exerceu ao longo da ocupação e da formação dessa sociedade e revela os aspectos culturais relativos a crenças e ideologias dos seus habitantes;
 3. Embora as riquezas naturais sejam abundantes, a ocorrência de topônimos dessa natureza fica abaixo da ocorrência de topônimos de natureza antropocultural, no município;
 4. Os vestígios da presença indígena antes da ocupação pelos descendentes de europeus são pequenos nos dados toponímicos;
 5. Os dados encontrados permitem uma leitura linguística com pontos de contato entre a história, a geografia e a cultura do lugar³⁷.

Em Caparaó:

2. O topônimo Caparaó possui origem indígena, conforme os moradores acreditam; contudo, não foi possível concluir que todo o vocábulo é tupi, assim como também não se comprovou o significado atribuído ao nome (águas que descem das pedras/serras);
 1. A presença de antropotopônimos reflete as questões sociais e históricas da ocupação por meio da posse de terras;
 2. A expressiva presença de hagiopotônimos, bem como a de hierotopônimos, evidencia a grande influência que a religião católica exerceu ao longo da ocupação e da formação dessa sociedade e revela os aspectos culturais relativos a crenças e a ideologias na localidade;
 3. A presença de fitopotônimos revela a importância das plantas para a sobrevivência humana no período de ocupação da área;
 4. A presença de denominadores comuns a cursos de água e acidentes de ordem antropocultural revelam a importância da água para o homem no processo de ocupação de uma região;
 5. Os dados encontrados permitem uma leitura linguística com pontos de contato entre a história, a geografia e a cultura do lugar³⁸.

³⁷ LIMA. *A toponímia rural no contexto cafeicultor da Serra do Caparaó*, p. 130.

³⁸ LIMA. *A toponímia rural no contexto cafeicultor da Serra do Caparaó*, p. 142.

Em Espera Feliz:

3. Não houve apagamento da hagiotoponímia no topônimo do próprio município, já que o nome oficial permaneceu o mesmo nome do distrito: Espera Feliz;
 1. A presença dos antropotopônimos reflete as questões sociais e históricas relacionadas à posse de terras;
 2. Se somados, hagiotopônimos e hierotopônimos somam mais de 30% das ocorrências. Esse dado revela a forte influência da religião católica apostólica romana na sociedade.
 3. Neste município há duas vilas na área rural denominadas por antropotopônimos;
 4. Entre os acidentes de ordem física, a predominância dos fitotopônimos na denominação dos córregos revela a importância da água e das plantas para a sobrevivência humana na ocupação de um território;
 5. Apesar da predominância de taxonomias relacionadas à esfera religiosa, este município apresenta maior diversidade de taxonomias em relação a Alto Caparaó e a Caparaó.
 6. Os dados encontrados conduzem a leitura linguística relacionada à história, à geografia e à cultura do lugar³⁹.

Existe uma peculiaridade na formação das comunidades rurais: os córregos que correspondem a acidente humano (localidade), além dos córregos que correspondem a acidente físico (curso d'água). Esta informação é citada também no trabalho de Dornelas de Carvalho⁴⁰, que compara os córregos aos bairros rurais descritos por Cândido⁴¹, na obra que trata de seu estudo sociológico em Bofete, município do estado de São Paulo.

Dessa forma, pode-se entender que o córrego equivale a um agrupamento humano, uma comunidade e a um bairro, neste caso, rural. Contudo, o termo bairro, na região pesquisada, não é usado em áreas rurais e, mesmo nas áreas urbanas, é um conceito de divisão recente. Em Espera Feliz e Alto Caparaó já existem bairros, mas em Caparaó não existe essa divisão. Todo o perímetro urbano é tratado como "centro".

Nos dados que constituem o *corpus* deste trabalho, aparecem os seguintes córregos⁴²:

³⁹ LIMA. *A toponímia rural no contexto cafeicultor da Serra do Caparaó*, p. 148.

⁴⁰ CARVALHO. *A mudança da ordem do adjetivo em relação ao nome nos dados rurais de Luisburgo/MG*.

⁴¹ CÂNDIDO. *Os parceiros do Rio Bonito*: um estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida.

⁴² LIMA. *A toponímia rural no contexto cafeicultor da Serra do Caparaó*.

- Em Alto Caparaó:
 1. *Córrego* dos Tavares* (Pertence a Alto Jequitibá, mas faz divisa com Alto Caparaó).
- Em Caparaó:
 1. *Córrego* Apolinária*
- Em Espera Feliz:
 1. *Córrego* dos Alves*
 2. *Córrego* do Brejo*
 3. *Córrego* Grande*
 4. *Córrego* da Limeira*⁴³

Considerações finais

Os dados de Lima comprovam a antiga significação de córrego: um lugar estreito⁴⁴. Nas características topográficas da região, os pequenos riachos, chamados de córregos, ficam em corredores formados entre as montanhas. Nos corredores existem áreas mais planas, que foram ocupadas e habitadas pelo homem. A palavra córrego, usada para fazer referência ao lugar, não ganha um novo significado, mas mantém e sustenta uma significação que possuía em outros tempos e foi se perdendo ao longo dos anos.

Para concluir, dos 199 topônimos encontrados, a divisão por município é a seguinte:

1. Alto Caparaó: 36 topônimos
2. Caparaó: 52 topônimos
3. Espera Feliz: 111 topônimos

A partir da análise dos dados sistematizados e da leitura socio-histórico-cultural da região pesquisada, sintetiza:

1. A predominância da antroponímia das ocorrências revela a necessidade de legitimar a posse das terras;
2. O número extremamente pequeno de hagiotopônimos nas ocorrências encontradas em Alto Caparaó revelam a forte influência da religião protestante na cidade;

⁴³ Neste trabalho, esses córregos destacados com o sinal *, não são cursos de água, mas povoados rurais que podem ser comparados aos bairros urbanos.

⁴⁴ LIMA. *A toponímia rural no contexto cafeicultor da Serra do Caparaó*.

3. O grande número de hagiotopônimos em Caparaó, e maior ainda em Espera Feliz, revelam quão forte é a influência exercida pela religião católica nessas cidades;
4. Muitos topônimos que nomeiam mais de um acidente ao mesmo tempo;
5. Embora os fitotopônimos não sejam a maioria entre as taxonomias, possuem um número de ocorrências considerado expressivo, já que nomeiam cursos de água. A ocupação humana prioriza a proximidade da fonte de água e, conseqüentemente, proximidade ou possibilidade de cultivo de plantas, que fornecem alimentos, medicamentos e matéria prima para produção de objetos e utensílios;
6. Não foram encontradas marcas diretas da cafeicultura, como se esperava, no início deste estudo. O que se observou foi a presença de marcas da chegada das pessoas motivadas pela oportunidade de trabalhar nessa atividade econômica, que procuraram legitimar suas terras por meio da nomeação de lugares com nomes próprios. A necessidade de se afirmar a posse se deve à ausência da formalização documental ocorrida nos primeiros anos da ocupação do lugar, já que boa parte das terras eram devolutas também pela presença do meeiro nas propriedades, que poderiam vir a requerer o direito de posse;
7. Na literatura consultada nesta pesquisa não foi possível comprovar o significado difundido entre os moradores do topônimo Caparaó, bem como não foi possível encontrar informação precisa sobre a origem desse nome. Comprovou-se apenas que se trata de uma palavra tupi, mas não se sabe ao certo se há outra língua envolvida na formação do vocábulo. Ainda assim, este estudo contribuiu na elucidação do real significado do termo, sem contudo, deslegitimar o significado que parece estar em processo de cristalização;
8. No município de Alto Caparaó, a diversidade de taxonomias encontradas é pequena, ao passo que em Caparaó e em Espera Feliz, há maior número de taxonomias diferentes⁴⁵.

Esta pesquisa apresentada, de forma resumida, se comprometeu em comprovar a articulação entre língua e cultura. Segundo Lima, “Isso foi possível pela voz de cada topônimo que ecoou as experiências vividas pelo povo da Serra do Caparaó”⁴⁶. Sendo assim, conclui-se que os estudos toponímicos constituem importante e eficaz ferramenta de análise e compreensão dos aspectos linguísticos e históricos dos nomes de lugar.

Referências

BARBOSA, Vivaldo. *Meeiros de café: gente e ocupação da Zona Proibida do Caparaó*. Rio de Janeiro: Revan, 2009.

⁴⁵ LIMA. *A toponímia rural no contexto cafeicultor da Serra do Caparaó*, p. 154.

⁴⁶ LIMA. *A toponímia rural no contexto cafeicultor da Serra do Caparaó*, p. 155.

- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CÂNDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: um estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 9. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2001.
- CARVALHO, Simone Dornelas de. *A mudança da ordem do adjetivo em relação ao nome nos dados rurais de Luisburgo/MG*. 2014. 265 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/MGSS-9PMN5A>. Acesso em: 21 nov. 2020.
- DAUZAT, Albert. *Les noms de lieux*. Paris: Delagrave, 1926.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos*. São Paulo: FFLCH/USP, 1990c.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.
- DURANTI, Alessandro. *Antropologia linguística*. Madri: Cambridge University Press, 2000.
- FREITAS, Cassiane Josefina de. *Café com quebra torto: um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó/MG*. 2012. 302 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura SA, 1963.
- GRIMALDE, Arydes. *Homens que fizeram Caparaó*. Carangola: Minasgraf, 2016.
- LIMA, Jacqueline Helen de. *A toponímia rural no contexto cafeicultor da Serra do Caparaó*. 2021. 169 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MENDES, Letícia Rodrigues Guimarães. *A hidronímia da região do Rio das Velhas: de Ouro Preto ao Sumidouro*. 2009. 260 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/LETR-8T9PMB>. Acesso em: 5 maio 2020.
- MERCADANTE, Paulo. *Os Sertões do Leste: estudo de uma Região, a Mata Mineira*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- QUEIROZ, Ademar. *A invenção da locomotiva a vapor no século XVIII e a História da Leopoldina em Caparaó*. Alto Caparaó: [edição livre], 2011.
- SANTOS, Odair José Silva dos; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. A toponímia da fronteira oeste do Rio Grande do Sul: aspectos linguístico-culturais. *Revista Trama*, Marechal Cândido Rondon, PR, v. 10, n. 20, p. 111-125, dez. 2014.
- SAPIR, Edward. *Linguística como ciência*. Seleção e tradução de Joaquim Mattoso Câmara Júnior. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix; USP, 1969.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa. *A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*. 2004. 368 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

Projeto ATEMIG (Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais): celebrando vinte anos

Jeander Cristian da Silva
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Palavras que justificam este capítulo: um tributo ao ATEMIG e à profa. Cândida

Este texto é escrito em homenagem à nossa querida profa. Cândida pela iniciativa de coordenar um projeto de grande proporção como o ATEMIG e por todos os seus esforços para a descrição toponímica do estado de Minas Gerais, isso desde a defesa da sua tese de doutorado em 2004.

Enquanto corpo disciplinar, a toponímia ou toponomástica tem início na França, por volta de 1878, com os trabalhos de August Longnon e Albert Dauzat. No Brasil, investigações preliminares, desprovidas de certo rigor metodológico, começaram a surgir no início do século XX, motivadas pela curiosidade acerca da influência do tupi nas designações. Dentro desta perspectiva, destacam-se as obras *O tupi na geographia nacional: memória lida no Instituto Histórico e Geographico de S. Paulo*, de Sampaio, e *Toponímia brasileira*, de Cardoso. O primeiro estudo sistematizado sobre toponímia, publicado em 1965, pelo prof. dr. Carlos Drummond, intitula-se *Contribuição do bororo à toponímia brasileira*¹.

Uma das pesquisadoras brasileiras mais notáveis dessa área é a profa. dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, por ter inaugurado uma taxonomia própria para a análise dos topônimos², propondo uma

¹ DICK. *Toponímia e antroponímia no Brasil*: coletânea de estudos.

² DICK. *Toponímia e antroponímia no Brasil*: coletânea de estudos.

divisão em 27 taxes, e por ter sido a pioneira no desenvolvimento de atlas toponímicos.

Nos dias atuais, alguns projetos têm dado continuidade ao legado de Dick, propondo a elaboração de atlas toponímicos, como é caso do ATEMIG (Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais), em desenvolvimento pela Faculdade de Letras da UFMG, desde 2004, sob coordenação da profa. dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, que tem como alvo a descrição toponímica de todo o território mineiro.

Este capítulo apresenta uma breve descrição dos trabalhos produzidos pelo ATEMIG, homenageando o projeto, que está prestes a completar vinte anos de estrada em 2024. Metodologicamente, procedemos a uma consulta ao Repositório Institucional da UFMG, um acervo digital que registra toda a produção acadêmica da universidade. Observamos que o projeto acumula dezoito pesquisas publicadas até o momento, entre teses e dissertações; e, além disso, tem se desdobrado em outros projetos, como o *Toponímia histórica de Minas Gerais, do setecentos ao oitocentos joanino – registros em mapas da capitania e das comarcas*, coordenado pela profa. dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, pela profa. dra. Márcia Maria Duarte dos Santos e pelo prof. dr. Antônio Gilberto Costa³.

Pressupostos teórico-metodológicos da toponímia

Se a formação étnico-histórico-cultural do Brasil é constituída por ameríndios (com seus troncos e famílias), portugueses, africanos e imigrantes (em sua maioria do século XIX), a toponímia brasileira é, conseqüentemente, a marca de cada uma dessas camadas etnolinguísticas.

De acordo com Sampaio, a toponímia de origem indígena caracteriza-se por ser prototipicamente descritiva e reveladora dos traços mais inerentes do ambiente designado. Esse fato é atestado pelo autor a partir da sua descrição sobre o léxico toponímico de origem tupi em:

³ SANTOS; SEABRA; COSTA. *Toponímia histórica de Minas Gerais, do setecentos ao oitocentos Joanino - registros em mapas da capitania e das comarcas*.

“exprimem, sempre, as feições características do objeto denominado”⁴ e por Dick, ao afirmar que:

As especificações do ambiente físico, registradas nas camadas toponímicas tupis, podem ser interpretadas como uma reação favorável à própria presença dos fatores mesológicos e a um maior envolvimento do índio com as características específicas dos acidentes: formas e dimensões, situação geográfica, recorte do relevo, escassez ou abundância de vegetação, aspectos típicos aos cursos d’água (coloração, natureza do declive, piscosidade) etc⁵.

Cabe destacar que a toponímia autóctone está constituída não só por essas duas famílias, mas também por nomes originários das tribos Aruak, Karib, Jê, Kariri, Kaingang, além de outros grupos, talvez ainda não convenientemente estudados⁶.

A toponímia de origem africana, por outro lado, apresenta um contingente bem menor, em relação à de origem nativa, e a sua distribuição é proporcional às áreas de maior concentração do negro no território brasileiro. Majoritariamente, a sua mancha localiza-se nos estados do Nordeste – em especial na Bahia – e do Sudeste – principalmente em Minas Gerais, no Rio de Janeiro e em São Paulo – e declina-se em direção ao Sul e ao Norte do país. Sua maior contribuição pertence ao estrato linguístico do Quimbundo⁷.

Sobre a toponímia de origem estrangeira, Dick explica que, em virtude da preexistente nomenclatura nativa no território em que nos dias atuais se configura o Brasil, a nomeação lusitana soava, em algumas situações, como uma imposição cultural; influenciada, principalmente, pela religiosidade, o que culminou em alguns casos de toponímia paralela: Ilha de Cananea – Itacoatiara, Ilha de San Sebastião – Majepim, Ilha dos Frades – Gueñu⁸. Por outro lado, os topônimos híbridos, formados a partir de uma base de origem portuguesa e outra de origem indígena (ex.: Mirante do Paranapanema), são o testemunho de que, pelo menos

⁴ SAMPAIO. *O tupi na geographia nacional*: memória lida no Instituto Histórico e Geographico de S. Paulo, p. 174.

⁵ DICK. *Toponímia e antroponímia no Brasil*: coletânea de estudos, p. 42.

⁶ DICK. *Toponímia e antroponímia no Brasil*: coletânea de estudos, p. 43.

⁷ DICK. *Toponímia e antroponímia no Brasil*: coletânea de estudos, p. 137-154.

⁸ DICK. *Toponímia e antroponímia no Brasil*: coletânea de estudos, p. 84-91.

no início, não se tinha a intenção de suprimir a cultura nativa, mas sim de acrescentar um dado novo.

Durante os processos migratórios do século XIX, o Rio Grande do Sul se destacou como berço das civilizações alemãs e italianas, devido às boas condições topográficas e climáticas. Por conseguinte, a concentração desses imigrantes culminou na formação da antiga colônia italiana, constituída atualmente pelos municípios (e topônimos): Caxias do Sul, São Marcos, Farroupilha, Garibaldi, Bento Gonçalves, Flores da Cunha, Antonio Prado, Nova Palmira e Veranópolis⁹.

Isto posto, de acordo com Dick, uma pesquisa sobre a toponímia brasileira deveria estar pautada nestes dois seguintes pontos:

a – estudo da natureza linguística dos topônimos que conformam a nomenclatura geográfica brasileira, provenientes das camadas linguísticas intercorrentes: a indígena, distribuída em suas diversas famílias; a portuguesa (ou brasileira propriamente dita); a africana; nomes de origem estrangeira, de filiação mais recente; análise dos fenômenos de linguagens pertinentes;

b – estudo da motivação ou da natureza semântica dos nomes envolvidos no ordenamento onomástico brasileiro, de modo a se configurar as tipologias dominantes, segundo áreas específicas de ocorrências¹⁰.

No que se refere à taxonomia, segundo Dick, os topônimos podem ser divididos em 27 taxes, sendo onze de natureza física e dezesseis de natureza antropocultural¹¹:

⁹ DICK. *Toponímia e antroponímia no Brasil*: coletânea de estudos, p. 100.

¹⁰ DICK. *Toponímia e antroponímia no Brasil*: coletânea de estudos, p. 46.

¹¹ DICK. *Toponímia e antroponímia no Brasil*: coletânea de estudos, p. 31-34.

Topônimos de natureza física:

Astrotopônimos: topônimos relacionados aos corpos celestes em geral. Ex.: *Estrela* (AH¹², BA); Rio da *Estrela* (ES).

Cardinotopônimos: topônimos relacionados às posições geográficas em geral. Ex.: Praia do *Leste* (PR); Serra do *Norte* (MT).

Cromotopônimos: topônimos relacionados à escala cromática. Ex.: Rio *Branco* (AM); Rio *Negro* (AM).

Dimensiotopônimos: topônimos relacionados às características dimensionais de acidentes geográficos. Ex.: Ilha *Comprida* (AM); Serra *Curta* (BA).

Fitotopônimos: topônimos de índole vegetal. Ex.: Morro da *Mata* (MT); *Caatinga* (AH, RJ).

Geomorfotopônimos: topônimos relacionados à forma topográfica. Ex.: *Montanhas* (AH, RN); Monte *Alto* (AH, SP).

Hidrotopônimos: topônimos resultantes de acidentes hidrográficos. Ex.: Serra das *Águas* (GO), *Água Boa* (AH, MG).

Litotopônimos: topônimos de índole mineral. Ex.: Lagoa do *Barro* (BA); Córrego do *Barreiro* (AM).

Meteorotopônimos: topônimos relacionados a fenômenos atmosféricos. Ex.:

Serra do *Vento* (PB); *Ventania* (AH, SP).

Morfotopônimos: topônimos relacionados a formas geométricas. Ex.: *Curva Grande* (AH, AM); Ilha *Quadrada* (RS).

Zootopônimos: topônimos de índole animal. Ex.: Rio do *Boi* (MG); Lagoa da *Onça* (RJ).

Taxonomias de natureza antropocultural:

Animotopônimos: topônimos relacionados à vida psíquica, à cultura espiritual. Ex.: *Vitória* (AH, CE); *Triunfo* (AH, AC).

Antropotopônimos: topônimos relacionados aos nomes próprios individuais. Ex.: *Abel* (AH, MG); *Fátima* (AH, MT).

Axiotopônimos: topônimos relacionados aos títulos e dignidades que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais. Ex.: *Presidente Prudente* (AH, SP), *Doutor Pedrinho* (AH, SC), *Duque de Caxias* (AH, RJ).

Corotopônimos: topônimos relacionados aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Ex.: *Brasil* (AH, AM); *Europa* (AH, AC).

Cronotopônimos: topônimos que encerram indicadores cronológicos, representados, em toponímia, pelos adjetivos *novo/nova*, *velho/velha*. Ex.: *Velha Boipeba* (AH, BA); Rio *Novo Mundo* (GO).

¹² AH: Acidente Humano. Dick (1990a e b) utiliza essa sigla para indicar que o topônimo designa um acidente geográfico de natureza antropocultural, e não de natureza física.

Ecotopônimos: topônimos relacionados às habitações de um modo geral. Ex.: *Casa da Telha* (AH, BA); *Ocaçu* (AH, SP).

Ergotopônimos: topônimos relacionados aos elementos da cultura material. Ex.: Córrego da *Flecha* (MT); *Jangada* (AH, MT).

Etnotopônimos: topônimos relacionados aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas). Ex.: *Guarani* (AH, PE); Ilha do *Francês* (RJ).

Dirrematotopônimos: topônimos constituídos por frases e enunciados linguísticos. Ex.: *Há Mais Tempo* (AH, MA); *Valha-me Deus* (AH, MA).

Hierotopônimos: topônimos relacionados aos nomes sagrados de diferentes crenças - *Cristo Rei* (AH, PR); rio *Jesus* (GO) - às efemérides religiosas - *Natividade* (AH, GO); *Natal* (AH, AC) - às associações religiosas - *Cruz de Malta* (AH, SC); aos locais de culto - Serra da *Igreja* (PR); *Capela* (AH, AL) - e ainda apresenta duas subdivisões - *Hagiotopônimos:* topônimos relacionados aos santos e santas do hagiológico romano. Ex.: *São Paulo* (AH, SP); *Santa Tereza* (AH, GO). *Mitotopônimos:* topônimos relativos às entidades mitológicas. Ex.: Ribeirão do *Saci* (ES); Lago *Curupira* (AM).

Historiotopônimos: topônimos relacionados aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros,

assim como às datas correspondentes. Ex.: *Independência* (AH, AC); Rio 7 de *Setembro* (MT).

Hodotopônimos: topônimos relacionados às vias de comunicação, rural ou urbana. Ex.: *Estradas* (AH, AM); *Avenida* (AH, BA).

Numerotopônimos: topônimos relativos aos adjetivos numerais. Ex.: *Duas Barras* (AH, BA); *Duas Pontes* (AH, RO).

Poliotopônimos: topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial. Ex.: Rio da *Cidade* (RJ); Serra da *Aldeia* (PB).

Sociotopônimos: topônimos relacionados às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontros de membros de uma comunidade. Ex.: Serra do *Sapateiro* (SP); *Pescador* (AH, MG).

Somatotopônimos: topônimos empregados em relação metafórica à parte do corpo humano ou do animal. Ex.: *Pé de Boi* (AH, SE); *Pé de Galinha* (AH, BA).

Ao longo de sua caminhada, Dick se tornou líder dos projetos Atlas Toponímico do Brasil (ATB) e Atlas Toponímico do Estado de São Paulo (ATESP).

Dando continuidade ao legado de Dick, estão atualmente em desenvolvimento os seguintes projetos: o Atlas Toponímico do Tocantins (ATT) e o Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins (ATITO), coordenados pela profa. dra. Karylleila dos Santos Andrade Klinger (UFT); o Atlas Toponímico do Estado do Maranhão (ATEMA) e o Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul, coordenados pela profa. dra. Aparecida Negri Isquerdo (UFMS); o Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira e o Atlas Toponímico do Ceará, coordenados pelo prof. dr. Alexandre Melo de Sousa (UFAC); o Atlas Toponímico do Paraná (ATEPAR), coordenado pela profa. dra. Maria Antonieta Carbonari de Almeida (UEL); o Atlas Toponímico da Bahia, coordenado pela profa. dra. Celina Márcia de Souza Abbade (UNEB) e o Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (ATEMIG), coordenado pela profa. dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG).

Discorreremos sobre os trabalhos desenvolvidos pelo ATEMIG na seção que se segue.

O ATEMIG: caminhos percorridos em vinte anos de estrada

O projeto ATEMIG tem início em 2004, com a defesa da tese da profa. dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (Fale/UFMG), intitulada *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*, propondo a descrição toponímica da região do Carmo, primeiro núcleo populacional de Minas Gerais, que, em virtude do seu processo colonizatório, apontava uma predominância de antropotopônimos de origem portuguesa.

Desde então, a Faculdade de Letras da UFMG tem desenvolvido algumas pesquisas no âmbito do ATEMIG, cujos objetivos são:

- I. Constituir um *corpus* com todos os topônimos presentes nas cartas geográficas do IBGE, correspondentes aos 853 municípios mineiros;
- II. Catalogar e reconhecer remanescentes lexicais na rede toponímica mineira cuja origem remonta a nomes portugueses, africanos, indígenas, entre outros;
- III. Classificar e analisar o padrão motivador dos nomes, resultante das diversas

- tendências étnicas registradas (línguas indígenas, africanas e de imigração);
- IV. Buscar a influência das línguas em contato no território (fenômenos gramaticais e semânticos);
 - V. Cartografar nomes de acidentes físicos e humanos do estado de Minas Gerais;
 - VI. Realizar gravações orais com o objetivo de coletar outros topônimos que não constam na rede toponímica oficial do estado;
 - VII. Analisar a toponímia de mapas antigos que remetem ao território mineiro;
 - VIII. Realizar estudos diacrônicos a partir dos dados coletados;
 - IX. Construir glossários toponímicos;
 - X. Estudar os nomes de logradouros (bairros, ruas, praça, becos etc.) presentes em cidades mineiras.

Uma consulta ao banco de trabalhos acadêmicos do Repositório Institucional da UFMG revela que o projeto acumula, até o mês de junho de 2022, dezoito pesquisas (entre teses e dissertações) orientadas pela profa. dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Apresentamos, a seguir, uma relação desses trabalhos.

Relação de dissertações e teses vinculadas ao ATEMIG

Continua

Tipo	Autor(a)	Título
Dissertação	Menezes ¹³	O léxico toponímico nos domínios de Dona Joaquina de Pompeu
	Letícia Mendes ¹⁴	A hidronímia da região do Rio das Velhas: de Ouro Preto ao Sumidouro
	Tatiana Mendes ¹⁵	Léxico toponímico de Diamantina: língua, cultura e memória
	Mônica Carvalho ¹⁶	Língua e cultura do Norte de Minas: a toponímia do município de Montes Claros
	Filgueiras ¹⁷	A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte: passado e presente

¹³ MENEZES. *O léxico toponímico nos domínios de Dona Joaquina de Pompéu*.

¹⁴ MENDES. *A hidronímia da região do Rio das Velhas: de Ouro Preto ao Sumidouro*.

¹⁵ MENDES. *Léxico toponímico de Diamantina: língua, cultura e memória*.

¹⁶ CARVALHO. *Língua e cultura do norte de Minas: a toponímia do município de Montes Claros*.

¹⁷ FILGUEIRAS. *A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte: passado e presente*.

Relação de dissertações e teses vinculadas ao ATEMIG

Continua

Tipo	Autor(a)	Título
Dissertação	Lima ¹⁸	A toponímia africana em Minas Gerais
	Pimentel ¹⁹	A toponímia da região Central Mineira
	Gontijo ²⁰	História e cultura do centro-oeste mineiro retratados na antropotoponímia da cidade de Bom Despacho
	Gomes ²¹	Geomorfotopônimos históricos
	Da Silva ²²	Axiotopônimos: um estudo dos logradouros públicos da cidade de Betim
	Lima ²³	A toponímia rural no contexto cafeicultor da Serra do Caparaó
Tese	Ana Carvalho ²⁴	Hagiotoponímia em Minas Gerais
	Filgueiras ²⁵	Italianos em Belo Horizonte: estudo léxico-social e proposta de dicionário
	Faria ²⁶	Tradição e memória: um estudo antroponímico dos nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova
	Cordeiro ²⁷	Litotoponímia mineira
	Freitas ²⁸	A zootoponímia em Minas Gerais
	Macedo ²⁹	A antroponímia da cidade de São João del-Rei

¹⁸ LIMA. *A toponímia africana em Minas Gerais*.

¹⁹ PIMENTEL. *A toponímia da região Central Mineira*.

²⁰ GONTIJO. *História e cultura do Centro-Oeste Mineiro retratadas na antropotoponímia da cidade de Bom Despacho*.

²¹ GOMES. *Geomorfotopônimos históricos*.

²² DA SILVA. *Axiotopônimos: um estudo dos logradouros públicos da cidade de Betim*.

²³ LIMA. *A toponímia rural no contexto cafeicultor da Serra do Caparaó*.

²⁴ CARVALHO. *Hagiotoponímia em Minas Gerais*.

²⁵ FILGUEIRAS. *Italianos em Belo Horizonte: estudo léxico-social e proposta de dicionário*.

²⁶ FARIA. *Tradição e memória: um estudo antroponímico dos nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova*.

²⁷ CORDEIRO. *Litotoponímia mineira*.

²⁸ FREITAS. *A zootoponímia em Minas Gerais*.

²⁹ MACEDO. *A antroponímia da cidade de São João del-Rei*.

Relação de dissertações e teses vinculadas ao ATEMIG

Conclusão

Tipo	Autor(a)	Título
Tese	Cotta ³⁰	A sociotoponímia em Minas Gerais

Fonte: elaboração própria, com base em dados de UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *Repositório Institucional da UFMG*.

Como pode ser observado, a consulta ao repositório revela que as pesquisas realizadas pelo projeto já contemplam descrições de diferentes regiões do estado mineiro (norte de Minas, Diamantina, região central etc.) e descrições sobre a toponímia de origem indígena e africana em Minas Gerais. Além disso, algumas pesquisas já avançam em análises sobre as diferentes taxonomias estabelecidas por Dick³¹, esse é o caso dos trabalhos sobre a hagiotoponímia³², a litotoponímia³³, a zootoponímia³⁴, a geomorfotoponímia³⁵, a sociotoponímia³⁶ e a antroponímia³⁷. O trabalho de Faria, por exemplo, foi responsável por apresentar uma nova proposta classificatória para os antropotopônimos.

Estão no momento sendo orientados trabalhos sobre as taxas dos ergotopônimos e historiotopônimos.

O ATEMIG também tem se desdobrado em novos projetos, como o *Toponímia histórica de Minas Gerais, do setecentos ao oitocentos joanino – registros em mapas da capitania e das comarcas*, coordenado pela profa. dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (Fale/UFMG), pela profa. dra. Márcia Maria Duarte dos Santos (IGC/UFMG) e pelo prof. dr. Antônio Gilberto Costa (IGC/UFMG), que apresenta um repositório de dados com informações sobre os topônimos formados no processo de ocupação e de definição do território de Minas Gerais, registrados em

³⁰ COTTA. *A sociotoponímia em Minas Gerais*.

³¹ DICK. *Toponímia e antroponímia no Brasil*: coletânea de estudos.

³² CARVALHO. *Hagiotoponímia em Minas Gerais*.

³³ CORDEIRO. *Litotoponímia mineira*.

³⁴ FREITAS. *A zootoponímia em Minas Gerais*.

³⁵ GOMES. *Geomorfotopônimos históricos*.

³⁶ COTTA. *A sociotoponímia em Minas Gerais*.

³⁷ FILGUEIRAS. *A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte*: passado e presente; FILGUEIRAS. *Italianos em Belo Horizonte*: estudo léxico-social e proposta de dicionário; GONTIJO. *História e cultura do centro-oeste mineiro retratados na antropotoponímia da cidade de Bom Despacho*; FARIA. *Tradição e memória*: um estudo antroponímico dos nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova; SILVA. *Axiotopônimos*: um estudo dos logradouros públicos da cidade de Betim.

mapas, elaborados da segunda metade do setecentos ao oitocentos joanino. As informações, apresentadas nesse banco, resultam de análises geográficas e linguísticas realizadas, diatópica e diacronicamente, e ressaltam variáveis, como a situação político-administrativa, a natureza, a origem e a motivação dos nomes dos lugares estudados.

Referências

- CARDOSO, Levy. *Toponímia brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.
- CARVALHO, Ana Paula. *Hagiotoponímia em Minas Gerais*. 2014. 823 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MGSS-9PMR2U>. Acesso em: 20 set. 2020.
- CARVALHO, Mônica Emmanuelle Ferreira de. *Língua e cultura do norte de Minas: a toponímia do município de Montes Claros*. 2010. 225 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- CORDEIRO, Maryelle Joelma. *Litotoponímia mineira*. 2018. 542 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-B8AFPE>. Acesso em: 20 set. 2020.
- COTTA, Emanoela Cristina Lima. *A sociotoponímia em Minas Gerais*. 2021. 480 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/40831>. Acesso em: 20 set. 2020.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.
- DRUMMOND, Carlos. *Contribuição do bororo à toponímia brasileira*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1965.
- FARIA, Glauciane da Conceição dos Santos. *Tradição e memória: um estudo antroponímico dos nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova: Minas Gerais*. 2017. 686 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-AU2G47>. Acesso em: 20 set. 2019.
- FILGUEIRAS, Zuleide Ferreira. *Italianos em Belo Horizonte: estudo léxico-social e proposta de dicionário*. 2016. 997 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MGSS-AAPJ5Y>. Acesso em: 20 set. 2020.
- FILGUEIRAS, Zuleide Ferreira. *A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte: passado e presente*. 2011. 349 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/DAJR-8H5T34>. Acesso em: 20 set. 2020.

FREITAS, Cassiane Josefina. *A zootoponímia em Minas Gerais*. 2018. 504 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-B46JL5>. Acesso em: 20 set. 2020.

GOMES, Marianna de Franco. *Geomorfotopônimos históricos*. 2019. 224 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-BAAMLG>. Acesso em: 20 set. 2020.

GONTIJO, Fernanda Lellis Fernandes Loureiro. *História e cultura do Centro-Oeste mineiro retratadas na antropotoponímia da cidade de Bom Despacho*. 2017. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-ANBR5U>. Acesso em: 20 set. 2020.

LIMA, Jacqueline Helen de. *A toponímia rural no contexto cafeicultor da Serra do Caparaó*. 2021. 169 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

LIMA, Emanoela Cristina. *A toponímia africana em Minas Gerais*. 2012. 215 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

MACEDO, Celso Reis. *A antropotoponímia da cidade de São João del-Rei – Minas Gerais*. 2021. 1235 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

MENDES, Letícia Rodrigues Guimarães. *A hidronímia da região do Rio das Velhas: de Ouro Preto ao Sumidouro*. 2009. 260 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/LETR-8T9PMB>. Acesso em: 5 maio 2020.

MENDES, Tatiana Martins. *Léxico toponímico de Diamantina: língua, cultura e memória*. 2010. 227 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

MENEZES, Joara Maria de Campos. *O léxico toponímico nos domínios de Dona Joaquina de Pompéu*. 2009. 211 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

PIMENTEL, Patrícia de Cássia Gomes. *A toponímia da região central mineira*. 2015. 272 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SANTOS, Márcia Maria Duarte dos; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de; COSTA, Antônio Gilberto (Org.). *Toponímia histórica de Minas Gerais, do setecentos ao oitocentos joanino – registros em mapas da capitania e das comarcas*. Belo Horizonte: Museu de História Natural e Jardim Botânico, Universidade Federal de Minas Gerais (MHNJB-UFG); Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHG-MG), 2017. Disponível em: <http://repositoriotoponomia.com.br/>. Acesso em: 2 jun. 2022.

SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geographia nacional: memória lida no Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo*. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica, 1901.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*. 2004. 368 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e

Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ALDR-64KQ9A?locale=en>. Acesso em: 20 set. 2020.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Pesquisa toponímica em Minas Gerais: contribuições do projeto ATEMIG. *In*: MALUF-SOUZA, Olímpia; SILVA, Valdir; ALMEIDA, Eliana de; BISNOTO, Leila Salomão Jacob (org.). *Discurso, sujeito e memória*. Campinas: Pontes Editores, 2012.

SILVA, Jeander Cristian da. *Axiotopônimos: um estudo dos logradouros públicos da cidade de Betim*. 2021. 438 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/35876>. Acesso em: 20 set. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *Repositório Institucional da UFMG*. Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/>. Acesso em: 2 jun. 2022.

Mapeando a dinâmica da alternância “teu/seu” em *corpus* diacrônico mineiro

Ludmila Reis Pinheiro

Considerações iniciais

O cenário linguístico que povoou o território brasileiro foi muito diversificado. Assim existiram cerca de mil línguas indígenas faladas no início do século XVI e mais de duzentas línguas africanas introduzidas no país pelo tráfico negreiro, entre 1550 e 1850, sendo o português apenas uma das muitas línguas faladas no território brasileiro, resultando em um panorama no qual 98% da população brasileira têm o português como língua materna, mas, de forma paradoxal, o Brasil é um dos países de maior diversidade linguística¹.

À luz dessa realidade, estudos que visam a reconstruir a história do português brasileiro (doravante PB) têm sido muito importantes. Dessa forma, Lobo coloca a relevância de uma arquitetura de um *corpus* linguístico ideal que represente todo o contexto de contato linguístico do Brasil, sinalizando três tipos de *subcorpus*: (i) variedades do português europeu transplantadas no período colonial e pós-colonial para o Brasil; (ii) variedades do português falado como segunda língua pelos aloglotas – indígenas, africanos e imigrantes; (iii) variedades do PB em detrimento da polarização e da pluralidade sociolinguística da realidade brasileira contemporânea². Nesta pesquisa se investiga a norma culta escrita por

¹ LUCCHESI. A periodização da história sociolinguística do Brasil.

² LOBO. Arquivos, acervos e a reconstrução histórica do português brasileiro.

brasileiros dos séculos oitocentista e novecentista em terras mineiras, que têm o português como língua materna.

Para tanto, investiga-se a expressão pronominal variável da posse vinculada à 2ª pessoa do singular (doravante 2SG) que constitui uma das repercussões gramaticais da reorganização do sistema pronominal do PB, conforme ilustrado em 1) e amplamente discutido por Lopes, Lopes e Cavalcante³ e Pereira⁴.

1) Você, disse que eu te, acharia na faculdade para pegar o *teu*, livro⁵.

Tendo em vista a coleta e mapeamento de mais dados desde Pinheiro, o objetivo geral deste trabalho foi analisar se há indícios de que o possessivo “seu” acompanharia ou não o pronome “você” no sistema pronominal do português brasileiro (PB) em amostras de cartas mineiras entre os séculos XIX e XX, bem como analisar os contextos de produção, linguístico e social, que condicionam o uso dos possessivos⁶.

Em sequência, se descreve o fenômeno em análise.

A variação “teu/seu” no português mineiro

Considerando que a inserção do “você” no sistema pronominal do PB tenha orientado a migração do possessivo “seu” (“sua”) também para a referência à 2SG ao lado do prototípico “teu” (“tua”), discutido por Lopes⁷, cabe o exame minucioso e pormenorizado dos contextos estruturais (internos) e sociais (externos) condicionadores do impulso da regra variável em cena (“teu/seu”), à luz principalmente dos princípios norteadores da sociolinguística histórica, cf. Conde-Silvestre⁸, Hernández-Campos e Schilling⁹.

³ LOPES; CAVALCANTE. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te.

⁴ PEREIRA. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica.*

⁵ LOPES. Pronomes pessoais.

⁶ PINHEIRO. A alternância teu/seu em cartas mineiras oitocentistas e novecentistas.

⁷ LOPES. Pronomes pessoais.

⁸ CONDE-SILVESTRE. *Sociolinguística histórica.*

⁹ HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle.

É importante assumir, pois, que o impulso da variação atingiu também o paradigma de possessivos de 2SG (“teu”)¹⁰. Tendo em vista o fato de o “seu” ser a forma prescrita para a referência à 3ª pessoa do singular que, ao integrar o paradigma de “você” cujo traço de pessoa semântica é o de 2SG [-eu], passou a também fazer referência à 2SG¹¹. Para aplacar a força dessa ambivalência do “seu”, potencializa-se a produtividade da forma “dele/dela” no contexto de língua falada, especificamente para a fala belorizontina como evidência de mudança em progresso na alternância entre “seu” e “dele”¹².

Para esta análise, faz-se mapeamento histórico de amostras brasileiras (preferencialmente mineiras) acerca da expressão do genitivo em relação às formas pronominais em análise (“teu/seu”) representantes dos paradigmas de “tu” e de “você” entre os séculos XIX e XX, respectivamente, cf. está ilustrado de 2 a 5 e nas imagens abaixo, que é o fac-símile do dado exposto em 4.

2) “Como é que você, diz que eu não lembro [...] do nosso bem-sinho? *seo*, JP”¹³.

3) “Meo caro Edmundo Nem sei, meo infeliz amigo, que palavras d. consolação nesta hora para Você tão escura, possa eu descobrir que te levassem o conforto de que precisas,. Por que havia esta desgraçada fatalidade d. te-ferir assim a Você a *tua*, santa esposa e aos teos, filhinhos?! [...] e que Você, não deixaria também soffrer nunca um filho meo...”¹⁴.

4) “[...] agora vindo pela Diamantina não precisa de tantos dias no lombo do animal como sabes Sonhei que você, mandou o Caio e Yolanda aqui [...] tenho recebido tudo o que me tens, mandado, apreciei muito *teu*, livro [...] Quando vaes, ao Rio?”¹⁵.

¹⁰ TARALLO. *A pesquisa sociolinguística*.

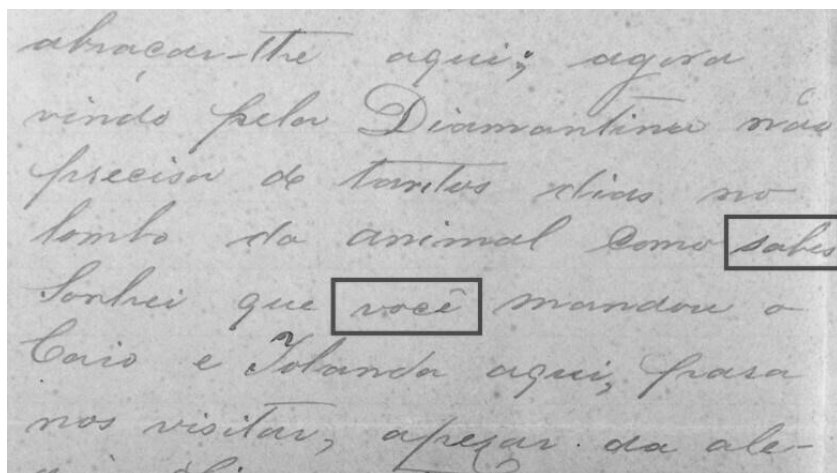
¹¹ LOPES; RUMEU. A difusão do você pelas estruturas sociais carioca e mineira dos séculos XIX e XX.

¹² ROCHA. *A alternância nos pronomes pessoais e possessivos do português de Belo Horizonte*.

¹³ .JP. RJ, 9 nov. 1890.

¹⁴ JP. Caeté, 29/12/1896.

¹⁵ MBCS. 19/06/1905.

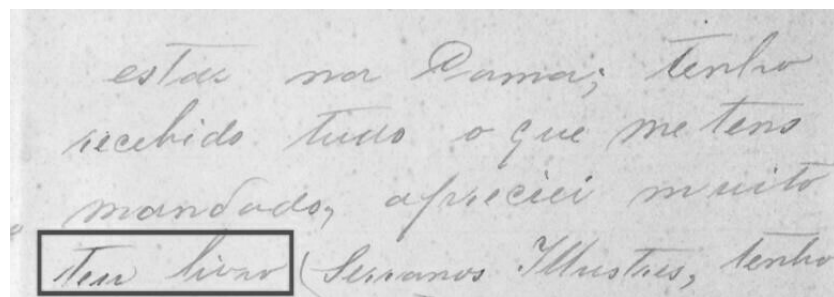
A snippet of a handwritten letter in cursive script. The text is written on aged, slightly yellowed paper. The words are: "abraçar-te aqui; agora", "vindos pelo Diamantina mas", "preciso de tantas coisas no", "lombo do animal como sabes", "Soubes que roci mandou o", "Cario e Solanda aqui, para", "nos visitar, apesar da ale-". There are two rectangular boxes highlighting the words "sabes" and "roci".

abraçar-te aqui; agora
vindos pelo Diamantina mas
preciso de tantas coisas no
lombo do animal como sabes
Soubes que roci mandou o
Cario e Solanda aqui, para
nos visitar, apesar da ale-

MBCS. 19 jun. 1905

(fólio 1v).

Fonte: Arquivo Público
da Cidade de Belo
Horizonte (APCBH).

A snippet of a handwritten letter in cursive script. The text is written on aged, slightly yellowed paper. The words are: "estas na Dama; tenho", "recebido tudo o que me tens", "mandado, apreciei muito", "Tenho lizar (Semanao Illustras, tenho". There is a rectangular box highlighting the word "Tenho".

estas na Dama; tenho
recebido tudo o que me tens
mandado, apreciei muito
Tenho lizar (Semanao Illustras, tenho

MBCS. 19 jun. 1905

(fólio 2r).

Fonte: Arquivo Público
da Cidade de Belo
Horizonte (APCBH).

5) "Minha querida Henriqueta,, Muito obrigada pela tua, cartinha de cumprimentos, pela revista e pela Flamma. Gostei muito da conclusão do artigo da Maria Jacintho Trovão de Campos. Principalmente do final, que valeu ouro. O seu, retratinho no meio dos Academicos eu já possuía um, que por signal esta guardado com

muito carinho. Por falar em retratos, nós tiramos um, para enviar a vocês. [...] Não penses, que no nosso quintal só temos lenha. [...]”¹⁶.

Na seção seguinte, apresenta-se o arcabouço teórico que ancora esta pesquisa.

Pressupostos teóricos-metodológicos

A seguir se expõe sobre o aparato teórico-metodológico bem como a descrição da amostra e o trabalho com o Rbrul.

Alguns encaminhamentos no âmbito da sociolinguística histórica

Os trabalhos no âmbito da sociolinguística histórica estão necessariamente embasados em fontes históricas e estas, por sua vez, são as que sobreviveram no interior dos arquivos públicos e privados. A busca pela expressão do vernáculo de sincronias passadas a partir do seu testemunho escrito revela o “problema dos filtros”¹⁷. Nesse sentido, cabe ao linguista-pesquisador concentrar esforços para amenizar o impacto de tais questões (ausência de amostras equanimemente organizadas em relação às variáveis gênero, faixa etária, por exemplo), sugerindo que a sociolinguística histórica “deveria desenvolver seus próprios objetivos, metodologias e teorias”¹⁸. O fato de as fontes históricas serem normalmente “fragmentárias, escassas

¹⁶ AL, Ibiracy, 04/09/1931.

¹⁷ ROMAINE. *Socio-Historical Linguistics: Its Status and Methodology*.

¹⁸ “Em vez disso, a Sociolinguística Histórica deve ser ousada o suficiente para afrouxar os seus laços com a sociolinguística atual e a linguística histórica tradicional, e para desenvolver as suas próprias metodologias, objetivos e teorias.”. No original: “Instead, historical sociolinguistics must be bold enough to loosen its ties with present-day sociolinguistics and traditional historical linguistics, and to develop its own methodologies, aims, and theories.”. BERGS. *Social Networks and Historical Sociolinguistics: Studies in Morphosyntactic Variation in the Paston Letters*, p. 21, tradução própria.

e dificilmente vinculáveis à produção real de seus falantes¹⁹ revela o necessário trabalho de busca por traços do vernáculo do PB de sincronias passadas²⁰, tendo em vista as fontes que resistiram a força do tempo no interior dos arquivos públicos e privados²¹.

Outras questões igualmente importantes aos estudos no âmbito da sociolinguística histórica são não só a possibilidade de os textos “sobreviventes” estarem pouco ou minimamente expressivos em relação aos contextos situacionais que os motivaram, mas também o fato de, em sua maioria, serem fruto da norma-padrão em sua expressão escrita²². Este trabalho de constituição de amostras confiáveis aos estudos linguísticos está de conformidade com a perspectiva de análise de Lobo a partir da qual entende-se que “a segunda metade da década de 1990 inaugura, nos estudos histórico-diacrônicos do português brasileiro, uma fase que se caracterizará pela laboriosa tarefa de construção de uma filologia de textos escritos no Brasil [...]”²³. Como consequência da inexistência, entre os séculos XVII e XIX, de uma tradição filológica no Brasil e até mesmo em Portugal²⁴, cabe ao linguista-pesquisador a tarefa de levantamento e seleção das fontes que se mostrarem sensíveis aos principais parâmetros de uma análise da sociolinguística histórica que passam necessariamente pelo processo de reconstituição dos perfis sociais dos redatores²⁵.

Sendo assim, a seguir se exhibe a descrição da amostra.

¹⁹ “Em comparação à diversidade, quantidade e autenticidade dos dados à disposição do pesquisador na sociolinguística sincrônica ou na linguística descritiva, a informação disponível para quem tenta desenvolver sua pesquisa no campo da linguística ou da sociolinguística histórica é fragmentária, escassa e dificilmente vinculada à produção real de seus falantes.”. No original: “En comparación con la diversidad, cantidad y autenticidad de los datos a disposición del investigador en sociolingüística sincrónica o en lingüística descriptiva, la información de que dispone quien intenta desarrollar su investigación en el ámbito de la lingüística o la sociolingüística histórica es fragmentaria, escasa y dificilmente vinculable con la producción real de sus hablantes.”. CONDE-SILVESTRE. *Sociolingüística histórica*, p. 35, tradução própria.

²⁰ AGUILLAR. Presencia de lo oral en lo escrito: la transcripción de las declaraciones en documentos indios del siglo XVI.

²¹ CONDE-SILVESTRE. *Sociolingüística histórica*; HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE-SILVESTRE. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle.

²² CONDE-SILVESTRE. *Sociolingüística histórica*, p. 35.

²³ LOBO. Arquivos, acervos e a reconstrução histórica do português brasileiro, p. 307.

²⁴ LOBO. Arquivos, acervos e a reconstrução histórica do português brasileiro.

²⁵ RUMEU. *Língua e sociedade: a história do pronome “você” no português brasileiro*.

O trabalho com missivas históricas: as amostras de cartas pessoais em cena

Retorna-se ao passado em busca de fatores linguísticos e sociais que condicionam o fenômeno de variação “teu/seu” em referência à 2PS. Dessa maneira, até o presente momento, esta pesquisa conta com 167 missivas mineiras autógrafas oitocentistas e novecentistas disponíveis em acervos públicos com dados dos possessivos “teu” e “seu”. Nesta seção, são descritas as cartas pessoais mapeadas neste trabalho em seus subgêneros (amorosa, familiar, de amizade), bem como os seus escreventes, mineiros ilustres, legítimos representantes da norma culta de Minas Gerais (ainda que alguns deles não tenham tido os seus perfis biográficos completamente reconstituídos)²⁶.

As missivas, localizadas no Acervo dos Escritores Mineiros (AEM), no Arquivo Público Mineiro (APM), no Museu Abílio Barreto (MAB), no Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG) e no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH), foram editadas por meio do projeto de pesquisa “Para uma Sociolinguística Histórica do português brasileiro: variação sincrônica e mudança diacrônica”. As cartas, conservadoramente editadas, produzidas por escreventes que nasceram e/ou viveram em Minas Gerais no decorrer dos séculos XIX e XX, caracterizados, em sua maior parte, por redatores ilustres cujas funções sociais passam principalmente pelas atribuições da advocacia, ensino, jornalismo e literatura²⁷. Ainda que as amostras de missivas pessoais (familiares, amorosas e de amizade) estejam pouco equilibradas em relação à distribuição das cartas pelas variáveis extralinguísticas gênero, faixa etária, nível de escolaridade, é importante se entender tal limite como específico das amostras históricas, cabendo ao linguista-pesquisador, portanto, o desenvolvimento de

²⁶ CARVALHO. *O estatuto variável do imperativo de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras: um estudo sociolinguístico de cunho histórico (séculos XIX e XX)*; RUMEU *et al.* *Amostras históricas do português escrito nos séculos XIX e XX: orientações metodológicas*; LUZ. *O tratamento na produção epistolar de João Pinheiro da Silva: análise sociopragmática de tu × você e respectivas formas gramaticais*.

²⁷ Cf. RUMEU *et al.* *Amostras históricas do português escrito nos séculos XIX e XX: orientações metodológicas*; LOPES; MARCOTULLIO; RUMEU; LIMA. *Reflexões metodológicas para a análise sociocultural de redatores em corpora históricos*; LIMA; MARCOTULLIO; RUMEU. *Experiências metodológicas em constituição de corpora: pistas para um pesquisador iniciante*.

metodologia própria com vistas à constituição de uma sociolinguística histórica do PB nos termos de Rumeu²⁸ inspirado em Lobo²⁹. Em cada acervo, as cartas estão distribuídas pela autoria (através da sigla ou do código do autor), pelos locais de nascimento dos autores, pela indicação do(s) ano(s) das cartas, acompanhadas, entre parênteses, pela quantidade de cartas por ano. A seguir, na tabela abaixo, um panorama das amostras históricas selecionadas:

Panorama da amostra de Pinheiro³⁰

Acervos	Sexo		Períodos	Subgênero textual da missiva			Autores	Cartas	Total
	H	M		Amor	Familiar	Amizade			
AEM	10	6	1924 a 1993	0	52	74	16	126	
APM	1	0	1868 a 1908	7	8	21	1	36	
APCBH	2	1	1895 a 1910	0	5	0	0	5	
<i>Total</i>	<i>13</i>	<i>7</i>	-	<i>7</i>	<i>65</i>	<i>95</i>	<i>20</i>	<i>167</i>	

Fonte: elaboração própria.

A seguir se descrevem as etapas desta investigação e a condução ao trabalho com o Rbrul.

O tratamento dos dados históricos: alguns encaminhamentos metodológicos

A proposta principal desta pesquisa é conduzida pelos princípios teóricos e metodológicos da sociolinguística histórica³¹ orientada também pelos

²⁸ RUMEU. *Língua e sociedade*: a história do pronome “você” no português brasileiro.

²⁹ LOBO. *Para uma sociolinguística histórica do português no Brasil*: edição filológica e análise lingüística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX.

³⁰ PINHEIRO. A alternância teu/seu em cartas mineiras oitocentistas e novecentistas.

³¹ ROMAINE. *Socio-Historical Linguistics: Its Status and Methodology*; CONDE-SILVESTRE. *Sociolinguística histórica*; HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE-SILVESTRE. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*.

pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista³². A regra variável “seu”/“teu” é o foco deste trabalho, considerando o contexto das relações sociais nos âmbitos da simetria e da assimetria social (ascendente e descendente) que fundamentam as escolhas pronominais dos missivistas mineiros nos séculos XIX e XX repercutindo a dinâmica dos possessivos.

A primeira etapa desta investigação foi a organização das amostras de cartas de missivistas mineiros. A segunda etapa foi o levantamento das formas de possessivos em referência ao sujeito de 2SG com o foco voltado especificamente para as formas “seu” e “teu” em 167 cartas, o que resultou em 515 ocorrências. A terceira etapa foi a codificação dos dados tendo em vista as formas de possessivos de 2SG como variável dependente (“seu” e “teu”) analisada em função das seguintes variáveis independentes: Período das cartas, subgênero textual, relações sociais, tipo de posse e referente da carta.

Considerando que em análise há uma regra variável binária (“teu/seu”), passa-se a descrição das variáveis independentes (linguísticas e extralinguísticas) a serem testadas, tendo vista os contextos observados por Barbosa, Pereira, ambos orientados pela análise de missivas históricas, e por Vargas, embasado em cartas de leitores de jornais oitocentistas e novecentistas.

³² WEINREICH; LABOV; HERZOG. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*; LABOV. *Principles of Linguistic Change*.

Resumo e descrição dos grupos de fatores controlados

Grupos de fatores	Hipóteses	Pesquisas		
		Vargas ³³	Pereira ³⁴	Barbosa ³⁵
Referente	Sujeito da carta "você" condiciona o uso de "seu"	Não corrobora	Corrobora	Não corrobora
Tipo de posse	Posse alienável influencia o uso de "seu"	–	Não corrobora	–
Relação entre os missivistas	Relações ascendentes (inferior para superior) condiciona o emprego de "seu"	–	Corrobora	Corrobora
Período	A partir dos anos 1930 do século XX, "seu" é mais produtivo	Corrobora	Corrobora	Não corrobora
Subgênero da carta	Em carta de amizade usa-se mais "seu"	–	Corrobora	Corrobora

Fonte: elaboração própria.

Os dados foram levantados e organizados em uma planilha do Excel, em uma perspectiva de tratamento *dataframe*, que é uma estrutura bidimensional dos dados, através da qual todas as ocorrências foram categorizadas em função das variáveis independentes. Na planilha, os grupos de fatores ficam em colunas, e os fatores em linhas, estes que receberam um código. A codificação na planilha oferece vantagens, como facilidade em encontrar exemplos de casos do fenômeno, correção de erros de codificação, uso de tabelas dinâmicas e filtros a fim de visualizar células em branco ou com menor número de dados e construção de

³³ VARGAS. *Os possessivos de segunda pessoa em cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX.*

³⁴ PEREIRA. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica.*

³⁵ BARBOSA. *O uso dos pronomes possessivos teu e seu em cartas pessoais de sertanejos baianos do século XX.*

gráficos para observação de interação entre diferentes variáveis³⁶. A tratativa no Excel otimiza o trabalho, além de que, para posterior trabalho no RStudio (Rbrul), é necessária uma planilha em forma CSV.

Codificação de dados em planilha de Pinheiro³⁷ Continua

Variável dependente	Relação social	Subgênero	Período	Referente	Posse	Dados
2	C	A	C	a	m	C1 Meu caro Murilo: Recebí hoje <i>sua</i> segunda carta (...)
2	C	A	C	a	n	C1 Caro Murilo, muito me comoveu <i>sua</i> solicitude em face de meu problema (...)
2	C	A	C	a	n	C1 Qualquer pronunciamento <i>seu</i> , como lhe disse, seria um consôlo (...)
2	C	A	C	a	m	C1 (...) por circunstâncias especiais, o <i>seu</i> Banco não podia fazer-me o empréstimo (...)

³⁶ BANDEIRA; SOUZA. *Passo a passo para uso do R-brul*.

³⁷ PINHEIRO. A alternância teu/seu em cartas mineiras oitocentistas e novecentistas.

Codificação de dados em planilha de Pinheiro Conclusão

Variável dependente	Relação social	Subgênero	Período	Referente	Posse	Dados
2	C	A	C	a	n	C1 do Amor inclusive, que anda rondando a <i>sua</i> figura desde tanto tempo (...)

Fonte: elaboração própria.

Para além de produzir números, o foco de uma pesquisa dialetal está em identificar e explicar fenômenos linguísticos. Assim, intenta-se testar hipóteses, comparar análises alternativas, desenvolver modelos de dados para fazer prognósticos e, para essa finalidade, utiliza-se o método da estatística inferencial, tendo os testes de significância e a análise da regra variável, esta última empregada na maioria das pesquisas em variação linguística. A análise da regra variável foi desenvolvida na linguística para dar conta da variação estruturada, governada por regras³⁸. Ela objetiva separar, quantificar e testar a significância dos efeitos de fatores contextuais (linguísticos e sociais) em uma variável linguística³⁹. Ela tem sua superioridade, uma vez que trabalha com métodos multivariados sobre os univariados para se estudar um fenômeno. A análise de efeitos separados (por exemplo, uso possessivo “seu” por faixa etária, por sexo, ou por estilo de discurso) em tabelas pode gerar resultados distorcidos no método univariado, por conta de os dados não estarem uniformemente distribuídos pelas variáveis, o que é comum de detectar em amostras. Dessa forma, como os dados linguísticos geralmente são desiguais, a análise multivariada é mais precisa para lidar com eles, bem como oferece a comparação de uma variável dependente, ao mesmo tempo que controla explicitamente o efeito de todas as outras variáveis

³⁸ GUY; ZILLES. *Sociolinguística Quantitativa*: instrumental de análise.

³⁹ GUY; ZILLES. *Sociolinguística Quantitativa*: instrumental de análise; GOMES. Para além dos pacotes estatísticos Varbrul, Goldvarb e Rbrul: qual a concepção de gramática.

independentes conhecidas⁴⁰. De acordo com a comparação feita entre os programas estatísticos Varbrul/Goldvarb e Rbrul para gerar resultados, o último oferece mais recursos ao processo de análise dos dados que o programa Varbrul/Goldvarb⁴¹.

A opção por trabalhar com o Rbrul é motivada principalmente pelo fato de dar conta de modelos mistos, bem como de estimar efeitos *between-groups* – gênero/sexo e *within groups* – indivíduos, além da possibilidade de empregar os recursos gráficos do R na análise dos dados variáveis⁴². Acrescente-se ainda o fato de o Rbrul gerar os pesos relativos e permitir a inserção de um número ilimitado de fatores por grupo (variáveis), considerando ainda o trabalho com formas variantes eneárias. Tendo em vista as potencialidades da linguagem R, assume-se que a sua interface no RStudio (*script*) amplia as possibilidades através dos pacotes instalados e do histórico das linhas de comando⁴³.

Depois de apresentar os pressupostos teóricos-metodológicos, a seguir são apresentados resultados obtidos até o momento.

Análise dos dados

Foram analisadas 167 cartas, extraídas 515 ocorrências (oco) de dados dos possessivos “teu” e “seu”. Serão examinados primeiramente os índices percentuais dos grupos de fatores elencados como hipóteses de condicionadores do possessivo “seu”. Essa parte é realizada na própria planilha. Em seguida, serão descritos resultados da alternância “teu/seu” estatisticamente relevantes em termos probabilísticos (possibilidade de generalizações), assumindo o possessivo “seu” como valor de aplicação nos níveis de *step-up* e *step-down* do Rbrul na interface do RStudio⁴⁴.

⁴⁰ GUY; ZILLES. *Sociolinguística Quantitativa*: instrumental de análise.

⁴¹ GOMES. Para além dos pacotes estatísticos Varbrul, Goldvarb e Rbrul: qual a concepção de gramática.

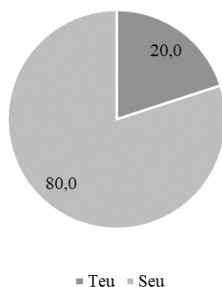
⁴² Cf. GOMES. Para além dos pacotes estatísticos Varbrul, Goldvarb e Rbrul: qual a concepção de gramática.

⁴³ FREITAG. *Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística*.

⁴⁴ OUSHIRO. Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas.

Resultados percentuais

Considerando a alternância dos possessivos “teu/seu” em referência à 2SG, a hipótese era a de que “seu” seria mais produtivo em cartas mineiras, uma vez que resultados mostraram o “você” mais producente⁴⁵.



Total de
ocorrências de
possessivos “teu/
seu”.

Fonte: dados da
pesquisa.

Obteve-se 20% do possessivo “teu” e 80% de “seu”, o que vai ao encontro dos resultados de Lopes e Rumeu⁴⁶ e Souza⁴⁷ encontrados para o “você”, tendo um caminho semelhante.

Passa-se à exposição de resultados percentuais em relação às variáveis independentes linguísticas (tipo de posse, referente da carta) e extralinguísticas (período, subgênero textual, relações sociais).

Variável tipo de posse

A possessão, em termos linguísticos, é a representação da relação existente entre duas entidades: possuidor e possuído, sendo a primeira o ponto de referência para a segunda. Essas entidades se encontram em extremos na escala de humanidade: humano > animal > inanimado. Assim, existem algumas relações possessivas, como física, temporal, inerente, abstrata, dentre outras. O contraste léxico-semântico dessas

⁴⁵ LOPES; RUMEU. A difusão do você pelas estruturas sociais carioca e mineira dos séculos XIX e XX; SOUZA. *As formas de referência ao sujeito de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras dos séculos XIX e XX: uma análise linguístico-social.*

⁴⁶ LOPES; RUMEU. A difusão do você pelas estruturas sociais carioca e mineira dos séculos XIX e XX.

⁴⁷ SOUZA. *As formas de referência ao sujeito de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras dos séculos XIX e XX: uma análise linguístico-social.*

relações envolve as propriedades de alienabilidade e inalienabilidade, as quais possuem proximidades conceituais de grau de separabilidade e dependência, quais sejam: alienável – alguém que detém poder sobre a coisa possuída, podendo, inclusive, passá-la a outro possuidor; inalienável – a coisa possuída é inseparável do seu possuidor, podendo apresentar os seguintes subtipos parentesco, partes do corpo e outros (constituição mental e comportamental do indivíduo); extensão da posse – relação de complementação, usa-se verbos deverbais, como “tua correspondência”, em que o ato de “corresponder” supõe que outro esteja subentendido⁴⁸.

O estudo presente se embasa em Pereira tendo como hipótese que o contexto de posse interfere no uso dos possessivos, sendo que o termo inalienável diz respeito a relações tipicamente possessivas, em que a entidade possuída é inseparável de seu possuidor ou inerente a ele, sendo mais íntimo e próximo, portanto, usar-se-ia mais o “teu”; já alienável se refere à relação em que o objeto possuído é separável de seu possuidor, passível de ser transferido a outro possuidor, sendo menos íntimo, portanto, seria o “seu” mais produtivo⁴⁹. Para caracterizar os tipos de posse, esse grupo de fatores foi dividido em: (i) Alienável: “Quanto ao Faria, apelei para êle, no ápice da angústia, mas, por circunstâncias especiais, o *seu Banco* não podia fazer-me o empréstimo, naquele dia”⁵⁰; (ii) Inalienável: “Sou *seo Sobrinho* q[ue] te ama de coração”⁵¹; e (iii) Extensão de posse: “Aguardo *resposta sua*, confiante de que será afirmativa, para não decepcionar o matinal coração dos dois poetas”⁵².

⁴⁸ HUERTA FLORES. Los Posesivos.

⁴⁹ PEREIRA. *Pronomes possessivos de segunda pessoa*: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica.

⁵⁰ Otto Lara Resende, Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1949, grifo próprio.

⁵¹ João Pinheiro, Serro, 1869.

⁵² Otto Lara Resende, Rio de Janeiro, 27 de abril de 1951.

Uso de “seu” correlacionado ao tipo de posse

Posse	Oco	Teu	%	Seu	%	Total
Alienável	213	30	14,1	183	85,9	213
Inalienável	232	61	26,3	171	73,7	232
Extensão de posse	70	12	17,1	58	82,9	70

Fonte: elaboração própria.

O possessivo “seu” foi produtivo em ambos os contextos de tipo de posse. O tipo alienável obteve (213 oco – 85,9%), inalienável (232 oco – 73,7%) e de extensão de posse (70 oco – 82,9%). Houve uma distribuição equilibrada de uso em ambos os tipos, dessa maneira o contexto dos possessivos pareceu não interferir na escolha de uso.

Variável referente da carta

A reorganização do sistema pronominal do PB foi fruto do processo histórico de gramaticalização do “vossa mercê” > “você”, essa forma usada em relações simétricas a partir do século XIX. A entrada do “você” no quadro pronominal resultou na variação entre os pronomes “tu” e “você” na posição de sujeito. Assim, embora a forma inovadora seja original de 3ª pessoa, sua interpretação semântica-discursiva passa a ser de 2ª pessoa⁵³. Verifica-se, portanto, que a forma “você” é usada tanto com elementos de 2ª como de 3ª pessoa, exemplo: “Muito obrigada pela tua cartinha de cumprimentos [...] *seu* retratinho eu já possuía”⁵⁴. Há um cenário de sincretismo de formas, “famigerada mistura”⁵⁵.

Baseado em Pereira⁵⁶, foram controlados quatro tipos de cartas: (i) sujeito/“você” – “mas eu peço licença a *você* para preferir ou pôr em primeiro lugar o poema”⁵⁷; (ii) sujeito/“tu” – “Estou em falta *contigo*, não tendo ainda agradecido o livro que nos *enviastes*, mas não queria

⁵³ LOPES. Retratos da variação entre “você” e “tu” no português do Brasil: sincronia e diacronia, p. 1-3.

⁵⁴ AL, Ibiracy, 1931.

⁵⁵ RUMEU. *Língua e sociedade*: a história do pronome ‘Você’ no português brasileiro.

⁵⁶ PEREIRA. *Pronomes possessivos de segunda pessoa*: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica.

⁵⁷ AR, Barbacena, 1993.

fazê-lo⁵⁸; (iii) sujeito/“você e tu” – “Por falar em retratos, nós tiramos um, para enviar a vocês [...]. Não *penses* que no nosso quintal só temos lenha⁵⁹; (iv) sujeito/não explícito (sem referência a sujeito empregado, vocativos na saudação e formas verbais na terceira pessoa do singular) e (v) sujeito/“vossa mercê” – “sem duvida é por que assim *Vossa merce* tem querido⁶⁰. Os dados de “vossa mercê” não foram contabilizados para análise estatística, uma vez que não havia células preenchidas para ocorrência de “teu”. Parte-se da hipótese de que o possessivo “seu” acompanha o pronome “você”, assim como “teu” acompanha pronome “tu”.

Uso de “seu” correlacionado ao referente da carta

Referente	Oco	Teu	%	Seu	%	Total
Sujeito/você	286	8	2,8	278	97,2	286
Sujeito/tu	28	20	71,4	8	28,6	28
Sujeito/você e tu	96	63	65,6	33	34,4	96
Sujeito/não definido	101	12	11,9	89	88,1	101
Sujeito/vossa mercê	4	0	0,0	4	100,0	4

Fonte: elaboração própria.

Houve uma alta frequência de uso de “seu” em cartas em que os sujeitos eram “você” (278 oco – 97,2%), sem especificação de sujeito (89 oco – 88,1%) e de “vossa mercê” (4 oco – 100%). Quando o sujeito era “tu” e “você”, houve maior frequência de uso de “teu”, 65,6%. Nota-se que, aparentemente, os pronomes possessivos acompanham o emprego dos pronomes na função de sujeito, como visto também em Pereira⁶¹.

Variável período

Rumeu, em análise de cartas cariocas, constata que já era possível verificar mais evidências da pronominalização do “você”, em fins do século

⁵⁸ MJLB, Lambari, 1941.

⁵⁹ AL, Ibiracy, 1931.

⁶⁰ JP, Nossa Senhora do Porto, 1860.

⁶¹ PEREIRA. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica.*

XIX e no século XX, e sequente entrada no quadro pronominal⁶². Mesmo sendo o “você” empregado, desde o século XIX, como forma pronominal de tratamento da elite brasileira (representada pelo Imperador Dom Pedro II e pela condessa de Barral), já se mostrava generalizado no uso doméstico (família carioca Ottoni). Dessa maneira, o “você”, de um lado, conservava relativa formalidade e, de outro, já estaria em alternância com a forma “tu” nesse período de transição.

Lopes e Rumeu⁶³ e Souza⁶⁴ constataram que “tu” e “você” disputam o espaço funcionalmente em terras mineiras desde o final do século XIX até a década de 1969, sendo que a partir da década de 1930, o “você” apresenta maior produtividade do que o “tu”. Tendo em vista essa reorganização impulsionada pelo “você”, a hipótese trabalhada nesta pesquisa é a de que o possessivo “seu”, em referência à 2SG, seria encontrado a partir de 1930 e anos posteriores, conforme Vargas⁶⁵ e Pereira⁶⁶ também. Esse grupo foi dividido em três fases (fatores): (i) 1868 a 1914, (ii) 1915 a 1930 e (iii) 1931 a 1998.

Uso de “seu” correlacionado ao período da carta

Período	Oco	Teu	%	Seu	%	Total
1868 a 1914	154	68	44,2	86	55,8	154
1915 a 1930	20	15	75,0	5	25,0	20
1931 a 1998	319	18	5,6	301	94,4	319
Sem ID	22	2	9,1	20	90,9	22

Fonte: elaboração própria.

Assim, os resultados mostraram que houve 154 oco em (i), vinte em (ii), 319 em (iii) e 22 em (iv). “Teu” foi mais utilizado em (i) e (ii). Timidamente, esse cenário mostra uma maior ocorrência de “teu” antes da década de

⁶² RUMEU. *Para uma história do português no Brasil: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas.*

⁶³ LOPES; RUMEU. A difusão do você pelas estruturas sociais carioca e mineira dos séculos XIX e XX.

⁶⁴ SOUZA. *As formas de referência ao sujeito de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras dos séculos XIX e XX: uma análise linguístico-social.*

⁶⁵ VARGAS. *Os possessivos de segunda pessoa em cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX.*

⁶⁶ PEREIRA. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica.*

1930, variando bastante com “seu” e sendo preferencial na fase (ii). Já na fase (i), em que há cartas com sujeito “vossa mercê”, os valores foram aproximados e o índice de “seu” se mostrou alto, o que pode sugerir que “seu” continha mais o aspecto de traço de deferência. A frequência de uso do possessivo “seu” foi alta em (iii) e (iv), respectivamente 301 oco (94,4%) e vinte oco (90,9%). Dessa maneira, os índices percentuais mostram que na fase 1931 a 1998, há 94,4% de uso de “seu” ao passo que “teu” teve 5,6%, evidenciando que o possessivo “seu” seria mais produtivo a partir da década de 1930 e adiante, ancorado em Vargas⁶⁷ e Pereira⁶⁸.

Variável subgênero textual

Para certificar a autenticidade do *corpus* deste trabalho, acredita-se ser possível entrever evidências do vernáculo de seus escreventes dada a função social do gênero através de amostras constituídas por cartas pessoais, em seus subgêneros amorosas, familiares e de amizade, uma vez que seus conteúdos são diferentes⁶⁹.

Nesse sentido, a carta, enquanto um tipo de gênero, apresenta características diferentes a depender da situação sociocomunicativa, conforme Watthier⁷⁰. Pereira⁷¹ conclui que nas cartas familiares houve o favorecimento do possessivo “seu” ao passo que nas cartas amorosas seu uso foi desfavorecido. Nas cartas ditas pessoais trocadas entre amigos, embora tenha havido o desfavorecimento de “seu”, o índice não foi baixo. Os resultados estão ligados ao grau de intimidade e proximidade que os interlocutores teriam entre si. Baseado em Pereira e Barbosa⁷², subdividiu-se o gênero carta em três tipos (fatores): (i) amizade (sem laços consanguíneos), (ii) amorosa (sem laços consanguíneos, mas de intimidade) e (iii) familiar (laços consanguíneos), tendo como hipótese

⁶⁷ VARGAS. *Os possessivos de segunda pessoa em cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX*.

⁶⁸ PEREIRA. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica*.

⁶⁹ PEREIRA. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica*.

⁷⁰ WATTHIER. *Revisitando histórias guardadas no tempo: um olhar bakhtiniano para o gênero discursivo carta de amor*.

⁷¹ PEREIRA. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica*.

⁷² BARBOSA. *O uso dos pronomes possessivos teu e seu em cartas pessoais de sertanejos baianos do século XX*.

de que se encontraria maior uso de “seu” em cartas de amizade. A alternância “teu/seu” pode acontecer dependendo do grau de intimidade (maior/menor) entre remetente e destinatário “presentes nos diferentes subgêneros da carta [...] uma vez que a temática da carta e o teor da mesma influenciam nas utilizações pronominais”⁷³.

Uso de “seu” correlacionado ao subgênero da carta

Subgênero textual	Oco	Teu	%	Seu	%	Total
Amizade	323	54	16,6	272	83,4	326
Amorosa	11	10	90,9	1	9,1	11
Familiar	181	39	21,5	142	78,5	181

Fonte: elaboração própria.

Desse modo, os resultados mostraram que houve 326 oco de possessivos (i), onze em (ii) e 181 oco em (iii). A frequência de uso do possessivo “seu” foi alta em (i) e (iii), respectivamente em (i) 83,4% e (iii) 78,5%. Nota-se, por meio desse grupo de fatores, amplo uso do possessivo “seu” para se referir à 2SG, pois mesmo no subgênero carta familiar, esperado que ocorresse menos, o índice foi alto. Conjecturou-se que em cartas amorosas haveria menos uso de “seu”, o que procedeu. Assim, os índices percentuais apontaram que o possessivo “seu” seria mais produtivo em cartas de amizade, de acordo com Pereira⁷⁴ e Barbosa⁷⁵.

Variável relações sociais

A escolha das estratégias de tratamento referentes à 2ª pessoa do discurso está regulamentada por relações denominadas de poder e solidariedade que estão presentes em todas as formas de interação entre os interlocutores. Assim, o uso de formas V (como *Vous*, em francês) está diretamente ligado às relações simétricas em que não há solidariedade

⁷³ PEREIRA. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica*, p. 164.

⁷⁴ PEREIRA. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica*.

⁷⁵ BARBOSA. *O uso dos pronomes possessivos teu e seu em cartas pessoais de sertanejos baianos do século XX*.

entre os participantes da ação, e às relações assimétricas em que o emissor está hierarquicamente inferior ao receptor. Já as formas T (como *Tu*, em francês) correspondem às relações simétricas em que há reciprocidade e solidariedade ou às relações assimétricas em que o emissor exerce alguma forma de poder sobre o receptor⁷⁶. Os pronomes e expressões de tratamento “exprimem o grau de distanciamento e a subordinação em que uma pessoa voluntariamente se põe em relação a outra”, de acordo com Berlinck; Barbosa; Marine⁷⁷. O inovador “você” apresentava um comportamento polifuncional, ora funcionando como forma de tratamento respeitoso, de deferência, ora covariando com “tu” para referência à 2SG. Dessa maneira Pereira e Barbosa apontaram o uso do pronome “seu” tanto nas relações simétricas quanto assimétricas ascendentes e descendentes estabelecidas. Dessa forma, baseado em Pereira e Barbosa, dividiu-se as relações sociais em três tipos (fatores): (i) simétrica (entre interlocutores de igual poder, como amigo-amigo, irmão-irmão, primo-primo, irmã-irmã, irmão-irmã), sendo que quanto maior proximidade haveria uma relação simétrica marcada pelo uso de “teu” (paradigma de “tu”), (ii) assimétrica/ascendente (interlocutor inferior se dirige ao seu superior, como sobrinha-tia, afilhada-madrinha, sobrinho-tio, para pessoas ilustres, filho-mãe) e (iii) assimétrica/descendente (interlocutor superior se dirige ao seu inferior, como tio-sobrinho, mãe-filho, mãe-filha), nessas duas últimas relações, uma vez tendo menor proximidade, dar-se-iam as relações assimétricas em que haveria maior produtividade de “seu” (paradigma de “você”)⁷⁸.

⁷⁶ BROWN; GILMAN. *The Pronouns of Power and Solidarity*.

⁷⁷ BERLINCK; BARBOSA; MARINE. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua.

⁷⁸ PEREIRA. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica*; BARBOSA. *O uso dos pronomes possessivos teu e seu em cartas pessoais de sertanejos baianos do século XX*.

Uso de “seu” correlacionado ao tipo de relação social

Relação social	Oco	Teu	%	Seu	%	Total
Ascendente	45	1	2,2	44	97,8	45
Descendente	47	15	31,9	32	68,1	47
Simétrica	423	87	20,6	336	79,4	423

Fonte: elaboração própria.

Assim, os resultados mostraram que houve maior uso do possessivo “seu” em todos os tipos de relação. Em (i), esperava-se que houvesse mais uso de “teu”, mas houve prevalência de “seu”, 79,4%. Em (ii) e (iii), “seu” teve maior frequência, o que era acreditado pelo fato de serem relações assimétricas de poder. Os resultados desta pesquisa se assemelham aos de Pereira⁷⁹ e Barbosa.⁸⁰ Já o uso de “teu” foi baixo em todos os fatores, visto também em Barbosa⁸¹.

Resultados estatisticamente relevantes

Lembrando que a variável dependente (“teu/seu”) tem valor de aplicação do possessivo “seu”, por ser a forma considerada inovadora, os resultados estão em conformidade com seu comportamento nos níveis *step-up* e *step-down* em relação aos contextos internos (referente do possessivo, posição do possessivo em relação ao nome, tipo de posse, localização do possessivo na carta) e externos (relação social entre os missivistas, período, subgênero da carta pessoal e faixa etária).

Para passar-se à leitura dos resultados, alguns conceitos são relevantes: (i) *input* = equivale ao índice de produtividade do valor de aplicação para certa regra variável (>0,40 indica que a regra é produtiva, <0,40 sinaliza pouca produtividade), (ii) *p-value* (valor de confirmação da hipótese nula, tendo correlação ou não entre os grupos de fatores e a variável dependente, sendo valor menor que 0,5 = hipótese nula rejeitada), (iii) pesos relativos (PR – efeito do fator em relação à variável

⁷⁹ PEREIRA. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica.*

⁸⁰ BARBOSA. *O uso dos pronomes possessivos teu e seu em cartas pessoais de sertanejos baianos do século XX.*

⁸¹ BARBOSA. *O uso dos pronomes possessivos teu e seu em cartas pessoais de sertanejos baianos do século XX.*

dependente, acima de 0,50 é condicionante) e (iv) *logodds* (possibilidade de aplicação da variável: valores positivos = favorecem aplicação da regra variável em questão; valores negativos = desfavorecem).

Nos resultados encontrados, após alcançados os níveis *step-up* e *step-down* e com seu devido *match*, obteve-se um *input* de 1, ou seja, >0,40, sinalizando que o valor de aplicação "seu" é altamente produtivo. Esse valor está em sintonia com o índice geral de "seu" que foi de 80% de frequência, já "teu" teve 20%. Chega-se também aos grupos de fatores selecionados pelo Rbrul como condicionantes do valor de aplicação "seu": referente da carta (~0), período (~0) e subgênero (~0) (os dois últimos serão analisados em outro momento).

O *p-valor* das variáveis independentes (grupos) foi de ~0, ou seja, é menor que o valor de corte 0,5 para rejeitar a hipótese nula, indicando que são altamente significativos e condicionantes para aplicação da regra "seu". Passa-se à descrição da variável referente da carta.

Grupo de fatores "Referente" / Valor de aplicação "seu"

Referente	"seu" (oco)	%	PR	Logodds
Sujeito/você	286	97	0.99	5.576
Sujeito/não explícito	101	88	0.99	5.648
Sujeito/tu e você	96	34	0.91	2.386
Sujeito/tu	27	28	0.01	-13.610

Fonte: elaboração própria.

De acordo com os resultados, mostraram-se correlatos os valores em termos percentuais, probabilísticos (PR) e de *logodds* para o fator sujeito/você, sendo 286 oco ~ 97% ~ PR=0.99 (acima de 0.50 é condicionante) ~ *logodd* de 5.576 (se positivos são influenciadores) e sujeito/não explícito sendo 101 oco ~ 88% ~ PR=0.99 ~ *logodd* de 5.648.

Os valores dos fatores sujeito/tu e você e sujeito/tu de porcentagem, 34% e 28%; probabilísticos (PR), 0.91 e 0.01; *logodds*, 2.386 e -13.610, quando conjugados, não se mostraram tão correlatos e condicionantes do possessivo "seu".

Considerações finais

Este trabalho investigou algumas variáveis linguísticas e extralinguísticas relevantes à dinâmica “teu/seu” em referência à 2SG em missivas históricas mineiras oitocentistas e novecentistas. A partir de dados iniciais de Pinheiro, foi possível mapear mais dados, totalizando 167 cartas, o que demonstra já haver um avanço na pesquisa, a qual culminará em tese de doutorado⁸².

Ressalta-se que esta amostra de dados ainda é pouco equânime por estar em estágio inicial, embora o não equilíbrio na distribuição de dados em *corpora* históricos seja uma realidade e desafio ao linguista-pesquisador da área. Os dados desta pesquisa foram analisados em termos percentuais, para checar a influência dos contextos (variáveis independentes) em relação à variável dependente “teu/seu” e, em sequência, descreveram-se resultados probabilísticos para a regra variável, como valor de aplicação “seu” (inovador).

Objetivou-se analisar alguns contextos sociais e linguísticos, com base em Pereira⁸³, Barbosa⁸⁴ e Vargas⁸⁵. Dessa forma, a variável dependente inovadora “seu” foi controlada a partir de grupos de variáveis independentes linguísticas (tipo de posse, referente da carta) e extralinguísticas (período, subgênero textual, relações sociais). Os resultados encontrados mostraram que, entre os anos de 1868 a 1998, o possessivo “seu” foi mais encontrado em missivas mineiras, 80% de frequência de uso.

Como resultado estatisticamente relevante apenas o grupo referente da carta se mostrou como condicionante neste momento da pesquisa. Tal grupo se refere às formas pronominais empregadas nos documentos, sendo as cartas de sujeito/“você”, sujeito/não explícito e sujeito/“tu e você” as que favoreceram o uso no inovador “seu” em detrimento de “teu”. Timidamente, pode-se pensar que “seu” acompanha a implementação de “você” como forma de referência a 2SG.

⁸² PINHEIRO. A alternância teu/seu em carta mineiras oitocentistas e novecentistas.

⁸³ PEREIRA. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica.*

⁸⁴ BARBOSA. *O uso dos pronomes possessivos teu e seu em cartas pessoais de sertanejos baianos do século XX.*

⁸⁵ VARGAS. *Os possessivos de segunda pessoa em cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX.*

Referências

- AGUILLAR, Rafael Cano. Presencia de lo oral en lo escrito: la transcripción de las declaraciones en documentos indianos del siglo XVI. In: OESTERREICHER, Wulf; STOLL, Eva; WESCH, Andreas (Ed.). *Competencia escrita, tradiciones discursivas y variedades lingüísticas: aspectos del español europeo y americano en los siglos XVI y XVII*. Tübingen: Narr, 1998.
- BARBOSA, Gutemberg Magalhães Oldack. *O uso dos pronomes possessivos teu e seu em cartas pessoais de sertanejos baianos do século XX*. 2018. 242 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, 2018.
- BANDEIRA, Anna Carolina da Costa Avelheda; SOUZA, Sílvia Carolina Gomes de. *Passo a passo para uso do R-Brul*. 2017 (Curso de curta duração ministrado/Extensão).
- BELO HORIZONTE. Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. Minas Gerais. Belo Horizonte, 21 de maio de 1991b.
- BERGS, Alexander. *Social Networks and Historical Sociolinguistics: Studies in Morphosyntactic Variation in the Paston Letters*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2005.
- BERLINCK, Roseane de Andrade; BARBOSA, Juliana Bertucci; MARINE, Talita de Cássia. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 169-195, 2017.
- BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The Pronouns of Power and Solidarity. In: SEBEOK, Thomas Albert (Ed.). *Style in Language*. Cambridge-Mass: MIT Press, 2003, p. 253-276.
- CARVALHO, Luiz Fernando. *O estatuto variável do imperativo de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras: um estudo sociolinguístico de cunho histórico (séculos XIX e XX)*. 2020. 202 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.
- CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo. *Sociolingüística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.
- FREITAG, Raquel Meister Ko (Org.). *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolingüística*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-list/metodologia-sociolingüística-268/list>. Acesso em: 8 jan. 2022.
- GOMES, Christina Abreu. Para além dos pacotes estatísticos Varbrul, Goldvarb e Rbrul: qual a concepção de gramática. *Revista Gelne*, [S. l.], v. 14, n. especial, p. 259-272, 2012.
- GUY, Gregory; ZILLES, Ana. *Sociolingüística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo (Ed.). *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2012.
- HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; SCHILLING-ESTES, Natalie. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo (Ed.). *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2012. p. 63-79.
- HUERTA FLORES, Norohella. Los Posesivos. In: COMPANY COMPANY, Concepción. *Sintaxis Histórica de la Lengua Española*. Segunda parte: la frase nominal. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, Universidad Nacional Autónoma de México, 2009. p. 611-757.
- LIMA, Alexandre Xavier; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz; RUMEU, Márcia Cristina de Brito.

Experiências metodológicas em constituição de corpora: pistas para um pesquisador iniciante. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *História do português brasileiro: corpus diacrônico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto; 2019. v. 2. p. 68-91.

LOBO, Tânia Conceição Freire. Arquivos, acervos e a reconstrução histórica do português brasileiro. In: OLIVEIRA, Klebson; SOLEDADE, Juliana; CUNHA E SOUZA, Hirão Fernandes (Org.). *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 305-327.

LOBO, Tânia Conceição Freire. *Para uma sociolinguística histórica do português no Brasil*: edição filológica e análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX. 2001. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Retratos da variação entre “você” e “tu” no português do Brasil: sincronia e diacronia. In: RONCARATI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). *Português Brasileiro II – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EDUFF, 2008, v. 2, p. 55-71.

LOPES, Célia Regina dos Santos; RUMEU, Márcia Cristina de Brito. A difusão do você pelas estruturas sociais carioca e mineira dos séculos XIX e XX. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, 2015, n. 1, v. 1, p. 12-25, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/4782/3490>. Acesso em: 12 dez. 2021.

LOPES, Célia Regina dos Santos *et al.* Reflexões metodológicas para a análise sociocultural de redatores em corpora históricos. *Gragoatá*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 29, p. 239-253, 2010.

LOPES, Célia Regina dos Santos; CAVALCANTE, Sílvia Regina de Oliveira. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 25, p. 30-65, jun. 2011.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Pronomes pessoais. In: BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; VIEIRA, Sílvia Rodrigues (Org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 103-114.

LUCCHESI, Dante. A periodização da história sociolinguística do Brasil. *DELTA*, São Paulo, v. 33, n. 2, 2017, p. 347-382. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-445067529349614964>.

LUZ, Ricardo Dias. *O tratamento na produção epistolar de João Pinheiro da Silva: análise sociopragmática de tu x você e respectivas formas gramaticais*. 2015. 86 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2015.

OUSHIRO, Livia. Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas. In: FREITAG, Raquel Meister Ko (Org.). *Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. p. 133-176. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/tratamento-de-dados-com-o-r-para-anlises-sociolinguisticas-18960>. Acesso em: 8 jan. 2022.

PEREIRA, Rachel Oliveira Lucena. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica*. 2016. 203 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

PINHEIRO, Ludmila Reis. A alternância teu/seu em carta mineiras oitocentistas e novecentistas. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 81, p. 28-44, 2021.

ROCHA, Fernanda Cunha Faria. *A alternância nos pronomes pessoais e possessivos do português de Belo Horizonte*. 2009. 107 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

- ROMAINE, Suzanne. *Socio-Historical Linguistics: Its Status and Methodology*. New York: Cambridge University Press, 2010. Primeira publicação em 1982.
- RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *Para uma história do português no Brasil: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas*. 2004. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004. 2 volumes.
- RUMEU, Márcia Cristina de Brito *et al.* Amostras históricas do português escrito nos séculos XIX e XX: orientações metodológicas. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 329-363, 2019.
- RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *Língua e sociedade: a história do pronome 'você' no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca (FAPERJ), 2013.
- SOUZA, Erenildo de Queiroz. *As formas de referência ao sujeito de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras dos séculos XIX e XX: uma análise linguístico-social*. 2021. 202 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- VARGAS, Marly Rocha Medeiros. *Os possessivos de segunda pessoa em cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX*. 2014. 102 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.
- WATTHIER, Luciane. *Revisitando histórias guardadas no tempo: um olhar bakhtiniano para o gênero discursivo carta de amor*. 2010. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2009.

O imperativo de 2ª pessoa do singular à luz da sociolinguística histórica: a disputa entre o indicativo e o subjuntivo em missivas mineiras (séculos XIX e XX)

Luiz Fernando de Carvalho

*Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro*

Oswald de Andrade

Considerações iniciais

Na 2ª pessoa do singular (doravante 2SG), o modo imperativo manifesta uma disputa entre formas indicativas, denominadas verdadeiras, e subjuntivas, consideradas supletivas. Na visão da gramática normativa, às formas verdadeiras (“deixa”/“recebe”/“abre”/“dá”/“diz”/“vai”), prescreve-se o “tu” em posição de sujeito, e às formas supletivas (“deixa”/“recebe”/“abre”/“dá”/“diz”/“vai”), recomenda-se o “você” nessa posição¹. Todavia, à luz de diversos estudos sobre essa variação²,

¹ BECHARA. *Moderna gramática portuguesa*; LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*; CUNHA; CINTRA. *Nova gramática do português contemporâneo*.

² FARACO. *The Imperative Sentence in Portuguese: a Semantic and Historical Discussion*; PAREDES SILVA *et al.* Variação na 2ª pessoa: o Pronome sujeito e a forma do imperativo; SCHERRE. Norma e uso na expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica; Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no Português Brasileiro; Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista; CARDOSO. *Variação e Mudança no Português Brasileiro*: gênero e identidade; SILVA. *Formas imperativas de segunda pessoa no português brasileiro*; DINIZ. *A expressão variável do imperativo de 2ª pessoa do singular no português brasileiro*: análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX; RUMEU. A inserção do você no português brasileiro escrito dos séculos XIX e XX: reflexos nas construções imperativas de 2SG; CARVALHO. *O estatuto variável do imperativo de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras*: um estudo sociolinguístico de cunho histórico (séculos XIX e XX); entre outros.

constata-se que essa distribuição complementar não é categórica. A inserção do “você” no sistema pronominal³ promoveu a emergência de uma construção imperativa *sui generis* no PB: “o imperativo abasileirado” (forma indicativa em contexto de “você-sujeito”)⁴.

Este estudo⁵, com intuito de verificar a distribuição variável do imperativo de 2SG em cartas mineiras oitocentistas e novecentistas, apoia-se nos princípios teórico-metodológicos da sociolinguística histórica⁶, inspirada, por seu turno, na teoria da variação e mudança linguística⁷ a fim de depreender os fatores responsáveis por essa variação. Tendo esse objetivo no horizonte, procura-se, com esta análise, responder à seguinte questão: considerando a literatura sobre o fenômeno⁸, quais seriam os contextos linguísticos e extralinguísticos considerados significativamente relevantes para deflagração do estatuto variável do imperativo de 2SG nas mãos mineiras?

A fim de responder a esse questionamento, as formas imperativas encontradas no *corpus* foram devidamente codificadas tendo em vista um conjunto de fatores linguísticos e extralinguísticos e submetidas a tratamento estatístico do programa Goldvarb X⁹, que, ao fornecer as frequências e os pesos relativos, permite interpretar os condicionamentos propulsores da variação.

³ LOPES. Pronomes pessoais; LOPES; CAVALCANTE. A cronologia do voceamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te.

⁴ PAREDES SILVA *et al.* Variação na 2ª pessoa: o Pronome sujeito e a forma do imperativo, p. 121.

⁵ Trata-se de uma apresentação dos resultados gerais da dissertação de Carvalho (*O estatuto variável do imperativo de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras: um estudo sociolinguístico de cunho histórico (séculos XIX e XX)*), defendida no mestrado de PosLin/UFGM.

⁶ ROMAINE. *Socio-Historical Linguistics: Its Status and Methodology*; CONDE-SILVESTRE. *Sociolinguística histórica*; HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE-SILVESTRE. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*.

⁷ WEINREICH; LABOV; HERZOG. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*; LABOV. *Padrões sociolinguísticos*.

⁸ PAREDES SILVA *et al.* Variação na 2ª pessoa: o Pronome sujeito e a forma do imperativo; SCHERRE. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no Português Brasileiro; CARDOSO. O imperativo gramatical no português do Brasil; DINIZ. *A expressão variável do imperativo de 2ª pessoa do singular no português brasileiro: análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX*; RUMEU. A inserção do você no português brasileiro escrito dos séculos XIX e XX: reflexos nas construções imperativas de 2SG.

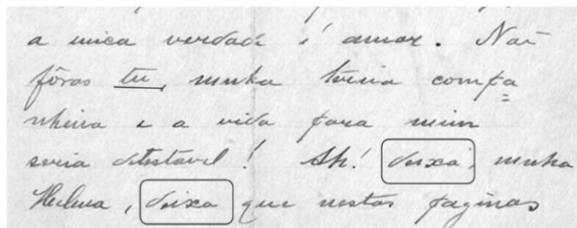
⁹ Goldvarb (Pacote de Programas VARBRUL – VARIABLE RULE – adaptado ao ambiente Windows) é um programa para cômputo de variáveis sociolinguísticas desenvolvido por pesquisadores canadenses disponível para acesso no endereço eletrônico: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 20 fev. 2024. SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH. *Goldvarb X: a Variable Rule Application for Macintosh and Windows*.

Este trabalho está organizado em três seções. A partir da introdução, com a apresentação do fenômeno e da pesquisa, passa-se para a seção um, em que o imperativo de 2SG é analisado em termos semânticos, morfológicos e sintáticos. Em seguida, há a seção dois, dedicada à discussão das questões teórico-metodológicas que envolvem o trabalho com a sociolinguística histórica, e, posteriormente, a seção três, que examina os resultados obtidos por esse estudo no *corpus* utilizado. A essa última seção, seguem-se as considerações finais, em que se retoma a questão em pauta à guisa de tecer algumas generalizações sobre o comportamento variável do imperativo de 2SG nas missivas mineiras.

O imperativo de 2ª pessoa do singular: aspectos semânticos, morfológicos e sintáticos

O imperativo, modo do pedido, da ordem e da súplica¹⁰, resguarda uma força ilocucionária¹¹, na medida em que induz o interlocutor à tomada de uma posição subjetiva¹². Esse ato ilocutório pode ser visto em 1, 2 e 3, acompanhados de suas imagens fac-similadas respectivamente em “Fac-símile da carta de JP (RJ, 14.02.1891)”, “Fac-símile da carta de RCAM (BH, 31.10.1978)” e “Fac-símile da carta de L. (Thebas-MG, 24.01.1925)”. Neste trabalho, optou-se por marcar as formas imperativas em itálico e por omitir a autoria dos excertos, sendo esta regatada por equivalente acrossêmica.

1) Não fôras tu, minha terna companheira e a vida para mim seria detestavel! Ah! *deixa*, minha Helena, *deixa* que nestas paginas eu fale esta linguagem cheia d. sentimento, que dizem ser a loucura d. namorados; mas que é a grande verdade, das grandes almas que tem a felicidade de um grande amor¹³.



Fac-símile da carta de JP (RJ, 14.02.1891).
Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM).

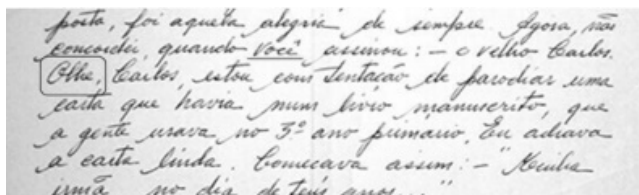
¹⁰ CUNHA; CINTRA. *Nova gramática do português contemporâneo*.

¹¹ SEARLE. *Speech Acts: an Essay in the Philosophy of Language* apud FARIA. O uso da linguagem, p. 73-74.

¹² CÂMARA JR. *Estrutura da língua portuguesa*.

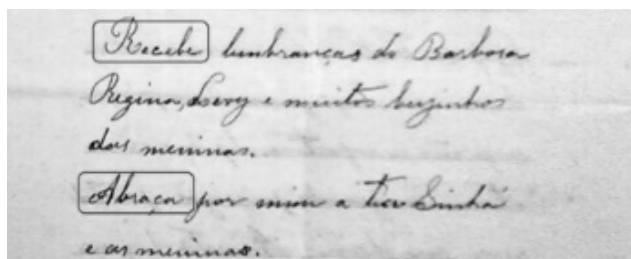
¹³ (JP, RJ, 14.02.1891), grifos próprios.

2) Agora, não concordei, quando você assinou: – o velho Carlos. Olhe, Carlos, estou com tentação de parodiar uma carta que havia num livro manuscrito que a gente usava no 3º ano primário¹⁴.



Fac-símile da carta de RCAM (BH, 31.10.1978).
Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG).

3) Aposto sem medo de perder como foi voce quem pintou o palhacinho no cartão? [...] Recebe lembranças do Barbosa Regina, Levy e muitos beijinhos. Abraça por mim a tia Sinhá e as meninas¹⁵.



Fac-símile da carta de L. (Thebas-MG, 24.01.1925).
Fonte: Acervo dos Escritores Mineiros (AEM).

Semanticamente, enquanto no fragmento 1, por meio da forma “deixa”, o escrevente pede permissão à amada para que naquelas páginas ele possa expressar seus sentimentos, em 2, há a forma “olhe”, seguida do vocativo “Carlos”, que funciona como uma âncora discursiva¹⁶, que requisita a atenção do interlocutor para o que está sendo escrito a seguir. Por fim, no excerto 3, ao se despedir do destinatário, o missivista, pelas formas “recebe” e “abraça”, recomenda lembranças e abraços a pessoas conhecidas pelos envolvidos.

Em termos morfológicos, o imperativo de 2SG é composto por formas derivadas de dois outros modos verbais: o indicativo e o subjuntivo¹⁷. Enquanto do indicativo vem a forma que integra o *locus* formal de 2ª pessoa (“tu”) com apócope do morfe número-pessoal -s,

¹⁴ (RCAM. BH, 31.10.1978).

¹⁵ (L. Thebas-MG, 24.01.1925).

¹⁶ SCHERRE. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no Português Brasileiro, p. 191.

¹⁷ CÂMARA JR. *Estrutura da língua portuguesa*.

como em “deixe”, “recebe” e “abraça”, do subjuntivo, como em “olhe”, vem a forma que compõe a 3ª pessoa formal (“você”, “o senhor”); o imperativo conserva sua raiz (deix-, receb-, abraç-) e seu sufixo temático (-e, -e, -a) nas formas verdadeiras, mas, nas formas supletivas, embora a raiz se mantenha (olh-) junto ao sufixo modo-temporal (-e), há síncope de vogal temática, que constitui uma categoria vazia (∅).

Sintaticamente, o imperativo estabelece uma relação com a posição de sujeito de 2SG que dá origem às construções constantes no quadro abaixo.

As construções imperativas de 2SG do PB

Representação do imperativo			
Pronome-sujeito	Forma verbal	Classificação	Exemplo
Tu	Indicativo	verdadeiro	deixa (tu)
Você	Subjuntivo	supletivo	olhe (você)
Você	Indicativo	abrasileirado	recebe, abraça (você)

Fonte: RUMEU; CARVALHO. O imperativo em livros didáticos de língua portuguesa: a distância entre pesquisa e ensino, p. 396.

Assim, enquanto o imperativo verdadeiro ocorre com uma forma indicativa (“deixa”) com “tu-sujeito”, como no excerto 1, e o imperativo supletivo apresenta a forma subjuntiva (“olhe”) com o sujeito “você”, como em 2, “o imperativo abrasileirado”, visto em 3, expressa-se com a combinação entre a forma indicativa (“recebe”, “abraça”) e o “você” na posição de sujeito. O imperativo pode se expressar ou não com sujeito foneticamente realizado¹⁸, sendo que, no segundo caso, essa posição sintática deve ser deduzida pela expressão do sujeito em outros segmentos do texto, como se vê nos fragmentos 1, 2 e 3 analisados.

¹⁸ SCHERRE. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança linguística na escrita de revistas em quadrinhos; CARDOSO. O imperativo gramatical no português do Brasil.

Fundamentação teórico-metodológica: a sociolinguística histórica

A sociolinguística histórica¹⁹, uma corrente caudatária da teoria da variação e mudança²⁰, baseia-se no princípio da uniformidade (*The Uniformitarian Principle*)²¹, promovendo um retorno ao passado, no “reino das traças”²². Nesse sentido, munidos dos fundamentos teórico-metodológicos dessa disciplina, os linguistas procuram documentos que resistiram à ação impetuosa do tempo em busca da elucidação de fenômenos linguísticos que repercutem na sincronia atual, examinando seus condicionamentos linguísticos e extralinguísticos. Nesse retorno, com base em Hernández-Campoy e Schilling, põe-se em relevo as questões de autenticidade, autoria e validade social e histórica, a serem lidadas para a manutenção do rigor metodológico da pesquisa²³.

A autenticidade se refere ao fato de que os testemunhos escritos nem sempre manifestam o vernáculo dos escritores, haja vista a distinção entre a oralidade e a escrita, que faria esta normatizada e precisa, enquanto aquela seria fragmentada e improvisada²⁴. É por esse motivo que a sociolinguística laboviana, em busca dos fenômenos de variação, muitas vezes se apoia em gravações que tentam reproduzir a expressão oral menos monitorada dos falantes²⁵. Todavia, dada a inexistência de gravações da fala de indivíduos de séculos anteriores, o acesso ao vernáculo em pesquisas que lidam com a diacronia se faz por meio da escrita. Neste trabalho, a autenticidade das amostras está resguardada

¹⁹ ROMAINE. *Socio-Historical Linguistics: Its Status and Methodology*; CONDE-SILVESTRE. *Sociolinguística histórica*; HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE-SILVESTRE. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*.

²⁰ WEINREICH; LABOV; HERZOG. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*; LABOV. *Padrões sociolinguísticos*.

²¹ O princípio da uniformidade (*The Uniformitarian Principle*) se baseia na ideia do “uso do presente para explicar o passado”, na medida em que os fatos linguísticos de sincronias pretéritas repercutem na realidade linguística da contemporaneidade. Cf. LABOV. *Principles of Linguistic Change*, p. 21.

²² LOBO. Arquivos, acervos e reconstrução histórica do português brasileiro.

²³ Hernández-Campoy e Schilling discutem a interferência das questões de representatividade, de validade empírica, de invariação, de autenticidade, de autoria, de validade social e histórica e de ideologia padrão nas pesquisas com amostras históricas. Neste trabalho, pela natureza da amostra, foi possível lidar com as questões de autenticidade, autoria e validade social e histórica. HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING. *The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle*, p. 63-79.

²⁴ BERNSTEIN *apud* MARCUSCHI. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização.

²⁵ LABOV. *Padrões sociolinguísticos*.

pelo fato de que a oralidade e a escrita podem ser pervasivas²⁶, sobretudo quando se trata da utilização de gêneros, como a carta pessoal²⁷, que, pela sua essência íntima e dialógica, refletem características da fala na escrita, permitindo, assim, acesso à expressão menos monitorada dos escreventes.

A questão da autoria está relacionada ao fato de que, ao retornar ao passado, nem sempre é possível certificar que a tinta que escreve o manuscrito é a mesma que o assina (documento autógrafo), tendo em vista a existência de documentos redigidos por amanuenses (testemunho apócrifo) ou cuja autoria é intelectual (documento ideógrafo). Nesse sentido, considerando que o fator falante é elemento crucial na dinâmica da variação sob o viés sociolinguístico, é essencial atestar a autoria do manuscrito que compõe o *corpus*²⁸. Neste estudo, essa questão está salvaguardada no rigoroso trabalho filológico realizado pelo grupo de pesquisa "Para uma sociolinguística histórica do português brasileiro: variação sincrônica e mudança diacrônica"²⁹, na produção de edições conservadoras³⁰, que, a partir da comparação dos traços paleográficos constantes em diferentes documentos atribuídos ao escrevente, comprova a natureza autógrafa dos documentos.

Por fim, a validade social e histórica está associada ao fato de que, no retorno ao passado, nem sempre é possível reconstituir a estrutura social e os perfis dos indivíduos que deixaram documentos escritos. Na visão de Labov, por exemplo, a grande arte do linguista consiste em fazer o melhor uso dos maus dados, entre outros motivos, porque são fragmentados, permitindo conhecer muito pouco de seus dados biográficos, que,

²⁶ AGUILAR. Presencia de lo oral en lo escrito: la transcripción de las declaraciones en documentos indios del siglo XVI. ELPASS. The Use of Private Letters and Diaries in Sociolinguistic Investigation.

²⁷ BERLINK *et al.* Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua.

²⁸ LABOV. *Padrões sociolinguísticos*.

²⁹ O projeto de pesquisa, vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Variação Linguística (NUPEVAR) da Faculdade de Letras (Fale) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), investiga fenômenos morfossintáticos do PB associados à reorganização do quadro pronominal com base na produção de edições conservadoras de textos oitocentistas e novecentistas disponíveis em acervos públicos da cidade de Belo Horizonte. As informações sobre o projeto estão disponíveis no site: http://www.lettras.ufmg.br/sistemas/cpq/projeto_site.php?id=9. Acesso em: 20 fev. 2024.

³⁰ ACIOLI. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para a leitura de documentos manuscritos*; CASTRO. Enquanto os escritores escreverem. (Situação da crítica textual moderna); CASTRO. *O retorno à Filologia*; MEGALE; CAMBRAIA. Filologia portuguesa no Brasil.

quando existem, estão muitas vezes dispersos em acervos e museus³¹. Nesta pesquisa, a validade social e histórica foi garantida com base no reconhecimento dos missivistas, como João Pinheiro, Carlos Drummond de Andrade e Henriqueta Lisboa, que compõem a amostra³². Graças à importância desses escreventes, em sua maioria ilustres, no cenário político e literário, seus perfis sociais puderam ser resgatados em acervos e índices biobibliográficos.

Postas as questões com que se lidou neste trabalho para apreensão do fenômeno variável com o rigor metodológico exigido das pesquisas científicas, encaminha-se a discussão para a análise dos dados. As formas imperativas, coletadas de 202 cartas mineiras autógrafas, foram submetidas ao tratamento estatístico do Goldvarb X³³, um programa de cômputo de variáveis que dá as frequências de uso e os pesos relativos de uma regra variável em função de conjunto de fatores. Nesta pesquisa, a variável dependente é a expressão binária do imperativo de 2SG (indicativo vs. subjuntivo) e as variáveis independentes, investigadas conforme estudos voltados para o fenômeno, são os fatores linguísticos: sujeitos de 2SG, paralelismo formal e semântico, tipo de conjugação do verbo, paralelismo fônico, tipo de clítico, número de sílabas do verbo, polaridade da estrutura, padrão sintático da sentença e tipo de verbo, e extralinguísticos: períodos das cartas, subgênero da carta, gênero do missivista, faixa etária do escrevente. A seguir, promove-se uma análise dos condicionamentos estatisticamente relevantes que influenciam a expressão imperativa nas missivas mineiras.

³¹ “A grande arte do linguista histórico é fazer o melhor uso dos maus dados, “maus” no sentido de que os dados podem ser fragmentários, corrompidos, ou muitas vezes removidos das produções reais dos falantes nativos”. LABOV. *Sociolinguistic Patterns apud* HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING. *The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle*, p. 66.

³² Uma descrição detalhada da amostra utilizada pode ser vista em Carvalho. CARVALHO. *O estatuto variável do imperativo de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras: um estudo sociolinguístico de cunho histórico (séculos XIX e XX)*, p. 78.

³³ MOLLICA; BRAGA. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*; SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH. *Goldvarb X: a Variable Rule Application for Macintosh and Windows*; GUY; ZILLES. *Sociolinguística Quantitativa – instrumental de análise*.

O imperativo de 2ª pessoa do singular pelas mãos mineiras

As 338 ocorrências de formas imperativas de 2SG mapeadas nas missivas mineiras submetidas ao tratamento estatístico deflagraram a distribuição geral em evidência na tabela abaixo. A expectativa, baseada nos estudos de Silva³⁴ e Diniz³⁵ em correspondências oitocentistas e noventaenistas de cariocas cultos, era de que a forma subjuntiva predominasse.

O imperativo de 2SG nas cartas mineiras: distribuição geral dos dados

O imperativo de 2SG	
Indicativo (tu)	Subjuntivo (você)
73/388	315/388
(19%)	(81%)

Fonte: CARVALHO. *O estatuto variável do imperativo de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras: um estudo sociolinguístico de cunho histórico (séculos XIX e XX)*, p. 116.

No que se refere à variável dependente, a forma subjuntiva (315 oco, 81%) predominou sobre a forma indicativa (73 oco, 19%), confirmando os resultados de Silva e Diniz sobre a prevalência do imperativo supletivo. A manifestação do fenômeno variável pode ser vista nos excertos 4 e 5:

4) *Imagina*, agora, Agenor em que condições vou ficar seduzido sem ter quem olhe para os meus pequenos e ainda com genros duvidosos!³⁶ – imperativo com forma indicativa.

5) *Faça* de conta que debaixo de sua janela, da calçada de sua rua, sobe para você este canto de amizade, com os melhores desejos de paz, saúde e vida, junto dos seus³⁷. – imperativo com forma subjuntiva.

A análise multivariada realizada pelo Goldvarb X, selecionou, dentre os aventados para a apreensão do fenômeno, os fatores significativamente relevantes em termos probabilísticos para essa variação. Os

³⁴ SILVA. *Formas imperativas de segunda pessoa no português brasileiro*.

³⁵ DINIZ. *A expressão variável do imperativo de 2ª pessoa do singular no português brasileiro: análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX*.

³⁶ RAAP. Lagoa Santa, 27.12.1913.

³⁷ RCAM. Belo Horizonte, 20.10.1977.

grupos de fatores estão expostos na tabela abaixo na ordem de seleção do programa.

Grupo de fatores selecionados pelo programa de regra variável (Goldvarb X)

Grupos de fatores selecionados	
1. O paralelismo formal e semântico	
2. O sujeito pronominal de 2SG	
3. O subgênero da carta pessoal	
4. A polaridade da estrutura imperativa	
5. O paralelismo fônico	
<i>Best stepping up run: #49</i>	<i>Log likelihood: -108.059</i>
<i>Input: 0.062</i>	<i>Significance: 0.008 (p < 0.05)</i>

Fonte: CARVALHO. *O estatuto variável do imperativo de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras: um estudo sociolinguístico de cunho histórico (séculos XIX e XX)*, p. 182.

O valor de aplicação da regra foi o imperativo com forma indicativa. A escolha por essa opção se deve à possibilidade de evidenciar os contextos mais propícios para a emergência do “imperativo abasileirado” (forma indicativa em contexto de “você-sujeito”)³⁸. Na rodada *stepping up* foram apurados o paralelismo formal e semântico (1), o contexto de sujeito de 2SG (2), o subgênero da missiva (3), a polaridade da construção imperativa (4) e o paralelismo fônico (5). Na rodada *stepping down*, foram eliminados os grupos tipo de verbo (1), tipo de pronome átomo (2), faixa etária do escrevente (3), padrão sintático da sentença (4), tipo de conjugação verbal (5), número de sílabas do verbo (6), gênero do escrevente (7) e período das cartas (8). Nas subseções a seguir, cada fator é

³⁸ Cf. PAREDES SILVA *et al.* Variação na 2ª pessoa: o Pronome sujeito e a forma do imperativo, p. 121.

analisado tendo em vista as expectativas associadas a eles com base nos estudos linguísticos associados ao fenômeno³⁹.

O paralelismo formal e semântico nas construções de imperativo de 2SG

O paralelismo está relacionado ao contexto formal e semântico que antecede as formas imperativas, na medida em que na língua há uma tendência à conservação da similaridade de ocorrência entre as formas linguísticas⁴⁰. Desse modo, a hipótese era de que a forma indicativa, alinhada formalmente à 2SG ("tu"), ocorresse de maneira mais proeminente em contextos do paradigma de 2SG e a forma subjuntiva, associada em termos formais à 3SG ("você"), predominasse em contextos do paradigma de 3SG. Na tabela abaixo, pode-se verificar a distribuição de dados em função desse fator.

O efeito do paralelismo formal sobre as construções imperativas de 2SG associadas ao indicativo

Continua

Paralelismo formal		Construções imperativas de 2SG (indicativo)	
		Ocorrências/(%)	Pesos relativos
1ª Ocorrência	Primeira ocorrência	4/23 (17%)	0.148

³⁹ SCHERRE *et al.* Phonic Parallelism: Evidence from the Imperative in Brazilian Portuguese; SCHERRE. Norma e uso na expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica; O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança linguística na escrita de revistas em quadrinhos; Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro; PEREIRA. O tratamento em cartas amorosas e familiares da Família Penna: um estudo diacrônico; SILVA. Uma análise sociofuncionalista do imperativo relacionado ao subjuntivo e indicativo em cartas amorosas de 1930; RUMEU. Formas variantes do imperativo de segunda pessoa nos séculos XIX e XX: a expressão do social; RUMEU; CARVALHO. O imperativo em livros didáticos de língua portuguesa: a distância entre pesquisa e ensino; SILVA. *Formas imperativas de segunda pessoa no português brasileiro*; DINIZ. *A expressão variável do imperativo de 2ª pessoa do singular no português brasileiro*: análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX.

⁴⁰ SCHERRE *et al.* Phonic Parallelism: Evidence from the Imperative in Brazilian Portuguese, p. 301, 305.

O efeito do paralelismo formal sobre as construções imperativas de 2SG associadas ao indicativo Conclusão

Paralelismo formal	Construções imperativas de 2SG (indicativo)		
	Ocorrências/(%)	Pesos relativos	
Paradigma Do Você (2SG)	Precedida por você-sujeito pleno	11/65 (7%)	0.694
	Precedida por você não-sujeito (de você, para você, com você)	-	-
	Precedida por formas pronominais de 3SG (se, o/a, lhe, seu/sua)	3/80 (4%)	0.196
	Precedida por formas imperativas no subjuntivo	8/102 (8%)	0.395
Paradigma Do Tu (2SG)	Precedida por tu-sujeito (nulo ou pleno)	11/16 (69%)	0.751
	Precedido por tu não-sujeito (de ti, para ti, contigo)	2/3 (67%)	0.788
	Precedida por formas pronominais de 2SG (teu/ tua)	22/41 (54%)	0.810
	Precedida por formas imperativas no indicativo	9/15 (60%)	0.814
Paradigma Da 2PL	Precedida por formas do paradigma de vocês (seus, lhes, de vocês)	2/7 (29%)	0.837
	Precedida por formas do paradigma de vós (vos, vossos, vossas, convosco)	1/9 (11%)	0.387
<i>Total</i>		<i>73/388 (19%)</i>	

Fonte: CARVALHO. *O estatuto variável do imperativo de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras: um estudo sociolinguístico de cunho histórico (séculos XIX e XX)*, p. 185.

No paralelismo formal, os contextos mais produtivos para a manifestação do imperativo com forma indicativa foram os do paradigma de "tu" quando precedido por formas imperativas no indicativo (0.814); formas pronominais "te", "teu/tua" (0.810); "tu não-sujeito" (0.788); "tu-sujeito" (0.715). Destaca-se, entretanto, o alto índice associado às formas imperativas precedidas pelo paradigma de "vocês" (0.837). O paradigma de "você" mostrou-se pouco influente no acionamento das formas indicativas nos contextos precedidos por formas do imperativo no subjuntivo (0.395) e por formas pronominais "se", "o/a", "lhe", "seu/sua" (0.196). Entretanto, salta aos olhos o fato de o "você sujeito-pleno" mostrar-se com peso relativo de 0.694 como uma possível evidência desse contexto como propulsor das construções de imperativo associado ao indicativo, o que não só parece evidenciar vestígios históricos do "imperativo brasileiro", mas também prenunciar, de certa forma, o quanto essa forma seria futuramente profícua no PB. Por fim, percebe-se que, tanto em posição de primeira ocorrência (0.148) quanto precedido por formas do paradigma de "vós" (0.387), há baixa probabilidade de o imperativo se evidenciar com forma indicativa. Esses índices corroboram as hipóteses sobre esse fator levantadas por Scherre, na medida em que a alta produtividade do imperativo verdadeiro no paradigma de 2SG e sua baixa produtividade no paradigma de 3SG evidencia a tendência à harmonia e à similaridade entre as formas linguísticas⁴¹.

De 6 a 16, esse grupo de fator é ilustrado com fragmentos extraídos do *corpus*:

6) *Avise* ao Delzo que, sob registro nº 29.018, mandeia casimira ontem, seguindo pelo Bento 300\$000⁴². – imperativo em 1ª ocorrência.

7) [...] *Você* deseja *lhe* de arranjar-se mais qualquer para o envio. Não *deixe* de ir ver o Axel Munthe⁴³. – imperativo precedido por você-sujeito pleno.

8) Desejo saber, tia, se quer encomendar alguma casa do Chile para *você*. *Mande* dizer-nos⁴⁴. – imperativo precedido por você em outras funções sintáticas.

⁴¹ SCHERRE *et al.* Phonic Parallelism: Evidence from the Imperative in Brazilian Portuguese, p. 301, 305.

⁴² AR. Belo Horizonte, 05.11.1937.

⁴³ AR. Belo Horizonte, 06.01.1937.

⁴⁴ AVP. Santiago, 06.11.1946.

9) [...] se *lhe* parecer razoável, *junte* ao cartão uma palavrinha sua a êle, que queria muito a Papai e que sempre me pediu notícias dele e suas⁴⁵. – imperativo precedido por formas de 3ª pessoa do singular (se, o/a, lhe, seu/sua).

10) *Dize* ao [inint.] que estou á espera dos cobres. Não *mandes* a carta do Cashley, que já paguei⁴⁶. – imperativo precedido por tu-sujeito nulo ou pleno.

11) Tudo que eu digo para a minha negra também pertence a elle e por isso lembrando a todo o momento *de ti*, minha Helena, eu lembro do nosso bemsinho. *Manda* o Raymundo despachar o meu clach como encomenda pela estrada de ferro; veio a casa-ca e elle não veio elle⁴⁷. – imperativo precedido por tu em outras funções sintáticas (de ti, para ti, contigo).

12) Lucia: como vae a *tua* allergia? Tive urticaria quasi o anno inteiro. *Consóla*-te commigo. Agora, só com reza brava. Venceremos!⁴⁸ – imperativo precedido por formas de 2ª pessoa do singular (te, teu/tua).

13) Selma e todas as meninas se [inint.] a *vocês*. Com o Antonio e a sobrinha, *receba* um abraço fraternal do Anibal⁴⁹. – imperativo precedido por formas de 2PL vocês (seus, lhes, de vocês – possessivos, clíticos, sintagmas complementos).

14) não julge. *Vossa* merce enterecei-ras estas exprecções, a franqueza hé quem as dita; *Envieme* outra de amizade e benevolencia e todos os meos dezejões ficarão satisfeitos⁵⁰. – imperativo precedido por formas de 2PL vós (vos, vossos, vossas, convosco).

15) Não *deixe* de ir ver o Axel Munthe. *Traga* autographos. Não *deixe* tambem de ir à França⁵¹. – imperativo precedido por forma imperativa supletiva (do subjuntivo).

16) Não fôras tu, minha terna compa-nheira e a vida para mim seria detestavel! Ah! *deixa*, minha Helena, *deixa* que nestas paginas eu fale esta linguagem cheia d. sentimento [...] ⁵². – imperativo precedido por forma imperativa verdadeira (do indicativo).

⁴⁵ JCL. Rio de Janeiro, 09.10.1947.

⁴⁶ AR. Belo Horizonte, 15.01.1930.

⁴⁷ JP. Ouro Preto, 09.11.1890.

⁴⁸ AM. s/ local, s/ data.

⁴⁹ AM. Rio de Janeiro, 01.01.1941.

⁵⁰ JP. Ouro Preto, 21.12.1869.

⁵¹ AR. Belo Horizonte, 06.01.1937.

⁵² JP. Rio de Janeiro, 14.02.1891.

O sujeito nas construções de imperativo de 2SG

A referência de sujeito de 2SG das cartas (“tu”, “você”, “tu/você”) constitui o segundo fator estatisticamente relevante para a deflagração do imperativo de 2SG. A expectativa, fundamentada nos trabalhos de Rumeu⁵³, Silva⁵⁴ e Diniz⁵⁵, era a de que a forma indicativa se expressasse com “tu” em posição de sujeito e a forma subjuntiva com “você” na posição de sujeito. Pela tabela a seguir, pode-se verificar a variação do imperativo relacionado a esse condicionamento.

O efeito do sujeito pronominal sobre as construções imperativas de 2SG associadas ao indicativo

Sujeitos pronominais de 2SG nas cartas mineiras	Construções imperativas de 2SG (indicativo)	
	Ocorrências/ (%)	Pesos relativos
Cartas de “tu-sujeito” e “você-sujeito” (cartas mistas)	21/35 (60%)	0.903
Cartas de “tu-sujeito” exclusivo	23/48 (48%)	0.821
Cartas de “você-sujeito” exclusivo	9/191 (5%)	0.312
<i>Total</i>	<i>53/274⁵⁶ (19%)</i>	

Fonte: CARVALHO. *O estatuto variável do imperativo de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras*: um estudo sociolinguístico de cunho histórico (séculos XIX e XX), p. 183.

As hipóteses levantadas pelos estudos linguísticos foram infirmadas: enquanto as cartas de “tu-sujeito” exclusivo impulsionam as formas do imperativo verdadeiro (0.821), as cartas de “você-sujeito” exclusivo não se mostraram propulsoras para as formas verdadeiras do imperativo (0.312). Esses índices revelam, de maneira geral, a influência da norma-padrão

⁵³ RUMEU. Formas variantes do imperativo de segunda pessoa nos séculos XIX e XX: a expressão do social; A inserção do você no português brasileiro escrito dos séculos XIX e XX: reflexos nas construções imperativas de 2SG.

⁵⁴ SILVA. *Formas imperativas de segunda pessoa no português brasileiro*.

⁵⁵ DINIZ. *A expressão variável do imperativo de 2ª pessoa do singular no português brasileiro*: análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX.

⁵⁶ Os 274 dados analisados em relação ao subgênero das cartas correlacionados à posição de sujeito foram obtidos a partir do número total de ocorrências (388) mediante subtração dos dados daquelas missivas com outra forma nominal de tratamento na posição de sujeito (114).

sobre os escreventes (escritores mineiros cultos), que prescreve o uso “você” como referência de sujeito para o imperativo associado ao subjuntivo e o “tu” na posição de sujeito para o imperativo relacionado ao indicativo⁵⁷.

As cartas mistas (de “tu/você” em posição de sujeito de 2SG) representam um contexto altamente produtivo para a expressão do imperativo com forma indicativa, haja vista o peso relativo de 0.903. Nesse sentido, considerando que o “imperativo brasileiro”, nos termos de Paredes Silva constrói-se com forma indicativa em contexto de “você-sujeito”, esse índice indica rastros vigorosos desse traço linguístico do PB nas cartas mistas (21 oco)⁵⁸. Esse resultado corrobora a tese de que o ingresso do “você” no sistema pronominal foi responsável pela emergência dessa construção singular do imperativo no PB, haja vista a sua expressão mais visível nas cartas mistas, que intercambiam as posições de sujeito “tu” e “você”⁵⁹.

De 17 a 22, esse fator é ilustrado com alguns exemplos:

17) Caso *Você* não queira falar-lhe, *provoque* um encontro d'elle com o Baêta, deixando-os a sós para que o Baêta lhe fale novamente⁶⁰. – imperativo em carta de você-sujeito.

18) *Podes* reformar o Directorio consulte o Dr Jose Pedro Araujo, consulte a quem quizer ve si o Sabino entra na rasã tudo combinado me-passe um telegramma pedindo as medidas communicando e Directorio criado⁶¹. – imperativo em carta de tu-sujeito.

19) *Podes* despachar a bagagem para Ouro Preto (e *faça* com dinheiro não posso mandar o passe)⁶². – imperativo em carta de tu-sujeito.

20) Se *soubesses* a a afflicção com que espero o correio para ler as tuas cartas, me mandarias menos cartões! Mas as cartas assim pedidas não tem valor! *Escreve* mesmo os teos cartões! [...] *Você* não quiz mandar medida para um vestido; mas comprei um corte d. seda para você [...]⁶³. – imperativo em carta de tu/você-sujeito.

⁵⁷ BECHARA. *Moderna gramática portuguesa*; ROCHA LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*; CUNHA; CINTRA. *Nova gramática do português contemporâneo*.

⁵⁸ PAREDES SILVA *et al.* *Variação na 2ª pessoa: o Pronome sujeito e a forma do imperativo*, p. 121.

⁵⁹ LOPES. *Pronomes pessoais*; LOPES; CAVALCANTE. *A cronologia do voceamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te*.

⁶⁰ AR. Belo Horizonte, 06.06.1936.

⁶¹ JP. s/ local, s/ data.

⁶² JP. Rio de Janeiro, 09.11.1890.

⁶³ JP. Rio de Janeiro, 15.02.1891.

21) Mas, *você* a maior de nossas poetisas vivas, não precisa de crítica de um velho que [inint.] se empenhar bem na poesia... *Beije* em nome do Ciei e aos nossos, às irmãs de D. Sinhá e *recebe* abraço [inint.] ternalmente carinhoso de seu admirador Pedro Pinto⁶⁴. – imperativo em carta de você-sujeito.

22) Quanto ao Thesouro do Estado *fale* ao Augusto d. Lima para se entender com o Doutor Augustinho Carneiro que eu não conheço pessoalmente e nem sei que relações *você* mantém com o mesmo: não *descuides* disto⁶⁵. – imperativo em carta de tu/você-sujeito.

Cabe ressaltar que os fragmentos 20 e 21 podem ser considerados rastros genuínos do “imperativo abrasileirado” em sincronias pretéritas do PB, tendo em vista a forma indicativa e a opção de sujeito “ *você*”.

Os subgêneros das cartas: amorosa, amistosa e familiar

O gênero carta pessoal pode realizar-se através dos subgêneros amorosa, familiar e de amizade e com base nos vínculos estabelecidos entre os missivistas que recebem os traços [+íntimo] nas relações amorosas, [±íntimo] nas relações familiares, e [-íntimo] nas relações amistosas. Levando em consideração que a expressão do imperativo seria sensível ao nível de proximidade depreendido pelos subgêneros das cartas, a hipótese, com base em Pereira⁶⁶ e Silva⁶⁷, era a de que a forma indicativa seria impulsionada em contextos mais íntimos e a forma subjuntiva em contextos menos íntimos. Os resultados em relação a esse grupo de fator, único condicionamento extralinguístico apurado na rodada, encontram-se sumarizados na tabela a seguir.

⁶⁴ pp. s/ local, 14.05.1955.

⁶⁵ jp. Rio de Janeiro, 25.10.1891.

⁶⁶ PEREIRA. *O tratamento em cartas amorosas e familiares da Família Penna*: um estudo diacrônico.

⁶⁷ SILVA. *Semioses*.

O efeito do subgênero das cartas sobre as construções imperativas de 2SG associadas ao indicativo

Subgêneros das cartas pessoais mineiras	Construções imperativas de 2SG (indicativo)	
	Ocorrências/ (%)	Pesos relativos
Amorosa	9/12 (75%)	0.886
Familiar	47/200 (24%)	0.607
Amistosa	17/176 (10%)	0.347
<i>Total</i>	<i>73/388 (19%)</i>	

Fonte: CARVALHO. *O estatuto variável do imperativo de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras*: um estudo sociolinguístico de cunho histórico (séculos XIX e XX), p. 189.

Os índices confirmam as hipóteses do imperativo de 2SG em função dos subgêneros nas cartas, na medida em que, enquanto as cartas amorosas ([+íntimo]) representam o contexto mais propício do indicativo (0.886), as cartas familiares ([±íntimo]) impulsionam também o indicativo, só que de modo menos intenso (0.607), o que não ocorre nas cartas familiares ([-íntimo]) que, definitivamente, não representam um contexto provável para ocorrência dessa forma (0.347).

Nos fragmentos de 23 a 25, são ilustradas as ocorrências das formas imperativa em consonância com esse grupo de fator.

23) *Recebe* nesta carta o coração que neste mundo só tem amado a você e a você amará para sempre. Quanta saudade d. ti, minha Helena, quando te hei d. eu ver?!⁶⁸ – imperativo em carta amorosa.

24) Chegando agora de passeio fora do Rio, recebi seu livro, materialmente belíssimo. Vim àvidamente lê-lo e, decerto, Li de seo a parte espiritual igual á material. [...] Beije em nome do Ciei e aos nossos, às irmãs de D. Sinhá e *recebe* abraço ... ternalmente carinhoso de seu admirador⁶⁹. – imperativo em carta de amizade.

25) Desejo saber, tia, se quer encomendar alguma casa do Chile para você. *Mande* dizer-nos. Não falo no André porque brevemente estará aí. Muito obrigada pela lembrança de meu aniversário. O papel da bala foi completa novidade aqui⁷⁰. – imperativo em carta familiar.

⁶⁸ JP. Rio de Janeiro, 14.02.1891.

⁶⁹ PP. s/ local, 14.05.1955.

⁷⁰ AVP. Santiago, 06.11.1962.

A polaridade estrutural das construções imperativas de 2SG

A polaridade da sentença foi controlada tendo em vista o fato de que o modo verbal pode se expressar como imperativo afirmativo ou imperativo negativo. Nesse caso, a hipótese, baseada em Scherre era a de que a polaridade afirmativa impulsionasse a ocorrência do imperativo verdadeiro, enquanto a polaridade negativa favorecesse o imperativo supletivo⁷¹. Os dados quanto a esse grupo de fator estão sintetizados na tabela abaixo.

O efeito da polaridade da estrutura sobre as construções imperativas de 2SG associadas ao indicativo

Polaridade da estrutura	Construções imperativas de 2SG (indicativo)	
	Ocorrências/(%)	Pesos relativos
Polaridade afirmativa (Sentença afirmativa)	71/360 (20%)	0.542
Polaridade negativa (Negação pré-verbal)	2/28 (7%)	0.101
<i>Total</i>	<i>73/388 (19%)</i>	

Fonte: CARVALHO. *O estatuto variável do imperativo de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras: um estudo sociolinguístico de cunho histórico (séculos XIX e XX)*, p. 188.

Os índices desse grupo atestam a hipótese de Scherre, uma vez que a polaridade afirmativa denota uma tênue propensão à forma indicativa (0.542), e a polaridade negativa não se apresenta definitivamente como um contexto propulsor para essa forma (0.101)⁷².

De 26 a 29, estão dispostas algumas ocorrências que ilustram esse fator:

26) *Lembra* me especialmente á Maria do Carmo⁷³. – imperativo em polaridade afirmativa.

⁷¹ SCHERRE. Norma e uso na expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica.

⁷² SCHERRE. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no Português Brasileiro, p. 207.

⁷³ AL. Ibiracy, 04.09.1931.

27) *Diga-lhe* também que o 4º vol. dos documentos holandeses irá breve... Lembranças a todo⁷⁴. – imperativo em polaridade afirmativa.

28) *Não fica* mal comigo não vir? Eu comprei para meu bem hoje um relógio d. ouro e uma pulseira com brilhante⁷⁵. – imperativo em polaridade negativa.

29) [...] não *estude* de mais, pois até no Seminário ha tempo de recreio [...]⁷⁶. – imperativo em polaridade negativa.

O paralelismo fônico nas construções de imperativo de 2SG

O paralelismo fônico atua no plano da palavra medindo o efeito dos fonemas anteriores nos posteriores⁷⁷. Na expressão do imperativo de 2SG, esse fator é compreendido tendo em vista a harmonização vocálica entre a vogal precedente e a vogal final da forma imperativa, o que leva às expectativas de que:

a) verbos de paradigma regular de 1ª conjugação de paradigma mais marcado (com vogal precedente [+aberta] = *fala/fale, olha/olhe, espera/espere*) tendam a favorecer o imperativo verdadeiro⁷⁸;

b) verbos de paradigma regular de 1ª conjugação de paradigma menos marcado (com vogal precedente [-aberta] = *vira/vire, use/usa, imagina/imagina*) tendam a disseminar o imperativo supletivo⁷⁹;

c) verbos de paradigma regular de 2ª e 3ª conjugações (*come/come, abre/abra*) tendam a impulsionar o imperativo supletivo⁸⁰;

⁷⁴ AR. Belo Horizonte, 05.11.1937.

⁷⁵ JP. Rio de Janeiro, 02.12.1890.

⁷⁶ PTM. Baldim, 15.06.1918.

⁷⁷ SCHERRE *et al.* Phonic Parallelism: Evidence from the Imperative in Brazilian Portuguese, p. 38.

⁷⁸ SCHERRE *et al.* Phonic Parallelism: Evidence from the Imperative in Brazilian Portuguese, p. 67; SCHERRE. Constructing ethnicity in interaction, p. 18; SCHERRE. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no Português Brasileiro, p. 207.

⁷⁹ SCHERRE *et al.* Phonic Parallelism: Evidence from the Imperative in Brazilian Portuguese, p. 67; Constructing Ethnicity In Interaction, p. 18; Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no Português Brasileiro, p. 207.

⁸⁰ SCHERRE. Constructing Ethnicity In Interaction, p. 18; SCHERRE. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança linguística na escrita de revistas em quadrinhos, p. 13.

d) verbos de paradigma irregular de oposição mais marcada (*faz/faça, traz/traga, diz/diga*) tendam a induzir o imperativo supletivo⁸¹;

e) verbos de paradigma irregular de oposição menos marcada (*dá/dê, vai/vá, sai/saia*) tendam a estimular o imperativo supletivo⁸²;

f) verbos de paradigma especial de oposição menos marcada (*esquece/esqueça, corre/corra, segue/siga, sobe/suba, recebe/receba*) tendam a beneficiar as construções do imperativo verdadeiro⁸³.

Na tabela a seguir, os resultados da expressão variável em função desse fator podem ser analisados.

O efeito do paralelismo fônico sobre as construções imperativas de 2SG associadas ao indicativo

Continua

Paralelismo fônico	Construções imperativas de 2SG (indicativo)	
	Ocorrências/ (%)	Pesos relativos
Verbo regular de 1ª conj. com vogal precedente [+aberta]= {fala/fale, olha/olhe, espera/espere}	10/40 (25%)	0.564
Verbo regular de 1ª conj. com vogal precedente [-aberta]= {vira/vire, use/usa, imagina/imagine}	42/163 (26%)	0.647
Verbos regulares de 2ª e 3ª conjugações {come/coma, abre/abra}	1/10 (10%)	0.377

⁸¹ SCHERRE. *Constructing Ethnicity In Interaction*, p. 18; SCHERRE. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança linguística na escrita de revistas em quadrinhos, p. 13; SCHERRE. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no Português Brasileiro, p. 207.

⁸² SCHERRE. *Constructing Ethnicity In Interaction*, p. 18; SCHERRE. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança linguística na escrita de revistas em quadrinhos, p. 13.

⁸³ SCHERRE. *Constructing Ethnicity In Interaction*, p. 18; SCHERRE. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança linguística na escrita de revistas em quadrinhos, p. 13; SCHERRE. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no Português Brasileiro, p. 207.

O efeito do paralelismo fônico sobre as construções imperativas de 2SG associadas ao indicativo

Conclusão

Paralelismo fônico	Construções imperativas de 2SG (indicativo)	
	Ocorrências/ (%)	Pesos relativos
Verbos de paradigma irregular de oposição menos marcada (dá/dê, vai/vá, sai/saia)	-	-
Verbos irregulares com oposição mais marcada {faz/faça, traz/traga, diz/diga, vê/veja, sê/seja}	10/104 (10%)	0.249
Paradigma especial {esqu[ε]ce/esqu[e]ça, c[o]rre/c[o]rra}	10/56 (18%)	0.549
<i>Total</i>	<i>73/388 (19%)</i>	

Fonte: CARVALHO. *O estatuto variável do imperativo de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras: um estudo sociolinguístico de cunho histórico (séculos XIX e XX)*, p. 186.

Os verbos regulares de 1ª conjugação com vogal precedente [-aberta] representam o contexto mais provável para a manifestação do imperativo verdadeiro das missivas mineiras (0.647). Já os verbos regulares de 1ª conjugação com vogal precedente [+aberta] (0.564) e os verbos de paradigma especial (0.549) apresentam-se como contextos que indicam concorrência na aplicação da regra variável com relativo favorecimento do imperativo verdadeiro, haja vista os pesos relativos próximos a 0.500. Por fim, os verbos regulares de 2ª e 3ª conjugação (0.377) e irregulares com oposição mais marcada (0.249) constituem os contextos com menor projeção do imperativo com forma indicativa.

Esses resultados confirmam parcialmente as hipóteses de Scherre, uma vez que, como estipulado, os verbos regulares de 2ª e 3ª conjugação e os verbos irregulares com oposição mais marcada não impulsionaram o imperativo verdadeiro bem como os verbos regulares de 1ª conjugação com vogal precedente [+aberta] e os verbos de paradigma especial

levaram a uma relativa proeminência do imperativo verdadeiro⁸⁴. Todavia, contrariando a hipótese, os verbos regulares de 1ª conjugação com vogal precedente [-aberta], que deveriam impulsionar o imperativo com forma subjuntiva, foram, nesse caso, os de maior potencial para a manifestação do imperativo com forma indicativa.

Nos fragmentos de 30 a 35, encontram-se dados que ilustram o paralelismo fônico.

30) Lucia: como vae a tua alergia? Tive urticaria quasi o anno inteiro. *Consóla-te* commigo. Agora, só com reza brava. Venceremos!⁸⁵ – imperativo com verbo de paradigma regular 1ª conjugação mais marcado (com vogal precedente [+aberta]).

31) *Mande* um grande abraço a M. Celina, que esperamos em dezembro⁸⁶. – imperativo com verbo de paradigma regular de 1ª conjugação menos marcado (verbo com vogal precedente [-aberta]).

32) [...] portanto, *queira* enviar-me dois exemplares dessa obra, pelo reembolso postal [...]⁸⁷. – imperativo com verbo de paradigma regular de 2ª e 3ª conjugações mais marcado.

33) *Dê* notícias nossas aos daí⁸⁸. – imperativo imperativa como verbo de paradigma irregular com oposição menos marcada (dá/dê, vai/vá, sai/saia).

34) Lucia, se estás disposta a não ter conforto, *vem* desde já [...]⁸⁹. – imperativo com verbo de paradigma irregular com oposição mais marcada (faz/faça, traz/traga, diz/diga).

35) Saudade as meninas e com o nosso querido Antonio, *receba* o abraço fraternal do Anibal⁹⁰. – imperativo imperativa com verbo de paradigma especial de oposição menos marcada (esquece/esqueça, corre/corra, segue/siga, sobe/suba, recebe/receba).

⁸⁴ SCHERRE. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança linguística na escrita de revistas em quadrinhos, p. 13; SCHERRE. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no Português Brasileiro, p. 207.

⁸⁵ AM. s/ local, s/ data.

⁸⁶ AM. Rio de Janeiro, 18.10.1946.

⁸⁷ AGN. Silvestre Ferraz, 06.07.1949.

⁸⁸ JCL. Rio de Janeiro, 07.04.1945.

⁸⁹ AM. Rio de Janeiro, XX.01.1944.

⁹⁰ AM. Rio de Janeiro, 13.12.1945.

Feitas as análises dos fatores estatisticamente significativos que deflagram a variação na 2SG do imperativo pelas mãos dos missivistas mineiros, parte-se, enfim, para as considerações finais.

Considerações finais

Este estudo buscou investigar a expressão variável do imperativo de 2SG (indicativo vs. subjuntivo) em 202 cartas mineiras autógrafas distribuídas entre os séculos XIX e XX. Desse modo, apoiando-se nos fundamentos teórico-metodológicos da sociolinguística histórica⁹¹, constatou-se uma predominância do imperativo supletivo (315 oco, 81%) sobre o imperativo verdadeiro (73 oco, 19%). Alcançado o objetivo inicial da apreensão do fenômeno, retoma-se a questão proposta: considerando a literatura sobre o fenômeno⁹², quais seriam os contextos linguísticos e extralinguísticos considerados significativamente relevantes para deflagração do estatuto variável do imperativo de 2SG nas mãos mineiras?

O tratamento computacional realizado através do programa Goldvarb X⁹³, selecionou, como fatores estatisticamente relevantes ($p < 0.05$) para a manifestação variável, o paralelismo formal e semântico (1), o contexto de sujeito de 2SG (2), o subgênero da missiva (3), a polaridade da construção imperativa (4) e o paralelismo fônico (5), nessa ordem. As hipóteses levantadas com base em estudos vinculados ao fenômeno foram de maneira geral infirmadas em todos os contextos. A única exceção se deu em relação ao 5º grupo de fator selecionado, em que os verbos regulares de 1ª conjugação com vogal precedente [-aberta] (“vira/vire”, “use/usa”, “imagina/imagina”) se mostram mais proeminentes para a ocorrência do imperativo com forma indicativa do que com forma subjuntiva. Mais estudos sobre a influência dessa variável sobre o fenômeno precisam ser feitos a fim de elucidar essa questão.

⁹¹ ROMAINE. *Socio-Historical Linguistics: Its Status and Methodology*; CONDE-SILVESTRE. *Sociolinguística histórica*; HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE-SILVESTRE. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*.

⁹² PAREDES SILVA *et al.* Variação na 2ª pessoa: o Pronome sujeito e a forma do imperativo; SCHERRE. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no Português Brasileiro; CARDOSO. *Variação e Mudança no Português Brasileiro: gênero e identidade*; DINIZ. *A expressão variável do imperativo de 2ª pessoa do singular no português brasileiro: análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX*; RUMEU. A inserção do você no português brasileiro escrito dos séculos XIX e XX: reflexos nas construções imperativas de 2SG.

⁹³ SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH. *Goldvarb x: a Variable Rule Application for Macintosh and Windows*.

Resguardados os alcances desta pesquisa que, por lidar com testemunhos históricos, muitas vezes não apresenta equilíbrio numérico entre as amostras, os resultados apontam que o estatuto variável do imperativo de 2SG no PB é um fenômeno sensível a fatores linguísticos e extralinguísticos, confirmando, assim, como defende Labov, a heterogeneidade ordenada natural da língua⁹⁴.

Referências

- ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para a leitura de documentos manuscritos*. Recife: UFP; Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 1994.
- AGUILAR, Rafael Cano. Presencia de lo oral en lo escrito: la transcripción de las declaraciones en documentos indios del siglo XVI. In: OESTERREICHER, Wulf; STOLL, Eva; WESCH, Andreas (Coord.). *Competencia escrita, tradiciones discursivas y variedades lingüísticas: aspectos del español europeo y americano en los siglos XVI y XVII*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1998. p. 219-242.
- BECHARA, Evanilo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Atualizada pelo Novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BERLINCK, Roseane de Andrade; BARBOSA, Juliana Bertucci; MARINE, Talita de Cássia. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 169-195, 2017.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. Primeira edição de 1970.
- CARDOSO, Daisy Barbara Borges. O imperativo gramatical no português do Brasil. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 317-240, 2006.
- CARDOSO, Daisy Barbara Borges. *Varição e mudança no português brasileiro: gênero e identidade*. 2009. 160 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CARVALHO, Luiz Fernando de. *O estatuto variável do imperativo de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras: um estudo sociolinguístico de cunho histórico (séculos XIX e XX)*. 2020. 202 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2020.
- CASTRO, Ivo. Enquanto os escritores escreverem... (Situação da crítica textual moderna). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA DA AMÉRICA LATINA, IX., 1992, Campinas. *Atas [...]*. Campinas: UNICAMP, 1992. Vol I – Conferências Plenárias.
- CASTRO, Ivo. O retorno à filologia. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Org.). *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 511-520.
- CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.

⁹⁴ LABOV. *Padrões sociolinguísticos*.

- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.
- DINIZ, Juliana Sander. *A expressão variável do imperativo de 2ª pessoa do singular no português brasileiro: análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX*. 2018. 160 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2018.
- DUARTE, Constância Lima. *Dicionário biobibliográfico de escritores mineiros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- ELSPASS, Stephan. The Use of Private Letters and Diaries in Sociolinguistic Investigation. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo (Ed.). *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2012. p. 156-169.
- FARACO, Carlos Alberto. *The Imperative Sentence in Portuguese: a Semantic and Historical Discussion*. 1982. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Salford, Salford, 1982.
- FARIA, Isabel Hub. O uso da linguagem. In: MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2006. p. 55-84.
- GUY, Gregory; ZILLES, Anna. *Sociolinguística Quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo (Ed.). *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2012.
- HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; SCHILLING, Natalie. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo (Ed.). *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2012. p. 63-79.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Primeira edição de 1972.
- LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LOBO, Tânia Conceição Freire. Arquivos, acervos e reconstrução histórica do português brasileiro. In: OLIVEIRA, Klebson Souza; HIRÃO, Fernandes Cunha; COELHO, Juliana Soledade Barbosa (Org.) *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 103-114. Primeira edição de 2007.
- LOPES, Célia Regina dos Santos; CAVALCANTE, Sílvia Regina de Oliveira. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 25, p. 30-65, jun. 2011.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MEGALE, Heitor; CAMBRAIA, César Nardelli. Filologia portuguesa no Brasil. *DELTA*, São Paulo, v. 15, n. especial, p. 1-22, 1999.

- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017. Primeira edição de 2004.
- PAREDES SILVA, Vera Lúcia; SANTOS, Gilda Moreira; RIBEIRO, Tatiana de Oliveira. *Variação na 2ª pessoa: o pronome sujeito e a forma do imperativo*. *Gragoatá*, Niterói, v. 5, n. 9, p. 115-123, 2000.
- PEREIRA, Rachel de Oliveira. *O tratamento em cartas amorosas e familiares da família Penna: um estudo diacrônico*. 158 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 51. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010. Primeira edição de 1972.
- ROMAINE, Suzanne. *Socio-Historical Linguistics: its Status and Methodology*. New York: Cambridge University Press, 2010. Primeira edição de 1982.
- RUMEU, Márcia Cristina de Brito. Formas variantes do imperativo de segunda pessoa nos séculos XIX e XX: a expressão do social. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 19, n. 2, p. 310-341, 2016.
- RUMEU, Márcia Cristina de Brito; CARVALHO, Luiz Fernando de. O imperativo em livros didáticos de língua portuguesa: a distância entre pesquisa e ensino. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 44, p. 391-409, 2018.
- RUMEU, Márcia Cristina de Brito. A inserção do você no português brasileiro escrito dos séculos XIX e XX: reflexos nas construções imperativas de 2SG. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 15-38, 2019.
- SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira *et al.* Phonic Parallelism: Evidence from the Imperative in Brazilian Portuguese. In: PARADIS, Claude; VINCENT, Diane; DESHAIS, Denise; LAFOREST, Marty (Org.). *Papers in Sociolinguistics - NWAVE-26 à l'Université Laval*. Québec, Canada: Nota Bene, 1998. p. 63-72.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. Norma e uso na expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. In: SILVA, Denize Elena Garcia da; LARA, Gláucia Muniz Proença; MENEGAZZO, Maria Adélia (Org.). *Estudos de Linguagem: inter-relações e Perspectivas*. Campo Grande: Editora UFMS, 2003. p. 177-191.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança linguística na escrita de revistas em quadrinhos. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia (Ed.). *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2006. p. 306-319.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. *Alfa*, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 189-222, 2007.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. *Tabuleiro de Letras*, [S. l.], n. 4, p. 1-32, jun. 2012.
- SCHILLING-ESTES, Natalie. Constructing ethnicity in interaction. *Journal of Sociolinguistics*, v. 8, n. 2, p. 163-195, 2004. SEARLE, John Rogers. *Speech Acts: An Essay In The Philosophy Of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.
- SILVA, Érica Nascimento. *Formas imperativas de segunda pessoa no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, Érica Nascimento. Uma análise sociofuncionalista do imperativo relacionado ao subjuntivo e indicativo em cartas amorosas de 1930. *Semioses: Inovação, Desenvolvimento e Sustentabilidade*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 17-26, 2013.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

Análise da prática corporificada e multimodal de um atendimento clínico realizado durante a pandemia causada pela covid-19

Sineide Gonçalves

Considerações iniciais

Estudos recentes de vários pesquisadores sobre a interação face a face fundamentam-se em uma visão holística da comunicação para investigar, sob um ponto de vista praxeológico e fenomenológico da interação *in situ*, o conjunto de atividades verbais, prosódicas e corporais, que em tempos da covid-19 foi modificado para se adequar às novas práticas de prevenção mundial contra a propagação dessa doença¹. As observações apontadas por todos os pesquisadores elencados anteriormente mostram que a pandemia causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2², além de afetar a saúde, alterou as práticas sociais e comunicativas da população mundial. Surge, então, o seguinte questionamento: quais as estratégias compensatórias que os corpos-sujeitos interagindo desenvolvem para lidar com o distanciamento social e suprir a visualização parcial da face, uma vez que as máscaras cobrem uma grande extensão do rosto humano? Para avaliar se formas de comportamento incorporado, como gestos, tom de voz, movimento de

¹ CALIBI *et al.* The consequences of COVID-19 on social interactions: An online study on face covering; CARBON. Wearing Face Masks Strongly Confuses Counterparts in Reading Emotions; DUE; LICOPPE. Video-mediated Interaction (VMI): Introduction to a Special Issue on the Multimodal Accomplishment of VMI Institutional Activities; MONDADA *et al.* Human sociality in the times of the Covid-19 pandemic: A systematic examination of change in greetings; GIOVANELLI *et al.* Unmasking the difficulty of listening to talkers with masks: Lessons from the COVID-19 pandemic; KATILA; YUMEI; GOODWIN. Interaction Rituals and 'Social Distancing: New Haptic Trajectories and Touching From a Distance in The Time of COVID-19; MHEIDLY *et al.* Effect of Face Masks on Interpersonal Communication During the COVID-19 Pandemic.

² Do inglês: *Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2*.

sobrancelhas, direção do olhar, assim como a maneira como os indivíduos se posicionam no espaço, servem complementarmente para compensar, no plano linguístico e extralinguístico, a perda de meios comunicativos devido ao uso de máscaras faciais e isolamento social, elabora-se uma interface entre os estudos sobre a intercorporeidade³; a prosódia⁴ e três campos de pesquisa que melhor explicam a estruturação da fala-em-interação, a saber, a Linguística Interacional, doravante LI⁵; a Sociolinguística Interacional, doravante SI⁶; e a Análise da Conversa, doravante AC⁷. O centro de pesquisa *Intercultural Communication in Multimodal Interactions* (ICMI) contribuiu de maneira pontual para que esse tema fosse escolhido⁸. O ICMI, cujos projetos integrados têm aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP-UFMG) para registrar em áudio e vídeo interações interculturais que podem ocorrer em cenários naturais, eliciados ou institucionais, tem como objetivo a criação de um *corpus* de vídeos e suas transcrições que se baseiam em interações entre participantes de diferentes culturas, de um mesmo grupo ou de subgrupos culturais para fins de comparação⁹. Seguindo esse escopo, análises de oito interações filmadas de subgrupos de moradores das cidades de Conselheiro Lafaiete e Ouro Branco (Minas Gerais, Brasil) foram realizadas

³ CARBON. Wearing Face Masks Strongly Confuses Counterparts in Reading Emotions; MEYER; STREECK; JORDAN. Introduction; MONDADA *et al.* Doing paying during the Covid-19 pandemic.

⁴ BOLINGER. *Intonation End Its Parts*; GUMPERZ. *Discourse strategies*; HALLIDAY. *An Introduction To Functional Gramar*; HIRST; DI CRISTO. *Intonation Systems: A Survey Of Twenty Languages*; LADD. *Intonational Phonology*; SELTING. *Prosodie im Gespräch: Aspekte einer interaktionalen Phonologie der Konversation*.

⁵ COUPER-KUHLEN; SELTING. *Interactional Linguistics: Studying Language in Social Interaction*.

⁶ GOFFMAN. *Stigma: notes on the management of spoiled identity*; *The Neglected Situation*; *Relations in Public*; *Internados: ensayos sobre la situación social de los enfermos mentales*; *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*; *Foorms of Talk*; GUMPERZ. Linguistic and Social Interaction in Two Communities 1; *Language in Social Groups*; The Sociolinguistic Significance of Conversational Code-Switching; *Discourse strategies*; *Sociolinguistique interactionnelle: une approche interprétative*.

⁷ MARCUSCHI. *Análise da conversação*; Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções; *Análise da conversação*; *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON. Sistemática Elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa.

⁸ Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/icmi/>. Acesso em: 5 out. 2020.

⁹ O número de registro do projeto junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (COEP da Universidade Federal de Minas Gerais) UFMG é 03320912.7.0000.5149.

e apresentadas em minha tese doutoral defendida em julho de 2022¹⁰. Para cumprir com o rigor metodológico da transcrição e preparação dos dados, utilizamos o programa de transcrição EXMARALDA¹¹, e as convenções de transcrição GAT 2, bem como a ferramenta PRAAT¹², para observar, através da mensuração dos elementos suprasegmentais de frequência fundamental – F0, intensidade e duração se o conjunto de atividades verbais, prosódicas e corporais foi potencializado para suprir a barreira estabelecida pelo uso das máscaras faciais e pelo distanciamento social. Os resultados que serão aqui apresentados foram retirados de uma das filmagens realizadas no dia 28 de maio de 2020 num PSF (Posto de Saúde da Família) da cidade de Conselheiro Lafaiete (MG), que chamaremos de interação 2020CLBRPSF1. A análise seminal dessa filmagem revelou que, em microconfigurações como consultas a postos de saúde no Brasil, a perda do acesso visual à expressão facial causada pelo uso de máscaras e pelo distanciamento social é compensada por variações prosódicas e por gestos dêiticos. Como o objetivo desta pesquisa é documentar e analisar interações multimodais *in situ* durante a atual pandemia, apresentamos aqui cinco etapas: A primeira consiste numa sinopse dos precursores da LI do aporte teórico que fundamenta este estudo, quais sejam: análise da conversa, linguística interacional e prosódia, sociolinguística interacional e intercorporeidade. A segunda etapa consiste numa sinopse das maiores pandemias ocorridas desde o final do século XVII até os dias atuais. A terceira etapa descreve o ambiente institucional no qual foi feita a filmagem da interação ora apresentada; a execução e a preparação da filmagem selecionada para este estudo e os desafios enfrentados para a sua realização. A quarta etapa apresenta a análise e a discussão dos dados, e a última e quinta etapa apresenta nossas considerações finais.

Tendo em vista que a intercorporeidade acostuada e a cocoordenação de nossa vida social e dos nossos recursos multimodais de

¹⁰ Tese de doutorado de Sineide Gonçalves apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do título de doutora em Estudos Linguísticos. Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva. Linha de pesquisa: Estudos da Língua em Uso. Orientadora: profa. dra. Ulrike Schröder. Este trabalho foi apoiado pelo programa CAPES-PRINT (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), 2020–2021.

¹¹ SCHMIDT; WÖRNER. EXMARALDA – Creating, Analysing and Sharing Spoken Language Corpora for Pragmatic Research.

¹² BOESRMA; WEENICK. Praat: doing phonetics by computer [Computer program].

comunicação, altamente rotineiros e consolidados, de repente mudam e são restritas pelo uso de máscaras faciais, bem como pelo distanciamento social, levanta-se a seguinte hipótese: em tempos da covid-19, formas de comportamento corporificado e multimodal, como gestos, movimento de sobrancelhas e entonação, como também a maneira como os indivíduos se posicionam no espaço servem complementarmente para compensar, no plano verbal-simbólico e não-verbal, a perda de meios comunicativos devido ao uso de máscaras faciais e isolamento social.

Fundamentos teóricos

Interfaces: análise da conversa, linguística interacional, sociolinguística interacional, intercorporealidade e prosódia

A proposta deste estudo é elaborar uma interface entre a intercorporealidade, a AC, a LI e a SI, integralizando os estudos sobre a prosódia e as suas funções como base complementar para a investigação da existência de um padrão de pistas acústicas que acompanha as estratégias corporificadas e multimodais que os falantes interacionais desenvolvem quando estão utilizando máscaras faciais e mantendo o distanciamento social. Discorreremos a seguir sobre o surgimento dos estudos linguísticos interacionais, apresentando um quadro sinóptico sobre as perspectivas escolhidas para este estudo.

A origem do pensamento linguístico interacional surge do entrelaçamento de elementos da linguística antropológica, do funcionalismo e da análise da conversa¹³. Segue aqui uma síntese destas perspectivas enfatizando as práticas comunicativas interacionais e multimodais discutidas por cada uma:

- a. A antropologia linguística é representada a partir estudos de Boas que já apontava que as formas da comunicação vão além da mera língua¹⁴;

¹³ "Sem se associar a uma linha específica, prefere-se aqui o termo Análise da Conversa ao invés de Conversação, em razão de conversa ter uma referência mais unívoca a qualquer atividade cotidiana de troca de palavras entre duas ou mais pessoas, enquanto conversação tende a carregar uma conotação mais restrita ou formal". SCHRÖDER; MENDES. *Comunicação (inter)cultural em interação*, p. 112.

¹⁴ BOAS. *The Aims of Ethnology*.

- Em seguida, surge a “Hipótese Sapir-Whorf”, nome utilizado pela primeira vez por Harry Hoijer, em 1954, numa conferência intitulada “Sapir-Whorf Hypothesis” que afirma que a língua influencia o pensamento;
- Gumperz e Levinson reexaminaram as ideias sobre a relatividade linguística proposta por Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf e criam uma antropologia cognitiva na qual sugerem que o pensamento possui propriedades universais (por exemplo, a habilidade de fazer analogias e criar metáforas presentes no interior das estruturas linguísticas), chegando à conclusão de que “Mesmo se houver isomorfismo semântico completo no nível da gramática e significado lexical (por exemplo, se o mundo inteiro falasse inglês), ainda poderíamos ter relatividade linguística no nível da interpretação.”¹⁵;
- Gumperz introduz o conceito das “pistas de contextualização” que são os sinalizadores de natureza linguística (alternância de código, estilo, dialeto), paralinguísticas (cinética, prosódica, pausas, hesitações, tempo de fala etc.), prosódicas (tom, entonação, acento, ritmo etc.) e extralinguísticas (postura, gestos, olhar etc.) que utilizamos para alcançar os propósitos comunicativos e dar margem aos meios discursivos de entendimento (inferências) do que está sendo enunciado contextualmente numa interação face a face¹⁶;
- Hymes, ao fazer uma aproximação da antropologia linguística com o funcionalismo, propôs estender a visão da competência linguística proposta por Chomsky pela competência comunicativa ao considerar o contexto social¹⁷.

O funcionalismo é concebido pelos estudos de pesquisadores de três escolas: a Escola Linguística de Praga¹⁸, a Escola britânica¹⁹ e a Escola norte-americana, na Califórnia²⁰. No início dos estudos funcionalistas, Votre e Naro lançam as seguintes hipóteses fundamentais do funcionalismo: (a) a forma linguística é derivada de seu uso no processo real de comunicação; (b) a estrutura gramatical depende das regularidades das situações de fala²¹. Estas hipóteses fundamentais levaram às seguintes deduções:

- a explicação da estrutura gramatical depende da comunicação;
- o pesquisador faz a análise linguística “no”, e não “do”, discurso;
- o enfoque funcional realiza um trabalho indutivo, do particular para o geral, sendo que a recorrência de formas regulares é que permite fazer generalizações e não critérios de natureza formal.

¹⁵ “Even if there were complete semantic isomorphism on the level of grammar and lexical meaning (e.g., if the whole world spoke English), we could still have linguistic relativity at the level of interpretation”. GUMPERZ; LEVINSON. *Rethinking Linguistic Relativity* Permalink, p. 61, tradução nossa.

¹⁶ GUMPERZ. *Discourse strategies*.

¹⁷ HYMES. *Models of the Interaction of Language and Social Setting*; CHOMSKY. *Aspectos da teoria da sintaxe*.

¹⁸ JAKOBSON. *Linguística e Comunicação*; MARTINET. *O funcionalismo em linguística*; MATHESIUS. *Jazyk, kultura, a slovesnost*; DANES. *Papers on Functional Sentence Perspective*.

¹⁹ HALLIDAY. *Intonation and Grammar in British English*.

²⁰ GIVÓN. *On understanding grammar*; HOPPER; THOMPSON. *Transitivity in Grammar and Discourse*; CHAFE. *Cognitive Constraints On Information Flow*.

²¹ VOTRE; NARO. *Mecanismos funcionais do uso da língua*.

Além disso, Votre e Naro conferem a primazia do funcionalismo ao gerativismo e criam uma polêmica ao fazerem uma distinção entre gerativismo e funcionalismo, considerando-os enfoques não apenas diferentes, mas também excludentes²². Muitos gerativistas rejeitam essa distinção, recusando a necessidade de escolher um ou o outro enfoque por basear-se no fato de que estudam objetos diferentes.

- b. a AC foi criada por Sacks, Schegloff e Jefferson, com o objetivo de fundar uma ciência natural, primitiva e ancorada em fenômenos empíricos para o estudo de eventos interacionais²³.

O quadro abaixo mostra alguns representantes dos pilares da LI:

Precusores da linguística interacional

Antropologia linguística	Boas ²⁴ , Sapir ²⁵ , Whorf ²⁶ , Hymes ²⁷ , Gumperz ²⁸ , Levinson ²⁹
Funcionalismo	Escola Linguística de Praga: Weil e Mathesius ³⁰ Escola Britânica: Danes e Halliday ³¹ Escola norte-americana: Chafe; LI ³² Hopper; Thompson ³³ Van Dijk ³⁴
Análise da conversa	Schütz ³⁵ Garfinkel ³⁶ Sacks, Schegloff, Jefferson ³⁷

Fonte: elaboração própria.

²² VOTRE; NARO. Mecanismos funcionais do uso da língua.

²³ SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa.

²⁴ BOAS. Some recent criticisms of physical anthropology.

²⁵ SAPIR. *Language: an Introduction to the Study of Speech*.

²⁶ WORF. *Language, Thought and Reality: Selected Writings* of Benjamin Lee Whorf.

²⁷ HYMES. *Functions of Speech: An Evolutionary Approach*.

²⁸ GUMPERZ. *Discourse strategies*.

²⁹ LEVINSON. *Language and space*.

³⁰ WEIL. *Question de grammaire générale: de l'ordre des mots dans les langues anciennes comparées aux langues modernes*.

³¹ DANES. *Papers on Functional Sentence Perspective*.

³² CHAFE. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view.

³³ HOPPER; THOMPSON. *Transitivity in Grammar and Discourse*.

³⁴ VAN DIJK. *Discourse As Social Interaction: Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction*.

³⁵ SCHÜTZ. *On phenomenology and social relations*.

³⁶ GARFINKEL. *Studies in Ethnomethodology*.

³⁷ SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON. *A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation*.

O quadro abaixo apresenta uma sinopse das perspectivas teóricas catalogadas para este estudo.

Sinopse dos fundamentos teóricos

Continua

Perspectivas sociointeracionistas	Características
Linguística interacional	<p>Surge no final do século XIX e início do século XX a partir do entrelaçamento de elementos da linguística antropológica, do funcionalismo e da AC; Tem como questão chave a investigação de como a língua é cunhada pela interação social e como, por sua vez, ela marca tal interação; Tem como escopo uma visão descritiva, empirista, comparativa e funcionalista da linguagem voltada para a interação natural; Na perspectiva da LI, as estruturas linguísticas são entendidas como estruturas emergentes que regulam, de forma local e contextual, a interação em tempo real. Vale destacar que, especialmente sob a égide da LI, a prosódia foi reconhecida como ponto de partida indispensável na comunicação em interação corporificada e multimodal.</p>
Análise da conversa	<p>Com estudos iniciados nas décadas de 1960 e 1970, a AC manifesta-se no Brasil sob o título de “Análise da Conversação” ligada à vertente da linguística textual; Tem como questão chave descrever os procedimentos e as habilidades que estão envolvidas no processo conversacional; Tem como escopo uma visão descritiva, empirista, e funcionalista da linguagem voltada para a fala-em-interação observando os aspectos sociais e interacionais de pessoas comuns em</p>

Perspectivas sociointeracionistas	Características
Análise da conversa	<p>situações cotidianas;</p> <p>Os representantes desta perspectiva entendem que toda conversa deve ser regida por uma dinamicidade interativa entre pelo menos dois falantes e ter uma sequência de ações coordenadas de alternância de turnos executadas num espaço de tempo adequado ao envolvimento comunicativo.</p>
Sociolinguística interacional	<p>Fortemente ancorada em pesquisas qualitativas empíricas e interpretativas, a sociolinguística interacional é uma importante tradição de pesquisa em análise do discurso que propõe o estudo do uso da fala em interação;</p> <p>Surge através de estudos feitos por antropólogos, linguistas e sociólogos, tais como Goffman, Gumperz e Gumperz e Hymes³⁸;</p> <p>Tem como questão chave a noção de contexto que passa a ser entendida como criação conjunta da constelação de participantes presentes no encontro social e emergentes a cada novo instante interacional;</p> <p>Tem como escopo o estudo da organização social da fala-em-interação, ressaltando a natureza dialógica da comunicação humana e a coconstrução da ação e do significado;</p> <p>Os sociolinguistas interacionais preocupam-se em observar a linguagem como um fenômeno</p>

³⁸ GOFFMAN. *Relations in Public; Internados: ensayos sobre la situación social de los enfermos mentales; Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience; Forms of Talk*; GUMPERZ. *Discourse strategies*; GUMPERZ; HYMES. *Directions in Sociolinguistics: the Ethnography of Communication* [1972]; *Directions in Sociolinguistics: the Ethnography of Communication* [1986].

Perspectivas sociointeracionistas	Características
Sociolinguística interacional	microecológico que implica a ideia de sistemas, leis e regras comunicacionais desenvolvidas pelos indivíduos dentro do ambiente interacional.
Intercorporealidade	<p>Surge no decorrer das últimas décadas a partir de uma visão etnometodológica e analítica dos estudos sobre a fala-em-interação que passou gradativamente por transformações ocasionadas pelas pesquisas merleau-pontianas sobre interação corporificada, aqui representada pelos estudos de Meyer, Streeck e Jordan;</p> <p>Tem como questão chave a interface entre recursos corporificados e multimodais e o alinhamento da temporalidade e da sequencialidade da fala em interação;</p> <p>Além de seguir uma linha etnometodológica e microecológica para a análise de eventos interacionais, tem como escopo agregar os recursos visuais e corporais (postura, gestos, olhar, orientação corporal, movimentos, manipulação de objetos) para investigar o funcionamento da fala-em-interação;</p> <p>Meyer, Streeck e Jordan, pautados nos estudos do fenomenólogo Merleau-Ponty, discutem o novo modelo cognitivo da linguagem que segue agora uma perspectiva holística corporificada e multimodal, na qual a cognição é profundamente encaixada na microecologia humana e passa a ser concebida como uma atividade distribuída entre os interactantes e o mundo material³⁹.</p>

³⁹ MEYER; STREECK; JORDAN. Introduction.

Perspectivas sociointeracionistas	Características
Teorias voltadas para o fenômeno da prosódia	<p>Segundo Ladd no início do século XX, alguns linguistas começam a usar o termo prosódia (especificamente a forma adjetival “traços prosódicos”) para se referir à distinção de tom e de acento no nível lexical que não são expressos por contraste entre segmentos fonéticos⁴⁰;</p> <p>Tem como questão chave os fenômenos de variações na atualização dos fonemas que podem ser descritas sobre o plano acústico (altura, duração e intensidade), sobre o plano perceptual (a percepção do ritmo das frases e da melodia, acento e entoação) e o plano funcional (a função linguística dessas variações);</p> <p>Tem como escopo o estudo do rítmico e da entonação da fala e bem como a qualidade de voz observando e mensurando os traços suprasegmentais (F0, intensidade e duração) que fazem parte da organização lexical e da sintaxe e têm um papel determinante na interpretação semântica dos enunciados e do discurso;</p> <p>Para os linguistas, a definição de prosódia ainda é um campo de discussão amplo e complexo.</p>

Fonte: elaboração própria.

Uma visão panorâmica das sete maiores pandemias da história

Segundo definição da Organização Mundial de Saúde (OMS), “pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença para a qual as pessoas

⁴⁰ LADD. *Intonational Phonology*.

não têm imunidade”⁴¹. Sua propagação é realizada de forma inesperada ultrapassando fronteiras políticas e atingindo milhares de pessoas ao mesmo tempo. Seguindo uma ordem cronológica até o início do século XXI, foram sete as maiores pandemias da história e, segundo Vick, as características de cada uma desafiaram e redefiniram o mundo que as criou. De acordo com Vick, é estritamente geográfico e trata da abrangência de uma patologia que se propagou pelo mundo ou em grande parte dele⁴².

Grandes pandemias marcaram a história mundial. Segundo Ribeiro *et al*, estimativas revelam que, no século XVIII, a peste bubônica chegou a matar entre vinte a quarenta milhões de pessoas, equivalendo à metade de toda a população mundial na época. Entre 1824 e 1840 a varíola provocou mais de meio milhão de mortes e sucessivas campanhas de vacinação permitiram sua erradicação total em 1979. A gripe espanhola (1918-1920) e a pandemia de cólera (ao longo do século XIX) foram as doenças que mais dizimaram populações. De acordo com Ribeiro *et al*, a gripe espanhola é considerada a maior epidemia do mundo⁴³. Os autores afirmam que:

[...] a Gripe Espanhola de 1918, encontrou vidas castigadas pela Primeira Guerra Mundial e debilitadas pela carestia. Avançou em três surtos epidêmicos associando-se a graves infecções respiratórias desenvolvidas na sequência da contaminação gripal, ocasionando rapidamente a morte. Estima-se que a epidemia tenha atingido cerca de 80% a 90% da população do planeta e provocado entre vinte milhões (oficialmente) e quarenta milhões de mortes (considerando-se as dificuldades em diagnosticar, atribuir e registrar o óbito) entre os tempos finais da guerra e os meses iniciais de 1919⁴⁴.

Segundo Vick, em 2009-2010, uma nova estirpe do vírus da gripe, a A-H1N1, assombrou a população mundial⁴⁵. Provocada por um vírus da

⁴¹ OPAS. Histórico da pandemia de COVID-19. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 20 jan. 2021.

⁴² VICK. Pandemia: origens e impactos, da peste bubônica à COVID-19.

⁴³ RIBEIRO *et al*. A gripe espanhola pela lente da história local: arquivos, memória e mitos de origem em Botucatu, SP, Brasil, 1918.

⁴⁴ RIBEIRO *et al*. A gripe espanhola pela lente da história local: arquivos, memória e mitos de origem em Botucatu, SP, Brasil, 1918, p. 2.

⁴⁵ VICK. Pandemia: origens e impactos, da peste bubônica à COVID-19.

gripe que afeta humanos, surgiu com segmentos de genes de vírus da gripe de suínos, aves e humanos numa combinação que nunca tinha sido observada. Neste caso, a taxa de mortalidade foi mais baixa em comparação com a maioria das epidemias ocorridas antes dessa época. Vick também declara que:

As pandemias fazem parte da experiência humana. As pessoas convivem com os agentes que causam as doenças infecciosas (microorganismos como vírus, bactérias, fungos, parasitas etc.) durante toda a vida, por meio do contato com o ambiente, com os animais, com o lixo ou com a água contaminada. As infecções saem de controle quando esses microorganismos, além de se hospedarem no corpo humano, conseguem se reproduzir facilmente e se transmitir entre as pessoas. Assim funciona o vírus do sarampo, por exemplo. Ao longo da história, atividades como viagens, comércio, guerras e invasões contribuíram para propagar essas doenças⁴⁶.

Em seu artigo, Vick afirma ainda que a magnitude das pandemias variou ao longo da história. A autora compara, por exemplo, o grau de letalidade da peste bubônica e da gripe espanhola à letalidade de grandes guerras, e ainda aponta que “500 milhões de pessoas foram infectadas pela gripe espanhola entre 1918 e 1920, o equivalente a 36% da população mundial na época; estima-se que entre 50 e 100 milhões morreram”⁴⁷. Em relação à peste bubônica, Vick nos informa que:

A pandemia mostrou, na época, a principal marca que ainda hoje define as grandes doenças: o rompimento das relações sociais, seja porque os surtos costumam fazer muitas vítimas, seja porque, no caso das epidemias altamente transmissíveis, eles podem isolar ou restringir a comunicação de parte da população com o exterior⁴⁸.

A tabela abaixo apresenta um resumo das seis pandemias tratadas anteriormente:

⁴⁶ VICK. Pandemia: origens e impactos, da peste bubônica à COVID-19.

⁴⁷ VICK. Pandemia: origens e impactos, da peste bubônica à COVID-19.

⁴⁸ VICK. Pandemia: origens e impactos, da peste bubônica à COVID-19.

Dados das seis últimas pandemias

Dados	Peste bubônica	Variola	Cólera	Gripe espanhola	Aids	Gripe suína
Agente etiológico	<i>Yersinia Pestis</i>	<i>Orthopoxvirus Variolae</i>	<i>Vibrio Cholerae</i>	Vírus Influenza do tipo A-H1N1	HIV	H1N1
Período	1894 a 1912	1617 a 1980	Ao longo do século XIX ⁴⁹	1918 a 1920	1981 a 1987	2009 a 2010
Estimativa global de mortes	11 M ⁵⁰	500 M ⁵¹	28 a 142.000/ano ⁵²	50 a 100 M ⁵³	36,3 M ⁵⁴	151 a 575 mil ⁵⁵
Máscaras faciais	Sim	Não	Não	Sim	Não	Sim
Isolamento social	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Sim
Vacinas	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim

Fonte: elaboração própria.

A atual pandemia, a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS-COV-2), é um novo tipo de coronavírus causador da doença covid-19 que surgiu na China, no final de 2019 e, desde então, causou uma epidemia em grande escala que, logo no início de sua descoberta, se propagou pelo mundo rapidamente. No dia 31 de dezembro de 2019, a OMS alertou o mundo sobre inúmeros casos de pneumonia detectada inicialmente na cidade de Wuhan, uma pequena província localizada na República

⁴⁹ A cólera causou vários ciclos epidêmicos nos séculos XIX e XX. A 7ª pandemia de Cólera teve início na Indonésia em 1961 e foi erradicada em 1979.

⁵⁰ Segundo Rezende (*À sombra do plátano: crônicas de história da medicina*, p. 81), a peste bubônica se tornou pandêmica no período de 1894 a 1912.

⁵¹ Dados estimados por WEINSTEIN. Should Remaining Stockpiles of Smallpox Virus (Variola) Be Destroyed?, p. 681.

⁵² Cf. <https://www.who.int/es/news-room/fact-sheets/detail/cholera>. Acesso em: 5 out. 2020.

⁵³ Cf. SPREEUWENBERG *et al.* Reassessing the Global Mortality Burden of the 1918 Influenza Pandemic, p. 2561.

⁵⁴ Cf. UNAIDS. *Estatísticas*.

⁵⁵ Cf. GRIPE... G1.

Popular da China. A confirmação do surgimento de uma nova estirpe de coronavírus foi divulgada no dia 7 de janeiro do ano seguinte, e no dia 11 do corrente mês, o coronavírus 2019-n-COV passou a receber o nome de SARS-COV-2. A covid-19 é uma doença cujos sintomas mais comuns são tosse, febre, perda de olfato, fadiga, congestão nasal, coriza, dor de garganta, dor de cabeça, diarreia, cansaço e dificuldade de respirar. Esses sintomas passam por três fases: leves, moderados e graves, cada fase com as suas peculiaridades. Pessoas com problemas renais, cardíacos e diabéticos são as que correm maior risco, pois o gene ACE2⁵⁶, uma proteína encontrada na superfície de diversas células como o epitélio do sistema respiratório, pode facilitar a entrada de coronavírus, como o HCOV-NL63, o SARS-COV-2⁵⁷ e o novo SARS-COV-2. Em notícia veiculada pelo Portal G1⁵⁸ e a partir de dados monitorados pelo Painel da covid-19 elaborado pela OMS⁵⁹ e pela Universidade Johns Hopkins (Baltimore, EUA), o primeiro centro de pesquisa dos Estados Unidos localizado em Washington, D. C., o mundo já alcançou a marca de mais de seis milhões de mortes causadas pela covid-19. Até o dia 22 de abril de 2022, data na qual este capítulo foi finalizado, o número de infectados já ultrapassou a marca de 508 milhões desde 11 de março de 2020, data na qual a OMS caracterizou a covid-19 como uma pandemia. O Brasil e os EUA tiveram juntos o maior número absoluto de mortes desde o início da pandemia.

Metodologia

A análise do aspecto corporificado e multimodal da fala-em-interação será realizada observando os seguintes aspectos: (i) o conjunto de atividades verbais, prosódicas e corporais que coocorrem em interações face a face, (ii) a utilização de máscaras faciais, (iii) a organização do espaço sob o ponto de vista interacional e (iv) as medidas dos parâmetros acústicos de F0 e intensidade e duração. A interação e os dois participantes foram codificados seguindo as convenções de siglas propostas pelo ICMI da seguinte forma: interação 2020CLBRPSF1 com participantes codificados como AS1 e UP1.

⁵⁶ Da sigla em inglês: *Angiotensin-Converting Enzyme 2*.

⁵⁷ WHO COVID-19 dashboard. *World Health Organization*.

⁵⁸ GRIPE H1N1 em 2009 matou mais que o estimado, diz estudo.

⁵⁹ COVID-19 Map. *Johns Hopkins University*.

Ressaltamos mais uma vez que os dados apresentados neste estudo foram integrados posteriormente ao *corpus* ICMI e fazem parte do projeto Comunicação com máscaras faciais em tempos de pandemia realizado pelo Centro de Pesquisa *Intercultural Communication in Multimodal Interactions* (ICMI), coordenado pela profa. dra. Ulrike Schröder, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (Fale/UFMG).

O Posto de Saúde da Família (PSF) em Santa Efigênia (Conselheiro Lafaiete/MG)⁶⁰

A interação 2020CLBRPSF1 foi filmada num PSF, uma instituição pública coordenada pelos órgãos de saúde do município de Conselheiro Lafaiete (MG) e organizada pelo Sistema Único de Saúde (SUS). O PSF Santa Efigênia, local no qual realizamos essa filmagem, pertence à Zona Norte da cidade de Conselheiro Lafaiete e está localizado na rua Santa Efigênia, 313, num pequeno bairro de mesmo nome que possui três mil habitantes aproximadamente. Essa unidade de atendimento presta os seguintes serviços: consultas médicas, inalações, injeções, curativos, vacinas, coleta de exames laboratoriais, tratamento odontológico, encaminhamentos para outras especialidades e fornecimento de medicação básica. Neste PSF trabalham seis pessoas, uma enfermeira-chefe, um recepcionista e quatro assistentes de saúde. Em tempos da covid-19, as normas⁶¹ de atendimento estabelecidas pelos postos de saúde no Brasil passam a exigir que todos os atendentes utilizem equipamentos de proteção facial, mantenham o distanciamento físico e realizem o primeiro atendimento ao público numa antessala, na qual é realizada uma triagem para saber se o usuário/paciente necessita ou não ser atendido por um médico que esteja no plantão. Além disso, essas normas estabelecem também que, além da utilização de uniformes apropriados, todos os profissionais que fazem parte da “linha de frente” de atendimento ao público, recepcionistas e assistentes de saúde, devem usar máscaras de material plástico sobrepostas às máscaras cirúrgicas como meio de prevenção contra

⁶⁰ Este estabelecimento de saúde é uma Unidade Básica que executa serviços de saúde na localidade do bairro Santa Efigênia em Conselheiro Lafaiete (MG).

⁶¹ GOVERNO DO MUNICÍPIO DE CONSELHEIRO LAFAIETE. *DECRETO Nº 586, de 22 de abril de 2020.*

doenças respiratórias causadas principalmente pelo SARS-COV-2. Não houve seleção prévia dos participantes filmados neste estabelecimento. Munida, então, dos TCLES e dos termos de autorização de uso de imagem, contatei pessoalmente os coordenadores de saúde do município para que permitissem as gravações. O registro foi feito pela manhã e com a autorização da enfermeira-chefe consegui filmar o atendimento desse usuário/paciente que estava na fila de atendimento. No PSF foram feitas seis filmagens, dessas seis apenas cinco apresentaram uma boa qualidade audiovisual, e somente três foram autorizadas pelos usuários/pacientes. Os participantes de todas as interações são brasileiros pertencentes ao subgrupo de moradores da cidade de Conselheiro Lafaiete, MG. Como dito anteriormente, as codificações para os participantes foram implementadas para preservar suas identidades e prosseguir segundo os padrões metodológicos do ICMI.

A interação 2020CLBrPSF1⁶²

Essa interação foi filmada numa antessala de pré-atendimento do PSF Santa Efigênia às 10h50min42seg do dia 28 de maio de 2020, e teve uma duração de 47 segundos, conforme registro de captura de imagens fornecido pela câmera *Canon PowerShot SX50HS.4.3* utilizada para as gravações. Nesse atendimento, uma assistente de saúde fornece instruções finais para um usuário paciente pedindo que ele retorne ao PSF numa segunda-feira depois das onze horas (provavelmente na segunda-feira subsequente à data da filmagem) para agendar novos exames. Nessa data, a assistente de saúde ainda esclareceu que, se os exames apresentassem alguma alteração, o PSF se encarregaria de fazer os xerox e enviá-los ao especialista, e ainda informou que sem os exames não seria possível fazer o agendamento da consulta médica. A figura a seguir mostra os dois participantes dessa interação, aqui codificados como AS1 (assistente de saúde) e UP1 (usuário/paciente). Podemos observar que,

⁶² A análise-piloto da interação 2020CLBrPSF1 foi apresentada no dia 27 de outubro de 2020 no *Virtual Annual Conference 2020. Embodied Perspectives on Communication with Face Masks in Times of the COVID-19 Pandemic* – Universidade de Siegen, Alemanha. A interação 2020CLBrPSF1 pode ser visualizada em: https://youtu.be/D18aF9j_hDo. Acesso em: 18 jan. 2021.

além de utilizar máscara cirúrgica, AS1 usa também uma máscara de material plástico. UP1 também segue as orientações dadas pelos órgãos de saúde mundial que determinaram o uso de máscaras faciais desde o início de 2020 como um meio essencial de combate à transmissão de doenças respiratórias. O perfil dos dois interactantes que fazem parte dessa interação está descrito no quadro abaixo.



Os participantes da interação 2020CLBRPSF1. Fonte: elaboração própria.

Perfil dos participantes da interação 2020CLBrPSF1

UP1	AS1
Sexo: M	Sexo: F
Língua Usada: PB	Língua Usada: PB
L1: PB	L1: PB
Idade: 70	Idade: 45

Fonte: elaboração própria.

Os desafios da filmagem

Segundo Mondada “a ação ver com a câmera” exige uma configuração prévia do equipamento utilizado, pois, segundo a autora, esta ação considera registros audiovisuais como “configuração e organização de detalhes relevantes, reconstituído (ou mesmo coconstruído) por ações

e decisões de quem está fazendo o registro”⁶³. Neste sentido, para que os aspectos audiovisuais apresentassem uma qualidade adequada ao propósito da pesquisa, que é registrar e analisar o alinhamento da temporalidade e da sequencialidade da fala em interação com as condutas corporificadas dos interactantes, a dimensão “ajuste na câmera de vídeo” foi primordial. Para as filmagens feitas no PSF escolhemos, então, utilizar uma câmera *Canon PowerShot SX50HS.4.3* sem suporte e o desafio era procurar um melhor posicionamento no pequeno espaço reservado à captura visual dos atendimentos clínicos. A outra dimensão citada por Mondada é a “seleção de cenas e/ou enfoque momentâneo sobre um participante específico/a”⁶⁴. A utilização das imagens filmadas no PSF para fins acadêmicos estavam também condicionadas à autorização dada pelos usuários/pacientes. Como dito anteriormente, os registros realizados no PSF foram feitos aleatoriamente, sem a prévia permissão dos usuários/pacientes, e o desafio era conseguir, ao final do atendimento clínico, a autorização dos usuários/pacientes para a utilização da imagem. A dimensão que Mondada chama de “enfoque momentâneo sobre um participante específico/a” tornou-se também desafiadora nessas filmagens porque o quadro de participação só pode ser completamente registrado na interação 2020CLBRPSF1. Outro aspecto discutido por Mondada é a “contingência do próprio contexto”, que, no caso da filmagem ora apresentada, estava condicionada à imprevisibilidade dos atendimentos clínicos. Não era possível saber quais ou quantos seriam os próximos usuários/pacientes e se eles permitiriam a filmagem e a utilização do registro. Por fim, Mondada, nos faz refletir também sobre a “situação de pesquisa” que também pode determinar o que foi reconstruído ou coconstruído ao longo das interações⁶⁵. Na data da gravação da interação 2020CLBRPSF1, a situação de pesquisa ainda não estava definida.

⁶³ MONDADA. Video Recording as the reflexive Preservation of Fundamental Features for Analysis, p. 56.

⁶⁴ MONDADA. Video Recording as the reflexive Preservation of Fundamental Features for Analysis, p. 56.

⁶⁵ MONDADA. Video Recording as the reflexive Preservation of Fundamental Features for Analysis, p. 56.

A análise dos dados

O corpo no espaço e na interação intercorporeal

Nessa filmagem buscamos observar o uso do espaço nas relações cotidianas em tempos da covid-19; se ocorre algum déficit comunicativo devido ao uso das máscaras e quais as estratégias discursivas que os interactantes utilizam para compensar o distanciamento social e suprir a visualização parcial da face, uma vez que as máscaras cobrem uma grande extensão do rosto humano. Isso pode dificultar substancialmente a interpretação, a sequencialidade da interação e o desenvolvimento dos tópicos discursivos. Nesta interação, AS1 respeita todas as normas estabelecidas pela Coordenação de Saúde do município de Conselheiro Lafaiete em função da covid-19, quais sejam: uniforme apropriado, máscara cirúrgica e proteção facial de material plástico. O usuário/paciente também estava seguindo as orientações dadas pelos órgãos de saúde que determinaram o uso de máscaras faciais no início de 2020 como um meio essencial de combate à transmissão de doenças respiratórias. A distância espacial exigida pelos órgãos de saúde é de 1,5 m. Porém, como pode ser observado na figura apresentada anterior, o que primeiramente nos chamou a atenção foi a proximidade dos interactantes. Ao analisar a organização do espaço sob o ponto de vista interacional⁶⁶, observamos que AS1 e UP1, provavelmente confiando no uso de máscaras e equipamentos de proteção, mantêm uma considerável aproximação, apesar da exigência de distanciamento social orientada pelos órgãos de saúde mundial. Cabe-nos salientar que, no Brasil, os postos de saúde estão geralmente estabelecidos em pequenos espaços alocados pelas prefeituras em bairros que possuem um grande número de habitantes.

Um outro aspecto observado na interação de AS1 com UP1 refere-se aos gestos dêiticos que, segundo Kendon⁶⁷ e McNeill⁶⁸, são recursos linguísticos que estruturam a conversa ao apontar um objeto ou direcionar um tópico discursivo. A sequência de imagens ilustra

⁶⁶ HALL. A system for the notation of proxemic behavior.

⁶⁷ KENDON. *Gesture: Visible Action as Utterance*.

⁶⁸ MCNEILL. *Hand and Mind*.

o comportamento linguístico de AS1 ao explicar para UP1 que os exames seriam repetidos caso apresentassem alguma alteração. AS1 repetitivamente aponta para os papéis reforçando algumas orientações que UP1 deve seguir. De acordo com Couper-Kuhlen e Selting “mesmo sintaxe e entonação, ou prosódia e fonética de forma mais geral, não são suficientes para capturar totalmente todos os ingredientes relevantes de um TCU”⁶⁹. Neste sentido, os gestos dêiticos realizados por AS1 podem ser considerados como ações e sequências que são complementadas e tornadas interpretáveis pelo sistemático uso de recursos linguísticos. Eles pertencem às ferramentas intercorporeais que possuem uma grande variedade de práticas comunicativas multimodais simultâneas como gestos ou olhar. Na sequência de imagens apresentadas a seguir, observamos que a construção discursiva de AS1 é realizada a partir de estratégias performativas que direcionam o tópico discursivo, também em compensação da fala e expressão facial limitadas. Na figura abaixo, por exemplo, podemos perceber que AS1 aponta para os documentos que estão nas mãos de UP1 para explicar a ele que, se houvesse alguma alteração, novos exames deveriam ser realizados e xerocados para uma nova avaliação de um especialista. Nas linhas 5 e 7 no quadro da sequência 1.1, a seguir, quando a agente diz: “se os <<f> SEus exames derem alguma altera↑↑`ÇÃO, aí que a gente manda pra lá com o xerOX”, encontramos gestos dêiticos em sintonia com os pulos e movimentos entonacionais ascendentes e acentos focais que podem ser considerados gestos discursivo-rítmicos utilizados pela agente quando ela aponta para o documento que está nas mãos do usuário/paciente.

⁶⁹ “Even syntax and intonation, or prosody and phonetics more generally, do not suffice to fully capture all the relevant ingredients of a TCU”. COUPER-KUHLEN; SELTING. *Interactional Linguistics: Studying Language in Social Interaction*, p. 36.



Apontando para os papéis de UP1.

Fonte: elaboração própria.

Sequência 1.1 - ((00:00 – 00:10))

01 AS1: com ↑↑Esse specia↑LISTa;

02 UP1: CERto;

03 AS1: <<acc>> você tem que fazer

↑↑Novos exames.>

04 UP1: hum_HUM.

05 AS1: se os ↑↑SEus exames (-) derem alguma altera↑↑`ÇÃO,

06 UP1: (--) ah::[`SEI.]

07 AS1: [aí] que a gente

<<apontando para os Documentos do UP1> manda Pra lá com o xerOx.>

A figura abaixo mostra que AS1 também aponta para os documentos que estão em suas mãos. Estes documentos referem-se aos exames feitos anteriormente por UP1. Podemos afirmar que, ao apontá-los, AS1 utiliza um gesto dêitico para direcionar a estruturação sintática e servir como guia da interpretação quando na linha 8 da sequência 1.2 ela diz: “=aí a DÉbora vai providenciar os eXAmes=”. Além disso, as orientações são adicionalmente repetidas no nível verbal, primeiro por UP1 na linha 12, depois por AS1, linha 13, o que também representa uma estratégia compensatória para “superar” a barreira estabelecida pelo uso das máscaras.



Apontando para os seus papéis.

Fonte: elaboração própria.

Sequência 1.2 - ((00:10 - 00:12))

07 AS1: [aí] que a gente <<apontando para os Documentos do UP1> manda pra lá com o xEROX.>

08 =aí_a DÉbora <apontando para os documentos em suas mãos> vai providenciar os eXAmes->

09 =cê vem aqui segunda feira

depois das ^!ON!ze.

10 UP1: <<balançando a cabeça> VEnho.>

Por fim, a figura a seguir mostra que AS1 ainda reforça a orientação ao dizer, na linha 19 da sequência 1.3: “[sem] os exames ↑NÃO tem como você ir nesse médico;”, utilizando novamente pulos e movimentos entonacionais ascendentes e acentos focais, além de gestos dêiticos ao apontar concomitantemente para os documentos que estavam em suas mãos e para os documentos que estavam nas mãos de UP1.



AS1 apontando para todos os papéis.

Fonte: elaboração própria.

Sequência 1.3 - ((00:10 - 00:12))

18 UP1: [↑AH:: `tÁ;]

19 AS1: [<<Apontando para os papéis em suas mãos> sem os exames>]

<<apontando para os papéis que estão nas mãos de UP1> ↑`NÃO tem como você ir nesse MÉdi-co;>

Ao longo desta interação, percebemos, logo no início, um pulo entonacional ascendente quando AS1 diz, nas linhas 1 e 3: “com ↑ESse especialista e você tem que fazer ↑NOvos exames”. Além de mudança de volume, AS1 utiliza pulos entonacionais perceptíveis em direção à sílaba enfatizada em vários momentos (linhas 5, 9 e 11). Concluímos, então, que as estruturas repetitivas, pulos entonacionais e mudanças repentinas na melodia dos enunciados construídos por AS1 são propriedades idiossincráticas que, além de terem sido utilizadas para suprir a barreira estabelecida pelo uso das máscaras, serviram para reforçar as orientações que ela estava dando a UP1 com o objetivo de estabelecer a compreensão satisfatória de tudo o que estava sendo dito.

Considerações finais

Durante a pandemia, por questões de saúde, é esperado e reforçado pelas diferentes leis em torno do globo um comportamento distinto do “normal” para todo e qualquer cidadão. Tendo como uma das principais mudanças o uso de máscaras faciais em vias públicas, nota-se que com o rosto parcialmente coberto, outras ferramentas comunicacionais ganham destaque na função de suprir o que já não está visível. Através da presente pesquisa, foi demonstrado que estratégias como voz mais alta, repetições, pulos entonacionais e movimentação da sobrancelha funcionam como um marcador de acento focal, elevando-se junto às sílabas mais proeminentemente marcadas da fala, pelo menos a partir da perspectiva do interlocutor que, devido às restrições impostas pela utilização das máscaras faciais, apenas tem esta região da face como único “campo de orientação”. Por fim, observamos que pistas entonacionais compensam a limitação das expressões faciais, mas que ainda assim parece ser necessário desrespeitar o distanciamento social, já que o contato físico, fortemente não recomendado por órgãos de saúde, aparenta permanecer como necessário para o sucesso da interação no contexto brasileiro.

Referências

- BOLINGER, Dwight. *Intonation end its parts*. London: Edward Arnold Publishers, 1986.
- BOAS, Franz. The Aims of Ethnology. In: BOAS, Franz. *Race, Language and Culture*. New York: The Free Press, 1940. p. 626-630.

- BOAS, Franz. Some recent criticisms of physical anthropology. *American Anthropologist*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 98-106, 1899.
- BOERSMA, Paul; WEENINK, David. *Praat: doing phonetics by computer* [Computer program]. Version 6.2.06, retrieved 23 jan. 2022. Disponível em: <https://www.praat.org>.
- CALIBI, Marta *et al.* The consequences of COVID-19 on social interactions: An online study on face covering. *Scientific Reports*, London, v. 11, n. 1, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41598-021-81780-w>. Acesso em: 13 de jun. 2021.
- CARBON, Claus Christian. Wearing Face Masks Strongly Confuses Counterparts in Reading Emotions. *Frontiers in Psychology*, Bamberg, v. 11, p. 1-23, 2020.
- CHAFE, Wallace. Cognitive constraints on information flow. In: TOMLIN, Russell Schenck (Ed.). *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1984. p. 21-51.
- CHAFE, Wallace. Givenness, Contrastiveness, Definiteness, Subjects, Topics and Point of View. In: LI, Charles N. (Ed.). *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976. p. 26-56.
- CHOMSKY, Noam. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Armênio Amado, 1978.
- COUPER-KUHLEN, Elizabeth; SELTING, Margret. *Interactional Linguistics: Studying Language in Social Interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- COVID-19 Map. *Johns Hopkins University*. Coronavirus Resource Center. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso em: 12 nov. 2020.
- DANES, Frantisek. *Papers on Functional Sentence Perspective*. Praga: Toe Hague, 1974.
- DUE, Brian Lystgaard; LICOPPE, Christian. Video-mediated Interaction (VMI): Introduction to a Special Issue on the Multimodal Accomplishment of VMI Institutional Activities. *Social Interaction: Video-Based Studies of Human Sociality*, [S. l.], v. 3, n. 3, 2021. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/socialinteraction/article/view/123836>. Acesso em: 12 set. 2021.
- GARFINKEL, Harold. *Studies in Ethnomethodology*. NJ: Prentice-Hall, 1967.
- GIOVANELLI, Elena *et al.* Unmasking the difficulty of listening to talkers with masks: Lessons from the COVID-19 pandemic. *i-Perception*, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2041669521998393>. Acesso em: 18 maio 2021.
- GIVÓN, Talmy. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- GOFFMAN, Erving. *Stigma: notes on the management of spoiled identity*. New Jersey: Prentice-Hall, 1963.
- GOFFMAN, Erving. The Neglected Situation. *American Anthropologist*, v. 66, n. 6, p. 133-136, 1 dez. 1964. Disponível em: http://doi.wiley.com/10.1525/aa.1964.66.suppl_3.02a00090. Acesso em: 12 mar. 2021.
- GOFFMAN, Erving. *Relations in Public*. New York: Basic Books, 1971.
- GOFFMAN, Erving. *Internados: ensayos sobre la situación social de los enfermos mentales*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1972.
- GOFFMAN, Erving. *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. Boston: Northeastern University Press, 1974.
- GOFFMAN, Erving. *Forms of Talk*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1981.

- GOFFMAN, Erving. The Interaction Order: American Sociological Association, 1982. Presidential Address. *American Sociological Review*, [S. l.], v. 48, n. 1, p. 1, fev. 1983.
- GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro de Moraes (Org.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p. 107-148.
- GRIPE H1N1 em 2009 matou mais que o estimado, diz estudo. *G1*, Rio de Janeiro, 2012. Seção Ciência e Saúde. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2012/06/gripe-h1n1-em-2009-matou-mais-que-o-estimado-diz-estudo.html>. Acesso em: 6 out. 2020.
- GOVERNO DO MUNICÍPIO DE CONSELHEIRO LAFAIETE. *DECRETO Nº 586, de 22 de abril de 2020*. Conselheiro Lafaiete: Gabinete do Prefeito, 2020. Disponível em: <http://conselheirolafaiete.mg.gov.br/v1/wp-content/uploads/2020/04/DECRETO-586-m%C3%A1scara-obrigatoriedade-1.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2020.
- GUMPERZ, John Joseph. Linguistic and Social Interaction in Two Communities 1. *American Anthropologist*, [S. l.], v. 66, n. 6, p. 137-153, 1964. Disponível em: http://doi.wiley.com/10.1525/aa.1964.66.suppl_3.02a00100. Acesso em: 12 mar. 2021.
- GUMPERZ, John Joseph. *Language in Social Groups*. Stanford: Anwar S. Dil, 1971. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Language-Social-Groups-Essays-Gumperz/dp/0804707987>. Acesso em: 12 mar. 2021.
- GUMPERZ, John Joseph. The Sociolinguistic Significance of Conversational Code-Switching. *RELC Journal*, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 1-34, 17 dez. 1977. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/003368827700800201>. Acesso em: 12 mar. 2021.
- GUMPERZ, John Joseph. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- GUMPERZ, John Joseph. *Sociolinguistique interactionnelle: une approche interprétative*. Paris: L'Harmattan, 1989. Disponível em: <https://www.worldcat.org/title/sociolinguistique-interactionnelle-une-approche-interpretative/oclc/22941847>. Acesso em: 12 mar. 2021.
- GUMPERZ, John Joseph; HYMES, Dell (Org.). *Directions in Sociolinguistics: the Ethnography of Communication*. New York: Holt, Rinehart and Winstom, 1972.
- GUMPERZ, John Joseph; HYMES, Dell (Ed.). *Directions in sociolinguistics: the Ethnography of Communication*. New York: Basil Blackwell, 1986.
- GUMPERZ, John Joseph; LEVINSON, Stephen Curtis. Rethinking Linguistic Relativity Permalink. *Journal Current Anthropology*, California, v. 32, n. 5, dez. 1991.
- HALL, Edward Twitchell. A system for the notation of proxemic behavior. *American Anthropologist*, Illinois, v. 65, n. 5, p. 1003-1026, out. 1963. Disponível em: <https://doi.org/10.1525/aa.1963.65.5.02a00020>. Acesso em: 23 jan. 2021.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *Intonation and grammar in British English*. The Hague: Mouton, 1967.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. Beijing: Foreign Language Teaching and Research Press, 2008.
- HIRST, Daniel; CRISTO, Di Albert. *Intonation Systems: A Survey Of Twenty Languages*. United Kingdom: Cambridge University Press, 1998.
- Homepage GHS Index. News. *Inaugural Global Health Security Index Finds No Country Is Prepared for Epidemics or Pandemics*. 24 out. 2019. Disponível em: <https://www.ghsindex.org/>

news/inaugural-global-health-security-index-finds-no-country-is-prepared-for-epidemics-or-pandemics/. Acesso em: 25 jan. 2021.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. Transitivity in Grammar and Discourse. *Language*, n. 56, v. 2, p. 251-299, 1980.

HYMES, Dell. Functions of Speech: An Evolutionary Approach. In: GRUBER, Frederick Charles. *Anthropology and Education*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1961. p. 55-83. Disponível em: <https://doi.org/10.9783/9781512816495-005>. Acesso em: 23 jan. 2021.

HYMES, Dell. Ways of Speaking. In: BAUMAN, Richard; SHERZER, Joel (Org.). *Explorations in the ethnography of speaking*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 433-451, 1974.

HYMES, Dell. Models of the Interaction of Language and Social Setting. *Journal of Social Issues*, [S. l.], n. 23, v. 2, p. 8-38, 1967.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.

KATILA, Julia; YUMEI, Gan; GOODWIN, Marjorie Harness. Interaction Rituals and 'Social Distancing: New Haptic Trajectories and Touching From a Distance in The Time of COVID-19. *Discourse Studies*, [S. l.], v. 22, n. 4, p. 418-440, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1461445620928213>. Acesso em: 23 jan. 2021.

KENDON, Adam. *Gesture: Visible Action as Utterance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

LADD, Dwight Robert. *Intonational Phonology*. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 1996.

LEVINSON, Stephen Curtis. Language and space. *Annual Review of Anthropology*, [S. l.], v. 25, p. 353-382, 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev.anthro.25.1.353>. Acesso em: 23 ago. 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Português falado culto no Brasil*. São Paulo: Contexto, p. 281-318, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 5. ed. São Paulo: Editora Afiliada, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINET, André. O funcionalismo em linguística. *Alfa – Revista de Linguística*, [S. l.], v. 38, p. 11-18, 1994.

MATHESIUŠ, Vilém. *Jazyk, kultura, a slovesnost*. Praga: Odeon, 1923.

MCNEILL, David. *Hand and Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

MEYER, Christian; STREECK, Jürgen; JORDAN, J. Scott. Introduction. In: MEYER, Christian; STREECK, Jürgen; JORDAN, J. Scott (Org.). *Incorporeality: Emerging Socialities in Interaction*. New York: Oxford University Press, 2017. p. XV-XIX.

MHEIDLY, Nour *et al.* Effect of Face Masks on Interpersonal Communication During the COVID-19 Pandemic. *Frontiers in Public Health*, v. 8, p. 1-6, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/FPUH.2020.582191>. Acesso em: 12 jul. 2021.

- MONDADA, Lorenza *et al.* Doing paying during the Covid-19 pandemic. *Discourse Studies*, Basel, v. 22, n. 6, p. 720-752, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177%2F1461445620950860>. Acesso em: 23 jan. 2021.
- MONDADA, Lorenza *et al.* Human sociality in the times of the Covid-19 pandemic: A systematic examination of change in greetings. *Journal of Sociolinguistics*, Basel, v. 24, n. 4, p. 441-468, 25 set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/josl.12433>. Acesso em: 23 jan. 2021.
- MONDADA, Lorenza. Vídeo Recording as the Reflexive Preservation and Configuration of Phenomenal Features for Analysis. In: Knoblauch, Hubert; Raab, Jürgen; Soeffner, Hans-Georg; Schnettler, Bernt (Ed.). *Video Analysis*. Bern: Lang, 2006.
- OPAS. Histórico da pandemia de COVID-19. *Organização Pan-Americana de Saúde*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- REZENDE, Joffre Marcondes de. *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina*. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788561673635>. Acesso em: 13 jan. 2021.
- RIBEIRO, Anna Cristina Rodopiano de Carvalho *et al.* A gripe espanhola pela lente da história local: arquivos, memória e mitos de origem em Botucatu, SP, Brasil, 1918. *Interface*, 2020. p. 1-16. DOI: <https://doi.org/10.1590/Interface.190652>. Acesso em: 23 jan. 2021.
- SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel Abraham; JEFFERSON, Gail. A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation. *Language* 50, [S. l.], n. 4, p. 696-735, 1974.
- SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel Abraham; JEFFERSON, Gail. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. Tradução de Maria Clara Castellões de Oliveira. *Veredas Rev. Est. Ling.*, Juiz de Fora, v. 7, n. 1-2, p. 9-73, 2003. Título original: A Simplest Systematic for the Organization of Turn Taking for Conversation.
- SAPIR, Edward. *Language: an introduction to the study of speech*. San Diego: HJB Books, 1949.
- SCHRÖDER, Ulrike; MENDES, Mariana Carneiro (Org.). *Comunicação (inter)cultural em interação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.
- SCHMIDT, Thomas.; WÖRNER, Kai. EXMARALDA – Creating, analysing and sharing spoken language corpora for pragmatic research. *Pragmatics*, v. 19, n. 4, p. 565-582, 2009. DOI: 10.1075/prag.19.4.06sch.
- SCHUTZ, Alfred. *On phenomenology and social relations*. Chicago: University of Chicago Press, 1970.
- SELTING, Margret *et al.* Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem 2 (GAT 2). *Gesprächsforschung* 10, p. 353-402, 2009. Disponível em: www.gespraechsforschung-ozs. Acesso em: 5 jan. 2020.
- SELTING, Margret. *Prosodie im Gespräch: Aspekte einer interaktionalen Phonologie der Konversation*. Tübinga: Max Niemeyer Verlag, 1995.
- SPREEUWENBERG, Peter *et al.* Reassessing the Global Mortality Burden of the 1918 Influenza Pandemic. *American Journal of Epidemiology*, [S. l.], v. 187, n. 12, p. 2561-2567, 2018.
- VICK, Mariana. Pandemia: origens e impactos, da peste bubônica à COVID-19. *Jornal Nexo*, São Paulo, 20 jun. 2020. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/explicado/2020/06/20/Pandemia-origens-e-impactos-da-peste-bub%C3%B4nica-%C3%A0-covid-19>. Acesso em: 18 jan. 2021.
- UNAIDS. *Estatísticas*. Unaid's Brasil, c2024. Disponível em: <https://unaid's.org.br/estatisticas/>. Acesso em: 5 out. 2020.

VAN DIJK, Teun Adrianus (Ed.). *Discourse As Social Interaction: Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction*. Sage Publications. Barcelona: Pompeu Fabra University, 1997. Volume 2.

VOTRE, Sebastião Josué; NARO, Anthony Julius. Mecanismos funcionais do uso da língua. *DELTA*, São Paulo, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 169-184, 1989.

WEIL, Henri. *Question de grammaire générale: de l'ordre des mots dans les langues anciennes comparées aux langues modernes*. Paris: impr. de Crapelet, 1844. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k74386r>. Acesso em: 13 jan. 2023.

WEINSTEIN, R. S. Should Remaining Stockpiles of Smallpox Virus (Variola) Be Destroyed?. *Emerging Infectious Diseases journal - CDC. Emerging Infectious Diseases*, [S. l.], v. 17, n. 4, p. 681-683, abr. 2011.

WHO COVID-19 dashboard. *World Health Organization*. Number of COVID-19 cases reported to WHO. Disponível em: <https://COVID-19.who.int/>. Acesso em: 12 nov. 2020.

WHORF, Benjamin Lee. *Language, Thought and Reality: Selected Writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge: MIT Press, 1956.

Anexo

Interação 2020CLBrPSF1 ((10:50:12 – 10:50:59))

AS1 (Assistente de Saúde 1) – UP1 (Usuário do PSF/Paciente 1)

- 01 AS1: com ↑↑ESse especialISTA;
- 02 UP1: CERTo;
- 03 AS1: <<acc> você tem que fazer ↑↑NOvos exames.>
- 04 UP1: hum_HUM.
- 05 AS1: se os ↑↑SEus exames (-) derem alguma alterA↑↑`ÇÃO,
- 06 UP1: (--) ah:::[`SEI.]
- 07 AS1: [aÍ] que a gente
<<apontando para os documentos
do UP1> manda pra lá com o xERox.>
- 08 aÍ_a DÉbora <apontando para os documentos em suas mãos>
vai
providenciar os eXAmes->
- 09 =cê vem aqui segunda feira depOis das ^!ON!ze.
- 10 UP1: <<balançando a cabeça> VEnho.>

- 11 AS1: <<olhando para o UP1 e balançando a cabeça> fazendo o
fa↑!VOR!;
- 12 UP1: se↑GUNda depois das [`Onze.]
- 13 AS1: [<<balançando a cabeça> depois ↑dAs
ON↓ze.]
- 14 UP1: <<olhando para os papéis em suas mãos> ah:: então tá
↓BOM.>
- 15 AS1: `TÁ que <<abrindo a mão sobre os papéis> de manhã é
´VAcina.>
- 16 UP1: [((olhando pra os papéis em suas mãos))]
- 17 AS1: [((olhando para UP1))]
<<olhando e apontando para os papéis que estão em suas
mãos>
aí a gente vai repe↑TIR os ex `Ames.>
- 18 UP1: [↑AH:: `tÁ;]
- 19 AS1: [<<Apontando para os papéis em suas mãos> sem os exames>]
<<apontando para os papéis que estão nas mãos de UP1>
↑ `NÃO
tem como você ir nesse MÉdico;>
- 20 UP1: Ah:: então tá BOM;
- 21 AS1: <<f> enten↑↑DEU;>
- 22 UP1: uma: pequEna perGUNta;=
23 =tô lendo a↑QUI-
- 24 AS1: hum;
- 25 UP1: eu tirei o xerOx aqui mas NUM::;
- 26 T: (-)
- 27 UP1: num tem o nome do BAIRro aqui;=
28 = <<apontando com dedo indicador direito no papel> será
que
(.)ISso aqui,>
- 29 AS1: aCEIta;
- 30 UP1: [a↑CEIta;]
- 31 AS1: [se for]<<apontando para si> pra ´GENte ↑a `cEita.>
- 32 UP1: AH: en´tão tá bOm.
- 33 AS1: é pra ↑GEnte;

- 34 <<cresc> isso a↑Í?>
- 35 UP1: <<guardando os papéis> (-) é no caso se pedi eu já tenho aqui;[=SAbE;]
- 36 AS1: [↑ah:]` não tran↑QUI:lim.
- 37 T: (-)
- 38 AS1: <<olhando para os papéis > tá ↑↑BOM-
- 39 certIN;
- 40 ((olha para UP1))
- 41 UP1: se´GUNda fEira.=né?
- 42 AS1: <<acc> segUNda feira depois <mexendo nos papéis> das ONze.>
- 43 ((olha para UP1))
- 44 UP1: POde deixar[coMIgo.]
- 45 AS1: [↑TÁ?]
- 46 UP1: [muito obrigAdo `VIU-]
- 47 AS1: [((risos))]NA:da;

Sobre os autores

Elisete Eustáquia Rodrigues Silva é natural de Belo Horizonte (MG), licenciada em língua portuguesa e inglesa e mestre em Estudos Linguísticos pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Gabriel Fernandino é doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atua na linha de pesquisa da análise do discurso. Membro dos grupos de pesquisa CNPQ Retórica e argumentação (UFMG) e Estudos de Linguagem, Argumentação e Discurso (UESC) e sócio da *Asociación Latinoamericana de Retórica*, é bacharel em Relações Internacionais pela PUC Minas. Estudou na instituição IESEG, na França, e na *Universidad de Deusto*, na Espanha, por meio de programas de mobilidade internacional. Trabalha como intérprete de conferência.

Gislane Aparecida Martins Siqueira é doutoranda em Linguística Teórica e Descritiva pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PosLin) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM).

Jacqueline Helen de Lima é mestre e doutoranda em Linguística Teórica e Descritiva, na linha de variação e mudança linguística, pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. É professora efetiva de

língua portuguesa em escola de educação do campo na rede estadual mineira, nos anos finais da educação básica e no ensino médio.

Jeander Cristian da Silva é doutorando (2021-2025) e mestre (2019-2021) em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (PosLin/UFMG). Graduado em Letras com habilitação em licenciatura em Língua Portuguesa (2013-2018). Possui especialização em docência e gestão do ensino superior pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). Atua como estagiário docente na Fale/UFMG; com experiência nas seguintes disciplinas: História da Língua Portuguesa (2021/1), Gramática Tradicional: Morfossintaxe da Língua Portuguesa (2021/1), Morfologia (2021/2) e Sintaxe (2022/1). Desenvolve pesquisas na área de lexicologia; com foco, sobretudo, na onomástica (toponímia e nomes comerciais) e nos neologismos. Integra o projeto Apoio Pedagógico, da Fale/UFMG; sendo responsável por ministrar alguns minicursos das disciplinas de base em linguística e por organizar o Ciclo de Palestras do Apoio Pedagógico: para uma aproximação com as pesquisas linguísticas, evento que, além de divulgar as pesquisas que estão sendo produzidas pelo PosLin/UFMG, busca promover uma maior aproximação entre os estudantes da pós-graduação e os da graduação. Dentro do mesmo projeto, organiza também o Divulga-IC, evento que objetiva divulgar os trabalhos de iniciação científica desenvolvidos pelos estudantes de graduação da Fale/UFMG. É membro do Grupo de Estudos do Léxico e Narrativas da Amazônia Legal da Universidade Federal do Acre (GELNAL/UFAC) e membro-colaborador do O-Onoma (Observatório Onomástico).

Ludmila Reis Pinheiro é doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Luiz Fernando Carvalho é doutorando em Linguística Teórica e Descritiva (PosLin/UFMG, atual) com mestrado na área da variação e mudança linguística (PosLin/UFMG, 2020). Possui especialização em Gramática da Língua Portuguesa (CEGRAE/UFMG, 2016) e graduação em Letras em Português-Licenciatura (Fale/UFMG, 2010). Atualmente é

professor na educação básica da rede pública e particular da cidade de Belo Horizonte. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, ministrando aulas de gramática, produção de texto e literatura. Apresenta produção científica na área de Linguística, com ênfase em sociolinguística, linguística histórica e linguística aplicada.

Silvane Aparecida Gomes é pós-doutoranda e doutora em Estudos Linguísticos (PosLin/UFMG), onde recebeu o Prêmio de Melhor Tese do ano 2023/2024, mestre em Estudos de Linguagens (Posling/CEFET-MG), especialista em Linguagem e Tecnologia (LingTec/CEFET-MG). Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, Língua Espanhola e suas literaturas (UNI-BH). É professora de linguagens e mentora no projeto Ser Docente na SEE-MG. Tem experiência em secretaria acadêmica, coordenação pedagógica e projetos pedagógicos. Consultora pedagógica na área de linguagens do CESPE/UNB; CEBRASPE, VUNESP e FGV, compondo equipes como corretora, ledora, coordenadora e certificadora do Enem desde 2007; é também avaliadora do ENCCEJA, ENADE e PISA. Na Kroton atuou como assessora acadêmica em prática pedagógica, na Rede Promove de Ensino com formação de professores e, como crítica literária na editora ZATTI. Na SECTES/MG – Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior atuou como coordenadora pedagógica. No PNAIC atuou como formadora de professores da educação básica pelo Cead (UFOP). Colaborou com o grupo de pesquisa Taba Eletrônica PosLin (UFMG); é integrante dos grupos de pesquisa Infortec (CEFET-MG); Forproll (UFVJM); Texto Livre (PosLin/UFMG). É corretora dos vestibulares do Grupo Ânima. Professora de linguagens no curso de Pedagogia, Letras e História no Instituto Educacional e Cultural Ebenézer. Criadora e apresentadora do canal do YouTube MagisterVerbis – Voz do Palavrador/TL e é autora de livros didáticos para o ensino médio e Enem da editora Ari de Sá desde 2016. E do e-book *Metodologias Ativas na Educação* pelo Instituto Dering. É co-criadora do curso Letras/Libras EaD na Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG).

Sineide Gonçalves é doutoranda em Estudos Linguísticos (PosLin/UFMG), mestre em Estudos da Linguagem (UFOP/MG) e graduada em

Letras (FASAR/MG). Participa dos grupos de pesquisas – Dialetologia e Sociogeolinguística (GPDS/UFOP) e *Intercultural Communication in Multimodal Interaction* (ICMI/UFMG). Suas áreas de atuação incluem linguística variacionista, sociolinguística interacional e análise da conversa multimodal. Ela desenvolve sua tese no campo da intercorporeidade em interface com a análise da conversa, linguística interacional e prosódia. Publicações recentes são pautadas numa perspectiva etnometodológica e analítica da organização situada e corporificada de interações face a face em tempos da covid-19 e incluem um capítulo sobre os dados de sua tese e outros dois artigos no prelo.



Publicações Viva Voz

Formar para transformar: reflexões sobre a formação no curso de Letras

Heloísa Maria Moraes Moreira Penna (org.)

Jeander Cristian da Silva (org.)

Rafael Guimarães Tavares da Silva (org.)

O Apoio Pedagógico do curso de Letras da UFMG na pandemia: Desafios da adaptação ao ensino virtual

Heloísa Maria Moraes Moreira Penna (org.)

Rafael Guimarães Tavares da Silva (org.)

Linguagem e significação durante e pós-pandemia: estudos lexicais na graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

Jeander Cristian da Silva (org.)

Geraldo José Rodrigues Liska (org.)

Silvane Aparecida Gomes (org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em versão eletrônica no *site*: www.labeled-letras-ufmg.com.br

C568

Ciclo de palestras : diálogos entre o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e o Apoio Pedagógico / organizadores: Heloísa Maria Moraes... [et.al.]. – Belo Horizonte : Faculdade de Letras da UFMG, 2025.
220 p. :il., fots., grafs., p&b. – (Viva Voz)

Vários autores.

Inclui referências.

ISBN: 978-85-7758-384-3 (digital)

ISBN: 978-85-7758-385-0 (impresso)

1. Língua portuguesa – Variação. 2. Lexicologia. 3. Linguagem e cultura. 4. Sociolinguística. 5. Toponímia. 6. Língua portuguesa Variação. I. Penna, Heloísa Moraes Moreira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título. IV. Série.

CDD : 410

As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da Fale/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de Edição.

A presente edição foi impressa pela Imprensa Universitária UFMG em sistema digital, papel pólen natural 80 g/m² (miolo). Composta em caracteres Verdana, acabamento em kraft 420 g/m² (capa) e costura artesanal com cordão encerado.

V
V V
V V
Viva VOZ